O melhor companheiro
para se passar agradavel-
mente o tempo, he um
bom livro: – este está
no caso; e entendo, para
assim, que he um
legado precioso, que
seu author deixou.

[illegible]

1.500 r.

COLLECÇÃO COMPLETA

DE

MAXIMAS

PENSAMENTOS E REFLEXÕES

De Gaspar Xavier da S.ª
e Mello

MARQUEZ DE MARICÁ.

COLLECÇÃO COMPLETA

DAS

MAXIMAS

PENSAMENTOS E REFLEXÕES

DO

MARQUEZ DE MARICÁ

NATURAL DO RIO DE JANEIRO
Grão-Cruz da Ordem Imperial do Cruzeiro, Cavalleiro da de Christo
Conselheiro d'Estado e Senador do Imperio do Brasil

EDIÇÃO REVISTA E EMENDADA PELO AUTOR

AUGMENTADA COM AS

MAXIMAS, PENSAMENTOS E REFLEXÕES PUBLICADAS EM 1844, 1846

E COM AS

ULTIMAS MAXIMAS, PENSAMENTOS E REFLEXÕES
DO AUTOR

RIO DE JANEIRO

PUBLICADA E A' VENDA EM CASA DE

EDUARDO E HENRIQUE LAEMMERT

Rua da Quitanda, Nº 77.

AO PUBLICO

Tendo o Ex.mo Sr. Marquez de Maricá mandado imprimir á sua custa, e distribuido *gratis* tres differentes Collecções* de Maximas, hoje esgotadas, sua generosidade não se limitou a este louvavel acto : a todos facultou a reimpressão das suas obras.

* A primeira em Janeiro de 1837, a segunda em Janeiro de 1839, e a terceira em Maio de 1841.

Todas as extensas criticas e artigos publicados em os Periodicos mais acreditados do Imperio, as traducções de extractos inseridos nos melhores Periodicos da Europa onde forão recebidos com grande applauso, e sobre tudo a concurrencia sempre crescente de numerosas pessoas, que debalde procurão obter exemplares, não obstante milhares de Folhinhas haverem reproduzido os sublimes Pensamentos muitas vezes em co-relação com a Historia do Brasil de hum Genio Nacional, levando-os ás mais remotas Provincias do Imperio, nos dispensão de todo o elogio e recommendação.

Os abaixo assignados, prescindindo de toda a especulação commercial a respeito d'esta bella publicação, não pretendem senão levantar hum monumento de gloria litteraria para o Brasil, offerecendo aos apreciadores do alto talento do Illustre Ancião, todas as suas Maximas, revistas e impressas debaixo da sua vista, em hum volume, que tanto por seu contheudo como por sua execução typographica honrará a imprensa brasileira.

O Retrato e Fac-Simile do illustre Marquez, que acompanhão o presente volume, nada deixão que desejar por sua semelhança.

Rio de Janeiro, em Fevereiro de 1850.

EDUARDO E HENRIQUE LAEMMERT.

Fac-Simile

A herança dos sabios tem sempre maior extensaõ e perpetuidade que a dos ricos: comprehende o genero humano, e alcansa a mais remota posteridade.

~~~~~~

O nosso espirito naõ se retira inteiramente deste mundo, quando deixamos nelle o fructo dos nossos estudos, pensamentos e cogitaçoẽs.

Marquez de Maricá
~~~~~~

MAXIMAS

PENSAMENTOS E REFLEXÕES

1.— Huns homens sobem por leves como os vapores e gazes, outros como os projectis pela força do engenho e dos talentos.

2.— A beneficencia he sempre feliz e opportuna quando a prudencia a dirige e recommenda.

3.— O prodigo póde ser lastimado, mas o avarento he quasi sempre aborrecido.

4.— O interesse explica os phenomenos mais difficeis e complicados da vida social.

5.— Os maldizentes, como os mentirosos, acabão por não merecerem credito ainda mesmo dizendo verdades.

6.— Ha muitos homens que se queixão da ingratidão humana para se inculcarem bemfeitores infelizes, ou se dispensarem de ser bemfazentes e caridosos.

7.— Ninguem considera a sua ventura superior ao seu merito, mas todos se queixão das injustiças dos homens e da fortuna.

8.— Os elogios de maior credito são os que os nossos proprios inimigos nos tributão.

9.— A modestia doura os talentos, a vaidade os deslustra.

10.— Os abusos , como os dentes , nunca se arrancão sem dôres.

11.— Os insignificantes são como os mascarados, audazes por desconhecidos.

12.— He tal a incapacidade pessoal de alguns homens, que a fortuna, empenhada em sublima-los, não póde conseguir o seu proposito.

13.— Os soberbos são ordinariamente ingratos; considerão os beneficios como tributos que se lhes devem.

14.— O nosso amor proprio he tão exagerado nas suas pretenções, que não admira se quasi sempre se acha frustrado nas suas esperanças.

15.— Não he menos funesto aos homens hum superlativo engenho, do que ás mulheres huma extraordinaria belleza : a mediocridade em tudo he huma garantia e penhor de segurança e tranquillidade.

16.— A intemperança da lingoa não he menos funesta para os homens que a da gula.

17.— Mudamos de paixões, mas não vivemos sem ellas.

18.— Nobre e illustrada he a ambição que tem por objecto a sabedoria e a virtude.

19.— Quando o povo não acredita na probidade, a immoralidade he geral.

20.— A maledicencia he huma occupação e lenitivo para os descontentes.

21.— A velhice reflexiva he hum grande almazem de desenganos.

22.— Sem as illusões da nossa imaginação, o capital da felicidade humana seria muito diminuto e limitado.

23.— O remorso he no moral o que a dôr he no physico da nossa individualidade : advertencia de desordens que se devem reparar.

24.— He nas grandes assembléas deliberantes que melhor se conhece a disparidade das opiniões dos homens, e o jogo das paixões e interesses individuaes.

25.— Duas cousas se não perdoão entre os partidos politicos : a neutralidade e a apostasia.

26.— Como o espaço comprehende todos os corpos, a ambição abrange todas as paixões.

27.— O homem que frequentes vezes se inculca por honrado e probo, dá justos motivos de suspeitar-se que não he tal ou tanto como se recommenda.

28.— O direito mais legitimo para governar os homens he o de ser mais intelligente que os governados.

29.— Os vicios nos velhos são inimigos acastellados que a morte póde sómente expugnar.

30.— O moço devasso póde emendar-se, o velho vicioso he incorrigivel.

31.— A mocidade viciosa faz provisão de achaques para a velhice.

32.— Esperdiçamos o têmpo , queixando-nos sempre de que a vida he breve.

33.— As desgraças que vigorão os homens probos e virtuosos, enervão e desalentão os máos e viciosos.

34.— Ha crimes felizes que são reputados heroicos e gloriosos.

35.— Hum seculo censura o outro seculo, como em nossa vida huma idade condena a outra idade.

36.— A victoria de huma facção politica he ordinariamente o principio da sua decadencia pelos abusos que a acompanhão.

37.— Os tufões levantão aos ares os corpos leves e insignificantes, e prostrão em terra os graves e volumosos : as revoluções politicas produzem algumas vezes os mesmos effeitos.

38.— He bem singular que os moços sejão prodigos podendo esperar huma vida longa, e que os velhos sejão avarentos estando ameaçados de huma morte proxima ou imminente.

39.— Dóe mais ao nosso amor-proprio sermos despresados, que aborrecidos.

40.— Os sabios respeitados por seus escriptos são algumas vezes despresiveis por suas acções.

41.— Os velhos errão muitas vezes por demasiadamente prudentes , os moços quasi sempre por temerarios.

42.— Os homens mais respeitados não são sempre os mais respeitaveis.

43.— Os homens de extraordinarios talentos são ordinariamente os de menor juizo.

44.— Nas revoluções politicas os povos ordinariamente mudão de senhores sem mudarem de condição.

45.— A fortuna cega faz tambem cegos e surdos aos seus validos.

46.— O homem que cala e ouve não dissipa o que sabe, e aprende o que ignora.

47.— O fraco offendido desabafa maldizendo.

48.— Os velhos ruminão o preterito, os moços anticipão e devorão o futuro.

49.— Ha empregos em que he mais facil ser homem de bem, que parece-lo ou faze-lo crer.

50.— Os crimes fecundão as revoluções, e lhes dão posteridade.

51.— Ha homens que parecem grandes no horisonte da vida privada, e pequenos no meridiano da vida publica.

52.— Na fermentação dos povos, como na dos liquidos, as escumas e impurezas sobrenadão e ficão de cima, por mais ou menos tempo, até que descem ou se evaporão.

53.— A opinião que domina he sempre intolerante, ainda quando se recommenda por muito liberal.

54.— He muito rico aquelle homem que possue hum grande capital de desenganos e verdades.

55.— Os grandes, os ricos e os sabios sorriem-se: os pequenos, os pobres e os nescios dão gargalhadas.

56.— Os fracos arengão, quando os fortes obrão e dominão.

57.— A reforma das Constituições agrada a muitos, a propria desagrada a todos.

58.— A morte que desordena muitas cousas, coordena muitas outras.

59.— He muito difficil, e em certas circumstancias quasi impossivel, sustentar na vida publica o credito e conceito que merecemos na vida privada.

60.— Os mais arrojados em fallar são ordinariamente os menos profundos em saber.

61.— O Pai de familia he sensivel em muitas pessoas : soffre e goza simultaneamente em muitas existencias e individualidades.

62.— Os que mais blasonão de honra e probidade são como os poltrões que se inculcão de valentes.

63.— Os homens não sabem avaliar-se exactamente : cada hum he melhor ou peior do que os outros o considerão.

64.— O silencio he o melhor salvo-conducto da mais crassa ignorancia, como da sabedoria mais profunda.

65.— A Philosophia, quando não extingue, dilúe o patriotismo.

66.— A virtude resistindo se reforça.

67.— O luxo, como o fogo, devora tudo e perece de faminto.

68.— As nossas necessidades nos unem, mas as nossas opiniões nos separão.

69.— O interesse bem entendido he raro, o mal entendido vulgarissimo.

70.— Os beneficios mal empregados se convertem em maleficios.

71.— Ha muitas occasiões na vida em que invejamos a irracionalidade dos outros animaes.

72.— No trato da vida humana he mais importante a parcimonia nas palavras que no dinheiro.

73.— Os bens que a virtude não dá ou não preserva são de pouca duração.

74.— Despresos ha, e de pessoas taes, que honrão muito os despresados.

75.— O orgão de que mais abusamos na mocidade he ordinariamente a sede dos nossos males na velhice.

76.— A virtude he communicavel, mas o vicio contagioso.

77.— O mundo he hum mago que nos traz encantados: o desencanto nos fizera talvez menos felizes ou mais desgraçados.

78.— Não podemos fitar os olhos no sol, nem o pensamento em Deos, sem que fiquem deslumbrados.

79.— Para bem fallar, não he o saber que falta a muitas pessoas, mas a protervia e a filaucia da ignorancia.

80.— Devemos tratar os homens com a mesma cautela, resguardo e desconfiança, de que usamos em colher as rosas.

81.— A nossa vida he quasi toda hum sonho, e sonhamos acordados mais vezes do que dormindo.

82.— He mais util algumas vezes a extirpação de hum error, que a descoberta de muitas verdades.

83.— Dão-se os conselhos com melhor vontade do que geralmente se aceitão.

84.— Ter privança com os que governão he contrahir responsabilidade no mal que fazem, sem partilhar o louvor do bem que operão.

85.— He necessario subir muito alto para bem descortinar as illusões e angustias da ambição, poder e soberania.

86.— A lisonja he o mel que adoça todos os incommodos, azedumes e importunidades dos empregos eminentes.

87.— Muito lucrão as nações em que os homens se esqueção de que são mortaes, e que a vida he breve.

88.— Os anarchistas são como os jogadores infelizes ou inhabeis, que, baralhando muito as cartas, ou mudando de baralhos, esperão melhorar de fortuna e condição.

89.— Confiar desconfiando he huma regra muito salutar da prudencia humana.

90.— O homem mais sabio he necessariamente o mais religioso.

91.— A ambição sujeita os homens a maior servilismo do que a fome e a pobreza.

92.— Não haveria Historia mais insipida e insignificante que a dos homens, se todos tivessem juizo.

93.— Quem não póde ou não sabe accumular, nunca chega a ser sabio nem rico.

94.— O estudo confere sciencia, mas a meditação originalidade.

95.— Os tyrannos são creaturas dos mesmos povos, quando estes os merecem.

96.— Ha pessoas que não podem elevar-se a lugares eminentes sem entontecer ou desatinar.

97.— A moderação em muitos homens he o reconhecimento da propria fraqueza ou mediocridade.

98.— Ha muitos homens que para escaparem de si mesmos importunão aos outros com visitas.

99.— As revoluções politicas são ordinariamente como os terremotos, destróem mas não edificão.

100.— A civilisação moderna he devida mais á derrubada de erros antigos accumulados, que á descoberta de verdades novas.

101.— Os arrufos entre amantes podem ser renovações de amor, mas entre os amigos são deteriorações da amizade.

102.— Não prezariamos tanto o credito moral, se não soubessemos que facilita muito a acquisição dos bens materiaes.

103.— Os governos fracos fazem fortes os ambiciosos e insurgentes.

104.— Ninguem he mais adulado que os tyrannos: o medo faz mais lisonjeiros que o amor.

105.— Amamo-nos sempre em tudo o que mais amamos fóra de nós.

106.— A inveja defende e promove a doutrina dos niveladores.

107.— Fingimo-nos esquecidos quando nos não convem parecer lembrados.

108.— As ideas novas são para muita gente como as frutas verdes que travão na boca.

109.— Ha opiniões perseguidas que se podem comparar com as arvores decotadas que vegetão depois com mais vigor e profusão.

110.— A actividade sem juizo he mais ruinosa que a preguiça.

111.— A vaidade de muita sciencia he prova de pouco saber.

112.— A Religião suppre o juizo e a razão que falta em muita gente.

113.— Os espiritos methodicos são ordinariamente os menos sublimes e transcendentes.

114.— A aura popular he como a fumaça, que desapparece em poucos instantes.

115.— O maior beneficio occasiona de ordinario a maior ingratidão.

116.— Os bons folgão quando os máos pelejão.

117.— O interesse forma as amizades, o interesse as dissolve.

118.— A ambição he hum enredo que nos enreda por toda a vida.

119.— Ninguem duvida tanto como aquelle que mais sabe.

120.— O desejo da gloria litteraria he de todas as ambições a mais innocente, sem ser todavia a menos laboriosa.

121.— Os eventos extraordinarios não deixão de ser naturaes, assim como hum feto monstruoso não deixa de ser producto da natureza.

122.— A bravura he taciturna, mas a cobardia garrulenta.

123.— Quando os moços se considerão com mais juizo e de melhor conselho que os velhos, tudo vai perdido, os males não tem remedio.

124.— A companhia dos livros dispensa com grande vantagem a dos homens.

125.— Renhimos quasi sempre porque não definimos.

126.— São infinitos os erros que tem resultado aos homens de haverem personalisado as suas proprias abstracções.

127.— O que mais sabe, menos soffre : a Sabedoria Infinita he impassivel.

128.— A falsa sciencia não augmenta o nosso saber, aggrava a nossa ignorancia.

129.— Ha tolos velhacos assim como ha doidos sagazes.

130.— O erro maximo dos philosophos foi pretender sempre que os povos philosophassem.

131.— A fraqueza he menos indulgente que a força : as mulheres são mais vingativas que os homens.

132.— Os tolos passão muitas vezes por accesso a velhacos, e procurão neste predicamento indemnisar-se com usura das perdas que soffrêrão no primeiro estado.

133.— O homem que despreza a opinião publica he muito tolo ou muito sabio.

134.— Os erros circulão entre os homens como as moedas de cobre, as verdades como os dobrões de ouro.

135.— He bem singular o imperio que tem os velhacos sobre os tolos ; o seu ascendente irresistivel he comparavel á fascinação das serpentes para com os animaes que lhes servem de alimento.

136.— Prezamos e avaliamos a vida muito mais no seu extremo que no seu começo.

137.— Ninguem mente tanto nem mais do que a Historia.

138.— O velho calcula muito, executa pouco : a mocidade he mais executiva que deliberativa.

139.— A liberdade que nunca he sufficiente para os máos he sempre sobeja para os bons.

140.— A liberdade embriaga como o vinho, e nos impelle a iguaes desatinos.

141.— Os grandes homens em certas relações são pequenos homens em outras.

142.— Os pequenos inimigos, ainda que menos damnosos , são sempre mais incommodos que os grandes.

143.— Ninguem he grande homem em tudo e em todo o tempo.

144.— Ha muitos homens que se aborrecem porque se não conhecem immediatamente.

145.— A prudencia he huma arma defensiva que suppre ou desarma todas as outras.

146.— As revoluções no physico, moral e politico não são mais que tendencias, movimentos ou esforços naturaes, para o estabelecimento de hum certo equilibrio indispensavel.

147.— Ha muita gente que, assim como o écho, repete as palavras sem lhes comprehender o sentido.

148.— Dos especuladores em revoluções muitos se perdem e poucos prosperão por algum tempo.

149.— He huma grande verdade de difficil comprehensão, que as discordias parciaes constituem a ordem e harmonia geral no Mundo Physico e Moral.

150.— Não desespereis na desgraça, ella he frequentes vezes huma transição necessaria para a boa fortuna.

151.— Ignorancia e pobreza vem de graça, não custão trabalho nem despeza.

152.— Todos reclamão reformas, mas ninguem se quer reformar.

153.— A impunidade he segura, quando a complicidade he geral.

154.— A novidade incommoda os velhos, a uniformidade os moços.

155.— Os homens em sociedade são como as pedras em huma abobada, resistem e se ajudão simultaneamente.

156.— Ignorancia e preguiça a ninguem enriquecem.

157.— A probreza e a preguiça andão sempre em companhia.

158.— O soberbo he hum tolo : perde sempre sem ganhar, malquistando-se com todos.

159.— Os vicios, como os cancros, tem a qualidade de corrosivos.

160.— A liberdade de mal fazer a ninguem se deve permittir, a de fazer bem sobeja a todos.

161.— A mysantropia he a satira da especie humana.

162.— Os moços, por falta de experiencia, de nada suspeitão; os velhos, por muito experimentados, de tudo desconfião.

163.— O mais poderoso correctivo da nimia liberdade he a Religião profundamente sentida e observada.

164.— A opinião publica he sujeita á moda, e tem ordinariamente a mesma consistencia e duração que as modas.

165.— Hum philosopho eminente he na ordem social o mesmo que hum cometa no systema sidereo ou planetario, hum astro excentrico, de huma orbita incalculavel, que assusta a muitos ou a todos por não ser ainda comprehendido.

166.— Para quem não tem juizo os maiores bens da vida se convertem em gravissimos males.

167.— A constancia nas nossas opiniões seria geralmente embaraço e opposição ao progresso e melhoramento da nossa intelligencia.

168.— O enthusiasmo he hum genero de loucura que conduz algumas vezes ao heroismo, e muitas outras a grandes crimes e malfeitorias.

169.— Os homens, por não desagradar aos máos de quem se temem, abandonão muitas vezes os bons a quem respeitão.

170.— Os governos perecem quando não sabem ou não podem desaggravar-se das injurias irrogadas.

171.— He suspeito de illegitimo o interesse quando a consciencia o reprova.

172.— Ha muita gente que procura apadrinhar com a opinião publica as suas opiniões e disparates pessoaes.

173.— Nada se perde ou se inutilisa neste mundo, nem os excrementos dos animaes, nem os erros e disparates dos homens.

174.— A experiencia tem mostrado sufficientemente que os maiores censores dos empregados publicos não são os seus melhores substitutos.

175.— Os povos tem, como os reis, seus parasitas e aduladores não menos abjectos, impudentes e interesseiros.

176.— Unir para desunir, fazer para desfazer, edificar para demolir, viver para morrer, eis aqui a sorte e condição da natureza humana.

177.— Na ordem moral está consignada aos máos a tarefa de se castigarem entre si e de vingarem aos bons.

178.— Na subversão dos thronos não soffrem menos as cabanas que os palacios.

179.— A ignorancia que devêra ser acanhada, conhecendo-se, he audaz e temeraria por que se não conhece.

180.— Os máos não nos levão em conta a nossa bondade e indulgencia, reputão-na fraqueza, e tirão argumento para multiplicar as suas malfeitorias.

181.— A Religião he necessaria ao homem feliz para não abusar, ao infeliz para não desesperar.

182.— O amor proprio do tolo, quando se exalta, he sempre o mais escandaloso.

183.— A exageração he huma mentira de que não escapão ainda as pessoas mais veridicas e honradas.

184.— He facil avaliar o juizo ou a capacidade de qualquer homem, quando se sabe o que elle mais ambiciona.

185.— A preguiça difficulta, a actividade tudo facilita.

186.— O orgulho he proprio dos homens, a vaidade das mulheres.

187.— Não se póde formar bom conceito de quem não tem boa opinião de pessoa alguma.

188.— O orgulho póde parecer algumas vezes nobre e respeitavel, a vaidade he sempre vulgar e despresivel.

189.— No orçamento do juizo humano acha-se sempre hum deficit extraordinario e insanavel.

190.— A imaginação he o paraizo dos afortunados, e o inferno dos desgraçados.

191.— A modestia he a moldura do merecimento que o guarnece e realça.

192.— Ninguem se agasta tanto do desprezo como aquelles que mais o merecem.

193.— Não he dado ao saber humano conhecer toda a extensão da sua ignorancia.

194.— O que se qualifica em alguns homens como firmeza de caracter, não he ordinariamente senão emperramento de opinião, incapacidade de progresso, ou immutabilidade da ignorancia.

195.— O espirito de intriga inculca demerito nos intrigantes.

196.— Em certas circunstancias o silencio de poucos he culpa ou delicto de muitos.

197.— A vingança do sabio desattendido ou maltratado he o silencio.

198.— A crença nos medicos, que falta aos sãos, sobeja sempre nos doentes.

199.— Os medicos accusão a natureza, os enfermos aos medicos.

200.— He necessario que nos habilitemos, para ser felizes : a felicidade sensual exige poucas habilitações ; mas a moral, intellectual e religiosa reclamão hum prolongado tyrocinio de saber, experiencia e virtudes.

201.— Podemos reunir todas as virtudes, mas não accumular todos os vicios.

202.— He grande escandalo da natureza hum velho namorado e libertino.

203.— Em vão procuramos a verdadeira felicidade fóra de nós, se não possuimos a sua fonte dentro de nós mesmos.

204.— Queremos tudo porque nos cremos dignos e capazes de tudo. Tal he a filaucia do nosso amor-proprio!

205.— Muita sciencia occasiona muita incerteza.

206.— A virtude he huma guerra perenne comnosco por amor de nós.

207.— Falsas doutrinas e máos exemplos depravão os homens e as nações.

208.— A riqueza dos tolos he o patrimonio dos velhacos.

209.— A maior vantagem da riqueza he fornecer materiaes para a beneficencia.

210.— Quando a colera ou o amor nos visita, a razão se despede.

211.— O louvor agrada porque distingue.

212.— Os pobres se divertem com pouco dinheiro, os ricos se enojão com muita despeza.

213.— He tão facil enganar, quanto he difficil desenganar os homens.

214.— O nascimento desiguala, mas a morte iguala a todos.

215.— Nunca os louvores que damos são gratuitos; sempre temos em vista alguma retribuição por este sacrificio do nosso amor-proprio.

216.— A avareza ajunta quando a prodigalidade espalha.

217.— São sempre suspeitos os louvores dados á pobreza pelos ricos, ou pelos pobres.

218.— Ninguem nos aconselha tão mal como o nosso amor-proprio, nem tão bem como a nossa consciencia.

219.— Raras vezes nos enganamos quando referimos as palavras e acções dos homens aos seus interesses individuaes.

220.— A pobreza não tem bagagem, por isso marcha livre e escoteira na viagem da vida humana.

221.— A credulidade e confiança de muitos tolos faz o triumpho de poucos velhacos.

222.— Somos muito francos em confessar e condemnar os nossos pequenos defeitos, com tanto que possamos salvar e deixar passar sem reparo os mais graves e menos defensaveis.

223.— Ha enganos que nos deleitão, como desenganos que nos affligem.

224.— He mais facil maldizer dos homens do que instrui-los e melhora-los.

225.— A civilidade he huma convenção tacita entre os homens de se enganarem reciprocamente com affectada gentileza e benevolencia.

226.— O invejoso he tyranno e verdugo de si proprio : elle soffre porque os outros gozão.

227.— A Religião he tão boa companheira na adversidade como excellente conselheira na ventura.

228.— Os ingratos pensão minorar ou justificar a sua ingratidão, memorando com frequencia os vicios e defeitos dos seus bemfeitores.

229.— Somos muito generosos em offerecer por civilidade o que bem sabemos que por civilidade se não ha de aceitar.

230.— Ninguem despreza tanto os homens e os povos como aquelles que mais os lisongeão.

231.— Muitas pessoas se prezão de firmes e constantes que não são mais que teimosas e impertinentes.

232.— O poder repartido por muitos não he efficaz em nenhum.

233.— As nações tem ordinariamente os governos e governantes que merecem.

234.— A nossa consciencia desmente muitas vezes os louvores que nos dão.

235.— Nenhum governo he bom para os homens máos.

236.— Ha ignorantes com muito juizo, e doutores sem muito nem pouco.

237.— Os achaques da velhice denuncião ordinariamente os vicios da mocidade.

238.— Sabei excusar o superfluo, e não vos faltará o necessario.

239.— Soffrei privações na mocidade, e sereis regalados na velhice.

240.— Os moços se comprazem no prospecto do futuro, os velhos no retrospecto do passado.

241.— He problematico se os homens fallão mais vezes para se enganarem ou para se entenderem.

242.— Os velhos tornão-se nullos e inuteis a força de prudencia e circumspecção.

243.— O avarento he o mais leal e fiel depositario dos bens dos seus herdeiros.

244.— A unica vantagem da ignorancia he não custar despeza nem trabalho.

245.— Ha beneficios conferidos com tal rudeza e grosseria que de algum modo justificão os beneficiados da sua ingratidão.

246.— Os homens geralmente preferem ser enganados com prazer a ser desenganados com dôr e desgosto.

247.— As virtudes se harmonisão, os vicios discordão sempre entre si.

248.— A morte annulla sempre mais planos e projectos do que a vida executa.

249.— Em materias e opiniões politicas os crimes de hum tempo são algumas vezes virtudes em outro.

250.— O saber he riqueza, mas de qualidade tal, que a podemos dissipar e desbaratar sem nunca empobrecermos.

251.— Os homens em geral ganhão muito em não serem perfeitamente conhecidos.

252.— O trabalho involuntario ou forçado he quasi sempre mal concebido e peior executado.

253.— Na nossa conta corrente com a natureza raras vezes lhe creditamos os muitos bens de que gozamos, mas nunca nos esquecemos de debitar-lhe os poucos males que soffremos.

254.— A sinceridade he muitas vezes louvada, mas nunca invejada.

255.— Os que reclamão para si maior liberdade são os que ordinariamente menos a tolerão e permittem nos outros.

256.— Hum homem póde saber mais do que muitos, porém nunca tanto como todos.

257.— Os maiores velhacos são os que geralmente se inculcão por melhores patriotas.

258.— Succede frequentes vezes admirarmos de longe o que de perto despresamos.

259.— Com pouco nos divertimos, com muito menos nos affligimos.

260.— Aquelle que se envergonha ainda não he incorrigivel.

261.— A mudança rapida da temperatura do ar não he mais funesta á saude individual do que a das opiniões politicas á tranquillidade das nações.

262.— He muito provavel que a posteridade, para quem tantos appellão, tenha tão pouco juizo como nós e os nossos antepassados.

263.— O amor nos velhos he como o fogo no borralho que em cinzas se entretém.

264.— Todos querem liberdade, muitos a possuem, poucos a merecem.

265.— Ha muitas occasiões em que a mesma prudencia recommenda o aventurar-nos.

266.— Huma grande qualidade ou talento desculpa muitos pequenos defeitos.

267.— Ordem social he limitação de liberdade; desordem, liberdade illimitada.

268.— A alegria e tristeza são mais intensas e expansivas no homem que em algum outro animal : o seu pranto e riso o manifestão.

269.— Quem muito nos festeja alguma cousa de nós deseja.

270.— Hum desengano opportuno corresponde a hum beneficio importante.

271.— Dóe tanto a injuria publicada como a ferida exposta ao ar.

272.— O homem de juizo aproveita, o tolo desaproveita a experiencia propria.

273.— Hum grande merito força ao respeito, e affugenta a adulação.

274.— Os velhacos tem de ordinario mais talentos, porém menos juizo do que os homens probos.

275.— He triste a condição de hum velho que só se faz recommendavel pela sua longevidade.

276.— A esperança descobre recursos, a desesperação os renuncia.

277.— Com trabalho, intelligencia e economia, só he pobre quem não quer ser rico.

278.— As cáveiras dos mortos desencantão as cabeças dos vivos.

279.— A vaidade he talvez hum grande condimento da felicidade humana.

280.— Queixamo-nos da fortuna pare desculpar a nossa preguiça.

281.— Os templos provão mais a racionalidade dos homens do que os theatros e palacios.

282.— O ignorante se espanta do mesmo que o sabio mais admira.

283.— Os erros de huns são lições para outros, estes acertão porque aquelles errárão.

284.— Em geral o temor ou medo, e não a virtude, mantem a ordem entre os homens

285.— Ha hum mundo intellectual que não occupa lugar no espaço e comprehende o infinito.

286.— Se o homem não fosse passivel, seria necessariamente immovel e inactivo.

287.— A democracia he como a tesoura do jardineiro, que decóta para igualar; a mediocridade he o seu elemento.

288.— Achar em tudo desordem he prova de supina ignorancia; descobrir ordem e systema em tudo he demonstração de profundo saber.

289.— A paciencia em muitos casos não he mais senão medo, preguiça ou impotencia.

290.— A preguiça enfada e quebranta mais que o trabalho regular.

291.— Os que governão preferem o engano que os deleita á verdade que os incommoda.

292.— O medo he a arma dos fracos, como a bravura a dos fortes.

293.— A ignorancia, exagerando a nossa pouca sciencia, promove a nossa grande vaidade.

294.— Bem curta seria a felicidade dos homens se fosse limitada aos prazeres da razão; os da imaginação occupão os maiores espaços da vida humana.

295.— A ignorancia vencivel no homem he limitada, a invencivel infinita.

296.— Hum ente passivel não póde ser independente.

297.— As mulheres são mais indulgentes com os defeitos dos homens que com os das pessoas do seu sexo: a rivalidade he quasi sempre parcial nos seus juizos.

298.— Os beneficios conferidos levão sempre o onus da gratidão e reconhecimento.

299.— A cobardia, aviltando, preserva frequentes vezes a vida.

300.— Inveja-se a riqueza, mas não o trabalho com que ella se grangea.

301.— Ha muita gente que tem por officio arriscar a sua vida para a manter e conservar.

302.— A ignorancia, lidando muito, aproveita pouco: a intelligencia, diminuindo o trabalho, augmenta o producto e o proveito.

303.— As virtudes são economicas, mas os vicios dispendiosos.

304.— A differença nos sexos produz a sua união.

305.— O jogo, assim como o fogo, consome em poucas horas o trabalho de muitos annos.

306.— Deixamos de subir alto quando queremos subir de hum salto.

307.— O sabio entra em fila na procissão dos loucos e nescios, com receio de ser multado por ter juizo.

308.— O odio e a guerra que declaramos aos outros nos gasta e consome a nós mesmos.

309.— A variedade he o distinctivo da sabedoria, como a uniformidade e monotonia o da ignorancia. A infinita sabedoria de Deos se revela pela infinita variedade das suas obras e maravilhas.

310.— Na mocidade buscamos as companhias, na velhice as evitamos : nesta idade conhecemos melhor os homens e as cousas.

311.— Os homens são geralmente tão avaros do seu dinheiro, como prodigos dos seus conselhos.

312.— Quem cultiva a sua razão augmenta os seus bens, e diminue os seus males.

313.— O juizo que falta a muitos, a ninguem sobeja.

314.— He no mundo intellectual que se admirão e aprecião as maravilhas innumeraveis do mundo sensivel e material.

315.— A maior prova da insignificancia ou santidade de hum sujeito he não ter hum só inimigo ou invejoso.

316.— Os máos não podem viver em solidão : tem medo e horror de si proprios.

317.— A vingança comprimida augmenta em violencia e intensidade.

318.— Quando os homens que governão não sabem nem podem fazer-se estimar, recorrem á tyrannia para se fazer temidos.

319.— O medo e o enthusiasmo são contagiosos.

320.— Ninguem nos lisonjea tanto como o nosso amor proprio, nem nos argue com mais perseverança do que a propria consciencia.

321.— Quando se considera a repugnancia com que os homens se deixão desenganar, occorre a suspeita de que se comprazem em ser enganados.

322.— O homem he feito para dominar, e quando não póde exercer a sua soberania sobre os seus semelhantes, tyrannisa os animaes para ostentar a sua superioridade.

323.— De nada vale a celebridade, quando os grandes crimes tambem a conseguem.

324.— Descontentes de tudo, só nos contentamos com o nosso proprio juizo, por mais limitado que seja.

325.— Se a ventura embota o fio aos prazeres, a desgraça não faz outro tanto ás dôres e afflicções.

326.— O homem mais sensual he necessariamente o menos livre e independente.

327.— A ingratidão dos povos he mais escandalosa que a das pessoas.

328.— A tyrannia he o talento dos homens ordinarios e ignorantes quando governão.

329.— A desgraça, que humilha a huns, exalta o orgulho de outros.

330.— Para bem julgar não basta sempre ver, he necessario olhar; nem basta ouvir, he conveniente escutar.

331.— Ninguem se queixa tanto dos males da vida humana como aquelles que tem menos motivos de queixar-se : a felicidade os tornou tão susceptiveis e melindrosos, que o menor incommodo, dôr ou contradição os impelle a queixumes interminaveis.

332.— Pouco saber exalta o nosso amor-proprio, muito saber o humilha.

333.— A ignorancia, qual outro Phaetonte, ousa muito e se precipita como elle.

334.— O medo faz mais tyrannos que a ambição.

335.— Ha muitos homens que, assim como o sol, parecem maiores no horisonte que no seu zenith ou meridiano.

336.— Não ha maior nem peior tyrannia que a dos máos habitos inveterados.

337.— A intriga que alcança os empregos não habilita para bem servi-los.

338.— Quem desconfia de si proprio, menos póde confiar nos outros.

339.— A razão, sem a memoria, não teria materiaes com que exercer a sua actividade.

340.— A dialectica do interesse he quasi sempre mais poderosa que a da razão e consciencia.

341.— Os ineptos se elevão sobre os habeis como as substancias leves sobre as mais graves.

342.— Todas as paixões derivão, e são modificações do amor de nós mesmos, paixão essencial e inseparavel de nossa vida e existencia, e necessaria, como guarda e sentinella de nossa conservação.

343.— Os tolos são muitas vezes promovidos a grandes empregos em utilidade e proveito dos velhacos, que melhor os sabem desfrutar.

344.— As opiniões de hum seculo causão riso ou lastima em outros seculos.

345.— Muito se perde por falta de intelligencia, porém muito mais por preguiça e aversão ao trabalho.

346.— Não se reconhece tanto a ignorancia dos homens no que confessão ignorar, como no que blasonão de saber melhor.

347.— O trabalho he amargo, mas os seus fructos são doces e apraziveis.

348.— O moço, na primavera da vida, preza sobretudo as flores ; o velho, no seu outono, aprecia sómente os fructos.

349.— O valor mais resoluto he o que procede da desesperação.

350.— Não admira que não comprehendamos a Deos, quando somos incomprehensiveis a nós mesmos.

351.— A mulher douta ordinariamente ou he feia, ou menos casta.

352.— De todas as revoluções, para o homem, a morte he a maior e a derradeira.

353.— O prazer que mais deleita he o que provêm da satisfação de huma necessidade mais incommoda e urgente.

354.— O amor he sempre mais sensual do que a amizade.

355.— As pessoas mais devotas são de ordinario as menos religiosas.

356.— Nunca nos esquecemos de nós, ainda quando parecemos que mais nos occupamos dos outros.

357.— O tempo preterito se torna presente pela memoria, e o futuro pela nossa imaginação.

358.— A maior parte dos males e miserias dos homens provêm não da falta de liberdade, mas do seu abuso e demasia.

359.— Mudai hum homem de classe, condição e circunstancias, vós o vereis mudar immediatamente de opiniões e de costumes.

360.— Em pontos de civilidade, o soberbo não paga o que deve, e exige sempre mais do que lhe he devido.

361.— Os abusos e prejuizos nos povos são como as verrugas e lobinhos no corpo humano, ainda que feios, conservão-se por ser a sua extracção dolorosa e muitas vezes arriscada.

362.— Dizer-se de hum homem que tem juizo, he o maior elogio que se lhe póde fazer.

363.— Em hum povo ignorante a opinião publica representa a sua propria ignorancia.

364.— Em materia de sciencia, quanta mais adquirimos tanto melhor descortinamos a immensidade do que nos falta.

365.— Ha sempre entre os homens huma sabedoria da moda, como hum penteado, hum calçado ou hum vestuario.

366.— A ignorancia docil he desculpavel, a presumida e refractaria he desprezivel e intoleravel.

367.— A impaciencia, quando não remedea os nossos males, os aggrava.

368.— O arrependimento he inefficaz quando as reincidencias são consecutivas.

369.— O desembaraço tem muito proxima affinidade com a semvergonha.

370.— A philosophia desagrada, porque abstrahe e espiritualisa ; a poesia deleita, porque materialisa e figura todos os seus objectos. Quereis persuadir e dominar os homens, fallai á sua imaginação, e confiai pouco na sua razão.

371.— Em diversas épocas da nossa vida somos tão diversos de nós mesmos como dos outros homens.

372.— O espirito vive de ficções, como o corpo se nutre de alimentos.

373.— A morte dos máos he a maior garantia para os bons.

374.— Hum grande crime glorificado occasiona e justifica todos os outros crimes e attendados subsequentes.

375.— Huns homens occasionão os males e exigem que outros os remedêem.

376.— Os cortezões são como os alcatruzes das noras : quando huns sobem outros descem.

377.— He condição dos grandes homens serem perseguidos e maltratados na vida, e depois da sua morte lastimados, glorificados e vingados.

378.— Cada geração, parecendo occupar-se exclusivamente do seu commodo e felicidade, trabalha effectivamente para as gerações seguintes e a sua posteridade.

379.— Ha muitas occasiões em que os ricos e poderosos invejão a condição dos pobres e insignificantes.

380.— A pobreza soffre innumeraveis privações, mas não he sempre importunada e insidiada como a riqueza.

381.— A paixão da leitura he a mais innocente, aprazivel e a menos dispendiosa.

382.— O castigo, sendo pouco, irrita; sendo muito, amança.

383.— A má educação consiste especialmente nos máos exemplos.

384.— Muita luz deslumbra a vista, muita sciencia confunde o entendimento.

385.— A ambição, para chegar ao poder, toma algumas vezes o caracter despresivel e asqueroso do cynismo.

386.— A economia, quando se apura muito, transforma-se em avareza.

387.— He judiciosa a economia de palavras, tempo e dinheiro.

388.— Haver a maior somma de bens com o menor trabalho e dispendio possivel, eis o grande problema que cada individuo procura resolver em seu favor no decurso da propria vida.

389.— A beneficencia da vaidade he algumas vezes mais profusa que a da virtude.

390.— Os moços são tão sollicitos sobre o seu vestuario, quanto os velhos são negligentes : aquelles attendem mais á moda e á elegancia, estes á sua commodidade.

391.— O sabio que não falla nem escreve he peior que o avarento que não dispende.

392.— Condemnamos por ignorantes as gerações preteritas, e a mesma sentença nos espera nas gerações futuras.

393.— Muitos figurão de Diogenes, para se consolarem de não poderem ser Alexandres.

394.— Onde os homens se persuadem que os governos os devem fazer felizes, e não elles a si proprios, não ha governo que os possa contentar nem agradar-lhes.

395.— Ha males na vida humana que são preservativos de outros maiores, e muitas vezes occasionão bens incalculaveis.

396.— A dissimulação algumas vezes denota prudencia, mas ordinariamente fraqueza.

397.— Os preceptores dos Principes são os seus primeiros aduladores.

398.— Os apologistas e defensores da igualdade são os que mais trabalhão por desigualar-se.

399.— Não he a fortuna, mas juizo sómente, o que falta a muita gente.

400.— Entes invisiveis nos observão quando nos cremos sós e sem companhia.

401.— O muito juizo he hum grande tyranno pessoal.

402.— Os sabios duvidão mais que os ignorantes; daqui provém a filaucia destes e a modestia daquelles.

403.— A vida a huns, a morte confere celebridade a outros.

404.— Os homens affectão desinteresse para melhor promoverem os seus interesses.

405.— Ninguem quer passar por tolo, antes prefere parecer velhaco.

406.— Velhos ha que bem merecem ser comparados aos volcões extinctos.

407.— Trabalho honesto produz riqueza honrada.

408.— A opinião da nossa importancia nos he tão funesta, como vantajosa e segura a desconfiança de nós mesmos.

409.— Ha huns pretendidos sabios modernos de singular natureza, nada affirmão, negão tudo, e se appellidão progressivos.

410.— Formão-se mais tempestades em nós mesmos que no ar, na terra e nos mares.

411.— Os bons exemplos dos pais são as melhores lições e a melhor herança para os filhos.

412.— He tal a fallibilidade dos juizos humanos, que muitas vezes os caminhos por onde esperamos chegar á felicidade nos conduzem á miseria e á desgraça.

413.— Não existindo no Universo mais que intelligencia e materia, esta he destinada e constituida para significar e symbolisar a primeira.

414.— A importunidade he algumas vezes mais feliz que o merecimento.

415.— A razão destróe nos homens as creações da sua propria imaginação.

416.— Ha povos que são felizes em não ter mais que hum só tyranno.

417.— He necessario saber muito para poder admirar muito.

418.— Affectamos desprezar as injurias que não podemos vingar.

419.— A civilidade he muitas vezes a mordaça da verdade.

420.— A liberdade he a que nos constitue entes moraes bons ou máos : he hum grande bem para quem tem juizo ; e para quem o não tem, hum mal gravissimo.

421.— Os bons presumem sempre bem dos outros; os máos, pelo contrario, sempre mal : huns e outros dão o que tem.

422.— A harmonia da sociedade, como da natureza, consiste e depende da variedade e antagonismo dos seus elementos e caracteres.

423.— A moda determina as opiniões de muita gente.

424.— Quando os rapazes se inaugurão por sabios, que resta aos velhos ? — calar-se e lastima-los.

425.— São os grandes loucos que perturbão as nações, e os innumeraveis tolos que favorecem e applaudem os seus desatinos e disparates.

426.— O ambicioso, para ser muito, affecta algumas vezes não valer nada.

427.— O arrependimento, se não repara o feito, previne a reincidencia.

428.— A tyrannia não he menos arriscada para o oppressor, do que penosa para o opprimido.

429.— Aproveita muito subir aos maiores empregos do Estado, para nos desenganarmos da sua vangloria e inanidade.

430.— Este mesmo mundo que nos engana, nos desengana.

431.— A morte he a executora mais activa e efficaz da doutrina dos niveladores.

432.— Os bens que a ambição promette são como os do amor, melhores imaginados que conseguidos.

433.— Os povos, como as abelhas, trabalhão para si e para os seus zangões.

434.— Os máos nas suas desgraças procurão os bons e virtuosos, como nas trovoadas se recorre ás imagens dos Santos.

435.— O que ha de melhor nos grandes empregos he a perspectiva ou a fachada com que tanta gente se embelleza.

436.— Ha homens que hoje crêem pouco ou nada, porque já crêrão muito e demasiado.

437.— Os que asseverão que os máos são ou podem ser felizes, não tem noções claras da genuina felicidade.

438.— A maior parte dos erros em que laboramos neste mundo provém da falsa definição, ou das noções fallazes que temos do bem e do mal.

439.— Na architectura intellectual os materiaes vem de fóra, mas o plano e trabalho são da razão e do espirito.

440.— Se a vida he hum mal, porque tememos morrer; e se hum bem, porque a abreviamos com os nossos vicios?

441.— Os homens especulão no tempo de agora em revoluções, como nos fundos publicos.

442.— As verdades mais triviaes parecem novas quando se enuncião por hum modo mais elegante e desusado.

443.— Os homens sem merito algum, brochados de insignias e de ouro, são comparaveis aos máos livros ricamente encadernados.

444.— Ambos se enganão, o velho quando louva sómente o passado, o moço quando só admira o presente.

445.— Não ha cousa mais facil que vencer os outros homens, nem mais difficil que vencer-nos a nós mesmos.

446.— Entre as paixões humanas a ambição tem tanto de nobre como a avareza de ignobil.

447.— Sciencia he poder, força e riqueza ; a nação mais intelligente e sabia será consequentemente a mais rica, forte e poderosa.

448.— Se as viagens simplesmente instruissem os homens, os marinheiros serião os mais instruidos.

449.— Os nossos maiores inimigos existem dentro de nós mesmos : são os nossos erros, vicios e paixões.

450.— Querendo parecer originaes, nos tornamos ridiculos ou extravagantes.

451.— Nada incommoda tanto aos homens máos como a luz, a consciencia e a razão.

452.— No tempo d'agora ninguem quer ser governado, porque todos aspirão e se crêem habeis para governar.

453.— Fazemos ordinariamente mais festa ás pessoas que tememos do que áquellas a quem amamos.

454.— A philosophia promette muito e dá pouco ; he magnifica nas suas promessas e mesquinha nos seus donativos.

455.— Ha opiniões que nascem e morrem como as folhas das arvores, outras pórem que tem a duração dos marmores e do mundo.

456.— Quando o sol se aproxima ao seu nascente, escondem-se as corujas e morcegos : os inimigos das luzes só se comprazem e são activos nas trevas.

457.— A vida humana he huma intriga perenne, e os homens são reciproca e simultaneamente intrigados e intrigantes.

458.— A luz do sol he gratuita, a do fogo dispendiosa.

459.— A ingratidão faz presuppôr vistas de interesse no bemfeitor, ou indignidade no beneficiado.

460.— A philosophia póde consolar-nos, mas não tem a efficacia de tornar-nos impassiveis.

461.— Deos se revela em tudo e por todos. As obras de hum agente são as suas revelações.

462.— Que juizo não he necessario que tenhamos para conhecer toda a extensão da nossa loucura!

463.— A riqueza doura a sabedoria e os talentos, mas não os constitue.

464.— Em algumas revoluções o jogo continúa como dantes, á excepção do baralho e jogadores que são novos.

465.— As revoluções politicas, quando não melhorão, deteriorão necessariamente a sorte das nações.

466.— Somos bemfazentes mais vezes por vaidade que por virtude.

467.— O roubo de milhões ennobrece os ladrões.

468.— A moda sancciona e justifica os maiores disparates e extravagancias dos homens.

469.— A imprensa he livre sómente para o partido poderoso e dominante.

470.— As nações, como as pessoas, aprendem errando e soffrendo.

471.— Os homens são poucas vezes o que parecem ; elles trabalhão incessantemente por parecer o que não são.

472.— O futuro, que atormenta a velhice, deleita a mocidade.

473.— Não ha escravidão peior que a dos vicios e paixões.

474.— Succede aos homens como ás substancias materiaes, as mais leves e menos densas occupão sempre os lugares superiores.

475.— Os velhos que se mostrão muito saudosos da sua mocidade não dão huma idéa vantajosa da madureza e progresso da sua intelligencia.

476.— As revelações da natureza, que são perennes, contradizem e desmentem geralmente as inculcadas revelações de muitos homens, e manifestão a sua ignorancia ou impostura.

477.— Não invejemos os que sobem muito acima de nós: a sua queda será muito mais dolorosa do que a nossa.

478.— Trabalhai, poupai, accumulai, sabereis quanto podeis.

479.— He rara a verdadeira gratidão, porque são raros os genuinos bemfeitores.

480.— Huma revolução feliz justifica os maiores crimes e os eleva á cathegoria de virtudes.

481.— O nosso espirito he essencialmente livre, mas o nosso corpo o torna frequentes vezes escravo.

482.— A virtude he o maior e mais efficaz preservativo dos males da vida humana.

483.— Os homens probos são menos capazes de dissimulação do que os velhacos.

484.— Os neutraes entre dous partidos são geralmente maltratados como censores e antagonistas de ambos.

485.— São incalculaveis os beneficios que provém ás nações da incerteza do dia e anno de nossa morte: esta incerteza corresponde a huma especie de eternidade.

486.— Mais vale sciencia intellectual, que riqueza mineral.

487.— Os falladores não nos devem assustar, elles se revelão: os taciturnos nos incommodão pelo seu silencio, e suggerem justas suspeitas de que receião fazer-se conhecer.

488.— Não empresteis o vosso nem o alheio, não teries cuidados nem receio.

489.— Amigos ha de grande valia, que todavia não podem fazer-nos outro bem senão impedindo pelo seu respeito que nos fação mal.

490.— Os velhos prezão ordinariamente os mortos e desprezão os vivos.

491.— O meio mais efficaz de vingar-nos de nossos inimigos, he fazendo-nos mais justos e virtuosos do que elles.

492.— Se podessemos chegar a hum certo grão de sabedoria, morreriamos tysicos de amor e admiração por Deos.

493.— Não provoques o Poder, que elle se tornará cruel e despotico no seu desaggravo.

494.— Divertimo-nos com os doudos na hypothese de que o não somos.

495.— Não desanganemos os tolos se não queremos ter innumeraveis inimigos.

496.— A riqueza não acompanha por muito tempo os viciosos.

497.— Ha homens tão insignificantes que ninguem os ama nem aborrece, quando muito são desprezados.

498.— Os velhos importunão aos circumstantes com os seus achaques, como os litigantes com as suas demandas.

499.— Não subais tão alto que a queda seja mortal.

500. — Não emprestes, não disputes, não maldigas, e não terás de arrepender-te.

501.— O atheo he como o engeitado que não conhece a seu pai, he como o animal bruto, commensal no banquete da natureza, que não cuida nem pergunta pelo seu bemfeitor.

502.— O velho crê-se feliz em não soffrer, o moço infeliz em não gozar.

503.— Ha mais homens de juizo do que se pensa, achão-se ordinariamente nas classes medias e inferiores da sociedade.

504.— A admiração he huma das maiores prerogativas da natureza humana.

505.— A memoria não fallece aos velhos por falta de idéas, mas pela sua nimia variedade e accumulação.

506.— Deve-se julgar da opinião e caracter dos povos pelo dos seus eleitos e predilectos.

507.— Sempre haverá mais ignorantes que sabedores, em quanto a ignorancia fôr gratuita e a sciencia dispendiosa.

508.— A anarchia he tão grande flagello nas nações, que o tyranno que prevaleceu e chegou a supprimi-la he reputado o salvador do povo e o seu melhor amigo.

509.— A civilidade he huma impostura indispensavel, quando os homens não tem as virtudes que ella affecta, mas os vicios que dissimula.

510.— O summario da vida humana são enganos e desenganos.

511.— Observa-se que os fanaticos de liberdade passão a sua vida em prisões, enxovias, presigangas e trabalhos.

512.— Somos muitas vezes maldizentes para nos inculcarmos perspicazes.

513.— Mudai os tempos, os lugares, as opiniões e circumstancias, e os grandes heróes se tornaráõ pequenos e insignificantes homens.

5

514.— Deve-se usar da liberdade, como do vinho, com moderação e sobriedade.

515.— Neste mundo phenomenal o homem he tão mudavel como a mesma natureza.

516.— Nas revoluções dos povos a insignificancia he a maior garantia da segurança pessoal.

517.— Amamo-nos sobre tudo, e aos outros homens por amor de nós.

518.— Ha muitos homens que receião ser desenganados pelo desgosto de parecerem credulos ou tolos.

519.— A maior parte dos homens são automatos a quem alguns mais habeis e sagazes fazem mover-se e trabalhar para seu proveito ou recreação.

520.— He feliz e illustrada a velhice que chegou a conhecer e avaliar os prestigios e illusões da vida humana, a descortinar as harmonias do Universo, e a admirar em plenissima convicção a infinita sabedoria e bondade de Deos que se revela em todos os pontos do espaço e em todos os instantes do tempo, com prodigios e assombros da sua omnipotencia.

521.— Passamos a vida a invejar-nos, e por fim invejosos e invejados todos perecem.

522.— O homem de juizo converte a desgraça em ventura, o tolo muda a fortuna em miseria.

523.— Não ha homem que não deseje ser absoluto, aborrecendo cordialmente o absolutismo em todos os outros.

524.— O tolo inutilisa os favores da fortuna, o homem habil os escusa.

525.— A philosophia não entorpece a sensibilidade, quando muito póde chegar a regula-la.

526.— He tão facil sentir a felicidade como he difficil defini-la.

527.— Não somos sempre o que queremos, mas o que as circumstancias nos permittem ser.

528.— Pouco espirito inutilisa muito saber.

529.— O louvor não merecido embriaga como o vinho.

530.— Não he a fortuna que falta aos homens, mas a pericia e juizo em aproveita-la quando ella nos visita.

531.— O insignificante presume dar-se importancia maldizendo de tudo e de todos.

532.— Ha homens cuja actividade he semelhante á dos bugíos : incessante, destructiva e turbulenta.

533.— As religiões são sempre uteis aos homens, quando esperanção os bons e ameação os máos.

534.— Ser religioso he o attributo mais honroso e sublime do homem sobre a terra : he por este predicado especialmente que elle se distingue de todos os outros viventes : erigindo templos e altares a Deos, tambem de algum modo se divinisa.

535.— Os patriotas dizem em voz alta que he doce morrer pela patria, mas em segredo reconhecem que he mais doce viver para ella e á custa della.

536.— A plena liberdade he como a pedra philosophal, procurada por muitos e por nenhum descoberta.

537.— Quando o interesse he o avaliador dos homens, das cousas e dos eventos, a avaliação he quasi sempre imperfeita e pouco exacta.

538.— Disputa-se sobre tudo neste mundo; argumento irrefragavel do nosso pouco saber.

539.— Muitos homens são louvados porque são mal conhecidos.

540.— Affectar mysterio em cousas frivolas e bagatellas he prova irrefragavel de alma e coração pequeno.

541.— Deos he o unico Bemfeitor verdadeiramente desinteressado.

542.— A vida humana seria incomportavel sem as illusões e prestigios que a circumdão.

543.— O silencio he o melhor rebuço para quem se não quer revelar, ou fazer-se conhecer.

544.— O nosso amor-proprio he a causa e a fonte de todos os amores : amamos sómente por amor de nós mesmos.

545.— Não são incompativeis muita sciencia e pouco juizo.

546.— O silencio com ser mudo não deixa de ser por vezes hum grande impostor.

547.— Ha opiniões que, assim como as modas, parecem bem por algum tempo.

548.— He da natureza humana que muitos homens trabalhem para manter os poucos que se occupão em pensar para elles, instrui-los e governa-los.

549.— Em saber gozar e soffrer, os animaes nos levão grande vantagem : o seu instincto he mais seguro do que a nossa altiva razão.

550.— Não ha inimigo despresivel, nem amigo totalmente inutil.

551.— O imperio mais poderoso e fatal que existe he o das circumstancias.

552.— Os homens tem geralmente saude quando não a sabem apreciar, e riqueza quando a não podem gozar.

553.— Os grandes empregos desacreditão e ridiculisão os pequenos homens.

554.— He aos insignificantes e aos homens de maior juizo, prudencia e sagacidade, que he dado atravessar incolumes as revoluções politicas das nações.

555.— Affige-nos a gloria alheia contrastada com a nossa insignificancia.

556.— A avareza contribue muito para a longevidade pela dieta e abstinencia.

557.— Os que se não prestão a ser lisongeiros por interesse ou dependencia, muitas vezes o são por cortezia e civilidade.

558.— Os homens mais orgulhosos são geralmente os mais irritaveis e vingativos.

559.— O suicidio presuppõe huma desesperação total.

560.— O interesse adopta e defende opiniões que a consciencia reprova.

561.— As maiores desordens das nações provém de sua maior divergencia de opiniões em materias politicas e religiosas.

562.— Nos moços predomina a força centrifuga, mas nos velhos a centripeta: daqui a mobilidade de huns, a inercia e immobilidade dos outros.

563.— Os homens, em todos os tempos, sobre o que não comprehendêrão, fabulárão.

564.— Ninguem he tão prudente em dispender o seu dinheiro como aquelle que melhor conhece as difficuldades de o ganhar honradamente.

565.— A força sem intelligencia he como o movimento sem direcção.

566.— Os que fallão em materias que não entendem, parecem fazer gala da sua propria ignorancia.

567.— A vaidade he a bemaventurança dos nescios, dos tolos, e semi-doutos.

568.— Os bons conselhos desagradão aos apaixonados como os remedios aos que estão doentes.

569.— As paixões são como os vidros de gráos que alterão para mais ou para menos a grandeza e volume dos objectos.

570.— Não se apaga o fogo com resinas, nem a colera com más palavras.

571.— Occupados em descobrir os defeitos alheios, esquecemo-nos de investigar os proprios.

572.— Tolo e teimoso são synonymos frequentes vezes.

573.— O coração enlutado eclipsa o entendimento e a razão.

574.— A razão tambem tyrannisa algumas vezes como as paixões.

575.— Queixão-se os ricos de poucos commodos nas suas casas; nas dos pobres, ainda que pequenas, sempre sobeja muito espaço.

576.— Ninguem he tão sollicito e diligente em requerer empregos como aquelles que menos os merecem.

577.— As circumstancias ordinariamente nos dominão, poucas vezes nos obedecem.

578.— Sempre nos reputamos melhores, e nunca peiores do que somos.

579.— O luxo irrita e desagrada a quem o não logra.

580.— Os ignorantes exagerão sempre mais que os intelligentes.

581.— A sinceridade imprudente he huma especie de nudez que nos torna indecentes e despresiveis.

582.— Nunca apreciamos devidamente o trabalho dos outros, mas sempre exageramos o valor do nosso.

583.— A degeneração moral tem sido por vezes qualificada de regeneração politica.

584.— As virtudes são racionaes, os vicios sensualistas.

585.— Viver he doce, viver he agro : nesta alternativa se passa a vida.

586.— Em quanto renhimos e disputamos sobre a melhor fórma de governo, vem a morte e nos desobriga do interesse que tomavamos em tão embaraçosa controversia.

587.— Os prazeres, como as rosas, estão bordados de espinhos; colhê-los sem ferir-se he o requinte da prudencia e habilidade humana.

588.— Desesperar na desgraça he desconhecer que os males confinão com os bens, se alternão ou se transformão.

589.— As opiniões circulão como as moedas, poucas pessoas são capazes de verificar o seu peso, toque e valor intrinseco.

590.— Perdem-se e desapparecem nos grandes empregos os pequenos homens.

591.— A herança dos sabios tem sempre maior extensão e perpetuidade que a dos ricos : comprehende o genero humano, e alcança a mais remota posteridade.

592.— A luz do sol e da verdade só a podemos vêr em reflexo ou refrangida.

593.— A morte refuta victoriosamente todos os argumentos a favor da sabedoria humana ; morremos por ignorantes.

594.— A gravidade affectada provoca o riso e não grangea reverencia.

595.— A escravidão voluntaria he sacrificio temporario para alcançar senhorio permanente.

596.— Os sabios desempregados são melhor aproveitados.

597.— O amigo apaixonado he ordinariamente inimigo inexoravel.

598.— O melhor governo he aquelle que agrada aos bons e que os máos reprovão.

599.— Os velhos são melhores panegyristas dos finados que dos vivos.

600.— Neste mundo sexual a união he productiva, a desunião infecunda e ruinosa.

601.— A razão desencanta a imaginação.

602.— Os velhos calumnião o tempo presente attribuindo-lhe os males que padecem, consequencias do passado.

603.— O pedir para quem não tem vergonha he menos penoso que trabalhar.

604.— A inveja, que abrevia ou supprime os elogios, he sempre minuciosa e prolixa na sua critica e censura.

605.— O pobre lastima-se de querer e não poder, o avarento se ufana de que póde mas não quer.

606.— A fruição desencanta muitos bens e prazeres sensuaes, que a imaginação, os desejos e as esperanças figuravão encantadores.

607.— Os homens se disfarção, como as mulheres se enfeitão, para agradarem ou enganarem.

608.— A familiaridade tira o disfarce, e descobre os defeitos.

609.— Não he livre quem não tem sufficiente intelligencia para haver ou defender a liberdade.

610.— O velho de juizo dá ao mundo a sua demissão antes que este o demitta.

611.— A innocencia sem virtude corresponde ao idiotismo.

612.— São tão limitadas as nossas forças mentaes e corporaes, que consumimos hum terço da nossa vida em dormir para repara-las.

613.— Huma grande reputação he talvez mais incommoda que a insignificancia pessoal.

614.— A sabedoria indigente he menos invejada, que a ignorancia opulenta.

615.— Os aduladores são como as plantas parasitas que abração o tronco e ramos de huma arvore para melhor a aproveitar e consumir.

616.— Queremos governos perfeitos com homens imperfeitos : disparate.

617.— A indifferença ou apathia que em muitos he prova de estupidez, póde ser em alguns o producto de profunda sapiencia.

618.— A felicidade dos entes racionaes augmenta com o progresso da sua intelligencia; os de maior intellecto são os que gozão mais da sua existencia e do mundo em que residem.

619.— Ha muita gente a quem o sol, o frio, a calma ou as bebidas podem fazer córar as faces, porém nunca a vergonha.

620.— He mais difficil sustentar huma grande reputação que grangea-la ou merece-la.

621.— O juizo força a fortuna á obediencia, ou escusa os seus serviços.

622.— O maior lenitivo dos nossos males deve ser a certeza e convicção de que são finitos e transitorios como os bens.

623.— Approvamos algumas vezes em publico por medo, interesse ou civilidade, o que internamente reprovamos por dever, consciencia ou razão.

624.— A inconstancia humana he o producto necessario das variações da natureza, das circumstancias e dos eventos.

625.— O estudo da historia accumula sobre a experiencia individual a de muitos seculos e millenios.

626.— He felicidade para os homens que cada hum delles a defina a seu modo com variedade em sua essencia e objectos.

627.— Os acontecimentos politicos humilhão e desabonão mais a sabedoria humana, que outros quaesquer eventos deste mundo.

628.— Quando a fortuna nos maltrata, recorremos á philosophia ou á Religião, para que nos console e conforte.

629 — A celebridade que custa pouco tem pequeno fulgor e duração.

630.— Entre as pessoas incommodas nas companhias, distinguem-se especialmente os doentes, litigantes e pretendentes.

631.— Os velhacos são taes por ignorantes: desconhecem que a melhor politica he a probidade, e o meio mais efficaz e seguro de ser felizes, a virtude.

632.— Os povos, como as pessoas, varião de opiniões e gostos, e na sua inconstancia passão frequentes vezes de hum a outro extremo.

633.— A verdade he tão simples que não deleita: são os erros e ficções que pela sua variedade nos encantão.

634.— Somos de ordinario caridosos porque nos reconhecemos passiveis, como os objectos da nossa compaixão.

635.— Desempenhar bem os grandes empregos depende muitas vezes mais das circumstancias que dos homens.

636.— A paciencia dispensa a resistencia e a reacção.

637.— Os principios liberaes lavrão e operão em certas circumstancias e nações, como o fogo, devorando e consumindo.

638.— Todos se queixão, huns dos males que padecem, outros da insufficiencia, incerteza, ou limitação dos bens de que gozão.

639.— O atheismo he tão raro quanto he vulgar o polytheismo e a idolatria.

640.— O poder addicionando aos nossos braços muitos ou innumeraveis outros, nos converte em monstruosos Briarêos, e convida á tyrannia.

641.— A ignorancia nos empregados publicos he talvez mais damnosa do que a sua improbidade. Em hum jardim causa menos detrimento hum ladrão do que hum jumento.

642.— He tão facil recommendar a abnegação de nós mesmos como repugnante á natureza executa-la.

643.— Ambicionando o louvor e admiração dos outros homens, provocamos frequentes vezes a sua inveja e aversão.

644.— Não podemos deixar de ser diffusos com os ignorantes, mas devemos ser concisos com os intelligentes.

645.— Os homens de ordinaria capacidade, quando governão, não podem tolerar sem dôr o contraste de intelligencias transcendentes.

646.— Os velhacos tem por admiradores todos os tolos, cujo numero he infinito.

647.— Muitos e grandes bens sem alternativa de males são de ordinario prenuncios de graves e futuros infortunios.

648.— O juizo por mais vulgar he menos apreciado que o engenho.

649.— Ha muita gente para quem o receio dos males futuros he mais tormentoso que o soffrimento dos males presentes.

650.— Os extremos se tocão, os abusos por seus excessos se corrigem.

651.— A duração de hum bem não assegura a sua perpetuidade.

652.— Os louvores que nos dão os nossos inimigos podem ser diminutos, mas nunca são exagerados.

653.— Ninguem resiste á lisonja sendo administrada opportunamente, com a pericia e dextreza de hum habil adulador.

654.— A Religião amansa os bravos e alenta os fracos.

655.— Na ordem moral o castigo, como o dinheiro, vence juros pela mora.

656.— A sabedoria he synthetica; ella se expressa por maximas, sentenças e aphorismos.

657.— Ha homens que affectão de muito occupados, para que os creião de muito prestimo.

658.— Agrada mais ao nosso amor proprio a companhia que nos diverte, que a sociedade que nos instrue.

659.— Ordinariamente tratamos com indifferença aquellas pessoas de quem não esperamos bens nem receamos males.

660.— Sobeja-nos tanto a paciencia para tolerar os males alheios, quanto nos falta para supportar os proprios.

661.— Quem em Deos confia e espera, nunca desespera.

662.— A ventura do homem immoral se assemelha a huma bella madrugada, que dá principio a hum dia procelloso e desabrido.

663.— Condemnamos muitas vezes a nossa memoria para justificarmos o nosso procedimento.

664.— Os pobres taxão a esmola quando pedem por emprestimo.

665.— Os annos mudão as nossas opiniões como alterão a nossa physionomia.

666.— Os homens nos parecerãõ sempre injustos em quanto o forem as pretenções do nosso amor proprio.

667.— He mais facil perdoar os damnos do nosso interesse que os aggravos do nosso amor proprio.

668.— O homem prudente se humilha pela experiencia, como as espigas se curvão por maduras.

669.— Não damos de ordinario maior extensão á nossa beneficencia, do que julgamos convir ao nosso interesse.

670.— A alegria do pobre, ainda que menos duravel, he sempre mais intensa que a do rico.

671.— Folgamos com os erros alheios como se elles justificassem os nossos.

672.— Affectando por hum vão pondonor saber o que ignoramos, deixamos de aprender o que não sabemos.

673.— Somos tão varios nas nossas opiniões, quanto são varias as circumstancias em que nos achamos.

674.— Os homens de ordinario se humilhão para se elevarem, como as aves se agachão para melhor voarem.

675.— O amor abranda os heróes como o fogo derrete os metaes.

676.— A sabedoria humana bem ponderada vale sempre menos do que custa.

677.— A sabedoria he reputada geralmente pobre, porque se não podem ver os seus thesouros.

678.— Ha certos passatempos e prazeres illicitos, que censuramos nos outros, mais por inveja do que por virtude.

679.— Ha homens tão vaidosos da sua sciencia, que presumem que os outros não podem ignorar menos nem saber mais do que elles.

680.— Desprezamos ordinariamente as opiniões alheias, quando se não conformão com as nossas.

681.— Somos enganados mais vezes pelo nosso amor proprio do que pelos homens.

682.— A morte de hum avarento equivale á descoberta de hum thesouro.

683.— He tão facil o prometter, e tão difficil o cumprir, que ha bem poucas pessoas que se achem desobrigadas das suas promessas.

684.— Os bens de que gozamos sempre exercem menos a nossa razão do que os males que soffremos.

685.— O nosso bom, ou máo procedimento, he o nosso melhor amigo, ou peior inimigo.

686.— Somos tão avaros em louvar os outros homens, que cada hum delles se crê autorisado a louvar-se a si proprio.

687.— Custa menos ao nosso amor proprio calumniar a fortuna, do que accusar a nossa má conducta.

688.— Em os nossos revezes, queremos antes passar por infelizes, do que por imprudentes, ou inhabeis.

689.— Os Governos tendem á monarchia, como os corpos gravitão para o centro da terra.

690.— Agrada-nos o homem sincero, porque nos poupa o trabalho de o estudarmos para o conhecermos.

691.— O prazer da vingança he semelhante a alguns fructos, cuja polpa he doce na superficie, e azeda junto ao caroço.

692.— Queixão-se muitos de pouco dinheiro, outros de pouca fortuna, alguns de pouca memoria, nenhum de pouco juizo.

693.— O hospede acanhado he hum dobrado incommodo para quem o hospeda.

694.— Arguimos a vaidade alheia porque offende a nossa propria.

695.— Nada aggrava mais a pobreza, que a mania de querer parecer rico.

696.— A nossa imaginação gera fantasmas que nos espantão em toda a nossa vida.

697.— A intriga he hum labyrintho em que de ordinario se perde o seu mesmo autor.

698.— O nosso amor proprio se exalta mais na solidão: a sociedade o reprime pelas contradicções que lhe oppõe.

699.— Quando não podemos gozar a satisfação da vingança, perdoamos as offensas para merecer ao menos os louvores da virtude.

700.— O homem máo nunca he geralmente aborrecido por todos, porque necessariamente faz bem a alguns.

701.— Perdoamos mais vezes aos nossos inimigos por fraqueza, que por virtude.

702.— Muitos se queixão da fortuna e dos Governos, que só deverião queixar-se de si mesmos.

703.— Somos todos invejosos, com a differença sómente do mais ou menos.

704.— Admiramo-nos do que he raro, ou singular, tanto no mal como no bem.

705.— O homem que não he indulgente com os outros, ainda se não conhece a si proprio.

706.— O amor creou o Universo, que pelo amor se perpetua.

707.— O nosso amor proprio he muitas vezes contrario aos nossos interesses.

708.— Ha homens que de repente crescem, e avultão, como os cogumelos, pela corrupção.

709.— O lisongeiro conta sempre com a abonação do nosso amor proprio.

710.— A conducta do avarento faz presumir que elle não crê na Providencia de Deos, nem confia na caridade dos homens.

711.— Ha pessoas moralmente sabias a seu pezar: as terriveis lições de huma experiencia dolorosa as fizerão taes.

712.— Podemos perdoar afoutamente aos nossos inimigos, na certeza de que os seus mesmos vicios ou defeitos nos hão de vingar.

713.— Ha muitos homens reputados infelizes na nossa opinião, que todavia são felizes a seu modo, e segundo as suas idéas.

714.— Ha rasgos de virtude que provocão lagrimas de admiração; esta he tanto maior, quanto suppomos maiores os esforços, e sacrificios que custárão ás pessoas que os produzírão.

715.— O mentiroso só tem sobre o homem veridico a vantagem da invenção.

716.— O luxo, assim como o fogo, tanto brilha quanto consome.

717.— A obstinação nas disputas he quasi sempre effeito do nosso amor proprio : julgamo-nos humilhados se nos confessamos convencidos.

718.— Hum homem virtuoso e moral , sem principios e sentimentos religiosos, seria hum phenomeno singular ; pretendem alguns que os ha , como outros que existe a Phenix.

719.— As esperanças , quando se frustrão , aggravão mais os nossos infortunios.

720.— Desejamos que prosperem as pessoas de cuja prosperidade esperamos participar por algum modo, e receamos a elevação daquellas cujas intenções não nos são favoraveis.

721.— Enganamo-nos ordinariamente sobre a intensidade dos bens que esperamos, como sobre a violencia dos males que tememos.

722.— Ha homens que se tornão importunos , desejando laboriasamente parecer cortezes.

723.— Ordinariamente nos fingimos distrahidos quando nos não convém parecer attentos.

724.— He mais facil cumprir certos deveres, que buscar razões para justificar-nos de o não ter feito.

725.— Como a luz em huma masmorra faz visivel todo o seu horror, assim a sabedoria manifesta ao homem todos os defeitos e imperfeições da sua natureza.

726.— Os homens nos parecerião mais justos ou menos injustos, se não exigissemos delles mais do que podem ou devem dar-nos.

727.— Muitos se abstém por acanhados do que outros fogem por virtuosos.

728.— A prudencia he o resultado da consciencia da nossa fraqueza : he hum receio reflexionado dos males futuros pela experiencia dos males preteritos.

729.— Os vicios e paixões de huns homens são os elementos da ventura de outros.

730.— O tempo, que não existe, he geralmente o que mais nos atormenta ou nos recrea.

731.— Ha pessoas que ganhão muito em ser lidas, e perdem tudo em ser tratadas : escrevem com estudo e vivem sem elle.

732.— Querendo prevenir males de ordinario contingentes, o homem prudente vive sempre em tortura, gozando menos do presente do que soffre no futuro.

733.— Os homens tem querido dar razão de tudo, para dissimular ou encobrir o seu pouco saber.

734.— Quasi sempre attribuimos os nossos revezes á fortuna, e bem raras vezes aos nossos desacertos.

735.— Naturalmente nos alegramos com a morte dos avarentos, como se foramos seus herdeiros ou legatarios.

736.— Capitulamos quasi sempre com os nossos males quando os não podemos evitar ou remover.

737.— Nunca perdemos de vista o nosso interesse , ainda mesmo quando nos inculcamos desinteressados.

738.— Louvamos encarecidamente o estado, sciencia ou arte que professamos, para justificar a nossa escolha e honrar as nossas pessoas.

739.— Somos em geral demasiadamente promptos para a censura, e demasiadamente tardos para o louvor : o nosso amor proprio parece exaltar-se com a censura que fazemos, e humilhar-se com o louvor que damos.

740.— A razão no homem he como a luz do pyrilampo : intermittente, pequena e irregular.

741.— A ventura embota e contrahe o entendimento, como a adversidade o affina e dilata.

742.— A sabedoria humana bem considerada he huma loucura menos disparatada.

743.— As grandes livrarias são monumentos da ignorancia humana. Bem poucos serião os livros se contivessem sómente verdades. Os erros dos homens abastecem as estantes.

744.— Ha pessoas tão malignas, que sentem mais o bem alheio que os proprios males.

745.— Se fossemos sinceros em dizer o que sentimos e pensamos huns dos outros, em declarar os motivos e fins das nossas acções, seriamos reciprocamente odiosos, e não poderiamos viver em sociedade.

746.— Somos athletas na vida; lutamos com as paixões dos outros homens e com as nossas.

747.— Reflectindo cada hum sobre si mesmo, acha sempre com que humilhar o seu amor proprio, e com que satisfaze-lo e consola-lo.

748.— Fingimos desprezar a morte para occultar o horror que ella nos causa.

749.— A virtude nos divinisa, o vicio nos embrutece.

750.— O imperio da moda he tão soberano, que a mesma sabedoria se vê forçada a obedecer ás suas leis, apesar da instabilidade da sua legislação.

751.— O materialismo não póde suggerir grandes idéas aos seus sectarios; as obras destes terão sempre ressabios da argilla que lh'as dictou.

752.— Quando moços, contamos tantos amigos quantos conhecidos; porém maduros pela experiencia, não achamos hum homem de cuja probidade fiemos a execução do nosso testamento.

753.— Muito contribue para acreditar o nosso juizo confessar ingenuamente a nossa ignorancia.

754.— A affectação da virtude custa mais que o seu exercicio.

755.— O fructo de hum longo estudo, experiencia e reflexão, he a sabia convicção da nossa ignorancia illimitada.

756.— A ambição, como a avareza, se afadiga muito para ser cada vez mais miseravel.

757.— Os empregos que por intrigas e facções se alcanção, por facções e intrigas se perdem.

758.— A civilidade ensina a dissimular para não offender.

759.— A probidade he susceptivel de heroismo como o valor.

760.— Por mais sagaz que seja o nosso amor proprio, a lisonja quasi sempre o engana.

761.— A economia com o trabalho he huma preciosa mina de ouro.

762.— Ha pessoas que dizem mal de tudo para inculcar que prestão para muito.

763.— Nenhum tempo e nenhum lugar nos agrada tanto como o tempo que não existe, e o lugar em que não estamos.

764.— A amizade mais perfeita e mais duravel he sómente aquella que contrahimos com o nosso interesse.

765.— A riqueza do avarento, transmittida ao prodigo, se assemelha a hum fogo de artificio; leva muito tempo a fazer-se, consome-se em pouco, e diverte a muita gente.

766.— A imperfeição he a causa necessaria da variedade nos individuos da mesma especie. O perfeito he sempre identico, e não admitte differenças por excesso ou por defeito.

767.— Ninguem avalia tão caro o nosso merecimento como o nosso amor proprio.

768.— O homem máo não conhece os seus verdadeiros interesses.

769.— O nosso amor proprio argúe de soberbos aquelles que o não lisonjeão.

770.— O avarento, por hum máo calculo, soffre de presente os males que receia no futuro.

771.— Não obstante a extincção do paganismo, ainda ha muita gente que adora a Deosa Fortuna.

772.— Não receamos o cativeiro do amor porque temos segura a nossa liberdade.

773.— Os que mais possuem não são os que melhor digerem.

774.— Ha mentiras que são ennobrecidas e autorisadas pela civilidade.

775.— Poucas mulheres se reconhecem feias, nenhum homem tolo.

776.— Os desenganos não provém só dos males que soffremos, mas tambem dos bens de que gozamos.

777.— Ha pessoas que, assim como as modas, parecem bem por algum tempo.

778.— Não he raro aborrecermos aquellas mesmas pessoas que mais admiramos.

779.— Bem raras vezes os homens se esquecem do que valem e do que podem.

780.— A mocidade he temeraria; presume muito porque sabe pouco.

781.— A vida humana sem religião he viagem sem roteiro.

782.— Hum casulo he o tumulo de huma lagarta e o berço de huma borboleta; tambem a morte para o homem he o principio de huma nova e melhor vida.

783.— A verdade não he susceptivel de variedade como o erro; daqui provém que o numero dos erros he infinito.

784.— O mal não será a especiaria do bem?

785.— Os nossos inimigos contribuem mais do que se pensa para o nosso aperfeiçoamento moral. Elles são os historiadores dos nossos erros, vicios e imperfeições.

786.— A falsa philosophia convida os homens pelos prazeres sensuaes; a verdadeira pelos moraes, intellectuaes e religiosos; a primeira tudo materialisa; a segunda busca espiritualisar a propria materia; huma isola o homem neste mundo tambem isolado; a outra lhe dá relações com o systema universal, e o faz parte de hum todo immenso; a primeira lhe confere huma existencia ephemera e temporaria; a segunda lhe eternisa a duração; aquella o faz bruto; esta semi-Deos.

787.— A Religião he hum thesouro, que nenhum outro póde escusar.

788.— Quem mas teme a Deos, menos teme os homens.

789.— Nunca erramos o caminho da felicidade, quando nos guiamos pelo itinerario da virtude.

790.— Não são incompativeis a loucura e a velhacaria : ha exemplos de loucos muito velhacos e ardilosos.

791.— Ha muita gente boa e feliz, porque não tem sufficiente liberdade para se fazer má e desgraçada.

792.— A vida engana a todos, a morte desengana a poucos.

793.— O sol doura a quem o vê, o sabio illumina a quem o ouve.

794.— Os bemfeitores imprudentes fazem beneficiados ingratos.

795.— Os máos queixão-se de todos, os bons de poucos, os melhores de ninguem ou de si proprios.

796.— A vida humana tem phases como a lua; a velhice he o seu minguante.

797.— A preguiça gasta a vida, como a ferrugem consome o ferro.

798.— Os velhacos se associão, mas não se amão.

799.— Ha homens para nada, muitos para pouco, alguns para muito, nenhum para tudo.

800.— O silencio ainda que mudo, he frequentes vezes tão venal como a palavra.

801.— O louvor facundo distingue menos que a admiração silenciosa.

802.— A virtude remoça os velhos, o vicio envelhece os moços.

803.— Os males da vida são os nossos melhores preceptores, os bens os nossos maiores aduladores.

804.— He quando menos se crê em milagres que os povos os exigem dos que governão.

805.— Nunca agradecemos com tanto fervor como quando esperamos hum novo favor.

806.— Ninguem se conhece tão bem como aquelle que mais desconfia de si proprio.

807.— Os maiores detractores dos governos são aquelles que pretendem governar.

808.— Os máos não são exaltados para serem felizes, mas para que caião de mais alto e sejão esmagados.

809.— O interesse filho do amor-proprio, conforme he bem ou mal educado, assim he util ou damnoso a seu proprio pai.

810.— Quando os tyrannos cahem, os povos se levantão.

811.— Os cortezãos vivem sonhando e morrem de pesadélos.

812.— Pouco dizemos quando o interesse ou a vaidade não nos faz fallar.

813.— A mocidade he hum sonho que deleita, a velhice huma vigilia que incommoda.

814.— A verdade toma os trajos da lisonja, quando visita os que governão.

815.— As pessoas doutas e virtuosas são nas nações como os conductores nos edificios que os preservão dos raios.

816.— Os cumplices são faceis e promptos em amnistiar os culpados.

817.— O futuro se nos occulta para que nós o imaginemos.

818.— Os philosophos vivem disputando e morrem duvidando.

819.— O somno melhor da vida a innocencia o dorme ou a virtude.

820.— Quando os bons capitulão com os máos sanccionão a propria ruina.

821.— Os sabios fallão pouco e dizem muito, generalisando e abstrahindo resumem tudo.

822.— A força he hostil a si propria, quando a intelligencia a não dirige.

823.— Os anarquistas aborrecem a ordem que os castiga e os não emprega.

824.— O homem de palavra he ordinariamente o que menos falla.

825.— O berço e o esquife são os dous extremos oppostos da vida humana, neste intervallo se executa o drama mysterioso da nossa existencia individual.

826.— Os homens enganão-se miseravelmente quando esperão achar a sua felicidade mais na fórma dos seus governos, que na reforma dos seus costumes.

827.— Os moços de juizo honrão-se de parecer velhos, mas os velhos sem juizo procurão figurar de moços.

828.— Os povos desencantados tornão-se insubordinados.

829.— Os homens preferem geralmente o engano que os tranquillisa á incerteza que os incommoda.

830.— As revoluções frequentes fazem rachiticas as nações recentes.

831.— Invejamos a vida de muitos, e raras vezes a morte de algum.

832.— Os mortos nos instruem e desenganão nas livrarias e cemiterios.

833.— Quem não espera na vida futura, desespera na presente.

834.— O mal ou bem que fazemos aos outros, reverte sobre nós accrescentado.

835.— O governo dos tolos he sempre mais infesto aos povos que o dos velhacos.

836.— Deixar de gozar para não soffrer, he o segredo de bem viver.

837.— Quando defendemos os nossos amigos, justificamos a nossa amizade.

838.— A escravidão nos amantes he ambição de senhorio.

839.— O summario da vida feminina são amores na terra e mais nos Céos.

840.— O retiro para o sabio não he solidão, mas sociedade e correspondencia com Deos.

841.— As revoluções politicas resolvem-se ordinariamente em deslocações e substituições.

842.— Os velhos dão ordinariamente bons conselhos para se remirem de haver dado máos exemplos.

843.— Não admira que os moços sejão prodigos e os velhos avarentos : no physico e moral, a mocidade he expansão e a velhice contracção.

844.— He mofina a condição dos povos em que faltão lavradores, e sobejão legisladores.

845.— Louvamos por grosso, mas censuramos por miudo.

846.— Na montanha goza-se mais, porém o valle he mais abrigado.

847.— Hum governo sem prestigio e força, aliena e desencanta os povos.

848.— Hum sexo he a metade do outro sexo, ambos elles se procurão, porque unidos se completão.

849.— Nenhum homem he tão bom como o seu partido o apregoa, nem tão máo como o contrario o representa.

850.— Ha muita gente infeliz por não saber tolerar com resignação a sua propria insignificancia.

851.— A razão prevalece na velhice, porque as paixões tambem envelhecem.

852.— A virtude he agro-doce, mas o vicio doce-amargo.

853.— A razão dos philosophos he muitas vezes tão extravagante como a imaginação dos poetas.

854.— O nosso orgulho nos eleva para nos precipitar de mais alto.

855.— O temor da morte he a sentinella da vida.

856.— A intelligencia humana he hum reflexo da Divina, como o clarão da lua he a reverberação da luz do sol.

857.— As revoluções que regenerão as nações velhas, arruinão e fazem degenerar as novas.

858.— A mocidade se compraz nas revoluções como no movimento.

859.— A gente moça evita a companhia dos velhos, como as pessoas suadas o ar frio, que as póde constipar.

860.— Os que não sabem aproveitar o tempo, dissipão o seu, e fazem perder o alheio.

861.— Os importunos são como as moscas que, enxotadas, revertem logo.

862.— Os conselhos dos moços derivão das suas illusões, os dos velhos dos seus desenganos.

863.— O mundo florece pela vida, e se renova pela morte.

864.— Os sabios vivem ordinariamente solitarios : receião-se dos velhacos, e não podem tolerar os tolos.

865.— Os povos em revolução exigem que se lhes rendão graças pelos seus proprios crimes e desatinos.

866.— As crenças religiosas fixão as opiniões dos homens, as theorias philosophicas as perturbão e confundem.

867.— Vivemos no seio de Deos que , sendo immenso, nos comprehende a todos.

868.— Os charlatães politicos promettem muito e cubição tudo.

869.— Na admissão de huma opinião ou doutrina, os homens consultão primeiramente o seu interesse, e depois a razão ou a justiça, se lhes sobeja tempo.

870.— Os genios mais sublimes são como as exhalações celestes, ardendo e illuminando se consomem.

871.— Reformar, e não innovar, he o voto do legislador prudente.

872.— Os velhos são muito ciosos em amor, porque se receião da concurrencia.

873.— Não vemos os defeitos de quem amamos, nem os primores dos que aborrecemos.

874.— Ninguem se vinga com tanto primor como aquelle que, havendo perdoado, se converte em bemfeitor.

875.— A virtude resplandece na adversidade, como o incenso recende sobre as brasas.

876.— As flores e as mulheres enfeitão e guarnecem a terra.

877.— Quando sahimos da nossa esphera, ordinariamente nos perdemos na dos outros.

878.— Os velhos invejão a saude e vigor dos moços, estes não invejão o juizo e a prudencia dos velhos : huns conhecem o que perdêrão, os outros desconhecem o que lhes falta.

879.— Os que anarquisão por ambição do poder turvão a agua que pretendem beber.

880.— Aborrecemos o absolutismo nos outros, porque o cubiçamos para nós mesmos.

881.— Os homens crêm tão pouco na authoridade da propria razão, que ordinariamente a justificão com a allegação da dos outros.

882.— Ainda que perdoemos aos máos, a ordem moral não lhes perdôa, e castiga a nossa indulgencia.

883.— O luxo faz empobrecer a huns, e não deixa enriquecer a outros.

884.— Ha verdades que he mais perigoso publicar do que foi difficil descobrir.

885.— Todas as virtudes são restricções, todos os vicios ampliações da liberdade.

886.— O que ganhamos em autoridade perdemos em liberdade.

887.— Vivemos em hum mundo encantado que se renova e remoça envelhecendo.

888.— Como os sabios não adulão os povos, tambem estes os não promovem.

889.— A ignorancia tudo exagera, porque não conhece o justo meio.

890.— Sem referencia a Deos toda a felicidade he inane ou incompleta.

891.— Os homens definem e classificão as virtudes, as mulheres as praticão.

892.— No banquete da natureza os commensaes se succedem ; a morte exclue a huns, a vida chama e admitte a outros.

893.— Nos partidos politicos a calumnia he moeda corrente que circula sem o menor escrupulo nem reserva.

894.— A autoridade de poucos he e será sempre a razão e argumento de muitos.

895.— O fraco offendido atraiçôa, o forte e magnanimo perdôa.

896.— Perante hum auditorio de tolos os velhacos tornão-se facundos, e os doutos silenciosos.

897.— Tendo nós huma só lingua, porém dous braços, devemos ser singelos no fallar, mas dobrados em trabalhar.

898.— A experiencia que não dóe pouco aproveita.

899.— Os homens de intelligencia ordinaria não sabem encarecer a propria capacidade sem deprimir a dos outros.

900.— Guardai-vos do prodigo; desbaratando o seu não respeita o alheio.

901.— A vida reluz nos olhos, a razão nas palavras e acções dos homens.

902.— Louvemos a quem nos louva para abonarmos o seu testemunho.

903.— Ha serviços tão subidos que só a admiração ou a gloria os póde recompensar.

904.— A virtude offendida se desaggrava perdoando.

905.— A facundia dos velhacos he irresistivel para os tolos.

906.— Os cortezãos são como as serpentes, flexiveis mas venenosas.

907.— A maledicencia póde muitas vezes corrigir-nos, a lisonja quasi sempre nos corrompe.

908.— Os desejos se multiplicão na abundancia, como a herva nas terras pingues.

909.— A mocidade se expande para conhecer o mundo e os homens, a velhice se contrahe por havê-los conhecido.

910.— A felicidade que o luxo confere he temporaria : mas a miseria que depois occasiona, permanente.

911.— Os homens de ordinario abjurão com facilidade as doutrinas que os elevárão a grandes empregos, quando podem servir de embaraço a ulteriores e mais distinctas promoções.

912.— Os sentimentos religiosos de admiração, amor e gratidão para com Deos nos conferem neste mundo huma prelibação da bemaventurança eterna.

913.— A virtude aromatisa e purifica o ar, os vicios o corrompem.

914.— Os homens são sempre mais verbosos e facundos em queixar-se das injurias, do que em agradecer os beneficios.

915.— A inconstancia da fortuna esperança os desgraçados.

916.— Ganhamos frequentes vezes perdoando opportunamente.

917.— As constituições mais liberaes, nos povos menos illustrados, servem frequentes vezes para opprimir os bons, amnistiar ou absolver os máos.

918.— Ha hum doce-amargo nas saudades que deleita e contrista; este sentimento mixto de prazer e dôr nos encanta e penalisa ao mesmo tempo.

919.— A memoria dos velhos he menos prompta porque o seu archivo he muito extenso.

920.— Arrufamo-nos algumas vezes com a vida, mas os nossos arrufos terminão sempre por ama-la com mais extremos.

921.— A vida tem huma só entrada : a sahida he por cem portas.

922.— Os povos desenganão-se como as pessoas : soffrendo, perdendo e pagando.

923.— Ha hum limite nas dôres e mágoas que termina a nossa vida, ou melhora a nossa sorte.

924.— O velho teme o futuro e se abriga no passado.

925.— A barateza dos governos desacredita os que governão, e não honra os governados.

926.— A inveja não sabe avaliar os invejados, porque os vê de esguelha e obliquamente.

927.— Sem a crença em huma vida futura, a presente seria inexplicavel.

928.— A igualdade repugna de tal modo aos homens que o maior empenho de cada hum he distinguir-se ou desigualar-se.

929.— A ignorancia pasma ou se espanta, mas não admira.

930.— O mundo he hum vasto mercado de compra e venda e o artigo mais importante de sua mercancia são os mesmos homens.

931.— Os bons escriptores moralistas são como os faróes litoraes : advertem, dirigem e salvão os navegantes do naufragio.

932.— Os bons tremem quando os máos não temem.

933.— Quem não desconfia de si, não merece a confiança dos outros.

934.— A razão se turva como a agua, sendo agitada pelas paixões.

935.— Louvamos ordinariamente com modificações, mas censuramos sem restricções.

936.— Os povos exigem tanto dos seus validos, que estes em breve tempo se enfadão e os atraiçoão.

937.— Os velhos que seguem as modas, presumem remoçar com ellas.

938.— Ai dos povos! quando as tripeças tem mais firmeza e dignidade do que os thronos.

939.— Quem mais confia em Deos, menos desconfia dos homens.

940.— O amor cega a muitos, a fortuna deslumbra a todos.

941.— O amor, como o menino, começa brincando e acaba chorando.

942.— A imaginação exagera, a razão desconta, o juizo regula.

943.— Anarquista e patriota são synonymos frequentes vezes.

944 — O grito de liberdade nos povos he o precursor ordinario da anarquia.

945.— Ha homens que obrão por muitos, e alguns que pensão por todos.

946.— A intrepidez em muitos homens não he mais que estupidez.

947.— A morte que tira a importancia a todos, a confere a muito poucos.

948.— Nunca peoramos de fortuna quando melhoramos de conducta.

949.— Os vicios são tão feios que, ainda enfeitados não podem inteiramente dissimular a sua fealdade.

950.— Quando madrugámos e passámos o dia com a virtude, anoitecemos sem remorsos e dormimos sem pesadêlos.

951.— O relogio das paixões nunca regula exactamente.

952.— Ninguem se rende á morte senão por vencido.

953.— Acabou-se o tempo das resurreições, mas continua o das insurreições.

954.— A vida humana parece de algum modo triplice, quando reflectimos que vivemos e sentimos em tres tempos, no preterito, presente e no futuro.

955.— O cynismo perde as monarquias, como o luxo arruina as democracias.

956.— O amor na mocidade he occupação, na velhice distracção ou alienação.

957.— A morte impõe perpetuo silencio aos melhores oradores; como aos mais importunos falladores.

958.— A nossa vida quanto mais se alonga mais se adelgaça.

959.— Vivemos, como andamos, querendo guardar equilibrio e escorregando frequentes vezes.

960.— He falta de habilidade governar com tyrannia.

961.— A solidão nos liberta da sujeição das companhias.

962.— Todos os comprimentos e votos dos homens versão de ordinario sobre saude, fortuna e dinheiro; mas nenhum comprehende tambem o juizo, aliás tão necessario.

963.— A incredulidade que he da moda nas pessoas moças, torna-se o seu tormento na velhice.

964.— A despeza productiva enriquece, a improductiva empobrece.

965.— Vivemos entre dous infinitos, no tempo e no espaço : occupamos hum ponto da immensidade e duramos hum instante da eternidade.

966.— Os homens não fazem sacrificios gratuitos do seu amor proprio; quando rendem adorações a hum homem, exigem que elle se assemelhe de algum modo á Divindade pelas suas perfeições e beneficencia.

967.— Tudo morre ou perece para que tudo se renove : os typos são os mesmos, mas as obras publicadas são sempre novas.

968.— A razão he escrava quando a fé e autoridade são senhoras.

969.— O futuro he como o papel em branco em que podemos escrever e desenhar o que queremos.

970.— Se os governos escolhem mal, os povos de ordinario escolhem peor.

971.— A fortuna faz de hum tolo hum potentado, como o sol no horizonte confere a hum anão a sombra de hum gigante.

972.— A opinião publica he sempre respeitavel, não pelo seu racionalismo, mas pela sua omnipotencia muscular.

973.— He inconsequencia nossa considerar a Deos presente para nos ouvir, quando lhe pedimos graças ou clemencia, e reputa-lo ausente para não ver, quando praticamos acções indecentes e prohibidas.

974.— O interesse sempre transparece no desinteresse que affectamos.

975.— Huma velhice alegre e vigorosa he de ordinario a recompensa da mocidade virtuosa.

976.— O prazer do crime passa, o arrependimento sobrevem e o remorso se perpetua.

977.— Nunca os povos soffrem tanto como quando se falla mais em liberdade e menos em virtude e obediencia.

978.— He feliz o velho que póde dizer com verdade — Prefiro os mezes da minha velhice aos annos da minha juventude.

979.— Os prazeres como as dôres tambem gastão a vida, aquelles com mais celeridade pela sua frequencia e attractivo.

980.— A intolerencia irracional de muitos excusa ou justifica a hypocrisia ou dissimulação de alguns.

981.— Alguns homens morrem a proposito para a sua gloria, e muitos outros vivem fóra de proposito para mal de todos.

982.— Em these geral não ha homem feliz sem merito, nem desgraçado sem culpa.

983.— Ha velhacos por grosso e por miudo, assim como ha pessoas que commerceão em grande e pequena escala.

984.— Disputa-se com mais frequencia sobre as cousas frivolas do que nas mais importantes; as primeiras alcanção a comprehensão de todos.

985.— He difficillima empresa governar povos que não sabem ser livres, nem podem já ser escravos.

986.— Desagrada aos ignorantes a companhia dos sabios, como aos meninos a sociedade dos velhos.

987.— Os povos, como as pessoas, não padecem por innocentes.

988.— Para bem conhecer os homens, he necessario primeiramente vê-los e pratica-los de perto, e depois estuda-los e medita-los de longe.

989.— A civilidade chega a limar de tal modo os homens, que por fim os deixa, sem cunho nem caracter, lisos e safados.

990.— Disputando, como jogando, perdemos amigos e ganhamos inimigos.

991.— A ignorancia tem seus bens privativos, como a sabedoria seus males peculiares.

992.— A mocidade he democrata, como a velhice monarchista.

993.— Estudar a natureza, he aprender de Deos que se revela nas suas obras.

994.— A inveja de muitos annuncia o merecimento de alguns.

995.— O atheismo he talvez huma chimera : nos homens não ha sufficiente ignorancia para poderem ser atheos.

996.— O zelo do patriotismo, como a luz de hum lampião, não se mantem sem provisão.

997.— Os tolos contentão-se com pouco, os velhacos nem com muito : querem tudo.

998.— O louvor que mais prezamos he justamente aquelle que menos merecemos.

999.— Nas campanhas da vida humana, a virtude he a nossa melhor alliada.

1000.— A mocidade he a estação da felicidade sensual, a velhice a da moral e intellectual.

1001.— Desprezamos a nossa saude em quanto he moça, e a idolatramos depois de velha.

1002.— Exageramos as nossas desgraças para excitar admiração ou compaixão.

1003.— O peso esmaga sem intelligencia, mas a força não opera sem ella.

1004.— O louvor acha incredulos, a maledicencia muitos crentes.

1005.— Sempre nos escudamos com o bem geral, quando queremos promover o nosso particular.

1006.— As corôas, quanto maiores e ricas, tanto mais pesão e molestão as cabeças coroadas.

1007.— Não procures a felicidade onde a virtude não tem culto.

1008.— Os cargos eminentes illustrão ou acreditão, mas não felicitão.

1009.— O regresso he o effeito necessario de hum progresso precipitado ou mal calculado.

1010.— Quando a consciencia nos accusa, o interesse ordinariamente nos defende.

1011.— A honra annuncia virtudes, as honras nem sempre as suppoem.

1012.— Os apaixonados do amor achão sem sabor a amizade.

1013.— Os máos não querem liberdade para se fazerem bons, mas para se tornarem peores.

1014.— A religião he como a patria, sempre nos parece melhor a nossa propria.

1015.— Quando as paixões por adultas se emancipão, a razão perde sobre ellas a sua autoridade e tutoria.

1016.— Attendamos mais ao que diz de nós a nossa consciencia que os homens; ella nos conhece melhor do que elles.

1017.— O progresso e regresso nos povos, como o fluxo e refluxo nos mares, entretem a sua acção e movimento.

1018.— Quando em hum povo só se escutão vivas á liberdade, a anarchia está á porta e a tyrannia pouco distante.

1019.— Os grandes e sublimes pensamentos vem de Deos e se infiltrão e refrangem em nossas cabeças e corações.

1020.— Homens ha que parecem condemnados á condição de animaes de carga, vivem só para trabalhar, e morrem para que outros gozem.

1021.— Em materia de injurias, he mais nobre, commodo e seguro perdoar, esquecer e não vingar.

1022.— Quando unimos o nosso interesse individual ao geral, damos-lhe corpo, solidez e permanencia.

1023.— A ignorancia he sempre mais prompta em resolver-se do que a sabedoria.

1024.— Ordinariamente o homem que menos sabe he o que mais falla, como a vasilha menos cheia a que mais chocalha.

1025.— A riqueza exige sempre muito espaço, a pobreza se contenta e vive folgada em muito pouco.

1026.— Cada seculo tem suas celebridades ou notabilidades que se desvanecem nos seculos subsequentes.

1027.— He mais seguro escrever do que fallar; fallando improvisamos, para escrever reflectimos.

1028.— A desgraça de muitas pessoas provem de não quererem ser o que são, mas pretenderem chegar a mais do que podem ser.

1029.— A ignorancia dos innocentes não prejudica á sociedade, como a intelligencia dos velhacos.

1030.— O mundo das verdades e relações he infinito, as suas minas inexhauriveis, as descobertas illimitadas, o espirito humano o seu explorador, descobridor e admirador.

1031.— A modestia he hum véo subtil com que extenuamos o fulgor do nosso merecimento ou talentos, para não offender a vista e amor proprio dos outros homens.

1032.— Queixamo-nos sem receio da fortuna que não póde reclamar nem recriminar-nos.

1033.— Os cegos por ambição ainda vêm menos que os cegos por nascimento.

1034.— Os erros dos homens se articulão e se reproduzem como os polypos.

1035.— O nosso amor proprio, como o Protheo da Fabula, se transforma por tantos modos que he extremamente difficil distingui-lo em todas as suas metamorphoses.

1036.— O principio das democracias não he a virtude, mas o ciume ou a inveja : desejando cada hum ser rei, todos se oppoem e não consentem que o haja.

1037.— Saber viver com os homens he huma arte de tanta difficuldade que muita gente morre sem a ter comprehendido.

1038.— Os velhos devem suppôr-se mortos antes de morrer para assim alcançarem mais longa vida.

1039.— Raras vezes nos arrependemos do nosso silencio; frequentemente de haver fallado.

1040.— A paixão dominante nos homens he a ambição, nas mulheres o amor.

1041.— Sem desigualdade não póde haver harmonia nos sons, nas côres e nos homens.

1042.— Ha vicios contrarios e oppostos, mas não virtudes adversas e incompativeis.

1043.— Nenhum homem se considera tão ignorante como aquelle que mais sabe.

1044.— Quando se faz da traição virtude, ella vegeta em toda parte, e suffoca a lealdade.

1045.— Os homens nos forção a ser prudentes, e depois nos condemnão por medrosos.

1046.— Ninguem ama por obediencia, mas por sentimento e inclinação.

1047.— Os velhos se occupão muito da morte, como os viajantes em vesperas de viagem dos seus arranjos relativos.

1048.— A bandeira da virtude, em suas campanhas, tem por legenda — Resistencia e Abstinencia.

1049.— Os governos são taes quaes os povos os fazem, os tolerão, ou os merecem.

1050.— Os que se crêm muito espertos descuidão-se, e são enganados muitas vezes pelos tolos.

1051.— Nunca nos cremos bastantemente ricos, porque sabemos que a riqueza he tão facil de gastar-se como difficil de adquirir-se.

1052.— O dia descobre a terra, a noite descortina os Céos.

1053.— A morte que na opinião dos impios he extincção, para o homem religioso he promoção.

1054.— A natureza consome tudo para tudo reproduzir.

1055.— Os vivos se reconcilião facilmente com os que morrem, pela razão de que estes deixão de ser desde logo seus concorrentes e lançadores nos bens da vida humana.

1056.— O fructo mais precioso da sabedoria humana he huma perfeita resignação com a vontade de Deos pela convicção intima e plenissima da sua omnisciencia e infinita bondade.

1057.— A tyrannia collectiva ou popular he incomparavelmente maior, mais summaria e violenta que a singular, ou de hum homem só.

1058.— Julgamo-nos infelizes reflectindo nos bens que nos faltão, sem nos crermos felizes ponderando os males que não soffremos.

1059.— Os pequenos homens se occupão, se ufanão e se agastão de pequenas cousas.

1060.— Ser modesto he transigir com o amor proprio dos outros homens.

1061.— Ha muita gente que se queixa, como outra se ri, por habito e costume.

1062.— A velhice he tão susceptivel de affecções penosas, que aquelles mesmos actos e exercicios que recreião os moços, incommodão e fazem enfermar os velhos.

1063.— Que galeria de pinturas e retratos em nosso espirito! ella he tão vasta como o mesmo Universo, sem occupar todavia o menor lugar na immensidade do espaço!

1064.— A má fortuna persegue a muitos sem justiça, como a boa favorece a outros sem razão.

1065.— Os homens ordinarios considerão a felicidade sensual como fim, os de superior intelligencia como occasião, meio e instrumento para chegar á moral, intellectual e religiosa.

1066.— A virtude he huma escravidão voluntaria e racional.

1067.— A ignorancia crê tudo, porque de nada duvída.

1068.— A insignificancia he tão penosa para os homens que muitos procurão surgir della de qualquer modo possivel, ainda mesmo pelos crimes.

1069.— Não se devem conferir os empregos importantes aos primeiros candidatos que se apresentão, estes são ordinariamente os mais ligeiros de pés e menos graves de cabeça.

1070.— Nunca esperem os anarquistas chegando ao poder, governar tranquillamente; os máos exemplos que dérão e as más doutrinas que inculcárão reverteráõ sobre elles e contra elles.

1071.— Ha homens que, descontentes de huma insignificancia honesta, se arrojão a intrigas e crimes para alcançar huma celebridade infame.

1072.— Os brados do interesse sobrepujão muitas vezes as vozes da consciencia.

1073.— O homem, como a flôr, desabotoa na sua puericia e adolescencia, ostenta os seus primores na virilidade e madureza, declina envelhecendo, murcha, languece e morre.

1074.— O nosso amor proprio nos compromette frequentes vezes persuadindo-nos que sabemos ou podemos muito mais do que realmente he verdade.

1075.— Ordinariamente o desejo, plano e execução da vingança incommodão e abalão mais os nossos espiritos do que as injurias e offensas recebidas.

1076.— O amor proprio dos poetas e pintores he sobremaneira irritavel; não se contentão com hum desaggravo ordinario, procurão immortalisar a sua vingança propria.

1077.— Os máos, intrigantes e velhacos parecem desconhecer que a linha recta he a unica mais breve entre dous pontos.

1078.— O sabio em hum povo sem illustração he como a rosa no deserto, onde os insectos a pungem e maltratão não sabendo prezar os seus perfumes, nem admirar a sua belleza magestosa.

1079.— Os homens de sublime engenho elevão-se como as girandolas de fogo, para luzir, illuminar e consumir-se.

1080.— O grande empenho da intelligencia humana deve ser prevenir ou remover o mal, neutralisa-lo ou transforma-lo em bem.

1081.— Não ha sciencia que exalte e humilhe mais o orgulho dos homens que a Astronomia.

1082.— Ha huma facundia arrojada e semi-douta que muita gente nescia qualifica de sabedoria.

1083.— He imprudencia regeitar os serviços dos máos e velhacos quando elles se offerecem a coadjuvar-nos em huma boa causa ; he sobremaneira preferivel tê-los antes por auxiliares do que por inimigos.

1084.— He facil governar os homens pelo terror ; mas he difficil fazê-lo por muito tempo e impunemente.

1085.— A velhice illustrada he incomparavelmente mais feliz que a mocidade illiterata.

1086.— O verdadeiro sabio he hum paradoxo vivo e ambulante na companhia e sociedade dos homens ordinarios e vulgares.

1087.— A paixão pelo jogo presuppõe ordinariamente pouco amor pelas letras.

1088.— Convém usar dos homens como são, e das circumstancias coma ellas occorrem.

1089.— O sentimento mais nobre e feliz da natureza humana he sem duvida o do amor e temor de Deos.

1090.— Os velhos porque padecem, acreditão que tudo peiora e degenera.

1091.— Allegamos muitas vezes a nossa franqueza para justificarmos a nossa maledicencia.

1092.— Ha tempos e circumstancias em que he prova de habilidade parecer e figurar de inhabil.

1093.— As sociedades humanas deixão de existir ou se dissolvem quando os vicios e crimes sobrepujão as virtudes.

1094.— Os ingratos tornão-se por accesso inimigos dos seus bemfeitores.

1095.— Deixamos o espirito inculto quando só cuidamos em cultivar os corpos.

1096.— A misanthropia não he nem póde ser vicio ou defeito da gente moça.

1097.— Viver he gozar e soffrer, resistir e batalhar com os homens, as cousas, os eventos e elementos.

1098.— O furor da novidade destróe o amor e respeito da antiguidade.

1099.— Quanto menor he o juizo dos povos tanto maior deve ser o dos que os governão.

1100.— Desaprendemos a soffrer quando nos acostumanos a gozar.

1101.— Quando os sabios se calão, a monção he propicia aos ignorantes.

1102.— Para bem viver importa muito saber soffrer e abster-se.

1103.— O egoismo nestes tempos figura e representa mascarado em patriotismo.

1104.— O desprezo da riqueza provém ordinariamente do desgosto de a não ter, ou incapacidade de alcança-la.

1105.— O nosso amor proprio muito occupado de si mesmo, parece não suspeitar nem avaliar o dos outros.

1106.— A ninguem, por mais feio que seja, desagrada no espelho a sua imagem, e na pintura o seu retrato.

1107.— Ha verdades que conhecemos, muitas que presentimos, innumeraveis que não podemos conhecer nem presentir.

1108.— Succede nas revoluções como nas loterias, a perda he de muitos, o ganho de poucos, e, em geral, os mais indignos.

1109.— Os anarquistas se erigem em interpretes dos povos, como os falsos sacerdotes se inculcão orgãos da Divindade.

1110.— Onde o luxo cresce, a probidade afraca e desfallece.

1111.— A nacionalidade se perde pela imitação e admiração servil das instituições, usos e costumes dos povos estrangeiros.

1112.— A morte nos devora apezar dos nossos queixumes, e, cumprindo as leis da natureza, destróe a huns para dar vida a outros.

1113.— Os sabios enganão-se pensando que são comprehendidos por todos, os ignorantes presumindo que todos ignorão o que elles sabem.

1114.— A idéa do mal he tão inseparavel da do bem que huma não póde existir sem a coexistencia de ambas.

1115.— Não nos gloriemos de saber mais que os outros, com identicas circumstancias elles saberião talvez mais do que nós.

1116.— Quando mais nos affadigamos para entreter a vida, encontramo-nos com a morte que nos forra o trabalho e cuidados de a manter.

1117.— Accresce na vingança ao mal da offensa, o incommodo e cuidado do desaggravo.

1118.— Folgamos de enganar-nos sobre a nossa mortalidade, como as mulheres sobre a propria idade.

1119.— Nos altos empregos os grandes homens parecem ainda maiores ; mas os pequenos figurão de mais diminutos.

1120.— A inveja e ciume do merito alheio accusa e revela a mediocridade do proprio.

1121.— Somos mais inclinados a dizer mal que bem dos outros homens ; o amor proprio explica este mysterio escandaloso.

1122.— A genuina sabedoria tende ao Infinito, e reconhecendo por muito limitada a felicidade sensual, procura na immensidade do Universo o objecto que lha póde conferir perenne, incessante, inexhaurivel e eterna, e o descobre em Deos que he a vida, a luz, o movimento e a intelligencia universal.

1123.— Idéas novas promovem novas combinações, novas opiniões e novas revoluções.

1124.— As armas invenciveis da virtude são resistencia ás tentações e abstinencia dos prazeres prohibidos.

1125.— Ler sem reflectir, he comer sem digerir.

1126.— A Religião he a razão e philosophia dos povos.

1127.— A fantasia he a lanterna magica da nossa alma.

1128.— Quem atraiçôa o seu rei, não he leal a mais ninguem.

1129.— Os bons conselhos desprezados são com dôr commemorados.

1130.— Os traidores na monarchia não são mais fieis na democracia.

1131.— Fazei-vos pequenos para não serdes invejados, o odio acompanha quasi sempre a inveja.

1132.— Devemos temer-nos mais de nós mesmos que dos outros homens.

1133.— Governar ou conspirar, ou governar conspirando he infelizmente a vocação fatal e invencivel de muitos homens ambiciosos.

1134.— Os prazeres illicitos, ainda que doces na sua fruição, deixão por fim hum travo adstringente e amargoso que nunca mais se dissipa.

1135.— Os ambiciosos, como os jogadores, confião menos na fortuna que na sua habilidade.

1136.— Chamamos ordem ao que nos aproveita, e desordem ao que nos prejudica.

1137.— Pequenos cuidados afugentão grandes idéas e pensamentos.

1138.— As circumstancias fazem ou descobrem os grandes homens.

1139.— O mundo intellectual deleita a poucos, o material agrada a todos.

1140.— Os homens são mais activos na vida ordinaria por menos sabedores do que por mais doutos.

1141.— As opiniões são fecundas ; raras vezes fallecem sem deixar posteridade.

1142.— Não tem permanencia a virtude que não provém da intelligencia.

1143.— Huma boa cabeça não justifica hum máo coração.

1144.— O engenho descobre o que a razão vulgar não alcança.

1145.— A inveja habitual desforma o semblante dos enfermos deste mal.

1146.— A autoridade impõe e obriga, mas não convence.

1147.— A razão e a verdade todos affectão querê-las, mas bem poucos lhes rendem culto.

1148.— Para quem ama e teme a Deos, não ha neste mundo completa desgraça.

1149.— O ciume procede especialmente do reconhecimento da propria inferioridade.

1150.— Presupposta a nossa vaidade, raras vezes as acções que praticamos em segredo tem o cunho de moraes e virtuosas.

1151.— Os velhacos algumas vezes tomão o caracter de homens de bem, mas o disfarce he tão incommodo e violento que não dura muito tempo.

1152.— A inveja não empece os invejados e atormenta os invejosos.

1153.— A fortuna he cega sómente para aquelles que a não comprehendem.

1154.— Os viciosos amão os seus inimigos, amando os seus proprios vicios.

1155.— As opiniões se succedem como as gerações; as de hum seculo contém os germes, ou elementos das opiniões e theorias de outros seculos e idades.

1156.— A preguiça nos máos he salutar para os bons.

1157.— Os tolos e nescios são animaes gregarios; elles se associão porque se não estranhão.

1158.— A devoção nas mulheres promove a religião nos homens.

1159.— Hum dos grandes beneficios do amor das letras e leitura he salvar a velhice da rabugem e máo humor que ordinariamente a acompanhão.

1160.— Se este mundo he hum hospital de doudos, como alguns delles o qualificão, sem duvida os maiores são os que mais intrigão e se affanão para serem seus administradores ou enfermeiros.

1161.— Nas revoluções he facil a acquisição do titulo de grande homem : audacia, arrojo, actividade, impudencia e velhacaria são documentos sufficientes.

1162.— O preguiçoso não vê nascer o sol ; o homem activo e laborioso o precede na sua apparição.

1163.— Olhos e pensamentos castos vigorão a saude e prolongão a vida.

1164.— Os homens de superior intelligencia suscitão, coordenão ou modificão as circumstancias como lhes convem ; os de ordinaria capacidade sujeitão-se e obedecem ás que occorrem naturalmente.

1165.— A ambição se recommenda frequentemente por amor do bem geral; os tolos a acreditão, os prudentes suspeitão, os sabios a desmentem.

1166.— Lamentamos com especialidade nos outros aquelles males, a que nos cremos mais expostos pela nossa condição.

1167.— Nenhum homem he copia de outro : cada hum he original na sua physionomia, constituição, caracter e intelligencia.

1168.— Os ignorantes invejão aos doutos a sua sciencia, e estes aos nescios a sua commoda ignorancia e facil credulidade.

1169.— Os que aspirão á tyrannia e dominação dos povos, são os que ordinariamente mais affectão pugnar por seus direitos e interesses.

1170.— Nunca devemos recear-nos tanto de nós mesmos como quando gozamos de maior e mais ampla liberdade.

1171.— As verdades descobrem-se, não se inventão ; Deos he a fonte unica de todas ellas.

1172.— Pouco mal faz esvaecer muitos bens.

1173.— Os povos são felizes quando os moços obrão e executão em conformidade dos conselhos ou mandatos dos mais velhos.

1174.— O conhecimento da verdade nos faria a todos uniformes nas nossas opiniões ; são os erros que occasionão tão espantosa variedade.

1175.— Os utopistas modernos parecem persuadidos de que a natureza humana he de arbitrio pessoal e não de necessidade irresistivel e impessoal.

1176.— Cavando muito na natureza para descobrir verdades reconditas e profundas , fabricamos abismos em que inteiramente nos perdemos.

1177.— As molestias do corpo não tolhem a ambição do espirito, antes parecem exalta-la frequentemente.

1178.— A natureza tolera os excessos na gente moça, mas castiga-os severamente nos velhos, a quem a sua fraqueza e experiencia devêrão ter feito mais acautelados.

1179.— Os maiores lisongeiros são tambem ordinariamente os peiores maldizentes.

1180.— Deos em sua bondade infinita nos deu olhos para que o vissemos nas suas obras assombrosas, desde o menor insecto ou flôr da terra até as estrellas dos céos.

1181.— He grande injustiça condemnar a loquacidade das mulheres, quando se considera que sem ella as crianças e meninos nunca aprenderião a fallar.

1182.— Assim como nas grandes trovoadas a chuva penetra de ordinario em todas as casas, nas revoluções populares todos soffrem mais ou menos em consequencia dos seus movimentos.

1183.— A tolerancia de opiniões subversivas da ordem publica torna cumplices dos males subsequentes aos que as tolerárão, podendo ou devendo resistir-lhes e impugna-las.

1184.— O sexo encarregado de criar e pensar os innocentes he como devia ser, por instincto e natureza o mais terno, paciente e virtuoso : Deos confiou a innocencia da virtude.

1185.— O progresso nos vicios he tão rapido como he lento nas virtude ; o vicio he deleitação, a virtude abstinencia.

1186.— Os anarchistas só prosperão onde o espirito publico he tambem sedicioso.

1187.— Toda a harmonia he deleitavel ; a das côres, a dos sons, e com especialidade a dos homens.

1188.— A velhice he premio para huns e castigo para outros.

1189.— O mal na natureza não he fim, porém occasião, meio, instrumento ou vehiculo para o bem.

1190.— Ha paizes em que a fertilidade material da terra emenda os erros de entendimento do pessoal dos povos.

1191.— De bom ou máo grado vivemos tão bem para os outros, como para nós mesmos.

1192.— A vida humana não he hum bem senão porque se articula com muitas outras vidas e a eternidade.

1193.— Desconfiai de vós, dos homens e do mundo, mas confiai sempre em Deos.

1194.— A paixão de liberdade em muita gente não he mais do que desejo de licença e impunidade.

1195.— Os velhos se deleitão e se entretem com o tempo e o mundo que já passou.

1196.— A virtude he feliz na sua desgraça, o vicio infeliz na sua ventura.

1197.— He aborrecida a nobreza quando predomina a vileza.

1198.— Avistamos de longe o melhor e optimo, rarissimas vezes o alcançamos.

1199.— O que ha de peior nos vicios he que conduzem ordinariamente aos crimes.

1200.— Não toleramos de bom grado a felicidade alheia quando nos reconhecemos por infelizes.

1201.— Se os homens não tivessem alguma cousa de loucos serião incapazes de heroismo.

1202.— Nada desmoralisa mais os povos que o desprezo ou descrença da Religião que professavão.

1203.— As paixões nos gastão, mas os vicios nos consomem.

1204.— Nunca avaliamos melhor os bens da vida, senão quando infelizmente os havemos perdido : somos mas exactos em calcular os nossos males do que em apreciar a nossa propria felicidade.

1205.— O amor da gloria, ou ambição de louvor e consideração geral póde ser hum sonho para os candidatos, mas he de utilidade geral para o genero humano.

1206.— A imaginação não he menos engenhosa em atormentar-nos do que em deleitar e recrear-nos.

1207.— As enfermidades não enfraquecem menos o espirito do que o corpo ; a intelligencia se torna pusillanime e receiosa.

1208.— Hum dos argumentos da racionalidade dos homens he saberem que ignorão : os animaes por certo não tem o conhecimento da sua ignorancia.

1209.— A creatura sensivel e intelligente, que chegou a adorar, amar e admirar a Deos, não póde ser inteiramente mortal : ha nella alguma cousa de divino que sobrevive á mesma morte.

1210.— Quando o tufão derruba huma arvore, na sua quéda a acompanhão todos os animaes volateis e reptis que vivem, se abrigão e tem nella a sua habitação : isto mesmo se observa na mudança ou quéda dos governos e ministerios.

1211.— Somos constituidos para sermos activos, e não sabios; a sabedoria no homem he huma excrescencia monstruosa que de algum modo o separa da humanidade vulgar.

1212.— O scepticismo he hum abismo em que se precipitão ordinariamente os homens de maior saber.

1213.— Com Deos tudo se explica, sem Deos este mundo e o Universo seria mais tenebroso que o mesmo chaos.

1214.— Ainda que nos occupamos muito de nós mesmos, nem por isso nos conhecemos melhor do que aos outros.

1215.— Para o homem brioso e agradecido, os beneficios recebidos vencem juros cada dia.

1216.— Nunca se devem desprezar as advertencias dos pilotos velhos que por muitos annos frequentárão a carreira da vida humana.

1217.— A acquisição de hum amigo leal e constante não he difficil, quando o buscamos na raça animal dos cães.

1218.— A maior loucura politica he ampliar a liberdade a quem não tem sufficiente capacidade para bem usar della.

1219.— Os falsos patriotas, quando galanteão a Patria com os nomes de cara e de querida, pretendem seduzi-la ou desfruta-la.

1220.— Querendo inculcar-nos por doutos ou eruditos, nos tornamos frequentes vezes incommodos e impertinentes.

1221.— Os povos menos illustrados crêm com tanta facilidade nas promessas dos charlatães, como nos milagres das imagens.

1222.— A genuina probidade distingue-se especialmente pela sua constante e escrupulosa exactidão.

1223.— Os velhacos necessitão de mais talentos que os homens probos.

1224.— As nações não envelhecem como as pessoas, porque todos os dias se renovão pelos nascimentos.

1225.— A morte he certa, mas o prazo incerto: se a certeza da primeira nos afflige, a incerteza do segundo nos consola.

1226.— Os soberbos, como os cegos, trazem sempre as cabeças hirtas e levantadas.

1227.— Os erros dos povos são mais graves e desastrosos que os das pessoas.

1228.— Alguns homens ha a quem lhes falta até o talento de ser máos.

1229.— Quando temos o poder, queremos a ordem; muitos para o conseguirem promovem a desordem.

1230.— Avalia-se a intelligencia dos povos pela natureza e variedade dos productos de sua industria.

1231.— O interesse individual he o primeiro elemento da ordem e harmonia social.

1232.— De ordinario os que reclamão mais liberdade são os que menos a merecem.

1233.— A profunda reflexão he tambem hum dos achaques da velhice.

1234.— O melhor governo para os bons he o mais justiceiro; para os máos, o que perdôa e não castiga.

1235.— A guerra mais util aos povos he a que fazem os máos e os velhacos entre si mesmos.

1236.— Os moços tem amenidade porque gozão, os velhos causticidade porque padecem.

1237.— O pai de familia tem muitas vidas; goza e soffre em todas ellas.

1238.— O mundo que he sempre novo para os moços, envelhece para os velhos.

1239.— Ha alguma contradicção em desprezar os homens, e ambicionar a sua approvação.

1240.— O mais activo gastador he ordinariamente o menos habil ganhador.

1241.— Os que mais se queixão são ordinariamente os que menos soffrem.

1242.— Esta vida mal se entende sem huma outra subsequente.

1243.— Huns torturão o seu espirito para grangear dinheiro, outros para o gastar e dissipar.

1244.— Os avarentos são penitentes sem devoção, nem merecimento.

1245.— O anão, quanto mais alto sóbe, mais pequeno se affigura.

1246.— Os povos mais livres são geralmente os mais ingratos.

1247.— O prazer da beneficencia nunca termina com o acto, perpetua-se em nós pela memoria.

1248.— A autoridade he tão poderosa entre os homens, que sustentamos e defendemos com ella as nossas opiniões individuaes.

1249.— O mundo e a vida humana contém incomparavelmente mais mysterios e arcanos para os sabios do que para os ignorantes.

1250.— Tempos ha em que he menos perigoso mentir que dizer verdades.

1251.— O amor extremoso desculpa, quando não louva, os defeitos do objecto amado.

1252.— O arrependimento presuppõe huma pena que receamos ou que já soffremos.

1253.— O avarento esconde o seu thesouro para que o não roubem ; o sabio occulta o seu cabedal para que o não maltratem pessoalmente.

1254.— Poucas das pessoas que condemnamos nos parecerião culpadas, se pudessemos conhecer perfeitamente todas as circumstancias que precedêrão, acompanhárão, influirão ou determinárão a conducta que julgamos digna de censura ou de castigo.

1255.— Nos homens e nações a maior independencia presuppõe superior intelligencia.

1256.— Para o homem brioso e agradecido, os beneficios recebidos vencem juros cada dia.

1257.— Não tomeis o trabalho nem o risco de vingar-vos, he provavel que sejais injusto no vosso desaggravo; consignai á ordem moral a vossa vingança; não ficareis inultos, e esta será justa sem excesso nem defeito.

1258.— A impunidade não salva da pena e castigo merecido ; retarda-o para o fazer mais grave pela reincidencia e aggravação das culpas e crimes subsequentes.

1259.— Os charlatães e os velhacos tem o condão de agradar aos tolos e aos povos : os homens probos e doutos são destituidos daquella impudencia e desembaraço, que attrahem tanto a sua confiança.

1260.— Os homens que intrigão e cabalão para governar os povos, quando não são velhacos, pelo menos são tolos ou imprudentes. Muito mal conhece os homens quem aspira a governa-los !

1261.— Condemnamos irreflectidamente nos moços a vergonha e acanhamento que os defendem de muitos males e perigos, supprindo de algum modo a razão e a virtude que ainda recentes não os podem dirigir e resguardar.

1262.— O mal e o bem não são substancias distinctas, ou entidades reaes, porém modos ou maneiras de sentir em nós, agradaveis ou desagradaveis, aprazíveis ou dolorosas, effeitos da nossa organisação sensivel e impressionavel interior e externamente.

1263.— A grande e presente fermentação e descontentamento dos povos provém com especialidade da suppressão, ou decadencia das idéas e crenças religiosas; o vasio que ella occasiona corresponde a hum abismo.

1264.— Como não ha eventos isolados na plenitude da natureza, as revoluções ainda que appareção de repente são obra e productos de muito tempo, circumstancias e antecedentes.

1265.— Deos he infinitamente maior e melhor do que os homens o imaginão.

1266.— A intelligencia humana derivada da divina, contém alguma cousa da faculdade creadora e productiva da sua origem, o que se manifesta nas obras innumeraveis dos homens, destinadas ao seu uso, commodo, recreação e defesa.

1267.— A liberdade de pensar póde ser illimitada, a de fallar, escrever e obrar deve ser muito restricta e definida; não offendemos com o pensamento mas com as palavras e acções.

1268.— O genero humano progride e se adianta em conhecimentos e intelligencia como se fôra hum só homem que durasse, estudasse e aprendesse por muitos seculos e millenios.

1269.— Poderamos existir eternamente aprendendo sempre, sem nunca se exhaurir a materia do saber : tal he a sabedoria infinita de Deos, a immensidade do espaço e das suas obras!

1270.— O espaço que parece limitado aos nossos olhos, he infinito e immenso para o nosso espirito.

1271.— A nossa vida se exhala como o vapor, e se condensa nos Céos.

1272.— Ampliamos a esphera da nossa sensibilidade, multiplicando as nossas relações domesticas e sociaes, e nos expomos a maiores cuidados e soffrimentos.

1273.— O homem preenche mal o seu destino, quando não passa do mundo concreto ao abstracto, e das idéas sensuaes ás noções geraes e universaes.

1274.— A felicidade sensual consiste na saude, a moral na virtude, a intellectual no estudo da natureza, e a religiosa no amor e temor de Deos.

1275.— Sem os males que contrastão os bens, não nos creriamos jámais felizes por maior que fosse a nossa felicidade.

1276.— Este mundo he hum vasto e complicado labyrintho em que o homem se perde e desatina, se a virtude o não dirige e acompanha.

1277.— O martyrio pelo Céo he santidade, pela terra he sandice ou fatuidade.

1278.— Concebemos sempre mais e melhor do que podemos executar.

1279.— Temos ordinariamente melhor opinião da posteridade que das gerações presentes e contemporaneas; conhecemos os vicios e defeitos destas, e não presuppomos os daquella.

1280.— Julgamo-nos felizes sómente, quando bem comprehendemos como e quanto podemos ser desgraçados.

1281.— Vivemos entre duas eternidades que limitão a nossa existencia, e nos constituem mortaes neste intervallo.

1282.— Os velhos, condemnando as travessuras dos moços, censurão a historia da sua preterita mocidade.

1283.— O que o genero humano sabe he pouco; o que deseja saber, muito; o que ha-de sempre ignorar, infinito.

1284.— Os homens não se tolerão senão porque figurão de tolos frequentes vezes.

1285.— A fortuna sem virtudes he mais desastrosa que a desgraça.

1286.— A alegria do sabio e do justo he interior e serena ; a do ignorante e vicioso , ruidosa e exterior.

1287.— A doçura e belleza das mulheres parecem inculcar que são anjos e seraphins que descêrão dos Céos e se humanárão na terra.

1288.— Os máos se associão com mais frequencia que os bons; reconhecem a sua fraqueza moral na opinião da maioria humana.

1289.— Não nos arrependemos porque errámos ou fizemos o mal, mas porque soffremos ou receamos soffrer em consequencia delle.

1290.— Ninguem he tão máo na acção e na praxe como o póde ser no pensamento.

1291.— Purificai os vossos pensamentos, e as vossas palavras e acções serão tão puras como elles.

1292.— A importancia da riqueza e poder provém da capacidade que conferem aos homens de fazerem muito mal ou muito bem.

1293.— O maior poder provoca ordinariamente o maior abuso.

1294.— Os moços apaixonão-se pelo bonito e lindo, os homens experientes e maduros pelo bello.

1295.— A vaidade he tão frivola e futil que motiva mais riso que compaixão.

1296.— Sempre nos deleitamos mais em fallar do que os outros em nos ouvirem.

1297.— Os homens taciturnos tem innumeraveis occasiões de congratular-se do seu silencio.

1298.— Como o incenso só recende depois de queimado, a gloria dos grandes homens refulge sem eclipse depois de mortos.

1299.— As grandes descobertas são revolucionarias entre os homens, alterão as suas instituições, usos, costumes e opiniões.

1300.— O moço a cavallo prefere galopar, o velho andar a passo; assim a natureza caracterisa as idades.

1301.— As amizades, como as arvores, bem cultivadas produzem copiosos fructos.

1302.— Somos mais vezes instrumentos das circumstancias do que agentes da nossa propria vontade.

1303.— Ganhamos ordinariamente mais em ouvir do que em fallar ; quando fallamos despendemos, quando ouvimos arrecadamos.

1304.— As nações não morrem de velhas, as revoluções as remoção.

1305.— Ha muita gente que se considera infeliz em não alcançar o que a fizera realmente desgraçada se chegasse a conseguir.

1306.— As verdades não parecem as mesmas a todos, cada hum as vê em ponto diverso de perspectiva.

1307.— Muitos homens presumem honrar a sua insignificancia social affectando desprezar os titulos, honras, insignias e empregos que não podem nem esperão conseguir.

1308.— Não lamentamos de ordinario a morte dos outros, senão porque suggere ou desperta a idéa da nossa propria.

1309.— Os preguiçosos mostrão-se algumas vezes muito diligentes para evitar a nota de indolentes.

1310.— O sabio, como a antiga Pithonissa, duvida, estremece e sente violencia no emittir os seus oraculos.

1311.— Como a chuva amollece a terra, o pranto da mulher abranda o coração do homem.

1312.— A gloria humana murcha como a belleza e as rosas, e os nomes dos grandes homens tem tambem de sumir-se no abismo do esquecimento e do nada.

1313.— Os que tirão maior proveito dos empregos são os que ordinariamente mais se queixão do trabalho, cuidados e responsabilidade a que elles obrigão e sujeitão : exagerão os seus incommodos para que se não cobicem as suas vantagens.

1314.— A preguiça he tão verbosa como ociosa.

1315.— O sabio e virtuoso estreita cada vez mais a esphera das suas relações sociaes afim de ter menos occasiões de offender os outros, ou ser por elles offendido.

1316.— O exercicio gymnastico que mais occupa, diverte e incommoda os homens he o de saltarem huns sobre os outros, por cima de muitos ou de todos.

1317.— A probidade por si só pouco adianta os homens, mas assistida de talentos e sciencia he hum meio efficaz e poderoso de pessoal exaltação.

1318.— Subir aos maiores empregos do Estado não he sempre argumento de grandes e distinctos talentos nos promovidos, mas frequentes vezes da consummada estulticia ou velhacaria dos que contribuirão para tão injusta e escandalosa exaltação.

1319.— O medo provem da experiencia e da falta della.

1320.— O desejo insaciavel de sciencia he hum argumento entre muitos da immortalidade da alma, e da subsequencia de huma vida futura.

1321.— Hum dos maiores obstaculos ao adiantamento e promoção das pessoas de grandes talentos e sciencia, he ordinariamente o seu mesmo orgulho ou presumpção.

1322.— A leitura, como a comida, não alimenta senão digerida.

1323.— Ninguem se conhece tão bem como conhece algum dos outros homens.

1324.— Todos allegão razão quando em tudo só se vê paixão.

1325.— Os importunos roubão-nos o tempo, e nos consomem a paciencia.

1326.— O maior trabalho dos que governão he tolerar os importunos.

1327.— A morte desengana sem proveito aos que morrem, e com pouca utilidade aos que vivem.

1328.— Aprendamos da experiencia dos outros; as lições que a propria nos dá, sahem sempre muito caras.

1329.— Homem palavroso e facundo não he seguro no seu trato.

1330.— Se a intelligencia humana he fructo da organisação cerebral, esta de quem he producto ?

1331.— A celebridade do crime perpetua a sua execração.

1332.— A fazenda roubada nunca he bem aproveitada.

1333.— Creamos entidades personalisando abstracções; eis a causa dos nossos maiores erros.

1334.— A ambição nos faz perder frequentes vezes os bens de que gozamos, correndo inutilmente apoz daquelles que cobiçamos.

1335.— O juizo dos homens he tão vario que huns considerão como verdades o que outros reputão disparates.

1336.— Todos inculcão apetecer descanço, quando he verdade que nada cança e incommoda mais os homens.

1337.— Não ha belleza material que não expresse huma idéa, pensamento ou sentimento moral.

1338.— Os velhacos pugnão muito por seus direitos, mas prescindem dos seus deveres.

1839.— Deixemos aos imprudentes a ambição de governar os povos ; cuidem os prudentes em bem governar a si proprios.

1340.— Os escritores e jornalistas não são sanguinarios ; vertem tinta e fel, mas não derramão sangue.

1341.— Facilitemos aos homens pela educação a felicidade moral e intellectual, afim de que menos se occupem da sensual que tantos trabalhos, incommodos, desgostos e miserias occasiona.

1342.— Os imprudentes e estouvados offendem a muita gente, sem intenção nem proposito de offender a pessoa alguma.

1343.— Nenhum senhorio he tão absoluto como o que conferem os povos aos tyrannos de sua escolha.

1344.— Os sabios não dizem tudo, nem o melhor que sabem : receião com razão não serem comprehendidos, mas perseguidos.

1345.— Os velhos, sendo prudentes, são accusados de indifferentes.

1346.— Descobre-se tanto saber no scepticismo dos sabios, quanta ignorancia na credulidade dos nescios.

1347.— Os mais sabios legisladores são aquelles que melhor sabem travar este mundo com o outro, a vida presente com a futura.

1348.— Os homens mais invejosos são ordinariamente os menos invejados.

1349.— O invejoso tem em si proprio o seu algoz, patibulo e supplicio.

1350.— A actividade dos máos se resolve finalmente em seu damno e detrimento.

1351.— A embriaguez habitual se annuncia pelo desalinho pessoal.

1352.— A modestia se contrahe; a vaidade, pela sua expansão, occupa muito espaço de lugar e tempo.

1353.— Como o sol allumia em toda a sua peripheria, o homem deve ser bemfazente em todas as direcções.

1354.— A soberba não he menor nos pobres que nos ricos, mas as necessidades e dependencia dos primeiros a comprimem de maneira que mal se descobre ou apparece muito resumida : he nas revoluções populares que ella faz a sua explosão.

1355.— O nosso espirito esfria e se congela nas companhias que desprezamos.

1356.— Ha tempos calamitosos em que o maior tormento da velhice he tolerar a mocidade.

1357.— Os homens nunca aborrecem tanto o poder nos outros, como quando o cobição mais para si mesmos.

1358.— Aquelle que diz bem de todos, por ninguem deve ser desmentido.

1359.— Declamamos ordinariamente contra os que governão para nos inculcarmos por mais habeis e capazes de governar.

1360.— Cada homem tendo huma vocação especial como huma physionomia privativa, torna-se inutil, incommodo ou nocivo, sendo empregado fóra da sua esphera e propensões.

1361.— Não ha sujeição igual á que soffrem as pessoas bem educadas e polidas na companhia de homens malcriados, grosseiros e vilãos.

1362.— Ninguem conhece melhor os seus interesses do que o homem virtuoso; promovendo a felicidade dos outros assegura tambem a propria.

1363.— Aviltão-se os lugares mais importantes, sendo occupados por pessoas sem prestigio e insignificantes.

1364.— Os vicios dos grandes promovem e de algum modo justificão os crimes dos pequenos.

1365.— Os velhos são ordinariamente mais egoistas e menos philanthropos que os moços.

1366.— Os ignorantes se contentão com possuir o mundo material, sem invejarem as descobertas e conquistas que os sabios fazem no mundo intellectual.

1367.— Vivificamos e racionalisamos o mundo externo e material com a nossa propria intelligencia e vitalidade.

1368.— O futuro he hum theatro em que a imaginação humana faz executar os dramas de sua invenção.

1369.— A morte faz perdoar ou absolve os homens eminentes da sua superioridade ou transcendencia intellectual.

1370.— Fica sem caracter ou perde o proprio quem, para agradar, se amolda aos dos outros homens.

1371.— Os velhos impugnão as modas recentes, e defendem as antigas.

1372.— As recordações mais apraziveis são as do bem que fizemos e dos males que evitámos.

1373.— No laboratorio da natureza, a vida e a morte são os dous grandes productos e instrumentos da sua actividade e operações.

1374.— Alguns homens ganhão por tolos o que outros não alcanção por avisados.

1375.— O futuro desmente ordinariamente os nossos calculos, quando se resolve em presente.

1376.— As revoluções, como os tufões, levantão poeira que cega e faz desatinar a toda gente.

1377.— O progresso dos nescios e velhacos he sempre do mal para o peior e pessimo.

1378.— O futuro he para muitos homens timidos ou prudentes, como as trevas da noite que figurão espectros, e fantasmas colossaes.

1379.— Fama e fome são dous grandes agentes e instrumentos de infamia e gloria.

1380.— A nossa imaginação he mais leviana, extravagante e indecente do que o nosso procedimento.

1381.— O lisonjeiro he hum mentiroso aprazivel e mercenario.

1382.— A modestia he economica, a vaidade dispendiosa.

1383.— O amor da nossa individualidade faz inevitavel o terror da morte que a destróe.

1384.— A inveja para seu tormento exagera o valor dos bens invejados.

1385.— O luxo guarnece os seus devotos do frivolo e superfluo, e depois os entrega á indigencia para os punir com privações.

1386.— A ingratidão collectiva dos povos he punida pela ordem moral por huma pena igualmente collectiva.

1387.— A liberdade da imprensa he talvez o melhor remedio e correctivo do abuso das outras liberdades.

1388.— A avareza he mais hum achaque addicional da velhice.

1389.— Custa menos enganar que desenganar os povos : a sua ignorancia facilita o engano, a sua credulidade difficulta o desengano.

1390.— Desconhecemo-nos frequentes vezes, tão diversos somos de nós mesmos em diversas circumstancias !

1391. — O egoista he aquelle que, referindo tudo a si, não sabe avaliar a dependencia e relações em que está com os outros homens.

1392.— O nosso amor proprio he o maior de todos os sophistas, ninguem defende com tanto zelo e facundia os nossos erros, defeitos e desvarios.

1393.— As vaidades individuaes na sua expansão encontrão huma resistencia reciproca que impede a sua exorbitancia.

1394.— São os homens de maior intelligencia os que vivem mais em hum tempo dado de existencia individual.

1395.— O crer he menos incommodo e penoso que o descrer.

1396.— A ignorancia he prolixa em seus discursos, a sabedoria concisa e resumida.

1397.— A economia do tempo he menos vulgar e mais importante que a do dinheiro.

1398.— De toda a nossa propriedade a mais incerta e menos segura he a propria vida.

1399.— O favor dos poderosos he muitas vezes mais incommodo do que o seu desagrado.

1400.— A crença mais razoada he sempre a mais firme e permanente.

1401.— A privança com os poderosos compromette ordinariamente mais do que aproveita.

1402.— A impunidade promove os crimes, e de algum modo os justifica.

1403.— A grande riqueza para ser tolerada deve manter e divertir os pobres.

1404.— O preguiçoso confia na fortuna, o homem industrioso e probo em Deos, e no seu trabalho.

1405.— A capacidade das intelligencias distingue-se pela facilidade de descobrir relações, achar analogias, fazer abstracções, e generalisar idéas.

1406.— Tempos ha em que os povos não podem tolerar autoridade alguma, outros sobrevém em que chegão a adorar a mesma tyrannia.

1407.— O trabalho por fazer nos incommoda, o feito nos desabafa.

1408.— O motivo ordinario da nossa tristeza he a idéa de algum mal que fizemos ou receamos soffrer.

1409.— He penoso dizê-lo, confiamos menos nos homens á medida que mais os praticamos.

1410.— A genuina virtude não he austera nem sobranceira, mas alegre, amena e jovial.

1411.— Desagrada a todos a dictadura, no saber como no poder.

1412.— O governo de muitos he desgoverno para todos.

1413.— O nosso corpo he todo articulado para que sejamos flexiveis, e possamos dobra-lo e curvar-nos, quando seja necessario.

1414.— O homem que não he exacto não tem palavra, nem probidade.

1415.— O maior sabio da terra fôra aquelle que melhor conhecesse a extensão da sua ignorancia.

1416.— A verdade he simples e luminosa , a impostura composta e mysteriosa.

1417.— Somos faceis em prometter, e difficeis em cumprir; promettemos por sorpreza, e cumprimos com reflexão.

1418.— A benevolencia não he efficaz sem a beneficencia que a completa.

1419.— Tanto cresce o poder dos homens, quanto augmenta o seu saber.

1420.— O Universo corresponde a hum salão immenso de banquete em que todos os viventes são commensaes da Divina Providencia.

1421.— A nossa vaidade atraiçoa e revela frequentes vezes a nossa incapacidade.

1422.— O homem calado faz-se suspeitoso como o embuçado.

1423.— Aggravamos o nosso trabalho e cuidados, augmentando as nossas necessidades.

1424.— A imaginação ora atterra, ora diverte a razão para melhor a dominar.

1425.— A economia he companheira inseparavel da probidade.

1426.— O homem bom espera mais do que teme, o máo receia mais do que espera.

1427.— A inexperiencia da mocidade occasiona a sua originalidade.

1428.— As palavras rendem a força, como os fluidos dissolvem os solidos.

1429.— São calumniados os que não podem ser censurados.

1430.— Não desejamos sómente que os outros homens trabalhem, mas tambem que pensem por nós, e para nós.

1431.— Não he difficultoso governar hum povo religioso.

1432.— Como ha flores que perfumão as ares, ha homens que edificão os povos com seus exemplos e doutrinas.

1433.— A paixão dos moços he desfazer e destruir, a dos velhos reparar e construir.

1434.— A ostentação intempestiva ou importuna de sciencia e erudição, he pedantismo.

1435.— O orgulho do saber he talvez mais odioso que o do poder.

1436.— O perdão conferido aos máos torna complices os que lho dérão.

1437.— A trapaçaria humana diverte e occupa na mocidade, mas enfada, enoja e incommoda na velhice.

1438.— Observa-se em muita gente que melhora de costumes, peiorando de saude ou de fortuna.

1439.— Os mundos tambem são sexuaes : o sol fecunda a terra, e a faz productiva e populosa.

1440.— He tal a mudança e poder das circumstancias, que os mesmos bens que em hum tempo se nos figurão de impossivel acquisição, em outro se facilitão, e vem buscar-nos sem o menor trabalho da nossa parte.

1441.— Os louvores que damos são amigos que grangeamos.

1442.— Vemos os objectos pela luz, e conhecemos a existencia da luz pelos objectos que a reflectem.

1443.— A imprudencia de poucos compromette e incommoda a muitos.

1444.— Os homens que sabem muito dependem pouco ou menos do que os outros.

1445.— O espirito por subtil se evapora, quando o juizo por grave permanece.

1446.— A saude he hum bem de tal importancia que ella só constitue o fundo principal da felicidade humana.

1447.— Muito pouco sabe quem mais se ufana do seu saber.

1448.— A roda da fortuna não he outra cousa mais que a mudança de circumstancias, e variedade dos eventos.

1449.— A protecção dos homens he ordinariamente esteril, a de Deos sempre fecunda de bens e benções.

1450.— A organisação dos corpos individuaes póde servir-nos de exemplo e norma para constituir e organisar os sociaes e collectivos.

1451.— De todos os animaes gregarios e sociaes, os homens são os que mais estudão e menos sabem constituir-se e governar-se.

1452.— Os velhos pelos seus achaques occupão-se tanto de si mesmos, que não lhes resta tempo para cuidarem dos interesses alheios, ou geraes.

1453.— Pouco nos importa saber porque gozamos, mas interessa-nos muito conhecer as causas dos nossos males para os prevenir ou remover : d'aqui provém que a desgraça nos instrue muito mais do que a ventura.

1454.— A esphera da acção do nosso corpo he tão limitada, quanto he vasta e incalculavel a da nossa intelligencia.

1455.— Os ignorantes, porque não conhecem o poder e importancia das relações sociaes, são mais egoistas que os intelligentes.

1456.— Nada conserva e resguarda tanto a saude como a virtude.

1457.— Não appreciamos os grandes homens presentes, respeitamo-los ausentes, e veneramo-los depois de mortos.

1458.— O amor, como hum incendio, quanto maior he, menos atura.

1459.— A vida se usa tanto quanto mais se abusa.

1460.— O que mais esperança e consola os homens no extremo da sua vida, he a doce recordação dos bens que nella fizerão.

1461.— He necessario não ter caracter e opinião propria, para bem viver com os homens e agradar a todos.

1462.— O prestigio do nascimento he de tal natureza, que não se póde comprar, nem vender, trocar ou alienar de modo algum.

1463.— A beneficencia nos confere a virtude magnetica de attrahir os homens e fazê-los contribuir e interessar-se na nossa felicidade.

1464.— O Universo he hum systema immenso de amores de que Deos he o inventor, fonte, causa, meio e fim.

1465.— A posteridade celebra os nomes e obras de muitos homens que desprezaria, se os conhecesse e praticasse pessoalmente.

1466.— A admiração exclue o louvor por diminuto.

1467.— Já não vivemos de graça quando temos estudado e meditado profundamente o mundo, a vida e a natureza humana.

1468.— Chegamos a huma idade em que, fatigados da intriga e trapaçaria humana, preferimos o retiro á companhia e sociedade dos homens.

1469.— Os povos e nações são respeitaveis ou terriveis, menos pelas unidades e parcellas de que se compoem, que pela somma total de todas ellas.

1470.— Os agentes e instrumentos das sedições e insurreições são ordinariamente os loucos, tolos, famintos e velhacos.

1471.— Os homens, dizendo em certos casos que vão fallar com franqueza, parecem dar a entender que o fazem por excepção de regra.

1472.— Quando, em huma idade avançada, rememoramos os eventos da nossa vida, reconhecemos o imperio das circumstancias que os promovêrão, e a acção permanente de huma Providencia mysteriosa que nos assistio com o seu favor omnipotente.

1473.— Feliz, e tres vezes feliz, aquelle que, havendo servido os maiores empregos do Estado, não fez verter lagrimas, nem tomar luto a pessoa alguma !

1474.— Quando escrevemos, fixamos o nosso pensamento, e de algum modo o perpetuamos em nossa vantagem ou detrimento.

1475.— Não devemos estudar profundamente os nossos amigos e conhecidos, hum tal estudo nos poderia levar insensivelmente a desprezo ou aversão para com elles.

1476.— O mundo pertence especialmente ás gerações novas, cheias de seve, energia e força, e não ás velhas, que se destroção em retirada, sem poderem defender a sua possessão.

1477.— O corpo grave e reptil adhere á terra, o espirito volatil e subtil demanda os Céos.

1478.— Não admireis as obras dos homens; subi mais alto, admirai aquella sabedoria infinita que lhes delegou intelligencia sufficiente para as produzir tão engenhosas e variadas.

1479.— A impunidade tolerada presuppõe complicidade.

1480.— Os ricos e poderosos devem ser para os pequenos e pobres, como as montanhas e serras que dão abrigo aos valles, e os fertilisão com as agoas e terra pingue que lhes envião na sua opulencia magestosa.

1481.— Grande e sublime he a idéa da omnipresença de Deos! O infeliz sobterrado em huma masmorra não verte huma lagrima que não seja vista, não exhala hum suspiro que não seja ouvido por quem tudo sabe e tudo póde, o creador e protector indefectivel da humanidade!

1482.— O tempo vôa para quem goza, e se arrasta para quem padece.

1483.— Os anarchistas em hum tempo são os tyrannos em outro, se conseguem governar.

1484.— Personalisamos alguns nomes collectivos, e lhes tributamos huma veneração e respeito que não merecem as individualidades que nelles se comprehendem.

1485.— O pensamento humano, mais subtil e veloz do que a luz, sóbe e se eleva mais alto do que as nuvens, e no seu vôo assombroso transcende as barreiras do Universo visivel, contempla o Infinito e se expande na Immensidade.

1486.— Calamitosos são os tempos em que a insignificancia alcança preponderancia!

1487.— A reflexão he fecunda de verdades, a imaginação de erros e illusões.

1488.— A embriaguez he o refugio ordinario dos máos e viciosos contra os reproches da propria razão e consciencia.

1489.— Ha homens dignamente reputados extravagantes, que blasonão todavia de ser singulares nas suas opiniões e theorias.

1490.— Em materia de amor proprio o mais pequeno insecto não o tem menor que a balêa ou o elephante.

1491.— A estulticia de huns provoca e suscita a velhacaria em outros.

1492.— He muito incommoda para nós, frequentes vezes, a opinião exagerada que os outros homens tem de nossa importancia pecuniaria, mental ou social.

1493.— Os homens, como os polygonos, tem geralmente muitos angulos, faces ou lados.

1494.— Considerar os povos muito racionaes he não conhecer os elementos e unidades de que se compoem, e cuja somma representão.

1495.— Os velhacos não perdoão de bom grado nos outros homens a habilidade de os adevinhar, conhecer e comprehender.

1496.— Hum orgão desconcertado inutilisa a pericia do organista, huma nação anarquisada a dos melhores governantes.

1497.— O amor reparte com a ambição a nossa vida : o primeiro occupa a mocidade, a segunda a outra parte.

1498.— A razão e não menos a consciencia he onerosa a muita gente.

1499.— Os ambiciosos não tem lealdade em opiniões, professão interinamente aquellas que julgão mais efficazes e propicias á sua pessoal exaltação.

1500.— A Fé desobriga a razão de muito estudo, fadiga e applicação.

1501.— Os homens não se vendem de graça, o seu amor proprio lhes marca o preço, mas a concurrencia o rebaixa.

1502.— Quando os povos enlouquecem, festejão, e solemnisão os dias de seus maiores desatinos e ingratidões.

1503.— Ordem, no vocabulario do egoismo, significa proveito pessoal; desordem, damno individual.

1504.— A imaginação he huma louca estouvada que tem a razão por curadora.

1505.— Nas maiores companhias temos a menor liberdade; somos plenamente livres quando estamos sós.

1506.— O principio de que não póde haver acção nem movimento sem deslocação, he applicavel não sómente aos phenomenos materiaes, mas tambem aos politicos e moraes.

1507.— A religião, quando impera no coração dos homens, purifica os seus pensamentos, palavras e acções.

1508.— O luxo da nossa imaginação sobre-excede algumas vezes ao da mesma natureza.

1509.— Os males da vida que fazem melhorar os bons, tornão peiores os malvados.

1510.— Não tem limites a audacia e desembaraço nos velhacos quando se reconhecem bem conhecidos.

1511.— Para colhermos huma verdade tropeçamos em mil erros.

1512.— O jardim das verdades tem altas cercas de espinhos.

1513.— Generalisamos as nossas idéas para simplificarmos os nossos conhecimentos.

1514.— Instruir e divertir os povos deve ser o empenho dos escriptores ; os mais habeis são os que instruem divertindo.

1515.— As opiniões dos homens são ordinariamente obra das circumstancias, raras vezes producto do seu exame e raciocinio.

1516.— A poesia orna os moços, a philosophia illustra os velhos.

1517.— Humilhai o vosso amor proprio, mas respeitai o dos outros.

1518.— O bom legislador distingue e classifica, o máo mistura e confunde tudo.

1519.— Os anarquistas se envergonhão deste nome, e se appellidão republicanos.

1520.— A anarquia he ingrata, proscreve e condemna por fim os seus doutores e promotores.

1521.— A nevoa encobre aos nossos olhos os objectos proximos e remotos, os erros e prejuizos ao nosso espirito as verdades mais importantes.

1522.— As virtudes enriquecem, os vicios empobrecem os homens.

1523.— Hum povo corrompido não póde tolerar governo que não seja corruptor.

1524.— O mal he a pedra de toque dos bens, que faz conhecer os seus valores e quilates.

1525.— A anarquia tem por castigo e correctivo a tyrannia.

1526.— A civilidade, limando e polindo, nos tira a firmeza e solidez.

1527.— A insignificancia he a sepultura das monarquias.

1528.— Os homens de maior intelligencia e juizo são os que mais prezão a vida e temem a morte.

1529.— Não ha tolo constantemente tolo, nem velhaco sem remissão e intermittencia.

1530.— Os governos tornão-se fracos por ignorancia, injustiça e despotismo.

1531.— Na immensidade do espaço todos os pontos são centros, os viventes que os occupão tambem podem reputar-se taes.

1532.— O instincto nos homens enfraquece á medida que a sua razão cresce, vigora e se desenvolve.

1533.— Os sabios fallão pouco, porque pensão e meditão muito.

1534.— A vida he sempre curta para quem esperdiça e não aproveita o tempo.

1535.— A velhice he huma decadencia progressiva cujo limite he a morte.

1536.— Os homens que nada esperão na outra vida, forcejão e trabalhão para gozar e possuir tudo na presente.

1537.— O homem benefico he melhor calculista que o malfazente : a beneficencia do primeiro se resolve finalmente em seu proveito, como os maleficios do segundo em seu detrimento e ignominia.

1538.— Nas revoluções populares aggrava-se o mal dos povos pela retirada, silencio ou reserva dos homens de juizo, prudencia e sabedoria, e a apresentação tumultuosa dos nescios, intrigantes e aventureiros que aspirão a substitui-los nos lugares e empregos do Estado.

1539.— Quem em Deos se esperança tudo alcança.

1540.— Não perguntemos a hum ou a muitos o que convem a todos, seriamos mal informados pelo egoismo dos informantes.

1541.— Não ha verdadeiro heroismo sem religião, ella só he capaz pelo incentivo de hum premio eterno de persuadir aos homens os maiores sacrificios dos bens deste mundo e da propria vida.

1542.— Pensando que nos determinamos a nós mesmos, somos levados de ordinario e insensivelmente pela torrente das circumstancias que nos dominão com hum poder magico e irresistivel.

1543.— Avaliai com exactidão os prazeres da vida para os não comprardes caros com detrimento da vossa honra, saude e cabedal.

1544.— Podemos dizer que espiritualisamos a materia e materialisamos o espirito : no primeiro caso idealisando os céos , a terra e tudo quanto nella se contém ; e no segundo dando figura e corpo aos nossos pensamentos, affectos e concepções moraes e intellectuaes.

1545.— Sê prudente e reservado , mas não mysterioso.

1546.— A religião promette aos homens, para os fazer bons, o que os governos não podem prometter-lhes : huma eternidade de bens com exclusão de todos os males.

1547.— Quando os codigos decretárão por penas dos maiores crimes a privação da liberdade ou da vida reputárão ser estes os maiores bens da existencia humana.

1548.— A leitura deve ser para o espirito como o alimento para o corpo, moderada, sãa e de boa digestão.

1549.— Morremos em hum instante, e tememos a morte por muitos annos !

1550.— Ninguem he mais liberal em louvar os outros homens do que aquelles que são mais dignos de ser louvados.

1551.— Feliz o genero humano se os homens fossem taes como geralmente se inculcão, ou desejão parecer que são!

1552.— O temor do mal excita em nós maior actividade que a esperança do bem.

1553.— A ordem physica tem huma tão intima connexão e correspondencia com a moral, que, pelos phenomenos de huma, se podem explicar sufficientemente os da outra.

1554.— Ha homens que são de todos os partidos, comtanto que lucrem alguma cousa em cada hum delles.

1555.— A austeridade comnosco he virtude, com os outros póde ser tyrannia, injustiça ou imprudencia.

1556.— A gratidão tambem he producto do nosso amor proprio: julgamo-nos desobrigados dos beneficios se nos confessamos agradecidos.

1557.— Os tolos exultão e agradecem, como beneficios, os males e damnos que se lhes faz soffrer.

1558.— Os homens, como os fructos, apodrecem quando estão maduros.

1559.— Ha verdades que, assim como as frutas, são verdes e travão antes de amadurecerem.

1560.— Se não fossemos passiveis não seriamos compassivos.

1561.— Liberdade sem juizo he polvora em mãos de meninos.

1562.— Os tolos antecedem os velhacos, estes não podem existir nem subsistir sem aquelles.

1563.— O telescopio e microscopio são dous insignes demonstradores da omnisciencia e omnipotencia divina.

1564.— O amor proprio he o amigo leal que nunca nos desampara em os nossos maiores infortunios.

1565.— O rei justo vive sem susto, o tyranno pouco tempo he soberano.

1566.— Os povos gostão de mudar de governos, como os escravos de senhores.

1567.— Muito patriotismo na boca, grande ambição no coração.

1568.— Em politica e religião os nescios para seu bem devem crer e não discorrer.

1569.— Vive de maneira que ao morrer não te lastimes de haver vivido.

1570.— Nos nossos votos aos céos, o artigo que mais nos falta he aquelle que menos nos lembra pedir : — juizo.

1571.— A nudez do amor proprio he tão indecente e desagradavel, que recorremos á civilidade para o vestir, ataviar e faze-lo toleravel.

1572.— Quem estudou e conhece os homens não os despreza nem aborrece, ama os bons e lastima os máos.

1573.— Faze guerra a ti só, mas vive em paz com os outros homens.

1574.— Há homens que sobem alto, como os papagaios de papel, impellidos pela viração da fortuna e circumstancias.

1575.— Fazem-se modernamente Constituições para os povos como se farião vestidos para as pessoas sem se lhes tomar a medida.

1576.— Ainda que as honras pareção dever comprehender a honra, esta por desgraça muitas vezes he dellas excluida.

1577.— Não se servem com honra, pericia e integridade os empregos que se alcanção com lisonjas, baixezas e caballas.

1578.— He a vida que nos incommoda e importuna com as suas incessantes requisições e não a morte que de nada necessita.

1579.— A presumpção nos moços promove a sua actividade ; a prudencia, filha da experiencia, os faria inertes e irresolutos.

1580.— Os máos são bons algumas vezes por distracção.

1581.— Para mereceres o nome de forte, respeita e protege os fracos.

1582.— Os instinctos nos animaes, a razão, engenho e os talentos nos homens são inspirações e revelações da Divindade.

1583.— Os homens podem ser felizes por tantos modos e maneiras, que felizmente he quasi impossivel definir a felicidade.

1584.— Dá bons exemplos ao menos, se não sabes dar bons conselhos.

1585.— Não ha pessoa tão feia que não descubra alguma belleza na sua propria fealdade.

1586.— A ignorancia não duvida porque desconhece que ignora.

1587.— He tão natural a variedade de opiniões dos homens, quanto seria extraordinaria e inexplicavel a sua uniformidade.

1588.— Desesperamos dos homens porque não confiamos nem esperamos em Deos de cuja providencia elles são tambem instrumentos neste mundo.

1589.— Os vicios dão mais occupação aos homens do que as virtudes : estas tem poucas necessidades, aquelles innumeraveis.

1590.— Os ignorantes e os povos são os mais tenazes e violentos defensores dos seus proprios erros e preoccupações.

1591.— As pessoas do campo são mais religiosas que as da cidade : ali vê-se a Deos immediatamente nas suas obras, aqui indirectamente nas dos homens.

1592.— A beneficencia alegra ao mesmo tempo o coração de quem dá e de quem recebe.

1593.— Quando pedimos a Deos não nos vem rubor ás faces.

1594.— Os povos são por vezes trahidos por seus delegados como as viuvas, orfãos e ausentes pelos seus procuradores.

1595.— Nunca soffremos gratis : as lições da dôr e afflicção illustrão quasi sempre o nosso entendimento ou melhorão a nossa vontade.

1596.— O instincto moral he a razão em botão, a qual se desenvolve com o tempo, experiencia e reflexão.

1597.— O poder he corruptor : os povos quando se tornão soberanos exhibem algumas vezes as mesmas paixões, vicios e desvarios dos tyrannos.

1598.— Os homens são mais vezes máos por ignorancia que por malicia ou malignidade.

1599.— Partilhamos o louvor que damos sendo justo e merecido.

1600.— Quando evitamos ao occasiões, removemos as tentações.

1601.— O homem mais preguiçoso he ordinariamente o mais invejoso.

1602.— A amenidade do semblante annuncia a bondade do coração.

1603.— Ainda que passamos a vida a invejar-nos, nenhum quereria trocar-se por algum dos outros, cada qual tem suas vantagens privativas e especiaes.

1604.— Assim como o abstracto suppõe o concreto, o moral presuppõe necessariamente o physico e material.

1605.— Não ha protector de mais facil accesso do que Deos : está presente sempre em todo o tempo e lugar para ouvir as nossas deprecações e rogativas.

1606.— Não interrompemos a quem nos louva mas aos que nos censurão, accusão ou contradizem.

1607.— As pessoas que mais temem a morte são ordinariamente as que produzem mais razões e argumentos para provarem que não deve causar medo.

1608.— Os anarquistas se esvaecem quando acabão as revoluções, como as lagartas perecem com a mudança das estações.

1609.— A filaucia dos moços diverte quando não incommoda os velhos.

1610.— Quatro tribunaes nos julgão e nos condemnão neste mundo : o da natureza, o das leis, os da propria consciencia e da opinião publica; podemos escapar de algum mas não de todos.

1611.— Os modernos progressistas são apoucados na sua doutrina do progresso quando o limitão a esta vida mortal, e a este mundo de argilla; deverião amplia-lo á duração eterna dos nossos espiritos susceptiveis de huma accumulação progressiva e indefinida de conhecimentos, idéas e noções sem termo nem limites e por toda a eternidade.

1612.— A solida sciencia não consiste em conhecer sómente os factos, os eventos e phenomenos destacados e solitarios, mas em saber encadea-los com os seus antecedentes, e descortinar os principios e leis da natureza que os determinão e os fazem operar como partes e elementos de huma harmonia universal.

1613.— As menores intelligencias especificão, as maiores generalisão.

1614.— O orgulho ora se veste de burel, ora de purpura ou brocado.

1615.— A impostura e o engano alimentão a muita gente, que não teria emprego e morreria de fome se a verdade surgisse com todo o seu fulgor e dissipasse os erros e illusões do genero humano.

1616.— O Universo material e moral está de tal maneira impregnado da acção e inspirações da Divindade, que os eventos que parecem mais fortuitos tem a sua origem latente nas disposições predeterminadas daquella infinita sabedoria e providencia que véla incessantemente no bem, na ordem e perpetuidade do systema universal.

1617.— São muito raros os homens privilegiados a quem circumstancias especiaes elevárão a hum gráo de saber insolito e extraordinario ; elles deverião ser os directores dos povos, mas infelizmente estes não os sabem comprehender e appreciar, nem elles tolerar os seus caprichos e desatinos.

1618.— He mofina a condição humana ! Morremos quando começavamos a saber viver !

1619.— Nunca falta força a quem sobeja intelligencia : a ignorancia he sempre fraca e impotente.

1620.— Custa mais trabalho a muitos o tornar-se desgraçados do que a outros o fazer-se afortunados.

1621.— O sabio descobre ordem e harmonia onde o ignorante só avista desordem e confusão : o primeiro contempla o quadro inteiro , o segundo apenas distingue huma pequena parte.

1622.— Ha muitos homens que parecem dignos de grandes empregos em quanto os não occupão.

1623.— Cada huma das idades da vida humana tem suas paixões, inclinações e prazeres peculiares : quando queremos alterar ou inverter esta ordem natural, além de infelizes, nos tornamos ridiculos e despreziveis na opinião dos outros homens.

1624.— Ha economias ruinosas, como prodigalidades proveitosas.

1625.— Todo este mundo he hum vasto systema sexual de procreação , propagação , successão , reproducção e perpetuidade das raças e especies de animaes e vegetaes : o amor he o primeiro galan em todos os dramas que se executão no theatro vastissimo deste planeta sublunar.

1626.— As honras e titulos illustrão os indignos e são illustrados pelos benemeritos.

1627.— Vestimos a natureza dos nossos affectos e paixões, ella nos parece bella e aprazivel quando estamos contentes, triste e luctuosa se o pezar ou dôr nos atormenta.

1628.— Somos todos actores e espectadores no theatro deste mundo, cada hum executa diversos papeis no drama da vida humana, e nos damos reciprocamente applausos ou pateadas nas variadas scenas em que somos representantes.

1629.— A philosophia he tão impotente, quanto a religião he poderosa para nos consolar nos males da vida, e determinar-nos a supporta-los com paciencia e resignação.

1630.— Sem previa intelligencia não aproveita a experiencia.

1631.— Póde-se graduar a civilisação de hum povo pela attenção, decencia e consideração com que as mulheres são educadas, tratadas e protegidas.

1632.— Calculamos sempre mal quando prescindimos das circumstancias.

1633.— Tudo o que não tem a consciencia da sua existencia e individualidade não existe para si, mas para aquelles entes que são dotados deste sentimento.

1634.— Não admiramos o que não concebemos, nem comprehendemos : a admiração presuppõe algum conhecimento das excellencias do objecto admirado.

1635.— São innumeraveis as pessoas felizes sem o saberem, ou que o sabem sómente porque lh'o dizem ; isto succede especialmente a quem tem soffrido pouco em sua vida, ou aos que gozão de muitos bens sem lhes custar trabalhos nem cuidados.

1636.— Sabemos qual foi o nosso principio, ninguem sabe qual será o seu fim.

1637.— São bemfeitores da humanidade e promotores do genuino progresso os que resumem em breves sentenças as grandes verdades, regras e preceitos da vida humana.

1638.— As opiniões tem como as frutas o seu tempo de madureza em que se tornão doces de azedas ou astringentes que dantes erão.

1639.— Crer pouco, descrer muito e duvidar infinito, he a condição quasi geral dos homens doutos em todos os tempos.

1640.— Os sabios e os cometas são admirados por excentricos.

1641.— Ha homens tão loucos ou nescios, que qualificão de progresso a libertinagem e desmoralisação nos povos e pessoas.

1642.— Os povos tem sido incommodados em todos os tempos com certos termos abstractos e principios geraes que, entendidos segundo as suas paixões e curta intelligencia, lhes tem occasionado graves males e terriveis calamidades.

1643.— A inveja cobiça os bens e aborrece os que os possuem.

1644.— A lisonja, que corrompe os bons, torna peiores os máos.

1645.— Observando como as flores estão resumidas em seus botões, e abrindo-se alardeão a sua expansão e desatão os seus perfumes, admiramos a plenitude daquella Sabedoria divina, que, ainda nas menores cousas, he sempre infinitamente variada e maravilhosamente assombrosa.

1646.— Somos propensos na mocidade a exagerar pela imaginação os bens que esperamos, e na velhice os males que receiamos.

1647.— A amizade de alguns homens he mais funesta e damnosa do que o seu odio ou aversão.

1648.— A benção dos pais he ventura e cabedal para os bons filhos.

1649.— Com Deos tudo podemos, sem Deos nada valemos.

1650.— Poupai o tempo mais que tudo, o que passou não torna mais.

1651.— Os velhacos talentosos são sempre os mais perigosos.

1652.— A prudencia em demasia se transforma em tyrannia.

1653.— A historia he nada para os povos, a experiencia tudo.

1654.— A intemperança nos arruina, e depois nos entrega á medicina.

1655.— A felicidade consiste em não soffrer : quando não soffremos, gozamos necessariamente.

1656.— Como nos amamos sobretudo, tambem tememos a morte mais que tudo.

1657.— A virtude nunca se maldiz, o vicio e o crime frequentemente.

1658.— Os escritores anonymos são como os mascarados, audazes por desconhecidos.

1659.— A liberdade sem religião se converte em libertinagem e devassidão.

1660.— Vivemos em Deos, com Deos, por Deos e para Deos.

1661.— Os anarquistas mais violentos ou velhacos são nas revoluções os grandes homens dos povos e os seus heróes mais afamados.

1662.— He hum erro constante nas pessoas de maior intelligencia suppôr nos homens mais juizo, saber e probidade, do que elles realmente possuem.

1663.— He facil enganar os homens que não são capazes de enganar a pessoa alguma.

1664.— Nada está mais proximo a nós, nem mais remoto da nossa comprehensão do que Deos.

1665.— A imaginação exagera de tal modo os nossos bens ou males futuros, que nos admiramos, quando chegão, de não corresponderem ás nossas esperanças ou receios.

1666.— O nosso espirito não se retira inteiramente deste mundo, quando deixamos nelle o fruto dos nossos estudos, pensamentos e cogitações.

1667.— As mulheres enfeitão as cabeças por fóra, os homens devem ornar e guarnecer as suas por pentro.

1668.— Se podessemos convencer os homens desta grande verdade, que os bons ou máos pensamentos, palavras e obras tem o seu premio ou castigo correspondente na ordem physica e moral deste mundo, muitos bens resultarião para a felicidade individual e social de tão salutar convicção ; a virtude seria amada e observada como hum meio seguro e infallivel de ser feliz, o vicio e o crime detestados pelos seus effeitos terriveis de pena, dôr, miseria e desgraça.

1669.— Os mundos se movem no oceano immenso do ether como as balêas navegão nos vastos mares da terra.

1670.— A barateza dos governos, como a dos artigos de mercancia, inculca a sua inferior qualidade ou avaria.

1671.— Este mundo he a verdadeira phenix que renasce das suas cinzas e se renova pela morte.

1672.— O Céo não se retrata em agua turva, nem o espirito agitado alcança grandes verdades.

1673.— Os ingratos se esquecem dos beneficios, mas Deos se lembra dos bemfeitores.

1674.— Surgimos de huma Eternidade para entrarmos em outra : a vida humana he huma ponte entre duas Eternidades.

1675.— Quando o pobre não respeita a riqueza, nem o ignorante a sciencia, nem o subdito a autoridade, está perdida a Sociedade.

1676.— A vida, como a flor, he mais bella dobrada que singela.

1677.— Os soberbos não louvão, os humildes não censurão.

1678.— A paciencia he virtude em poucos e fraqueza em muitos.

1679.— Os moços podem differir e disputar, os velhos devem conferir e concordar.

1680.— Quando todos são culpados, todos se accusão ou se excusão.

1681.— Contra as leis da Optica, os grandes homens parecem muito maiores de longe do que de perto.

1682.— Nada mais prezamos quando chegamos a desprezar-nos.

1683.— A ordem publica padece quando se abrem os clubs, e se fechão as igrejas.

1684.— O poeta figura o abstracto, o philosopho abstrahe o concreto.

1685.— Na idade madura mais vezes dissimulamos do que estranhamos.

1686.— A guerra civil póde ser considerada como hum suicidio nacional.

1687.— A anarchia he o estado em que todos tyrannisão, e nenhum governa.

1688.— Homens ha que só brilhão entre os nescios, como os pyrilampas nas trevas.

1689.— Os homens que não se vingão são sempre os mais bem vingados.

1690.— He planta fragil e sem duração a virtude que não tem a sua raiz na religião.

1691.— A virtude consiste especialmente na resistencia a nós mesmos.

1692.— Tem sido muitos os loucos reputados grandes homens.

1693.— A belleza he huma harmonia, qualquer que seja o seu objecto.

1694.— Os conselheiros dos Principes devem ter sciencia, prudencia e consciencia.

1695.— A temperança na fruição lhe prolonga a duração.

1696.— Na velhice com menos vista avistamos mais velhacos do que na mocidade.

1697.— A saude he huma como a verdade, as molestias como os erros são innumeraveis.

1698.— Nas revoluções as subidas são tão acceleradas como as descidas precipitadas.

1699.— Ser cultor da virtude he ter alliança com Deos.

1700.— Os comprimentos desta vida se reduzem ordinariamente a parabens e pezames, boas vindas e despedidas.

1701.— A ventura dos máos tem o brilho e duração do relampago, que precede e annuncia o raio.

1702.— Huns homens são bons porque tem juizo, outros deixão de ser máos por terem medo.

1703.— Os queixosos da vida são amantes arrufados.

1704.— A loucura nos velhos he mais disparatada que nos moços.

1705.— A unidade se destróe quando as fracções se considerão inteiros.

1706.— A imaginação he o recreio dos moços, como a reflexão a consolação dos velhos.

1707.— Os intrigantes persuadem-se que a intriga inculca talentos e capacidade ; a experiencia os desmente : annuncia ignorancia e improbidade.

1708.— Não ha castigo verdadeiramente justo entre os homens, sendo impossivel calcular perfeitamente a sensibilidade e intelligencia dos delinquentes e offendidos.

1709.— Desculpamos os malvados quando os qualificamos de loucos.

1710.— Quando o amor nos visita, a amizade se despede.

1711.— Homens ha como as serpentes que envenenão aquelles a quem mordem.

1712.— As nossas cabeças amadurecem quando encanecem.

1713.— A innocencia he transparente, a malicia opaca e tenebrosa.

1714.— A resistencia enfraquece, a resignação fortalece.

1715.— Para os velhacos a palavra não he meio de manifestar os seus pensamentos, mas de os encobrir e disfarçar.

1716.— Avistamos a Deos em toda a parte, mas não o comprehendemos em nenhuma.

1717.— Lemos no presente, soletramos no futuro.

1718.— Hum throno bem constituido e occupado he a melhor arvore que se conhece para dar abrigo e sombra aos povos e nações.

1719.— Nunca falta materia para o nosso estudo : achamos em nós mesmos hum mundo inteiro para explorar e occupar-nos.

1720.— A belleza he huma Letra que se vence á vista, a sabedoria tem o seu vencimento a prazos.

1721.— Os andaimes nas revoluções compõem-se da peior gente, como nos edificios da peior madeira.

1722.— Não disputeis com loucos, ebrios e nescios ; a victoria não dá gloria, e a derrota he vergonhosa.

1723.— Sêde bemfeitores ainda com o risco de fazer ingratos : a genuina beneficencia escusa e dispensa a gratidão.

1724.— O sabio deve calar-se para não ser maltratado, o ignorante para não ser desprezado.

1725.— Vivemos em tantas vidas e pessoas, que nos sentimos despedaçar quando perece alguma dellas.

1726.— Para bom regime dos povos, os moços devem ser a força dos velhos e estes o conselho dos moços.

1727.— A vida humana he o prologo de hum drama mysterioso que temos de executar por toda a Eternidade.

1728.— O futuro dá muito que entender aos velhos, o presente occupa inteiramente os moços.

1729.— Os Reis devem apparecer aos povos como o sol no horizonte com toda a pompa e gala de sua luz e côres, dourando e branqueando as mesmas nuvens e vapores que procurão eclipsa-lo.

1730.— Congratulemo-nos de saber que ignoramos infinito; teremos de aprender e admirar eternamente.

1731.— Nos velhos a ambição de poder e dominação he comparavelmente mais atroz e violenta que nos moços : estes podem esperar, aquelles não querem perder tempo.

1732.— Talvez desprezassemos a gloria posthuma se não tivessemos algumas esperanças de a lograrmos.

1733.— O que mais incommoda e atormenta a especie humana he querer que os homens e as cousas sejão o que não podem ser, ou deixem de ser o que são por sua essencia e natureza.

1734.— Somos incomparavelmente mais felizes do que pensamos : tal seria o nosso juizo se reflectissemos profundamente na grande somma de bens de que gozamos, e na dos males que não soffremos.

1735.— Todos navegamos no archipelago da vida humana, mas poucos tem em lembrança o porto do seu destino.

1736.— O louvor promove o trabalho do corpo e do espirito; he hum cordial que alenta e vigora as forças e faculdades de ambos.

1737.— Os máos soffrem huma reacção necessaria dos offendidos, e da sociedade que se resente corporal e moralmente das lesões e offensas dos seus membros.

1738.— A medida do nosso saber he o maior ou menor conhecimento que temos da nossa propria ignorancia.

1739.— A alliança da razão com o coração he necessaria e indispensavel na peleja e resistencia contra as paixões.

1740.— Os homens de bem perdem e empobrecem nos mesmos empregos em que os velhacos ganhão e se enriquecem.

1741.— Fazei por merecer os altos empregos, honras e dignidades : ellas virão buscar-vos, ou sabereis escusa-las.

1742.— Os homens serião menos vingativos se não receassem , perdoando as offensas, provocar a sua repetição.

1743.— A soberba exige louvores, a vileza lh'os tributa.

1744.— Deleita tanto ao bemfeitor a presença do beneficiado, quanto a este desagrada a do primeiro : hum faz lembrar a boa acção ; o outro recordar a obrigação.

1745.— Para os sabios he Providencia Divina o que os nescios appellidão fado , sorte , fortuna , acaso e destino.

1746.— A anarchia em alguns paizes he constitucional , tem a sua origem e fundamento nas proprias Constituições.

1747.— O tempo não passa para os que trabalhão, elles o condensão e incorporão nos productos da sua industria.

1748.— A prudencia ou fraqueza dos bons he a causa mais ordinaria da victoria e triumpho dos máos.

1749.— As grandes intelligencias tendem sempre á unidade, as pequenas á pluralidade.

1750.— Não queremos pensar na morte, e por isso nos occupamos tanto da vida.

1751.— Desagradar por bem querer e pensar, he algumas vezes a sorte dos mais honrados subditos e defensores da Monarchia.

1752.— Desapaixonados damos bons conselhos, apaixonados os olvidamos.

1753.— As mortalhas das lagartas vestem os homens de gala.

1754.— A probidade abstem-se de fazer mal, a virtude pratica o bem.

1755.— As mulheres são melhor dirigidas pelo seu coração do que os homens pela sua razão.

1756.— Os homens pensão mais, as mulheres sentem melhor.

1757.— O prazer he para o nescio como o fogo para a mariposa : com tanta imprudencia o procura, que se queima e morre.

1758.— Quando cresce o nosso saber na razão arithmetica, o conhecimento da nossa ignorancia augmenta na razão geometrica.

1759.— Tudo he grande nos grandes homens, — vicios, paixões e virtudes.

1760.— O patriotismo he esteril se o amor da gloria o não exalta.

1761.— Debalde envelhecemos, os nossos desejos remoção sempre.

1762.— Perdemo-nos no abstracto quando nos alongamos do concreto.

1763.— O silencio dos prudentes he frequentes vezes signal de reprovação.

1764.— Argumentação sem proveito he trovoada que não dá chuva.

1765.— Somos como a mosca da Fabula no eixo do coche : pensamos que damos e dirigimos o movimento da fabrica dos eventos politicos, quando rodamos ordinariamente passivos na torrente de suas vicissitudes e revoluções.

1766.— No theatro d'este mundo todos os actores e bailes são mascarados.

1767.— Não nos esqueçamos hum só dia de Deos : o Autor da memoria não se esquece hum só instante de nós.

1768.— Na viagem da vida humana são raras as grandes tempestades , mas frequentes os aguaceiros.

1769.— Vivemos com loucos e entre loucos : he feliz ou muito habil quem póde tratar com elles sem os offender nem ser offendido.

1770.— Povo sem lealdade não alcança estabilidade.

1771.— Quando alcançamos conceber a idéia de hum Ser ou Unidade Infinita e mysteriosa, comprehendendo e animando toda a immensidade, temos chegado á synthese mais sublime a que póde elevar-se o entendimento humano.

1772.— O sabio se compraz em dizer que ignora : o nescio com difficuldade e repugnancia o reconhece.

1773.— Velho que não tem juizo nunca o teve.

1774.— Os tolos admirão os loucos e obedecem aos velhacos.

1775.— He ventura para os bons serem ignorados ou esquecidos pelos máos.

1776.— Os homens honrados e leaes envergonhão-se da sem-vergonha dos traidores e velhacos.

1777.— Homem que diz mal de tudo e de todos para nada presta.

1778.— A razão he a luz do mundo moral e intellectual.

1779.— A vingança deleita projectada, e atormenta executada.

1780.— A Religião ensina a crer, a Philosophia a duvidar.

1781.— Os homens mais obsequiosos em palavras são ordinariamente os menos officiosos em serviços.

1782.— As nações são corpos concretos que não se governão com abstracções.

1783.— A morte he huma crédora inexoravel, que não concede espera nem moratoria aos seus devedores.

1784.— Os que promettem fazer felizes os povos são ordinariamente os que pretendem sê-lo á custa d'elles.

1785.— Tres cousas se não recuperão depois de perdidas : vergonha, lealdade e virgindade.

1786.— No jogo da vida humana os homens baralhão as cartas, mas he Deos que as distribue.

1787.— Quando se quebrão os sceptros, os cajados tambem se rompem.

1788.— A morte, que fecha as portas da vida, abre os portões da Eternidade.

1789.— A morte e as trevas igualão e confundem tudo.

1790.— O caracter da trahição he indelevel : quem foi trahidor huma vez he trahidor por toda a vida.

1791.— Ha paizes em que os homens são avaliados como os papagaios ; os que fallão mais tem maior preço e estimação.

1792.— Os melhoramentos materiaes não precedem, acompanhão os moraes e intellectuaes : a intelligencia dispõe e coordena a materia.

1793.— O Infinito nos assombra, a Immensidade nos circumda e a Eternidade nos espera !

1794.— Confiai na mudança em tudo, desconfiai da permanencia em cousa alguma.

1795.— He dado sómente ao Divino Geometra medir e comprehender a Immensidade.

1796.— As nações não se amão, quando muito se respeitão.

1797.— Antes de prometter e dar devemos deliberar.

1798.— Podemos subtrahir-nos ás vistas dos homens, mas não aos olhos de Deos, mais numerosos do que estrellas tem os céos e flores a terra.

1799.— Muitos se considerão com mais valia do que tem : outros ao contrario desconhecem quanto valem.

1800.— Ha tolos malignos que fazem mais damno e males que os velhacos consumados.

1801.— As revoluções detonão segundo a resistencia que encontrão.

1802.— Quanto menos nos conhecemos, mais nos prezamos e admiramos.

1803.— O perdão dos malfeitores desalenta os bemfeitores.

1804.— Subi devagar, chegareis ao alto sem cançar.

1805.— Os máos procurão alcançar por assalto e violencia os bens que os bons esperão conseguir pelo trabalho, intelligencia e virtudes.

1806.— Observa-se que os presumidos liberaes são ordinariamente os que menos tem que dar e liberalisar.

1807.— A ambição do poder e honras contrariada na mocidade prorompe mais atroz e violenta na velhice.

1808.— A nação he sempre leal ao Principe justo e liberal.

1809.— Encurtamos a vida, afadigando-nos muito mais do que convém para mantê-la.

1810.— As leis se complicão quando se multiplicão.

1811.— São os bravos que devem governar os loucos.

1812.— Os máos contra a sua intenção trabalhão frequentes vezes em proveito e beneficio dos bons.

1813.— Navegamos em hum archipelago de erros e illusões, huma Providencia mysteriosa nos guia para que não naufraguemos a cada instante.

1814.— Sem a loucura variada dos homens não haveria novidade ou variedade notavel nos eventos moraes e politicos deste mundo.

1815.— O pobre preguiçoso murmura do rico laborioso.

1816.— O problema da vida — a morte o resolve em pó.

1817.— Sonhamos dormindo, deliramos acordados.

1818.— A magnificencia encurta a beneficencia.

1819.— Os charlatães e pedantes não perdoão o desprezo que merecem.

1820.— A pobreza orgulhosa explica o cynismo de muita gente.

1821.— As loucuras dos velhos justificão as travessuras dos moços.

1822.— Ha fanfarrões de sciencia como os ha de valor e nobreza.

1823.— Os velhacos nada receião tanto como parecerem transparentes : a opacidade lhes convém mais que tudo e sobre tudo.

1824.— Frio, pobreza e velhice encolhem e apouquentão os homens.

1825.— Podem os bons não alcançar louvores, mas nunca faltão queixas contra os máos.

1826.— Os nescios poderosos armão os seus inimigos e desarmão os seus amigos.

1827.— Ha desenganos tardios que chegão já sem proveito e para nosso maior tormento.

1828.— A força he a razão sufficiente dos tigres e dos malvados.

1829.— A intelligencia revela-se na extensão e pela extensão.

1830.— Os que não sabem ser felizes governados, menos o podem ser governando.

1831.— A decantada civilisação tem multiplicado de tal modo as nossas necessidades e desejos, que para os contentar e satisfazer somos forçados, peiorando de costumes, a sujeitar-nos a maiores trabalhos e cuidados.

1832.— Conhecem-se os homens pelas suas acções, e os governos pela escolha dos seus empregados.

1833.— Se não podemos sommar a Infinidade, nem medir a Immensidade, nem sondar a Eternidade, como poderemos comprehender a Deos Eterno, Immenso e Infinito!

1834.— Os moços devem ser julgados com indulgencia e equidade, os velhos com rigor e severidade.

1835.— Tudo falla na natureza para quem tem ouvidos : não ha movimento, acção, attrito ou resistencia sem algum sonido.

1836.— É prova de pouco juizo em um velho interessar-se demasiadamente nos negocios deste mundo, de que a morte lhe annuncia a retirada.

1837.— Os ignorantes se darião parabens da sua ignorancia se podessem descobrir o turbilhão de duvidas, questões, arcanos e mysterios que torturão e agitão as cabeças dos homens doutos e sabios deste mundo.

1838.— Adular os tolos he um meio ordinario de os desfrutar; os velhacos o empregão efficazmente.

1839.— Os homens são bons por natureza, nem podião deixar de sê-lo sendo destinados pelo Creador a viverem em sociedade, a qual só póde subsistir por amores e virtudes.

1840.— A mentira infelizmente he mais social do que a verdade : a civilidade a ennobrece e recommenda.

1841.— Fallai bem dos vossos inimigos , elles serão forçados para não desmentir-vos a abonar o vosso testemunho.

1842.— Querendo imaginar hum mundo sem males somos forçados a supprimir tambem os bens, fazendo os seus habitantes insensiveis para os tornar impassiveis.

1843.— Tudo he infinito em Deos, e a sua natureza mais que tudo infinitamente mysteriosa.

1844.— Os homens supprem com fabulas as verdades que não podem alcançar.

1845.— Evitamos os contrastes que nos são desfavoraveis : a feia não acompanha a formosa, nem o ignorante ao homem sabio.

1846.— Observa-se nos grandes falladores boa memoria , pouco saber e muita filaucia ou protervia.

1847.— Os animaes tambem gozão , mas não admirão ; o homem intelligente goza admirando, e a sua fruição requinta pela sciencia e reflexão.

1848.— A crença universal e instinctiva do genero humano em huma vida futura , he argumento irrefragavel de sua existencia e realidade.

1849.— O calor nos debates e disputas provém mais do amor proprio offendido que do interesse prejudicado.

1850.— Quem busca a sciencia fóra da natureza não faz provisão senão de erros.

1851.— Os homens insoffridos são os vingadores dos pacientes.

1852.— No theatro d'este mundo, sendo actores em quanto moços, devemos ser espectadores depois de velhos.

1853.— He dos anarchistas que se póde dizer com mais propriedade que procurão dividir para reinarem ou governarem.

1854.— Para não desagradarmos nas companhias devemos frequentes vezes figurar de cegos, surdos, mudos, tolos, nescios, ou idiotas.

1855.— Não podemos separar-nos nem perder-nos de Deos : existimos e vivemos na sua Immensidade.

1856.— Não captivemos o coração nem a razão : para a nossa felicidade devemos sentir e pensar com liberdade.

1857.— O patriotismo mal entendido he egoismo ou idiotismo.

1858.— A civilisação moderna tem reduzido o numero dos tolos, mas augmentado proporcionalmente o dos velhacos.

1859.— Ha numerosos oradores com melhores pulmões do que miólos.

1860.— A vida occupa os que vivem, a morte desoccupa os que morrem.

1861.— O juizo he simples e uniforme, a loucura variada e multiforme.

1862.— Quando Deos quer, o fel se converte em mel.

1863.— O rei que enthesoura, ajunta milhões, mas não ganha corações.

1864.— A intelligencia que procura a Deos o descobre em cada creatura e o admira em si propria.

1865.— O enthusiasmo dos povos tem como o fogo de palha muito fulgor, mas pouca duração.

1866.— Procurais um patrono? tende-lo presente: é Deos, que com dar muito não empobrece, e com durar seculos e millenios não morre: a sua bondade é infinita, e a sua liberalidade inexhaurivel.

1867.— O amor produz mais heroismo nas mulheres que a ambição nos homens.

1868.— O maior thesouro da vida he a esperança e confiança em Deos.

1869.— Todos somos mais ou menos usurarios; damos para recebermos com grande accrescimo e vantagem, n'este ou no outro mundo.

1870.— Ha homens tão mal reputados, que desacreditão aos que elogião, e honrão aos que vituperão.

1871.— Cada homem zelando especialmente o seu interesse pessoal trabalha sem o pensar para o bem geral de todos.

1872.— O homem rico deve considerar-se esmoler e dispenseiro da Providencia Divina para com os pobres e miseraveis deste mundo.

1873.— A ignorancia he audaz, não sabe avaliar o quanto arrisca.

1874.— A ambição tortura e tritura os homens.

1875.— Ousar — em innumeraveis casos he alcançar.

1876.— Os pequenos ambiciosos fraccionão e trinchão os estados para haverem o seu quinhão; os grandes cobição-nos inteiros : os primeiros são anarchistas e federalistas ; os segundos, conquistadores.

1877.— No grande mercado deste mundo os erros se vendem por verdades, e os vicios se inculcão por virtudes.

1878.— Os homens costumados a mandar e ser obedecidos tornão-se depois impacientes e furiosos quando são contrariados.

1879.— Sobe-se igualmente ao throno como ao patibulo : dá-se em ambos ascensão e exaltação.

1880.— Na virtude he necessario perseverar para vencer e triumphar.

1881.— Ordem maravilhosa com apparencias de desordem : eis a solução completa do grande enigma deste mundo.

1882.— A lealdade refresca a consciencia, a trahição atormenta o coração.

1883.— O instincto nos animaes he huma intelligencia sem progresso.

1884.— Ha muita gente má por conta dos outros, e não por sua propria.

1885.— Deos, porque comprehende tudo, he incomprehensivel a todos.

1886.— A vida do sabio he huma perenne oração e correspondencia com Deos.

1887.— Não ha sabedoria, mas póde haver sciencia sem juizo.

1888.— A austeridade dos cynicos he ambição de autoridade.

1889.— Os louvores extorquidos são brevemente desmentidos.

1890.— Nas côrtes, como na natureza, os reptis e lagartas se transformão em volateis e borboletas.

1891.— Povo sem juizo, lealdade e religião, vive sempre em revolução.

1892.— Quem se não receia da liberdade não a merece.

1893.— O possivel para Deos não tem limites : a sua medida he o Infinito.

1894.— Os beneficios que recebemos de Deos a cada instante no exercicio da vida são tantos, que não podemos distingui-los nem enumera-los.

1895.— Não devemos avaliar a nossa felicidade sómente pelos bens que gozamos, mas tambem pelos males que não soffremos.

1896.— Nunca recorremos a Deos em vão : a sua protecção é mysteriosa, mas efficaz e indefectivel.

1897.— A benção dos velhos felicita os moços que a sabem merecer e respeitar.

1898.— Os velhacos ambiciosos se associão com toda a casta de gente, até com os seus proprios inimigos, se nisso esperão vantagem.

1899.— Bemquerer e bemfazer importa muito para bem viver.

1900.— Ha tambem nas democracias hum throno : a anarchia o occupa frequentes vezes.

1901.— A anarchia começa a dominar quando todos pretendem governar.

1902.— A desconfiança he a sentinella da segurança.

1903.— Nunca os sabios se achão mais occupados como quando parecem mais distrahidos e sedentarios.

1904.— A exactidão e verdade acompanhão a probidade.

1905.— Os escriptos juvenis tem ordinariamente o sabor e astringencia dos fructos verdes.

1906.— A virtude, se encurta a liberdade, alonga a felicidade.

1907.— Sempre amanhece tarde para o homem diligente, e muito cedo para o negligente.

1908.— A reputação do velhaco esterilisa a profissão.

1909.— Querendo dar-nos muita importancia, perdemos ordinariamente a pouca de que gozavamos.

1910.— Pouco valem os preceitos e conselhos da sabedoria sem as lições incisivas e penosas da experiencia.

1911.— Os homens parecem extravagantes por loucos ou muito sabios.

1912.— No laboratorio da natureza a vida organisa, a morte pulverisa.

1913.— Ninguem diz tanto mal de nós como a propria consciencia.

1914.— A consciencia para muita gente he uma velha rabujenta, que de tudo ralha e de nada se contenta.

1915.— Os que sabem avaliar as faculdades dos bemfeitores pedem muito ou tudo a Deos, e pouco ou nada aos homens.

1916.— Os povos devem ser governados como quantidades concretas e não entidades abstractas.

1917.— Interessemo-nos pouco, soffreremos menos.

1918.— Somos tão máos calculistas, que raras vezes conseguimos o que esperamos ou desejamos.

1919.— A virtude não teme, o crime estremece a cada instante.

1920.— A previsão do futuro nos faria talvez infelizes no presente.

1921.— A natureza é muda para os nescios, como os livros para aquelles que não sabem lê-los.

1922.— Beneficiai o villão, conhecereis a ingratidão.

1923.— A importancia que ambicionamos na mocidade nos é incommoda e onerosa na velhice.

1924.— Os ingratos e trahidores são tambem máos pagadores.

1925.— O finito e mortal póde só nascer e existir no eterno e infinito.

1926.— A morte para os velhos quanto mais tarda mais se aproxima.

1927.— O velho que não tem prudencia não se aproveitou da experiencia.

1928.— A fecundidade em palavras annuncia esterilidade em obras.

1929.— Os bons podem não ter amigos, aos máos nunca lhes faltão inimigos.

1930.— A conquista das vontades e corações assegura a posse das pessoas e seus serviços.

1931.— O homem silencioso infunde respeito em huns, suspeita e desconfiança em outros.

1932.— O nosso pensamento se divinisa quando pensamos na Divindade.

1933.— São as plantas humildes as que produzem mais bellas flores.

1934.— O castigo dos máos não prescreve : demora-se algumas vezes, para tornar-se mais grave e tormentoso.

1935.— A beneficencia perfeita alcança e comprehende tambem os mesmos animaes.

1936.— O engano geral dos homens que mais contribue para os seus males, consiste em tomarem os meios por fins, e os erros por verdades.

1937.— Quando os loucos e velhacos crescem em numero extraordinario, envolvem e levão no seu turbilhão os homens de maior saber e juizo, e os forção a approvar e applaudir os seus desvarios e disparates.

1938.— Os loucos illudem e desorientão os prudentes : estes não pódem prever, calcular nem prevenir os erros, contradicções e disparates da loucura.

1939.— Governar povos deve parecer negocio de muito facil execução : não ha charlatão, pedante, louco, tolo ou nescio, que não se creia habilitado para tão importante ministerio.

1940.— Congratulemo-nos de ser aborrecidos pelos máos : o seu odio nos extrema e discrimina d'elles.

1941.— Hum profundo conhecimento dos homens nos torna mysteriosos, reservados ou insociaveis.

1942.— Os grandes homens avistão e descobrem ao longe a sua gloria posthuma : esta previsão os consola da inveja, indifferença, desprezo ou presegui-ção dos seus concidadãos e contemporaneos.

1943.— Para não offendermos em nossos escriptos a opinião publica dos contemporaneos, expomo-nos a figurar de tolos e ignorantes na posteridade.

1944.— Os homens parecem exigir que vivamos sempre para elles : todavia, na velhice é justo que vivamos especialmente para nós.

1945.— Este mundo tem duas faces, uma grave, outra burlesca : cada qual o commenta e define conforme se lhe representa.

1946.— A riqueza é um grande bem que nos habilita para darmos e não pedirmos.

1947.— Como o sol doura as nuvens que o eclipsão, o homem virtuoso favorece os mesmos que o maltratão.

1948.— Pequenos, mas frequentes obsequios nos grangeão mais amigos que grandes, porêm raros beneficios.

1949.— Os homens projectão muito e executão pouco : tem mais imaginação e intelligencia do que poder.

1950.— Os anarchistas adulão os povos, como os cavalleiros affagão os cavallos para os montarem sem resistencia.

1951.— Maximas ha que, sendo taes para uns, para outros são sentenças em que se julgão comprehendidos e condemnados.

1952.— A sabedoria confere aos seus cultores uma fruição latente e mysteriosa que os homens vulgares não podem conceber nem comprehender.

1953.— Em politica o futuro é mais tenebroso do que em moral.

1954.— Os povos morgados-da-natureza são como os das familias ordinariamente tolos, ignorantes e vaidosos.

1955.— A felicidade humana será sempre fragil e fugaz em quanto não tiver a sua origem e fundamento no amor e temor de Deos.

1956.— As maximas, conselhos e preceitos pouco aproveitão aos povos; graves males padecidos são os seus melhores preceptores.

1957.— O falso merecimento tem um brilho phosphorico e transiente, o verdadeiro um fulgor solar e permanente.

1958.— Se a ignorancia é feliz em não conhecer a gravidade dos seus males, por outra parte não os sabe prevenir, remover ou remediar.

1959.— São numerosas as pessoas que empobrecem por quererem figurar de muito ricas.

1960.— Na sociedade os interesses e opiniões individuaes encontrão-se, pelejão, capitulão e se harmonisão.

1961.— A liberdade sobeja sempre nos homens; o que lhes falta é juizo.

1962.— Os fracos reclamão tolerancia, os fortes a recusão.

1963.— É mais facil inculcar boas doutrinas que instruir com bons exemplos.

1964.— A simplicidade affectada é refinada velhacaria.

1965.— O tempo nada produz, mas tudo se forma no tempo e com o tempo.

1966.— Aquelle que mais pensa e reflecte goza e soffre mais que os outros.

1967.— Ha grandes bens que, para serem duraveis, devem ser precedidos de graves males.

1968.— Quando os homens se desigualão, então se harmonisão.

1969.— A natureza não sabe copiar; quanto gera e produz é tudo original.

1970.— Quem arma os seus inimigos, a si proprio se desarma.

1971.— Ainda que nos faltão meios, sempre nos sobejão desejos.

1972.— Deve suppôr-se má toda a acção que não queremos que chegue á noticia e conhecimento dos outros homens.

1973.— Em Deos precedeu a concepção ideal á execução objectiva do Universo, e suas partes : os homens não podem elevar-se ao ideal senão pelo concreto e material desta fabrica assombrosa.

1974.— Os nossos desejos e esperanças murchão e cahem geralmente como as flores, sem vingarem fructos.

1975.— As maximas são como os numeros, que comprehendem grandes valores em bem poucos algarismos.

1976.— Anarchisar para governar é o programma da gente louca e ambiciosa em todos os tempos.

1977.— A franqueza tão reclamada, quando effectiva desagrada.

1978.— Fazei fallar o povo, os sabios se calaráõ.

1979.— A reforma dos costumes nos povos depravados deve começar pela dos seus preceptores, doutores e litteratos; são estes os que ordinariamente os tem corrompido com suas doutrinas e máos exemplos.

1980.— Tendo a Deos por nós, quem poderá contra nós ! o Autor da intelligencia e da força é o nosso maior e melhor alliado.

1981.— Devemos na mocidade fazer provisão para a velhice de idéas, verdades, desenganos e bens da fortuna.

1982.— Acompanhai a virtude, e chegareis á felicidade.

1983.— Vale mais ser invejado que lastimado.

1984.— Quem não tem medo, vive sem resguardo e acaba cedo.

1985.— Nunca falta um cão que nos ladre, nem um Zoilo que abocanhe os nossos escriptos e nos accuse de plagiarios.

1986.— A sciencia medica ensina a curar os doentes, a arte da guerra a matar os sãos.

1987.— Tratai bem ao villão, elle vos maltrata : tratai-o mal, então vos acata.

1988. — É mais toleravel um moço imprudente que um velho impertinente.

1989.— A gloria humana bem ponderada nunca vale quanto custa.

1990.— A retribuição ordinaria dos povos pelos maiores beneficios recebidos é a ingratidão.

1991.— A nossa cabeça é a officina da cogitação, como o nosso estomago o laboratorio da nutrição.

1992.— Generalisar e abstrahir é simplificar e espiritualisar.

1993.— A ingratidão descobre o villão.

1994.— As côres pódem harmonisar-se, mas nunca identificar-se.

1995.— A fortuna por inconstante esperança tanto o desgraçado como intimida o afortunado.

1996.— As esmolas não desfalcão a riqueza, antes a promovem e sanctificão.

1997.— Bem merecem o somno da noite os que aproveitão utilmente as horas do dia.

1998.— Tudo na natureza desmente o atheo, até a sua propria existencia e argumentação.

1999.— Se podessemos chegar a um certo gráo de sciencia e sabedoria, nos tornariamos impassiveis e impeccaveis.

2000.— As velhas não tem amantes, os velhos não tem amigos : recorrem todos aos céos porque a terra os desampara.

2001.— A velhice é talvez menos penosa pelos males que soffremos do que por aquelles que receamos.

2002.— Não confieis os vossos interesses de um tolo, aventurai-os antes de um velhaco.

2003.— Os velhacos não desenganão os tolos para não perderem o seu patrimonio.

2004.— O sabio desabafa escrevendo, o nescio maldizendo.

2005.— Quem não é grato, menos será pagador exacto.

2006.— São dous grandes preservativos de males, a vergonha na mocidade, e a prudencia na velhice.

2007.— A bondade é inseparavel da sabedoria : podemos ser bons sem ser sabios, mas ninguem é sabio que não seja bom.

2008.— Uns vicios excluem outros, como umas paixões deslocão outras.

2009.— A nossa existencia neste mundo não é fortuita, mas preordenada pela Infinita Sabedoria de Deos, para nossa felicidade e exercicio perpetuo de sua eterna beneficencia.

2010.— O negocio dos velhacos é de segredo; conhecido, está perdido.

2011.— A realidade nunca dá quanto a imaginação promette.

2012.— Sabemos melhor queixar-nos que agradecer.

2013.— Homens ha que valem muito mais que a sua reputação; o seu silencio, retiro, modestia e reserva não deixão distinguir toda a extensão do seu merecimento, saber e virtudes.

2014.— Não devemos gozar para soffrer, mas soffrer para melhor gozar.

2015.— Não devemos proferir palavras nem fazer acção alguma de que nos envergonhemos ou possamos arrepender-nos : o prazer ephemero de semelhantes ditos e actos não compensa os desgostos que depois sentimos, e as exprobrações amargas da consciencia que os condemna.

2016.— Os malvados são tambem inclusivamente loucos.

2017.— Qualificamos de desengano o que frequentes vezes não é mais que um novo engano.

2018.— Não conhecemos o mundo externo como elle he em si, mas como o sentimos formulado pelos nossos sentidos, e pelas leis da nossa percepção e intelligencia.

2019.— O amor de Deos differe muito do profano; este nos enerva e consome; aquelle conforta, esperança, e nos confere huma força, confiança e vitalidade sobrenatural, mysteriosa e incomprehensivel.

2020.— O theatro deste mundo he o de maior variedade possivel : dramas, scenario, actores e espectadores, tudo varia e se succede com tanta rapidez e novidade, que para uns he objecto de terror e espanto, e para outros de estudo e admiração.

2021.— É bom consultar a opinião publica, não é seguro confiar nella.

2022.— A soberba não perdoa, a humildade não se vinga.

2023.— Os velhacos açulão os loucos, os tolos applaudem a todos.

2024.— Os que mais ambicionão os altos empregos são ordinariamente os que menos os merecem.

2025.— Dão-nos mais sujeição os amigos novos do que os velhos.

2026.— A paixão calcula quasi sempre mal, a razão poucas vezes bem.

2027.— É duvidoso se soffremos mais pela propria ignorancia ou pela dos outros homens.

2028.— O pranto na ventura é como a chuva no verão, raiando o sol.

2029.— Trabalhando para a nossa gloria posthuma a anticipamos de algum modo, e nos deliciamos em tão aprazivel esperança.

2030.— A sciencia em um velho aloucado aggrava a sua insania e multiplica os seus desvarios.

2031.— A misanthropia limita-se aos homens, não comprehende as mulheres.

2032.— A vergonha córa as faces, o medo as desbota.

2033.— Os dous sexos não são antagonistas : um é o complemento do outro.

2034.— A avareza promove a temperança e aconselha a dieta.

2035.— Tudo póde o nosso amor proprio perdoar aos velhacos, menos a philaucia de se reputarem impenetraveis e incomprehensiveis.

2036.— Occorrem lances de dôr e afflição na vida em que nos reconhecemos com mais força e resolução para suporta-los, do que haviamos imaginado antes da sua invasão.

2037.— O mundo he lugar desmesurado para o nosso corpo, porém muito diminuto para o nosso espirito : este viajor infatigavel se abstrahe e passeia frequentes vezes na Immensidade do espaço.

2038.— Os que blasonão de não ceder nem vergar são como as estatuas de pedra ou bronze, que, por materiaes e inanimadas, não se curvão nem se dobrão.

2039.— A prova da excellencia de um bom livro é algumas vezes a escassez dos louvores conferidos ao seu autor.

2040.— A melhor philosophia he aquella que ensina, como a religião, a amar a Deos sobretudo e aos homens como a nós mesmos.

2041.— A velhice he sempre respeitavel ; annuncia huma longa e victoriosa campanha da vida contra os males innumeraveis que a destróem.

2042.— Vivemos simultaneamente em dous mundos, hum real, outro fantastico ou ideal : este nos occupa mais do que o primeiro, e occasiona como por encanto muitos dos mais notaveis acontecimentos que observamos.

2043.— Os grandes homens não sabem dissimular as suas opiniões e sentimentos, e os revelão ordinariamente com risco da propria vida e fazenda.

2044.— Quando morremos para a vida nascemos para a Eternidade.

2045.— Os que menos sabem governar-se são ordinariamente os que mais ambicionão governar os povos.

2046.— Os moços gostão dos velhos que se parecem com elles em leviandade, imprudencia e estouvamento : com tal autoridade e exemplos se julgão justificados.

2047.— O trabalho como o tempo se matêrialisa e incorpora nos productos da industria e intelligencia humana.

2048.— As intelligencias se communicão por corpos organicos, que lhes servem de involucros, instrumentos e conductores.

2049.— Os poderosos da terra não podem tolerar a verdade sem o condimento e especiaria da lisonja.

2050.— Livros ha que quanto mais se lêem mais se admirão : são producções substanciaes de profundo saber e experiencia.

2051.— As disputas scientificas servem ordinariamente mais para demonstrar a nossa ignorancia do que para comprovar o nosso saber.

2052.— O applauso dos tolos e nescios é assuada para os homens graves e illustrados.

2053.— Começamos a conhecer os homens quando principiamos a desconfiar do seu juizo, saber e probidade.

2054.— Este mundo é propriedade de todos os viventes, e com especialidade dos mais intelligentes.

2055.— Como as plantas e arbustos guarnecem as ruinas dos edificios nobres, os filhos e netos ornão a velhice dos anciãos illustres.

2056.— Os males das provincias tem ordinariamente a sua origem na insania e desvarios do sensorium das capitaes.

2057.— Tudo no Universo é ordem e harmonia : os entes que melhor o reconhecem são os mais sabios e intelligentes.

2058.— O Fado ou Destino dos pagãos é a Providencia dos christãos.

2059.— Os loucos, tolos e nescios tem a vantagem de não soffrerem os males antes que cheguem : os homens prudentes e de juizo os padecem anticipadamente pela sua previdencia e reflexão.

2060.— Os homens serião muito infelizes se Deos annuisse a todos os seus votos e deprecações.

2061.— Vestir e formular dignamente um pensamento é muito mais difficil que concebe-lo.

2062.— A ambição encanecida torna-se mais feroz e homicida.

2063.— Devemos gozar singello para não soffrermos dobrado.

2064.— É terrivel a idéa da morte para quem muito goza, muito possue e muito ama.

2065.— Os anarchistas e desordeiros não tem systema : a desordem não póde ser systemada.

2066.— A felicidade das creaturas intelligentes cresce e avulta proporcionalmente com a noção progressiva que concebem de Deos e seus divinos attributos.

2067.— Adular é negociar para muita gente.

2068.— Os homens preferem a tudo a patria propria : cada passarinho acha bonito o seu ninho.

2069.— Ninguem goza tanto deste mundo como aquelle que melhor o conhece e admira.

2070.— Os tributos mais gravosos são os que a vaidade e a moda nos impoem.

2071.— A curiosidade se apascenta de noticias, e o mundo é um theatro de novidades.

2072.— Os beneficios morosos tornão-se rançosos.

2073.— O bom governante he aquelle que melhor sabe conciliar os caracteres diversos e contrarios dos homens, como o habil compositor de musica harmonisa os sons discordes e oppostos dos instrumentos e vozes.

2074.— A loucura nos homens é tão versatil e variada, que os prudentes em seus calculos não podem comprehender todas as suas especies e variedades.

2075.— Os sabios recusão o poder, os loucos o cobição.

2076.— O governo dos tolos é tambem o dos velhacos, seus accessores e confidentes.

2077.— Lemos em Deos quando estudamos e observamos a natureza.

2078.— Quem emprega e se serve de um traidor a si proprio se atraiçoa.

2079.— Desmentimos ordinariamente na pratica as doutrinas e theorias que professamos, quando as temos adoptado por moda e sem criterio, e não são productos da propria lavra, estudos e meditações.

2080.— A genuina lealdade é calumniada e proscripta quando os traidores alcanção o poder e autoridade.

2081.— A inveja a ninguem enriquece ou ennobrece.

2082.— A superfina civilisação é superlativa escravidão.

2083.— Ha uma bondade imbecil que se confunde muitas vezes com o idiotismo.

2084.— Em amor e crença nada vale o mandamento.

2085.— As crianças são acalentadas por dormirem, e os homens enganados para socegarem.

2086.— É triste a condição do sabio entre ignorantes e do homem probo entre velhacos.

2087.— O homem inconstante differe de si proprio a cada instante.

2088.— Com mais facilidade aconselhamos e consolamos do que esmolamos.

2089.— Os povos não sabem amar nem aborrecer, e muito menos agradecer.

2090.— Tudo temem os delinquentes, nada receião os innocentes.

2091.— Todos tem olhos para ver e prezar a formosura, poucos intelligencia para avaliar e admirar a sabedoria : esta vence com o tempo, aquella triumpha apparecendo.

2092.— A vida tudo enfeita, a morte desfigura tudo.

2093.— Tolerão de bom grado todas as religiões os que não professão alguma.

2094.— O bafo dos jacobinos pollue os thronos e marasma os imperantes.

2095.— As injurias lembrão sempre quando os beneficios esquecem.

2096.— Pouca intelligencia dirige, coordena e senhorêa muita força.

2097.— O tempo é um capital muito importante para quem o sabe administrar e aproveitar convenientemente.

2098.— Ha velhos monstruosos que reunem os vicios, paixões e desvarios da mocidade com os da velhice, e requintão em todos elles.

2099.— Os tolos nos incommodão, os velhacos nos prejudicão.

2100.— Os louvores comprados são como taes avaliados.

2101.— A lisonja foge da desgraça, a verdade a frequenta.

2102.— Ha huma douta ignorancia que è mais funesta aos povos do que a ignorancia illiterata.

2103.— É nos theatros que os homens chorão e se riem de si proprios sem o pensarem.

2104.— As saudades crescem e avultão com os annos, e são innumeraveis na velhice.

2105.— A sabedoria é o maior premio na loteria da vida humana : o sabio goza mais que ninguem, porque tambem ama, conhece e admira a Deos melhor que os outros homens.

2106.— Os anarchistas se revelão pelos seus discursos, como as cobras cascaveis pelo seu tinido.

2107.— Como as flores enfeitão a terra, os astros abrilhantão os campos da immensidade.

2108.— A aranha fabrica a sua têa para viver, a lagarta a sua mortalha para morrer.

2109.— A inveja ambiciosa desdenha o que mais cobiça.

2110.— A noite cobre um mundo e descobre innumeraveis outros.

2111.— Ha homens-insectos destinados a pungir, importunar e incommodar os outros homens.

2112.— A alteza dos pensamentos annuncia a nobreza dos sentimentos.

2113.— É muito incommoda ou antes intoleravel a amizade com pessoas nimiamente ceremoniosas, que fazem alarde de uma civilidade superfina e refinada.

2114.— É impossivel e incompativel a existencia de um chaos com a de Deos.

2115.— Tudo quanto nos circumda limita a nossa liberdade, esta he sempre menos real do que ideal : o homem em sociedade he hum escravo que se imagina livre, e não póde sê-lo quanto presume, por sensivel e passivel em infinitas relações.

2116.— O conhecimento do presente e passado nos é util : a previsão do futuro nos faria talvez muito infelizes.

2117.— Quando subimos a Deos pela oração, descemos abençoados pela sua divina mão.

2118.— Eventos ha que por anticipados se tornão desastrosos : serião felizes se chegassem maduros na ordem natural dos tempos e das cousas.

2119.— A cultura da rasão pelo estudo, exame e reflexão, póde conduzir-nos a hum gráo de saber que nos ponha em contradicção com as opiniões vulgares : n'este caso, devemos ser prudentes, evitando disputas, e esperando do tempo a madureza das verdades.

2120.— Nos amphitheatros da antiguidade brigavão os animaes para divertirem os homens, presentemente nos salões parlamentares rixão os doutores para entreterem os nescios.

2121.— Os homens e povos, quando arremedão os outros, de algum modo se desfigurão, tornando-se caricaturas.

2122.— Em materia de religião a força póde fazer hypocritas, mas nunca verdadeiros crentes.

2123.— Não é boa a vista que mostra os objectos dobrados, nem seguro o entendimento que exagera as opiniões e doutrinas.

2124.— Ha hum orgulho nobre e magestoso que descobre os herões, os sabios e os homens justos.

2125.— A trahição se disfarça muitas vezes com os trajos da lealdade, como o egoismo com a mascara do patriotismo.

2126.— Ha grandes verdades que avistamos de longe, e que desapparecem quando as queremos reconhecer de perto.

2127.— A felicidade sensual he a mais incompleta de todas : não póde subsistir sem o contraste e especiaria dos males.

2128.— A vida tem hum valor sem par para os que a sabem gozar e apreciar.

2129.— Os velhacos são máos calculistas, professão huma occupação que se esterilisa pelo seu mesmo exercicio e publicidade.

2130.— O que os doutos ganhão por seus escriptos, perdem frequentes vezes pela sua presença e trato familiar.

2131.— A audacia dos anarchistas he prodigiosa : ousão muito porque nada aventurão e esperão tudo.

2132.— Folgamos de ser enganados com boas promessas e esperanças, ainda quando suspeitamos que não sejão realisadas.

2133.— O egoismo he mal succedido nos seus calculos e esperanças ; não sabe avaliar a resistencia que necessariamente deve encontrar, referindo tudo a si, e prescindindo dos interesses dos outros homens.

2134.— A idade de ouro não foi a primeira, ha de ser a ultima das idades do genero humano.

2135.— Os ricos affectão de pòbres para não serem importunados, os pobres de abastados para alcançarem credito e confiança.

2136.— Os velhos são injustos com os moços quando exigem delles qualidades moraes que a idade, estudo e uma longa experiencia podem sómente conferir-lhes.

2137.— Juizo he a intelligencia pratica e experimental que nos faz conhecer e alcançar os bens e evitar os males da vida.

2138.— Defendemos em hum tempo as mesmas opiniões que combatemos em outro : os annos modificão o nosso entendimento como alterão a nossa physionomia.

2139.— A ambição de sciencia he tão serena e aprasivel em seu processo e meios quanto a do poder e honras he violenta e tormentosa : a primeira tem sabedoria por objecto, a segunda a dominação ou tyrannia

2140.— He incalculavel o gráo de virtude a que os homens poderião chegar se cressem em Deos e o amassem como a natureza o revela, e não como as opiniões humanas o representão.

2141.— Os votos dos homens sendo pela maior parte imprudentes, não admira que sejão desattendidos e rejeitados pela bondade e justiça da Divindade.

2142.— O amor sexual é a primeira e principal origem de todos os outros amores naturaes e sociaes.

2143.— As substancias que não resistem são as que penetrão mais profundamente, e dissolvem os corpos mais solidos e compactos.

2144.— Como entre os povos e nações, ha tambem guerras, tregoas e pazes entre as opiniões dos homens.

2145.— Os homens recommendão e inculcão seus vicios por virtudes : o avarento se diz economico, e o prodigo liberal.

2146.— A escravidão avilta o escravo e barbarisa o senhor.

2147.— Os tolos e nescios servem de escadas para os velhacos subirem e os opprimirem.

2148.— Todos os vicios e paixões tem o seu martyrologio profano.

2149.— Todos nos enganamos reciprocamente humas vezes de boa fé, outras sem ella.

2150.— Quem não faz sacrificios não alcança beneficios.

2151.— Se podessemos conhecer e prever o futuro, não seriamos livres.

2152.— Passei e vi o máo exaltado e triumphante, regressei depois, e já não achei vestigios da sua existencia abominosa.

2153.— A vida e a morte, o bem e o mal, ambos se balanção e hermonisão para a renovação, conservação e perpetuidade d'este mundo planetario.

2154.— Homens ha que parecem fadados a trabalhar incansavelmente para se fazerem desgraçados.

2155.— O martyrologio politico vai sendo muito mais volumoso que o religioso.

2156.— Alcançamos mais victorias calando do que fallando.

2157.— Homens! aprendei a vencer-vos e triumphareis de todos.

2158.— A virtude e lealdade se retirão quando o crime e traição alcanção premios.

2159.— Perpetuamos a nossa vida em nossos filhos, obras e escriptos.

2160.— Os moços tem sufficiente força material para destruirem, mas insufficiente pericia intellectual para construirem.

2161.— Quando vos louvarem, louvai immediatamente a Deos, que vos conferio qualidades dignas do louvor dos homens.

2162.— A tyrannia no singular he menos gravosa que no plural.

2163.— O Universo natural e concreto he obra de Deos, o mundo abstracto creação dos homens e origem dos seus maiores erros.

2164.— Sabemos que ignoramos, mas he impossivel que conheçamos o quanto.

2165.— As pessoas que mais se occupão de politica, governos e suas diversas formas, são ordinariamente as que menos sabem reger-se e governar-se.

2166.— A vida he hum bem tão precioso, que os velhos, gozando menos que os moços, são os que melhor a sabem prezar e avaliar.

2167.— Quantos milhares ou milhões de vidas não custa a mantença da nossa propria! vivemos de cadaveres, e nos queixamos da morte!

2168.— Homens ha que tem huma celebridade ephemera como a das modas: figurão e desapparecem em pouco tempo.

2169.— Onde se não preza a honra se desprezão as honras.

2170.— O medo he hum dos maiores e mais efficazes elementos de ordem e harmonia sociaes.

2171.— Ha na ventura huma expansão ou dissipação que nos enerva e debilata, como na desgraça huma certa concentração que nos alenta e fortalece : na primeira pertencemos ao mundo externo, na segunda a nós mesmos solidariamente.

2172.— Se não houvessem loucos e imprudentes, grandes empregos ficarião vagos em certas crises e circumstancias.

2173.— Os máos tem a imprudencia de se accusarem reciprocamente, para cautela, resguardo e apercebimento dos bons.

2174.— A terra verde esmaltada de flores, e o céo azul abrilhantado de estrellas, ambos concordes annuncião e proclamão a gloria, magnificencia e magestade de seu Creador Omnipotente.

2175.— Os anarchistas modernos se servem com vantagem das doutrinas do federalismo para desunir e soberanisar as provincias, desconjuntar os estados e acabar com as monarchias.

2176.— Quando chegamos a amar e admirar a Deos, as flores nos parecem mais bellas sobre a terra, as estrellas mais brilhantes nos céos, e à natureza, toda radiosa de alegria e magnificencia, mais nos encanta com suas maravilhas assombrosas.

2177.— Os publicistas modernos ensaião constituições nos povos, como as meninas enfeites e vestidos nas suas bonecas.

2178.— A escravidão he o tributo que a ignorancia paga á força dirigida por maior e melhor intelligencia.

2179.— Os legados de engenho e sabedoria deixados ao genero humano são os mais seguros monumentos para perpetuar a nossa memoria e renome nos seculos futuros.

2180.— Muito poucas das nossas esperanças se realisão, contamos com circumstancias que não occorrem, ou se alterão, ou se coordenão por diverso modo do que pensavamos.

2181.— Os rouxinóes emmudecem quando os jumentos ornejão.

2182.— Ninguem deve recear-se tanto da desgraça como aquelle que se acha elevado á maior ventura.

2183.— He muito precaria a felicidade que depende dos outros e não tem a sua nascente em nós mesmos.

2184.— O Universo he a manifestação objectiva da infinita sabedoria, poder, bondade, justiça e providencia de Deos, seu autor e creador.

2185.— Ninguem se gaba de ter juizo ou virtude: todos sabem que cada qual presume o mesmo de si, e não o acredita facilmente dos outros.

2186.— He na velhice que se sabe melhor avaliar e apreciar saude, sciencia e riqueza.

2187.— As flores mais bellas não são as mais cheirosas, nem as aves que cantão melhor as mais vistosas.

2188.— Sêde economicos e poupados, o que hoje despendeis em bagatellas faltar-vos-ha amanhãa para o necessario.

2189.— Em politica os remedios brandos aggravão frequentes vezes os males e os tornão incuraveis.

2190.— Abstemo-nos muitas vezes de investigar as causas dos nossos males pelo receio de achar-nos culpados reconhecendo que os havemos merecido.

2191.— Gozar admirando e reconhecendo a divina beneficencia he o privilegio especial dos homens sobre a terra.

2192.— Debaixo de huma apparente desordem e confusão tudo he ordem e harmonia, na terra entre os viventes, como nos céos entre as estrellas.

2193.— Quem não tem medo, não tem juizo : falta-lhe o conhecimento dos males, o que muito importa na sciencia humana.

2194.— A morte he mais penosa para quem vê morrer do que para aquelles mesmos que perecem agonisando.

2195.— O facto ou phenomeno mais assombroso sobre todos he a harmonia do bem e do mal no systema universal da natureza.

2196.— Tudo tende á unidade : a sua falta he anarchia.

2197.— Huns são loucos por falta de juizo, outros o parecem por seu excesso ou transcendencia.

2198.— Faltando os bons costumes, multiplicão-se as leis e com ellas as transgressões.

2199. — A velhice nos homens he respeitavel, nas mulheres desagradavel.

2200.— A fonte dos beneficios se estanca nos homens, em Deos he eterna, infinita e inexhaurivel.

2201.— Não admira que os nescios se considerem muito sabedores : elles tem a vantagem de desconhecer que ignorão.

2202.— A intelligencia se objectiva e manifesta na extensão : ambas se harmonisão e constituem o Universo.

2203.— O temor das potencias invisiveis contribue mais do que se pensa para o respeito e obediencia ás visiveis deste mundo.

2204.— Fallando bem dos outros fazemo-nos amar; maldizendo, temer ou aborrecer.

2205.— Dissolvei os odios com beneficios, e tereis por amigos os vossos proprios inimigos.

2206.— Podem-se reduzir todas as paixões a duas, amor e odio, e estas a huma unica, o amor proprio ou amor de nós mesmos, principio e fim de todas as nossas appetencias e aversões.

2207.— Anticipamos as épocas quando publicamos verdades que os nossos concidadãos ainda não podem comprehender, e nos expomos a ser maltratados ou perseguidos.

2208.— Se a cada hum dos nossos sentidos corresponde externamente hum mundo de phenomenos maravilhosos, de quantos mundos variados não devem gozar as creaturas privilegiadas a quem Deos prendou com muitos outros orgãos de semelhante natureza!

2209.— O preceito de amar a Deos he muito facil e praticavel quando temos aprendido o conhece-lo e admira-lo pelo estudo da natureza e de nós mesmos.

2210.— Amor e gratidão á Divindade he suprema felicidade.

2211.— O juizo he tão vulgar para alguns homens, que no seu procedimento e opiniões parecem preferir a denominação de loucos ou extravagantes.

2212.— Quanto he bella a natureza para quem ama e admira a Deos! Este mundo não he já hum valle de lagrimas, mas hum paraiso de risos e delicias, onde a bondade divina se expande e manifesta para bem e felicidade das suas creaturas vivas, sensiveis e intelligentes.

2213.— Não conhecemos os homens como elles são, mas como os concebemos, modificados pelos nossos sentidos, paixões e interesses.

2214.— Conquistai os vossos inimigos com beneficios, e os tereis sujeitos e amigos por gratidão.

2215.— A responsabilidade não intimida os velhacos, e dissuade dos empregos aos homens probos.

2216.— As abstracções enganão a muita gente que as suppõem realidades.

2217.— Quem he mais digno de ser amado senão Deos, autor e inventor de todos os amores !

2218.— A educação por bons exemplos he mais efficaz do que por boas doutrinas.

2219.— Os velhos sabem e querem, mas não podem ; os moços querem e podem, mas não sabem.

2220.— As altas intelligencias imaginão e inventão, as pequenas commentão ou arremedão.

2221.— Ha muita gente que presume honrar a sua rudeza, grosseria e incivilidade qualificando-as de franqueza, independencia e amor da verdade.

2222.— As paixões são escravas que muitas vezes se amotinão contra a razão, sua senhora.

2223.— Bondade e justiça são os dous attributos essenciaes para os que governão, e as mais firmes columnas dos thronos dos imperantes.

2224.— Não confieis a vossa fazenda de quem sabe melhor gastar do que ganhar.

2225.— A ignorancia he talvez hum dos principaes elementos da felicidade de muita gente.

2226.— Não he dado a vivente algum distinguir o instante em que adormece ou em que morre.

2227.— A maldade suppõe deficiencia, a bondade sufficiencia.

2228.— O grande engenho se exalta no infortunio, como a agua sóbe alto comprimida nos repuchos.

2229.— Os máos, como os bons, tem sempre por fim o seu maior bem; mas os primeiros esperão consegui-lo mais brevemente com damno dos outros, os segundos com segurança e sem risco, zelando e promovendo o bem de todos.

2230.— O homem mais habil he aquelle que sabe crear, coordenar, aproveitar e dirigir as circumstancias em beneficio proprio, com proveito ou sem detrimento dos outros homens.

2231.— Morremos como nascemos, sem termos o sentimento nem a consciencia de taes eventos.

2232.— Vivemos porque gozamos incomparavelmente mais do que soffremos : se succedesse o contrario, morreriamos em breve tempo.

2233.— Ha na vida humana, como nos mares, hum fluxo e refluxo de bens e males que nos põe em acção e movimento, e não consente que existamos no estado de inercia e apathia.

2234.— Os povos fingem desconhecer as causas dos seus males, nem tolerão que lh'as descubrão quando reconhecem que elles mesmos forão a origem e os motores de suas proprias calamidades.

2235.— Convém muito, para melhorarmos ou não peiorarmos, que tenhamos inimigos que nos observem, e nos tornem cautelosos e circumspectos.

2236.— Pesa-nos tanto em hum tempo a nossa insignificancia como em outro a propria importancia : temos saudades da primeira quando possuimos a segunda.

2237.— Não são incommodos neste mundo os que aspirão sómente aos bens e delicias da outra vida.

2238.— Tudo he limitado nos homens, menos os seus desejos e ambição, argumento da sua futura destinação.

2239.— Convém não reflectir e meditar muito para não chegarmos a desencantar-nos do mundo e da vida humana.

2240.— Os soberbos são tambem ingratos e invejosos.

2241.— A maior e melhor garantia para o sabio he o silencio com a solidão.

2242.— He mais difficil ter senhorio sobre nós mesmos que dominação sobre os outros homens.

2243.— A racionalidade dos homens se distingue especialmente pela sua religiosidade.

2244.— A velhice, que enruga o rosto, tambem faz murchar o entendimento.

2245.— A verdadeira sabedoria não póde ser definida, mas sentida e comprehendida sómente por aquelles que a possuem.

2246.— Podemos escusar a approvação dos homens quando temos a de Deos e a da nossa consciencia.

2247.— A benção de Deos he hum capital immenso que nos abastece de tudo, e não permitte que tenhamos falta de cousa alguma.

2248.— A velhice não tem graça; quando muito, tem juizo ou prudencia.

2249.— Não são sómente os cegos que não vêm, mas tambem os que tendo vista não tem juizo.

2250.— Guardai-vos das Circes : promettem prazeres e propinão venenos.

2251.— Ha mentiras escandalosas que se cohonestão com os nomes de hyperboles e exagerações.

2252.— A virtude estudada he melhor observada.

2253.— Os ambiciosos do poder são como os meninos, que correndo apoz borboletas e pyrilampos, tropeção, cahem, e são maltratados por muito tempo.

2254.— Não sabemos quanto valemos e de que somos capazes : as occasiões e circumstancias no-lo fazem conhecer.

2255.— Tudo o que he, por isso mesmo que existe, está comprehendido, coordenado e harmonisado no systema geral da natureza.

2256.— A belleza corporal ou material he sempre a mesma e uniforme, a intellectual tem phases successivas e huma variedade portentosa.

2257.— Jogo, amor e ambição nivelão por algum tempo as condições.

2258.— Ha pessoas cuja aversão e despreso honrão mais que os seus louvores e amizade.

2259.— Os homens de curto saber são tão obstinados nas suas opiniões, como doceis e flexiveis os de vasta sciencia e conhecimentos.

2260.— Os homens de maior saber e engenho são os que tem variado mais vezes de opiniões e doutrinas : a ignorancia he estacionaria, pouco ganha ou nada perde.

2261.— Os incredulos e irreligiosos na mocidade tornão-se na velhice intolerantes e supersticiosos.

2262.— He mais facil mentir ou fabular que descobrir verdades.

2263.— Os erros tambem instruem : ha muita gente rica de seus proprios desenganos.

2264.— O sabio crê incomparavelmente muito mais que os outros homens : as suas crenças porém são fundadas menos na autoridade humana que no testemunho perenne e irrefragavel da natureza.

2265.— Homens ha que pretendem distinguir-se entre os litteratos não pela alteza dos pensamentos, a que não chegão, mas pela novidade ou antiguidade das palavras de que se servem, o que lhes grangêa com razão o nome de pedantes ou extravagantes.

2266.— Para os escriptores eminentes cada bibliotheca he hum Panthéon.

2267.— No máo tempo recolhem-se os animaes grados, e apparecem os reptis, insectos e sevandijas.

2268.— Os homens de bem e de juizo não se desmentem, os velhacos se contradizem a cada instante.

2269.— Em materia de maximas, a malicia ou malignidade reside ordinariamente naquelles que as applicão ou exemplificão.

2270.— Não admira que os velhacos, servindo-se de todos os meios para chegarem a seus fins, vençáo os homens de bem, limitados sómente a aquelles que lhes permittem as leis, a honra, consciencia e probidade.

2271.— A natureza não nos engana, somos nós que nos enganamos com ella.

2272.— Que aproveita á nossa vida mortal hum nome immortal!

2273.— A politica modernamente não tem custado menos sangue do que a religião em outros tempos.

2274.— A idéa geral e instinctiva de huma vida futura he argumento irrefragavel de sua realidade : se o homem fosse hum animal ephemero e inteiramente mortal, não seria capaz de tão sublime pensamento nem de esperanças tão transcendentes : essa vida se verifica porque a concebemos.

2275.— Ha homens cavalleiros e homens cavalgaduras, aquelles se distinguem por sua intelligencia, e estes pela sua força material : huns e outros se prestão reciprocos serviços, e são mutuamente necessarios pelas suas qualidades especiaes.

2276.— Nada revela tanto a corrupção , indignidade e villania das pessoas e povos, como a sua ingratidão para com os seus mais distinctos bemfeitores.

2277.— Somos por vezes orgãos da Divindade, e instrumentos de vento que o sôpro de Deos faz resoar e proferir verdades immortaes e sobrehumanas.

2278.— Nunca nos sentimos tão unidos com Deos como quando nos achamos mais separados dos homens.

2279.— Os tolos são para os velhacos como as cifras para as unidades, que as elevão ao valor de dezenas, centenas e milhares.

2280.— Os homens não tem duvida em crer tudo o que se lhes propõe, comtanto que os dispensem do incommodo e fadiga de pensar e examinar.

2281.— As crenças religiosas inspirão geralmente menos amor e temor de Deos do que incutem terror e medo da Divindade : os homens não podem imaginar hum poder vastissimo sem tyrannia ou despotismo.

2282.— O homem que não he exacto em tempo, lugar, palavra, serviço e contas não tem honra, nobreza, caracter nem probidade.

2283.— Os homens mais sabios são os que frequentemente se accusão de ignorancia : os charlatães e semi-doutos presumem de universaes e omniscientes.

2284.— Elevai a vossa intelligencia á maior alteza possivel, dominareis os vossos contemporaneos e as gerações futuras.

2285.— Os que mais declamão contra o despotismo e arbitrariedade são os maiores tyrannos quando alcanção autoridade.

2286.— Sempre nos achamos em Deos quando nos perdemos na sua Immensidade.

2287.— Quando moço, admirava os homens; velho, admiro sómente a Deos.

2288.— O proposito e pratica de bem fazer são os meios mais efficazes para bem viver.

2289.— Os desenganos mais uteis são aquelles que nos custárão mais caros.

2290.— Não tem permanencia o poder e mando alcançados por assalto e violencia.

2291.— Deos se revela em suas obras assombrosas, e com especialidade nas suas creaturas vivas, sensiveis e intelligentes.

2292.— A alegria he expansão, a tristeza contracção de vida e coração.

2293.— Os moços dormindo sonhão com os vivos, os velhos ordinariamente com os mortos.

2294.— A guerra tem alliança com a morte, como a paz com a vida.

2295.— O beneficio capitulado desobriga o beneficiado.

2296.— O governo dos loucos dura pouco, o dos tolos ainda menos que o dos velhacos.

2297.— Quando os homens personalisárão os attributos da Divindade, creárão o Polytheismo.

2298.— Não se remedeião os males de que se não quer saber nem reconhecer a causa e origem immediatas.

2299.— Se não houvesse em nós hum ser ou unidade distincta da fabrica do nosso corpo, a quem domina e modifica, seriamos incapazes de mentira, fingimento, dissimulação e hypocrisia.

2300.— O louvor dos tolos e nescios afflige e desalenta os sabios.

2301.— Ha erros, como doenças hereditarias, que lavrão e se propagão por muitas ou innumeraveis gerações.

2302.— Os dias de prazer parecem mais breves que os de dôr e mágoa : a nossa sensibilidade alonga e abrevia o tempo.

2303.— Deos, infinito em sua sabedoria e poder, vivifica os atomos como animalisa os mundos.

2304.— Amores e virtudes são os elementos e principios constituintes e conservadores das familias, povos e nações.

2305.— Quereis conhecer o juizo? procurai-o nas praças de commercio; ahi o achareis em companhia do credito, ordem, pericia, diligencia, economia, exactidão, lealdade e probidade.

2306.— Ha dias em que nos admiramos da fertilidade do nosso espirito, outros em que nos espanta a sua esterilidade.

2307.— A innocencia tem huma só physionomia, a malicia e malignidade muitas e variadas.

2308.— Póde julgar-se do caracter e opiniões dos homens pelas maximas que allegão e repetem frequentemente na sua vida pratica e familiar.

2309.— O amor e temor de Deos tem por principio o reconhecimento da sua infinita Bondade e Justiça.

2310.— A guerra civil he talvez huma expurgação social, ou expiação de graves erros, ingratidões, injustiças e crimes das nações.

2311.— A temperança forçada da pobreza a salva de muitos males a que o epicurismo da riqueza está sujeito.

2312.— Pretender melhoramentos materiaes antes dos moraes e intellectuaes he querer que os effeitos precedão as causas.

2313.— Tudo vive no Universo : a vida, emanada da Divindade como a luz do sol, penetra e se diffunde por toda a immensidade.

2314.— É quando melhor conhecemos o valor da vida que ella se nos torna menos commoda e mais gravosa.

2315.— O homem leviano e inconstante diz, desdiz-se e contradiz-se a cada instante.

2316.— O coração é melhor nas mulheres que a rasão nos homens.

2317.— Os homens concebem na cabeça, as mulheres no seu ventre.

2318.— Avaliamos os outros homens pelas nossas idéas e paixões : este o motivo que faz ordinariamente inexacta ou injusta a nossa avaliação.

2319.— Aquelle que atraiçoou a sua patria natal não póde ser patriota leal e sincero da alheia e adoptiva.

2320.— A melhor doutrina é aquella que nos faz melhores e mais justos.

2321.— Todas as substancias compostas são mortaes, as simplices e elementares immortaes.

2322.— Que omnipotente alliança a alliança com Deos! Principes da terra, buscai alcança-la e sereis invenciveis.

2323.— Ha verdades moraes de summa importancia, que só huma experiencia dolorosa as póde e sabe demonstrar.

2324.— As cãas ornão as cabeças dos homens, e desencantão as das mulheres.

2325.— A natureza he mysteriosa porque o seu Autor é tambem incomprehensivel.

2326.— Se formos puros perante Deos, seremos felizes apezar dos homens.

2327.— Cuidemos em ser vivendo o que desejariamos ter sido morrendo.

2328.— Quando dormimos sem sonhar não temos a consciencia de que existimos.

2329.— Em hum mundo em que tudo he mudavel por essencia e natureza, os que soffrem devem esperar, os que gozão recear.

2330.— Sabei vencer-vos, dominareis os outros homens.

2331.— He condição essencial da sabedoria ser expansiva e diffusiva como a luz do sol.

2332.— Os talentos não valem as virtudes que os dispensão.

2333.— Os moços sonhão mais acordados, do que os velhos quando dormem.

2334.— A ingratidão desanima e estreita a beneficencia.

2335.— Em todos os vossos revezes e contratempos recorrei a Deos, e reconhecereis sempre a sua paternal e omnipotente beneficencia.

2336.— Gozar e não soffrer he o voto geral dos homens : mas sobre os meios de conseguir os bens e evitar os males varião as opiniões de todos.

2337.— Não podemos conhecer e avaliar a felicidade sem haver tomado lições na escola da adversidade.

2338.— A prudencia he virtude em poucos e fraqueza em muitos.

2339.— Os mais ambiciosos de autoridade são os menos capazes de bem a exercerem.

2340.— A velhice, quando não melhora, deteriora os homens.

2341.— Quem tudo sabe não póde ser mortal : a omnisciencia lhe assegura a immortalidade.

2342.— Não vos vingueis, esperai que vos vinguem, e sereis vingados.

2343.— Os moços estouvados são menos incommodos do que os velhos imprudentes.

2344.— Os velhacos que se conhecem não desejão ser conhecidos.

2345.— Os jacobinos federalistas se transfigurão de mil modos, até mesmo em monarchistas.

2346.— Em amor, o heroismo das mulheres não tem igual nos homens.

2347.— Os velhos não pertencem ás gerações novas, são ruinas ou fragmentos das antigas.

2348.— Pouco saber faz o homem popular, nimio saber o constitue impopular.

2349.— He anachronismo escandaloso hum velho charlatão, vanglorioso, revolucionario e ambicioso.

2350.— A prudencia suppre a força que fallece na velhice.

2351.— O mundo he tão pequeno para o nosso pensamento, que este em poucos instantes o viaja todo inteiro.

2352.— Este seculo póde ser denominado o do papel : tão importante e geral he o uso e abuso que delle se faz.

2353.— Quando nos lembramos do passado receiamo-nos do futuro.

2354.— Tudo se vende no grande mercado deste mundo, menos juizo, o que falta a muita gente e não sobeja a ninguem.

2355.— Os velhos imprudentes são tambem ordinariamente insolentes.

2356.— A vida empobrece a muitos, a morte enriquece a alguns.

2357.— Quem mais estudou o passado melhor sabe e póde ler no futuro.

2358.— A historia he a biographia da especie humana.

2359.— A fraqueza he a arma defensiva das mulheres.

2360.— Não ha melhor companhia que a de huma livraria escolhida.

2361.— As .monarchias accumulão e se engrandecem, as democracias se dividem e se enfraquecem.

2362.— Quem não tem juizo perde o seu e não ganha o alheio.

2363.— A ambição, que ennobrece a huns, envilece a outros.

2364.— O scepticismo, de que alguns se glorião, não é outra cousa mais do que ignorancia ou idiotismo.

2365.— O nosso pensamento, sentindo-se abafado no ar mephitico da terra, parte, vôa, atravessa o ether mysterioso das regiões celestes, descobre innumeraveis sóes, mundos sobre mundos, céos sobre céos, e não achando limites ao Universo, adora absorto o seu divino Autor, e se perde na sua Immensidade.

2366.— Na argumentação ordinaria, o que mais grita não he o que tem mais rasão.

2367.— Prever e adivinhar he mais difficil em politica do que em moral.

2368.— Os medicos são algumas vezes os executores involuntarios da sentença de morte decretada pela natureza contra todos os homens sem excepção de algum.

2369.— Ninguem póde ser bom que não seja tambem justo : a bondade não exclue, comprehende necessariamente a justiça.

2370.— Agradecei a Deos não sómente os bens, mas tambem os males que vos succedem, na certeza de que o mal não he nem póde ser fim e objecto dos designios e determinações de hum Ente perfeitissimo, e necessariamente bom, sendo, como he, infinitamente sabio e poderoso, mas instrumento, occasião, meio ou vehiculo talvez indispensavel para o bem das suas creaturas vivas e sensiveis, ordem e harmonia deste mundo.

[illegible]. — Agradecei a Deus não sómente os bens, mas tambem os males que vos succedem, na certeza de que o mal não he nem póde ser fim e objecto dos designios e determinações de hum Ente perfeitissimo e necessariamente bom, sendo, como he, infinitamente sabio e poderoso, mas instrumento, occasião, meio ou vehiculo talvez indispensavel para o bem das suas creaturas vivas e sensiveis, ordem e harmonia deste mundo.

NOVAS

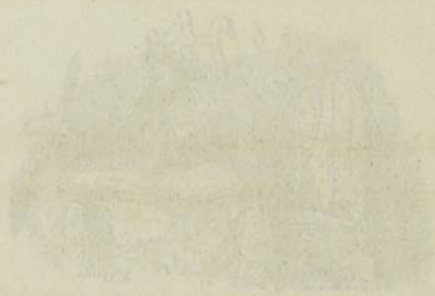
REFLEXÕES, MAXIMAS E PENSAMENTOS

DO

MARQUEZ DE MARICÁ

(Publicadas em 1844)

RIO DE JANEIRO
EM CASA DE
EDUARDO E HENRIQUE LAEMMERT
Rua da Quitanda Nº 77.

NOVAS

REFLEXÕES, MAXIMAS E PENSAMENTOS

2371 — Quem tudo sabe e póde é necessaria e essencialmente bom : tal é Deos.

2372.— Vivificar para felicitar, é a divisa e exercicio eterno da Divindade.

2373.— O Universo ou a Creação universal é o mesmo Deos symbolisado, objectivo e revelado.

2374.— O sabio avista a Deos em toda a parte, o nescio não o descobre em nenhuma.

2375.— Existimos para gosar, morremos quando gosamos menos do que soffremos.

2376.— A ambição captiva os homens e os vende por baixo preço aos que especulão nos seus serviços.

2377.— Padecendo na velhice pagamos á Moral e á Natureza o saldo de contas que lhes devemos.

2378.— As doenças humilhão o nosso orgulho, a morte finalmente o derroca.

2379.— Este mundo é o das metamorphoses, nada se aniquila, tudo se transforma.

2380.— A luz dissipa as trevas e apparecem os objectos, a rasão os erros e relusem as verdades.

2381.— Em sciencia, espaço e idade devagar se vai ao longe.

2382.— Homens ha que não tem outro merito que o da sua filiação : são filhos de seus pais e nada mais.

2833.— Temos o uso-fruto da vida, a propiedade é de Deos.

2384.— As paixões são instinctos que a rasão deve dirigir e regular, mas não supprimir.

2385.— As sociedades secretas tem o máo cheiro da sua qualificação.

2386.— O nascimento é uniforme, a morte variada em todos.

2387.— A força, que sobeja na lingua, falta ordinariamente nos braços.

2388.— A paixão dominante nas mulheres é o amor, nos homens a ambição.

2389.— Os sabios pensão por muitos em beneficio de todos.

2390.— A sciencia é cavalleira, a ignorancia cavalgadura.

2391.— O sopro da morte apaga o lume da vida.

2392.— Os sceptros de ferro a ferrugem os consome.

2393.— Que lições nos cemiterios! os ossos dos mortos ensinão e desenganão os vivos.

2394.— Virgulamos na vida os nossos males com lagrimas, mas deixamos os nossos bens sem pontuação nem accentos.

2395.— O instincto nas mulheres é mais poderoso que a rasão nos homens.

2396.— Os titulos illustrão a muitos e são illustrados por poucos.

2397.— O sabio nas monarchias é o subdito menos cortesão, e o mais leal.

2398.— Nem os males correspondem ordinariamente aos nossos receios, nem os bens ás nossas esperanças : somos muito exagerados em temer e esperar.

2399.— O pobre se acanha e parece humilhado perante o rico, o mesmo succede aos nescios em conjuncção com os doutos.

2400.— O velho achacado vive meio amortalhado.

3401.— Os meninos sobejão onde estão, e faltão onde não se achão.

3402.— Os sabios tornão-se incommunicaveis não podendo dizer verdades nem contradizer disparates.

2403.— Deos é a Immensidade : tudo n'ella se fórma e se resolve.

2404.— A monarchia tranquillisa os homens bons e leaes, a democracia esperança os traidores e desordeiros.

2405.— Actores por breve tempo no theatro d'este mundo os homens fazem rir e chorar a muita gente.

2406.— Sabei soffrer, merecereis gosar.

2407.— A intolerancia religiosa é huma censura, ou condemnação da Divindade pela sua tolerancia universal.

2408.— Com huma ignorancia encyclopedica homens ha que se inculcão por sabedores universaes.

2409.— A morte é o Cherubim com a espada de fogo que nos expulsa do jardim da vida humana.

2410.— Os annos que huns perdem pela sua morte prematura, outros accumulão por sua velhice prolongada.

2411.— A ambição faz enlouquecer os homens, a paixão de amor as mulheres.

2412.— Soffremos talvez mais pelos erros alheios do que pelos nossos proprios.

2413.— Estuda-se mais na velhice para bem morrer do que se estudou na mocidade para bem viver.

2414.— Não mudamos sonhando de caracter, reconhecemos nos sonhos a nossa identidade.

2415.— Os vicios anticipão a velhice, as virtudes a retardão.

2416.— O mundo é para o sabio huma lanterna magica variando constantemente de vistas e objectos para seu recreio, estudo e admiração.

2417.— Os erros em Religião provém da falsa idéa que concebemos de Deos : em politica, do conhecimento imperfeito que temos da natureza humana.

2418.— Vemos nas cidades geralmente as obras dos homens, fóra d'ellas directamente as de Deos : respiramos no campo a Divindade.

2419.— Todos gosão da vida e do espectaculo da creação, os sabios mais que todos pela sciencia e reflexão.

2420.— A nossa vida se torna importante quando nos referimos a Deos em todos os seus actos, accidentes e vicissitudes.

2421.— Nas monarchias a cabeça rege os membros, nas democracias são os membros que governão o corpo.

2422.— As democracias tendem á monarchia como os corpos gravitão para o centro da terra.

2423.— A felicidade pela fortuna é de pouca duração; a que provém do trabalho, intelligencia, economia e probidade, tem maior extensão e permanencia.

2424.— Raras vezes nos enganamos reputando os males da vida como expiações do nosso máo procedimento ou abusos no exercicio d'ella.

2425.— O velho achacado é hum padecente, que tem longa residencia no oratorio.

3426.— Huma doença chronica é ordinariamente motivo de huma vida longa pela temperança, abstinencia e cautelas em que vivem os pacientes.

2427.— Para nos desencantarmos da terra florida convém que olhemos frequentes vezes para o Céo estrellado.

2428.— O sabio vive tão humilhado da sua illimitada ignorancia, como o nescio orgulhoso pela opinião da sua abundosa sapiencia.

2429.— Devemos felicitar os bons porque são taes, e lastimar os máos porque não são bons : ha hum fatalismo de circumstancias na vida humana que muito contribue para a condição e procedimento de huns e outros.

2430.— O interesse de poucos traz enganados a muitos.

2431.— A poesia falla á imaginação, a philosophia á razão dos homens.

2432.— Os velhacos são máos calculistas, deixão a estrada geral e se perdem nos atalhos.

2433.— Se a vida é hum dom de Deos para gosarmos, a morte, supposta a decadencia do nosso corpo, é tambem outro dom para não soffrermos.

2434.— É maleficio e não beneficio dar liberdade a quem não tem juiso.

2435.— Em materias graves e importantes os homens geralmente preferem ser enganados ao viverem em incertesa : n'este presupposto, surgem sempre loucos, enthusiastas, visionarios e impostores, que os salvão desse embaraço.

2436.— É necessario que os homens sejão o que são para que o genero humano satisfaça os fins para que foi creado e existe n'este mundo.

2437.— Democratas na mocidade os litteratos geralmente se tornão monarchistas na velhice.

2438.— Enganar e ser enganado é talvez a sorte inevitavel do genero humano n'este mundo sublunar.

2439.— Por huma condição da naturéza humana cada pessoa em sociedade trabalhando para si, trabalha tambem necessariamente para ella.

2440.— É necessario occupar os homens, a religião contribue muito para lhes dar occupação.

2441.— A quinquilharia litteraria occupa e diverte a muita gente.

2442.— Somos passiveis pela vida, inoffensiveis pela morte.

2443.— A queda dos thronos esmaga as nações.

2444.— O somno da morte exclue os sonhos e pesadêlos da vida.

2445.— O riso e chôro são frequentes vezes contagiosos.

2446.— A ignorancia nos homens é como a sabedoria em Deos, infinita.

2447.— Os máos e viciosos são algozes de si proprios.

2448.— Povos ha que não são originaes em cousa alguma, mas copistas servís, ou ridiculas caricaturas das nações estrangeiras.

2449.— Os que procurão igualar tem por fim desigualar-se.

2450.— As idades extremas se assemelhão, huma por insufficiencia, a outra por deficiencia.

2451.— Sentir e pensar são as duas faculdades essenciaes da nossa alma unida a hum corpo : sem a primeira a segunda não teria principio nem exercicio.

2452.— Os poetas fabulando e figurando o abstracto, tem feito maior mal á especie humana, do que os philosophos abstrahindo e theorisando.

2453.— A Providencia Divina se diffunde infinitamente e alcança o mais pequeno insecto infusorio ou atomo vivente, como domina o maior dos mundos e o immenso Universo.

2454.— Avistamos a Providencia e Justiça Divina nos menores accidentes, como nos maiores successos da vida humana.

2455.— As ruinas são n'este mundo fecundas e productivas de obras novas.

2456.— Nenhuma religião tem a seu favor a maioria do genero humano, a qual professa cultos diversos e adversos.

2457.— Rimo-nos do acaso, quando sabemos que tudo está coordenado para ser o que é no systema d'este mundo.

2458.— A gloria posthuma é hum sonho da vida que não alcança os mortos.

2459.— É tão limitada a nossa intelligencia que sem o contraste dos males não poderiamos avaliar os bens da vida.

2460.— A imprudencia nos moços promove a sua actividade, a prudencia nos velhos a sua inercia.

2461.— Ha huma illusão muito vantajosa á especie humana, a esperança individual de huma longa vida.

2462.— O que os poetas fabulárão, os nescios acreditárão.

2463.— O mal dá mais occupação e que fazer aos homens do que o bem.

2464.— As falsas religiões achão no estudo das sciencias naturaes o seu maior adversario e contradictor.

2465.— Viver é gosar : o simples exercicio das faculdades do corpo e potencias da alma confere fruição e felicidade.

2466.— É cousa muito ordinaria pensar bem e escrever mal.

2467.— A Natureza veste e arma os animaes, a intelligencia os homens.

2468.— É notavel que os homens inculcados por mais sabedores das cousas do outro mundo, forão os que mais ignorarão as da vida e mundo presente.

2469.— É necessario que o mundo material nos occupe e distrahia, o intellectual nos consome sem aquella distracção.

2470.— Devemos lastimar a sorte e condição dos máos, talvez fossemos peiores do que elles com as mesmas circumstancias, casos e accidentes da sua vida.

2471.— A preguiça perde e não ganha, a diligencia ganha e não perde.

2472.— A paciencia é facil em quem gosa e não soffre, mas difficil em quem padece e não gosa.

2473.— Os viciosos sugeitos ao jugo de ferro dos seus vicios, são os que ordinariamente mais se queixão do despotismo dos que governão.

2474.— A intelligencia humana, admiravel em suas producções intellectuaes, ostenta nas livrarias a pompa da sua fecundidade e variedade.

2475.— Não basta recommendar aos homens a virtude em abstracto, é necessario exemplifica-la em seus numerosos casos, para que reconheção na pratica os seus graves e salutares beneficios.

2476.— O mundo reflectido e meditado é mais admiravel e admirado.

2477.— A posse ou fruição em sonhos de hum bem que muito desejamos, ainda que ideal e fantastica, amortece ou extingue frequentes vezes o desejo vehemente que nos incommodava a seu respeito.

2478.— Amando os objectos vivos e sensiveis, não devemos esquecer-nos de que são mortaes, e que havemos de perde-los pela sua ou nossa morte.

2479.— Tudo é finito e limitado para os olhos, o infinito é avistado sómente pela nossa intelligencia.

2480.— Ambos consolão e esperanção os homens gravemente enfermos, os medicos e sacerdotes; os primeiros lhes promettem o restabelecimento da saude, os outros lhes assegurão, no caso de morte, melhor vida no futuro e huma eternidade de bens.

2481.— Onde a sciencia, virtude e lealdade não tem admiradores, a sociedade é invadida e conquistada pelos nescios, velhacos e traidores.

2482.— O villão exaltado torna-se hirto e infatuado.

2483.— A velhice é a idade dos desenganos, como a mocidade a das illusões.

2484.— Tirai aos homens a vantagem das linguas e idiomas, e os vereis redusidos talvez á inferior categoria dos bugios e orang-utangos.

2485.— Quando estamos profundamente convencidos da infinita sabedoria, bondade e justiça de Deos, agradecemos-lhe os mesmos males e dores que nos affligem e atormentão na presente vida.

2486.— Nas côrtes quem não lisongea, pouco grangea.

2487.— Subi a Deos na vossa ventura, elle descerá a vós na vossa desgraça.

2488.— Atraiçoamos os bons quando louvamos ou desculpamos os máos.

2489.— A rasão humana não vale algumas vezes o instincto dos animaes.

2490.— Homens ha de muita valia, mas que não pódem ser avaliados : são os sabios.

2491.— Custa a viver na velhice, ha huma difficuldade de existir que faz a vida onerosa frequentes vezes.

2492.— Os males da vida são os que nos unem em sociedade, sem elles seriamos insociaveis.

2493.— O que não tem extensão não póde ter mobilidade, nem localidade; os espiritos são incapazes de movimento e lugar sem os corpos organisados que os habilitão para isso.

2494.— A natureza é a sabedoria de Deos revelada nas suas obras.

2495.— A mudez do silencio fatiga e vence frequentes vezes a garrulidade da palavra.

2496.— O Monarcha deve ser para os seus povos como o sol, que, presente, communica luz, calor, acção e movimento a quanto existe na esphera do seu lume perennal.

2497.— Os nescios tudo acreditão porque de nada duvidão, os intelligentes são refractarios, exigem razão de tudo.

2498.— Fazei os homens admiradores de Deos pelo estudo da natureza, e vê-los-heis tornar-se bons e virtuosos por hum poder mysterioso e irresistivel.

2499.— A riquesa doura a sabedoria, e a faz mais respeitavel á ignorancia.

2500.— Os velhos não devem pretender poder e mando sobre os outros homens, mas demonstrar que o alcançarão sobre si proprios.

2501.— Ha muita gente que, como as abelhas, presumem trabalhar para si, quando o producto do seu trabalho é para os outros.

2502.— Em materia de tyrannia, a menor é a de hum ou poucos, a maior a de todos ou a anarchia.

2503.— O homem mais ignorante é talvez o que menos soffre nas vicissitudes das cousas humanas : o preterito o não afflige, nem o futuro o incommoda.

2504.— A vigilia é peleja, o somno armisticio, a morte paz.

2505.— Queremos os velhos o que não é possivel conseguir, viver, descançar e não soffrer.

2506.— Onde tudo é acção e reacção, é consequencia infallivel a reciproca destruição.

2507.— Sem probidade e prudencia pouco aproveitão talentos e sciencia.

2508.— A memoria na velhice perde muito mais do que ganha.

2509.— O futuro existe em Deos : é huma evolução perenne e eterna no espaço e tempo da sua infinita Sabedoria, Poder e Bondade.

2510.— A vida mais breve é talvez a mais feliz, como a viagem mais curta a melhor apetecida.

2511.— O genuino heroismo é o do homem virtuoso, que espera e confia em Deos.

2512.— Tudo é fallivel n'este mundo, menos a esperança e confiança em Deos.

2513.— A mulher é formada para amar, o homem para dominar.

2514.— Ha huma somma de bens e males que se correspondem respectivamente e se tornão necessarios para a renovação, conservação e perpetuidade d'este mundo sublunar.

2515.— Os prodigos desbaratando o seu, roubão depois o alheio.

2516.— Na mocidade somos obrigados a tolerar as impertinencias dos velhos, na velhice os desvarios e extravagancias dos moços.

2517.— Pelas leis geraes da ordem physica e moral os homens, os governos e nações tem a sorte e vicissitudes que merecem.

2518.— Ainda que não possamos comprehender plenamente o eterno, immenso e infinito, temos na idéa do illimitado em tempo e espaço, noção sufficiente do que significão e representão.

2519.— As nações como as pessoas arremedando as outras, se desfigurão a si proprias.

2520.— Estudai a Natureza, revelação divina, e chegareis a saber o que nenhum homem vos poderia dizer.

2521.— Accumulai riqueza, a morte vos forçará a deixa-la : sciencia, podeis leva-la na bagagem da vossa alma.

2522.— Quem recorre á fortuna desconhece a Providencia.

2523.— Cada hum de nós contribue com o seu contingente para o acervo da sciencia humana ; mas infelizmente este acervo compõe-se geralmente mais de erros e fabulas, do que de verdades.

2524.— A ordem publica periga onde se não castiga.

2525.— Os afortunados não sabem desculpar os desgraçados.

2526.— Sentimos satisfação no que fazemos por devoção, e coacção no que executamos por obrigação.

2527.— É tal a diversidade da côr verde no reino vegetal, que se torna impossivel qualificar, numerar e denominar as suas variedades.

2528.— As verdades não fazem seitas, são os erros, fabulas e disparates, que as constituem.

2529.— Variedade e reproducção parecem ser os dous principaes objectos que occupão a Natureza n'este mundo, tão numerosas ou innumeraveis são as providencias observadas para que ellas não falleção em tempo algum.

2530.— Nos crimes denominados *politicos* os mais activos advogados dos réos são os seus proprios cumplices e auxiliares.

2531.— O absolutismo bem entendido é o correctivo da liberdade mal comprehendida.

2532.— Hum grande merito intellectual escusa e dispensa a importancia vulgar que confere o luxo exterior e pessoal.

2533.— Os velhos de caracter firme e saber profundo só se rendem e são vencidos pela morte.

2534.— Os festejos publicos divertem os moços e dão motivo á reflexão dos velhos.

2535.— Os sabios são loucos de huma superior jerarchia intellectual, ordinariamente insociaveis pelo despreso ou negligencia das formulas ceremoniosas, que a civilidade tem estabelecido entre os homens em sociedade.

2536.— Ninguem é tão exagerado em suas pretenções como aquelle que menos merece ser attendido pela sua incapacidade ou indignidade.

2537.— O exercicio de caloteiro é de pouca duração : em breve tempo inutilisa a profissão.

2538.— Cada volcão na terra é hum pharol para o mar.

2539.— É cousa pouca o homem quando se considera, que a riqueza, nobreza, autoridade e sciencia não o podem salvar da morte e fazê-lo immortal.

2540.— Se a industria humana nada faz e produz sem hum fim e applicação especial, como é possivel que haja huma só obra ou producto da Natureza sem huma destinação benefica geral ou particular?

2541.— O mal é para o bem como a pedra de toque para o ouro, que faz distinguir e avaliar os seus quilates.

2542.— A civilidade contribue muito para perpetuar os vicios e defeitos dos homens fingindo desconhecê-los, ou dissimulando a impressão escandalosa que occasionão.

2543.— A prudencia exhaure a paciencia.

2544.— As entidades espirituaes não podem existir sem corpos organisados que as ponhão em relação com o universo material; do que observamos n'este mundo podemos inferir o que se passa nos outros globos.

2545.— Os males da velhice podem ser considerados como expiações da vida presente no seu transito para a futura.

2546.— Não admira que os tolos e nescios idolatrem os velhacos quando os governos, por imprudentes ou fracos, os respeitão e promovem.

2547.— Avaliamo-nos sempre mal quando cada hum de nós se considera o legitimo padrão da avaliação dos outros homens.

2548.— A viagem para a outra vida é a mais commoda e a menos dispendiosa possivel : não exige provisões, bagagem nem conducção.

2549.— Os curiosos e apaixonados de novidades devem desejar morrer : que de cousas novas, desconhecidas e portentosas, na outra vida e nos outros mundos !

2550.— Sabemos pouco da vida presente, e da futura muito menos ou quasi nada.

2551.— Todos mentimos exagerando para mais ou para menos o que vimos, ou nos disserão.

2552.— Escrevendo para nossa gloria trabalhamos em serviço e beneficio dos outros homens.

2553.— A morte é hum grande bem quando a vida se tornou o maior dos males.

2554.— A liberdade é como o vinho, pouco fortalece, muito enfraquece.

2555.— Huma sciencia fabulosa constitue a maior parte da humana sapiencia.

2556.— A suspensão, remoção ou cessação de hum grave mal são reputadas pelos pacientes como hum grande bem : deixar de soffrer é tambem gosar.

2557.— Os povos não se contentão com o natural, querem o maravilhoso e nunca falta quem os engane inculcando por tal o que existe e se comprehende na ordem universal da Natureza.

2558.— O jogo da vida e eventos no genero humano é tão admiravel como mysterioso ; parecendo fortuito está sugeito ás leis de huma ordem maravilhosa, e coordenado de maneira que resulta do seu complexo premio á virtude, castigo ao vicio e ao crime.

2559.— Os achaques da velhice enfraquecem e eclipsão a nossa razão, e nos entregão sem recurso á influencia e autoridade dos nescios, visionarios e impostores.

2560.— Os que melhor dissertão sobre a virtude não são ordinariamente os mais virtuosos.

2561.— A ambição póde muito em huns homens, em outros a vaidade, em todos o interesse.

2562.— Acautelai-vos das pessoas de huma requintada civilidade, a genuina benevolencia tem huma certa rudeza natural que a legitima.

2563.— É necessario para que haja huma historia variada do genero humano que elle seja o que é, e como foi constituido pela Divina Sapiencia n'este mundo planetario.

2564.— Gozamos sonhando de bens e prazeres que nunca poderiamos esperar conseguir accordados.

2565.— É na velhice que os doutos joeirão os seus conhecimentos adquiridos, e reconhecem com bastante mágoa que poucos tem ou merecem o titulo de verdades.

2566.— Quereis ser sabios, estudai a Natureza : justos, estudai a Natureza : felizes, estudai a Natureza. A Natureza é huma revelação perenne da Divindade.

2567.— A morte limita-se á vida corporal e organica ; a substancia mysteriosa ou principio simples, sensivel e intelligente que a domina em sua união, não póde ser mortal e destructivel, é talvez huma emanação do Ser eterno que a diffunde sem exhaurir-se.

2568.— Os maldizentes seráõ malditos, como os bemdizentes bemditos.

2569.— O genero humano é o que Deos quiz que fosse, nem mais nem menos.

2570.— Nunca se acha tanta ignorancia como nas pessoas que presumem saber mais do outro mundo do que d'este.

2571.— O seculo da poesia não é ordinariamente o da razão e das verdades, mas o da imaginação, fabulas e illusões : pode-se unicamente dizer em seu abono que é o precursor da philosophia.

2572.— Os homens gozão e soffrem como taes : são premiados e castigados segundo o seu bem ou mal fazer no mesmo theatro da sua representação social.

2573.— Quando nos comparamos com os outros homens, o nosso amor proprio, avaliador suspeito, descobre sempre hum saldo a nosso favor.

2574.— Todos podém ler na Natureza e estuda-la em huma linguagem universal, que tem por alphabeto os sentidos corporaes e as potencias da alma.

2575.— A extensão substancial rarificada se espiritualisa, condensada se materialisa.

2576.— Em nada os homens desatinão tanto como em politica e religião.

2377.— As pessoas distinguem-se tambem pela voz; esta varía com as idades e nos sexos, e tem hum caracter original em cada huma das individualidades de que se compõe a especie humana.

2378.— De que nos serviria a outra vida se o nosso espirito não conservasse o cabedal de idéas e conhecimentos que adquirio na primeira, e perdesse a memoria da sua identidade individual e intellectual?

2379.— É notavel que em certas e importantes materias o que os homens presumem saber melhor, é o que ignorão inteiramente.

2380.— A vida é menos revolucionaria do que a morte: esta rompe em hum instante a têa dos eventos que aquella fabricou por muitos annos.

2381.— A sabedoria confere aos homens huma especial independencia pelos prazeres sensuaes que escusa, e os intellectuaes que possue.

2382.— São muitos os homens que descontentes de si, e não podendo viver sós, importunão e incommodão os outros com visitas.

2583.— Os males de algumas nações procedem da fórma dos seus governos, especialmente depois que publicistas philosophos e utopistas se encarregarão de fabricar-lhes constituições.

2584.— Comprehender a Deos seria comprehender o Infinito, a Immensidade : creaturas limitadas no espaço e tempo são incapazes de tão sublime comprehensão : Deos sómente se comprehende a si.

2585.— São idades fabulosas as da puericia e adolescencia, heroicas as da juventude e virilidade, racionaes as da madureza e senectude.

2586. — A educação das mulheres é mais obra da Natureza que a dos homens.

2587.— Toda a felicidade vem de Deos : de qualquer modo que gozemos é sempre de Deos que gozamos, author de tudo e da nossa vida.

2588.— A genuina maioridade é o juiso que a confere, e não a idade.

2589.— O castigo acompanha o delinquente, e ainda que ronceiro o alcança finalmente.

2590.— Nenhum successo é sobre-humano, ou extra-mundano : tudo o que observamos no jogo social, moral e politico das nações é o que deve ser segundo a constituição, natureza e destinação do genero humano no systema d'este mundo.

2591.— Devemos lastimar os máos e agradecer a Deos não sermos taes.

2592.— Enganamo-nos com os homens porque affectão geralmente parecer o que não são.

2593.— Viver em tudo com referencia a Deos é viver racional e religiosamente.

2594.— Do theatro d'este mundo sahem a cada instante innumeraveis actores aos quaes succedem immediatamente outros para que continuem e se executem sem interrupção os dramas infinitamente variados que n'elle se representão.

2595.— Tudo é fallivel n'este mundo menos a esperança e confiança em Deos.

2596.— A morte equilibra as vidas mantendo humas á custa de outras.

2597.— São innumeraveis os Céos, cada mundo tem o seu privativo, abrilhantado tambem de estrellas collocadas ou esparzidas por diverso modo do que se nos representa o que avistamos.

2598.— Imaginai outras côres que não sejão o azul nos Céos e o verde na terra, e achareis que nenhumas são tão bellas, deleitão e fortificão mais a nossa vista do que aquellas.

2599.— Se Deos não comprehendesse tambem o Universo, este o limitaria deixando de ser immenso e infinito.

2600.— Os vicios convivem com os crimes e lhes fazem companhia.

2601.— Falla-se muito em economia onde é menos observada, e em liberdade onde tudo é anarchia.

2602.— Ha nas familias, povos e nações do mundo as mesmas vicissitudes e variações como na atmosphera que circunda a terra, onde tudo tende a equilibrar-se sem que possa verificar-se hum perfeito equilibrio e permanente harmonia.

2603.— Os traidores se associão, mas não se amão nem se confião.

2604.— Ha muitas cousas que os nescios presumem saber, e que os sabios confessão ingenuamente que ignorão.

2605.— É na Immensidade de Deos que tudo se fórma e se resolve para ser renovado e reformado com variedade e novidade por toda a Eternidade.

2606.— Quando nada esperamos dos homens, mas tudo de Deos, preferimos o retiro e reclusão á sociedade e companhias.

2607.— Os lisongeiros despresão e aborrecem interiormente aquelles mesmos a quem mais louvão e divinisão externamente.

2608.— Os máos exemplos e más doutrinas revertem ordinariamente em damno daquelles que os derão e as inculcarão, e dos povos que as approvarão ou tolerarão.

2609.— A reflexão é tão necessaria á nossa alma, como a digestão ao nosso corpo.

2610.— Os instinctos da sociabilidade pódem mais que as instituições humanas, e corrigem muitas vezes a sua incongruencia ou malignidade.

2611.— Não podemos promover e zelar o nosso interesse individual sem cooperar directa ou indirectamente para o geral : não ha egoismo absoluto.

2612.— Os vicios inveterados nunca mais são extirpados.

2613.— Não podem haver dous infinitos ; se o bem é tal, o mal é temporario e limitado.

2614.— A velhice nos torna de algum modo independentes do mundo material embotando os nossos sentidos, e redusindo muito as faculdades de gozarmos sensualmente.

2615.— Somos identicos nas diversas idades quanto á nossa alma , mas não respectivamente aos nossos corpos.

2616.— Se os homens não fossem loucos , a historia não teria materiaes nem assumpto para os seus trabalhos.

2617.— A sabedoria é synthetica, resume tudo.

2618.— A vida nos faz dependentes, a morte nos confere a independencia.

2619.— Para agradar a todos fôra necessario poder identificar-nos com cada hum, o que não é possivel.

2620.— Nos governos fracos ou mal constituidos, os ambiciosos e anarchistas especulão em insurreições e rebelliões esperançados na impunidade, amnistias e cumplicidade de muita gente associada aos seus planos subversivos e revolucionarios.

2621.— É pessima especulação querer subir maldizendo : o que assim pensa e obra desce, abisma-se e não sóbe.

2622.— É necessario que os moços e velhos sejão o que são, para que o genero humano seja o que deve ser.

2623.— A liberdade da imprensa em alguns paizes é a faculdade de anarchisar, sedusir e sublevar os povos impunemente.

2624.— Não devemos lamentar os mortos, que já não sentem, mas os vivos, que padecem porque são sensiveis.

2625.— Os homens habeis para destruir são inhabeis para construir.

2626.— Os peiores revolucionarios são os que se abrigão com o manto da monarchia.

2627.— Quando deixamos de gozar de Deos? todos os bens e prazeres da vida, ou provenhão da Natureza ou da intelligencia humana, tem n'elle a sua origem, causa e fundamento. Deos é o bem universal, e o manancial eterno de todos os bens do Universo.

2628.— O progresso no conhecimento e amor de Deos pelo estudo, exame e fruição das suas obras maravilhosas, é o que se deve entender por ver a Deos objecto sacro-santo de huma eterna felicidade.

2629.— Sem o estudo das sciencias naturaes ninguem é sabio nem póde sê-lo: todo o saber vem de Deos, e se revela nas suas obras.

2630.— A intelligencia se limita quando se revela nos corpos figurados que a representão.

2631.— A credulidade dos nescios os sugeita á autoridade, promove a sua obediencia, e é proficua n'este sentido á sociedade.

2632.— Não podendo fazer-nos immortaes, cuidemos em produsir obras taes que perpetuem a nossa memoria com louvor na geração presente e nas futuras.

2633.— Amai a Deos que não morre, não idolatreis o que é mortal.

2634.— Os máos não tem longa duração : o mal é n'elles hum elemento de indefectivel destruição.

2635.— Ha impostores em litteratura como em politica e religião : superficiaes e interesseiros tem em vista sómente os empregos e promoções que esperão conseguir alardeando de litteratos.

2636.— A mocidade encanta, a velhice desencanta os homens.

2637.— Quanta lida para tão pouca vida! assim exclamava hum homem quasi agonisando. Que reflexões não suggere o dito d'este moribundo! Ambiciosos, que vos agitaes em hum pelago de intrigas e illusões, ponderai na verdade d'este rifão e sereis desencantados.

2638.— É necessario que nos reconheçamos velhos quando somos taes, mudando ou alterando rasoavelmente a fórma e theor da nossa vida ordinaria.

2639.— Os moços tem os sentidos agudos, convem-lhes adquirir idéas; os velhos os tem obtusos, devião já tê-las adquirido.

2640.— O espirito é o ponto mathematico da metaphysica.

2641.— Quando se considera que é infinito o que podemos aprender, saber e admirar, e a felicidade progressiva que nos póde resultar do estudo e fruição das obras maravilhosas de Deos por toda a eternidade, nos horrorisamos da idéa falsa e terrivel da extincção total do nosso ser depois da nossa morte n'este mundo.

2642.— Deos nos vê, nos ouve, e conhece os nossos pensamentos e intenções mais secretas : ai de quem o não accredita !

2643.— Quando estamos convencidos profundamente da infinita sabedoria e poder de Deos, não ha males na vida humana por maiores que sejão, que não possamos vencer confiando e esperançados na divina bondade e protecção.

2644.— Hum Bem infinito exclue e não consente mal eterno.

2645.— Cessa a prudencia quando lhe falta a paciencia.

2646.— Não ha lugar vasio na immensidade do espaço, Deos tudo enche e occupa com a plenitude do seu Ser Infinito, e a somma illimitada das suas obras infinitamente variadas e assombrosas.

2647.— Não é o morrer que dóe, mas o viver padecendo.

2648.— A protecção dos máos compromette os bons.

2649.— O velhaco não póde ser sincero, a sinceridade faria abortar os seus planos.

2650.— Entidades fabulosas, humas boas, outras malignas, incorporadas nas crenças e cultos religiosos antigos e modernos, forão sempre creaturas da imaginação, ignorancia e impostura humana : a razão e Natureza debalde as reprovão e recusão, a credulidade dos homens é mais poderosa do que ellas ambas.

2651.— Devemos amar a Deos por ser bom, teme-lo porque é justo, adora-lo e admira-lo por omnisciente e omnipotente.

2652.— As pessoas pobres e indigentes mantém muitos animaes domesticos para exercerem sobre elles o imperio e mando, que a sua condição não lhes permitte ter sobre os outros homens.

2653.— Póde avaliar-se o estado moral e intellectual das nações pelas pessoas a quem liberalisão o titulo de grandes homens.

2654.— O homem não seria creatura moral se não fosse social.

2655.— A cada instante se desatão da arvore da vida innumeraveis folhas substituidas por outras que de novo brotão, não convindo que fiquem despidos o seu tronco e ramos, mas sempre cobertos e frondosos. A arvore da vida é o reino animal, as folhas que cahem os viventes que morrem, surgindo outros de novo que nascem para lhes succeder.

2656.— A categoria da nossa existencia nas vidas futuras será correspondente ao nosso bom ou máo procedimento nas antecedentes.

2657.— É tal o nosso amor á nossa individualidade, que a morte, porque a destróe, é reputada o maior dos males.

2658.— Não convém parar no caminho do progresso, o que chegou á sabedoria deve cuidar em subir tambem á santidade, que consiste na perfeição ou excellencia moral e religiosa.

2659.— A nossa alma é emanação de huma unidade substancial, divina, mysteriosa e illimitada, que se diffunde pela immensidade do espaço, e vivifica todas as creaturas sensiveis e intelligentes sem exhaurir nem desfalcar-se.

2660.— O velho desencantado póde avaliar-se inutilisado.

2661.— A renovação e perpetuidade d'este mundo e do Universo demonstra a sabedoria infinita que os constituio, e a ordem maravilhosa a que obedecem e estão sugeitos.

2662.— Nada se perde da vida geral e individual, toda provém da Divindade e se resolve n'ella.

2663.— Vivemos e morremos envolvidos em hum turbilhão de duvidas, enigmas, arcanos e mysterios que não podemos resolver, decifrar, nem comprehender.

2664.— Liberal e anarchista são synonymos frequentes vezes.

2665.— A mesma substancia póde ser qualificada material ou immaterial conforme se faz ou não perceptivel aos nossos sentidos.

2666.— Toda a Natureza é symbolica, figura, representa e revela os divinos attributos do Creador do Universo.

2667.— A vida é mysteriosa como a fonte Divina de que procede.

2668.— Para o sabio tudo é ordem, o nescio acha desordem em tudo.

2669.— O trovão é a voz do Omnipotente regando a terra, refrescando o ar, e com o fogo electrico reanimando os reinos animal e vegetal.

2670.— Navegando no archipelago procelloso da vida não devemos perder de vista o porto do nosso destino.

2671.— Vemos a Deos nas cidades na admiravel variedade das producções da industria humana, vemo-lo nos campos nas obras maravilhosas e assombrosas da Natureza, vemo-lo finalmente em nós mesmos, que o estudamos, admiramos, amamos e adoramos em consequencia das faculdades e intelligencias com que nos enriquecerão a sua divina bondade e beneficencia.

2672.— As virtudes não tem o mesmo polimento dos vicios, mas huma certa rudeza natural que as constitue genuinas.

2673.— Sem extensão não póde haver desigualdade : os espiritos são perfeitamente iguaes por sua natureza immaterial ; a variedade em suas faculdades e potencias depende da diversidade dos corpos organisados a que estão unidos, os quaes promovem ou limitão a sua expansão e exercicio.

2674.— Podemos consolar-nos de ser mortaes, não ha excepção na lei geral.

2675.— A morte cura os achaques que a velhice torna incuraveis.

2676.— Somos fortes pela virtude, fracos e cobardes pelos vicios e crimes.

2677.— O mal physico é tão importante no systema d'este mundo, que sem elle o mesmo mundo deixaria de ser o que é, e não sabemos o que seria.

2678.— Queremos todos ser felizes ; mas cada hum de nós define a felicidade a seu modo e diversamente dos outros : é Providencia Divina que assim seja para que a felicidade chegue a todos pela variedade e diversidade dos objectos appetecidos e reputados capazes de fazer felizes pela sua posse e fruição.

2679.— A creação sendo huma solemne manifestação da infinita sabedoria de Deos é igualmente o objecto, argumento e demonstração da sua eterna bondade e beneficencia.

2680.— Na existencia n'este mundo não podemos duvidar da necessidade de hum corpo unido á substancia que chamamos alma, poderá esta existir sem elle nos outros mundos e systemas? é provavel que não.

2681.— Os homens enganão-se com a idéa de hum progresso material e intellectual que esperão n'este mundo, e que só póde verificar-se em outros e outras vidas.

2682.— Não podemos accumular todos os bens nem todos os males da vida humana.

2683.— Enganamo-nos ordinariamente sobre o modo de sentir e pensar dos outros homens quando os avaliamos por nós ; cada qual é hum original sem copia.

2684.— A vingança não diminue o mal soffrido, e occasiona frequentes vezes outros maiores.

2685.— A facilidade e presteza com que alguns povos adoptão as modas estrangeiras demonstrão a sua leviandade, falta de caracter, juizo e nacionalismo.

2686.— Os escriptores e artistas tem, como as plantas, hum tempo de florescencia e frutificação, passado o qual se tornão estereis, exhaustos e sem novidade attendivel.

2687.— A multidão de legisladores ameaça a ruina das nações, como o grande numero de medicos faz receiar a morte dos enfermos.

2688.— As fabulas que os homens imaginarão para explicar os phenomenos e successos cujas causas ignoravão, servirão depois para offuscar a razão humana, e torna-la incapaz de atinar com ellas e descubri-las.

2689.— Erramos, aprendemos e somos enganados até morrer por maior que seja a nossa idade, experiencia e sapiencia.

2690.— São estereis nos homens a primeira e ultima idade, e productivas as intermedias.

2691.— Póde haver e é provavel que haja nos outros systemas e mundos creaturas vivas, que não sendo impassiveis pela sua organisação corporal, se tornem taes pela sua superior intelligencia.

2692.— Nas revoluções populares ou de anarchistas surgem de repente com vida ephemera os falsos heróes e grandes homens, como nos estrumes e madeiras podres volumosos cogumelos.

2693.— Actores no theatro d'este mundo, devemos retirar-nos da scena quando pela nossa velhice e achaques, reconhecemos não poder executar dignamente os papeis que nos incumbem.

2694.— São infinitos os meios de que a Providencia Divina se serve para chegar aos seus fins, muitos d'elles que parecerião á ignorancia humana adversos, operão com maior efficacia e promptidão.

2695.— Mundos haverá onde creaturas privilegiadas tenhão olhos telescopicos para descobrir o que se passa em outros orbes mais visinhos.

2696.— Onde a lealdade não está em moda, os traidores se reproduzem como os polypos.

2697.— As calamidades publicas castigando os povos corrompidos e anarchisados, os impellem á reforma moral, politica e religiosa de que mais necessitão.

2698.— Os insignificantes exaltados tornão-se enfatuados.

2699.— A poesia deleita na mocidade e enfastia na velhice.

2700.— Podemos tornar-nos menos passiveis n'este mundo promovendo a nossa intelligencia pelo estudo, sciencia, experiencia e virtudes, conhecendo melhor a natureza dos males e suas fontes, e podendo consequentemente preveni-los, remove-los, neutralisa-los e transforma-los em bens.

2701.— A felicidade do velho achacado é negativa, consiste em não soffrer.

2702.— Se os animaes trabalhão para os homens, estes em retribuição são forçados a trabalhar tambem para os manter e pensar, sendo os seus serviços frequentes vezes mais abjectos e penosos do que os d'elles.

2703.— Quanto mais estudamos a Deos nas suas obras maravilhosas, mais o admiramos, e menos o comprehendemos.

2704.— Os espiritos ou atomos indivisiveis e immortaes preexistem á sua união com os corpos organisados ; antes d'ella não tem consciencia da sua existencia, nem podem ter o exercicio das faculdades sensiveis e intellectuaes que os distinguem, e só podem ser provocadas pela acção do mundo externo sobre os orgãos, sentidos e contextura dos corpos a que são unidos.

2705.— A nossa alma soffre pela velhice do corpo como gosou pela sua mocidade, conductor de bens e de males elle a sugeita ás suas phases e vicissitudes.

2706.— Os enigmas e mysterios da Natureza são tantos para os homens que melhor a tem estudado, que por fim humilhados do seu pouco saber se declarão profundamente ignorantes.

2707.— Quando os espiritos ou atomos indivisiveis se unem e se condensão, então se materialisão, ganhão extensão, fórma, figura e densidade, e tornão-se capazes de localidade, acção e movimento.

2708.— Os estrangeiros devem admirar-se da docilidade ou imbecillidade de alguns povos, que sem razão alguma sufficiente adoptão indiscriminadamente as suas modas, por mais extravagantes ou incommodas que sejão.

2709.— As noções sublimes de huma outra vida, e de hum progresso intellectual illimitado, não forão outorgadas pela Divindade para nossa illusão : se o genero humano crê e espera semelhantes bens é porque taes crenças e esperanças lhe forão suggeridas por Deos, que não engana nem póde ser enganado.

2710.— Embebei-vos em Deos, impregnai-vos de sua sabedoria pelo estudo das suas obras, e tereis n'esta vida huma prelibação da bemaventurança eterna.

2711.— O sabio é o homem menos terrestre e mais celestial que os outros.

2712.— Somos máos calculistas, receamos males que não vem, e esperamos bens que nunca chegão.

2713.— Ha huma felicidade positiva, que consiste em gozar; e outra negativa, em não soffrer.

2714.— Os vocabulos de mais difficil definição são os monosyllabos : bem e mal.

2715.— Somos todos os viventes filhos de Deos, a sua paternidade creadora deu-nos o ser para nos fazer felizes.

2716.— O mundo material e mecanico tem huma relação tão intima com o sensivel e vivente, que por intuição se conhece serem ambos constituidos essencial e necessariamente hum para o outro; sem o primeiro o segundo não podia existir, sem este aquelle se tornaria chaotico, inexplicavel e insignificante.

2717.— O jogo das paixões e opiniões humanas é tão variado e complexo, que não deve estranhar-se a diversidade assombrosa de casos e successos que occasiona na vida individual, familiar e social.

2718.— É muito limitada a nossa intelligencia : não podemos comprehender o maximo infinito, nem o minimo infinitesimo da immensidade.

2719.— Sendo cada homem hum original sem copia, as suas enfermidades tomão tambem hum caracter especial que differe em todos.

2720.— A variedade de procedimentos dos homens deriva geralmente da diversidade de suas opiniões sobre a felicidade : differindo quanto á sua natureza e objectos, devem tambem differir nos meios e actos para os procurar e conseguir.

2721.— A individualidade humana se extingue pela morte ; outra qualquer que d'ella derive e lhe sobreviva, é de natureza abstrusa e incomprehensivel á nossa intelligencia.

2722.— Huma boa letra não annuncia ordinariamente superior capacidade.

2723.— Compete sómente aos velhos formular maximas e sentenças moraes, os moços por falta de sciencia e experiencia não as podem compôr nem comprehender exactamente.

2724.— A intriga que occupa e diverte os moços, assusta e incommoda os velhos.

2725.— Ainda não morremos huma vez ; quem sabe se o instante da morte não é aprasivel e voluptuoso ? alguns symptomas externos parecem annuncia-lo, como huma epilepsia de sensual prazer.

2726.— Hum homem reputado de saber, juizo e virtude dá sugeição a muita gente.

2727.— Dissimulamos ordinariamente para poupar-nos o trabalho, ou risco de refutar ou impugnar o que vemos e ouvimos.

2728.— Em materia de religião deve crer-se tudo o que é compativel com a idéa ou noção de hum Deos eterno, immenso, infinitamente sabio, poderoso, bom, justo e providente, e regeitar quanto fôr opposto ou repugnante com estes seus divinos attributos.

2729.— É necessario dourar ou envernisar a vida para occultar a fragil consistencia do seu fundo material.

2730.— Enganar e ser enganado é talvez a sorte inevitavel do genero humano n'este mundo sublunar.

2731.— As flores deleitão a vista e o olfato, os fructos tambem o paladar pelo seu sabor.

2732.— Figurai-vos extincto o mal para a vida humana, e vereis acabar todo o jogo, acção e movimento dos homens no theatro d'este mundo.

2733.— O systema de impunidade é tambem o promotor dos crimes.

2734.— A luz dá côr aos corpos e os faz parecer distinctos, as trevas os igualão e confundem.

2735.— Não sabemos avaliar a saude quando a temos, lamentamos a sua falta quando a perdemos.

2736.— O successo se torna necessario, presuppostos os antecedentes que precederão e determinarão a sua existencia na ordem dos eventos d'este mundo.

2737.— Descobrimos tanta ordem, correspondencia, proporções, symetria, harmonia e relações tão ajustadas nas obras da Natureza, que devemos considerar-nos em erro quando se nos figura alguma cousa irregular, anomala sem designio, fim, nem applicação.

2738.— O nascimento illustra os nobres, o procedimento os que o não são.

2739.— São poucos os homens que chegão á idade dos desenganos, a maior parte fallece na dos erros, ficções e illusões.

2740.— Nada succede que não tenha huma razão sufficiente de haver succedido.

2741.— Tudo é limitado nos entes creados, tudo infinito em Deos; daqui provém que não possamos comprehender nem calcular a extensibilidade assombrosa da acção divina sobre os atomos infinitesimos e elementares da materia universal da creação.

2742.— A leitura é hum grande lenitivo para a velhice nos achaques que a incommodão, e reclusão a que obrigão.

2743.— Somos sempre enganados sonhando, e frequentemente accordados.

2744.— Ha mysterios profundissimos na Natureza, que não é dado aos homens penetrar e comprehender; se isso lhes fosse possivel, deixarião de ser taes, e se tornarião entes de diversa natureza.

2745.— Nas monarchias as revoluções na côrte e ministerios são tão frequentes como raras entre os povos; aquellas dependem da vontade de huma ou poucas pessoas, as populares do concurso de innumeraveis individualidades.

2746.— A mobilidade que sobeja na mocidade, fallece na velhice.

2747.— Ha huma ignorancia universal que presume saber o que ignora, e explicar o que não comprehende, e que se ufana do seu imperio sobre o entendimento e razão humana.

2748.— Constituidos e organisados como somos, devemos considerar a morte como hum grande bem : eterna seria a nossa desgraça e agonia se podessemos enfermar, envelhecer e padecer sem morrermos.

2749.— Sem a substancia a que chamamos materia, de que serviria a intelligencia ? esta se tornaria esteril, inutil ou inteiramente nulla.

2750.— A politica moderna affugenta a moral antiga.

2751.— Na vida politica social como na individual tolerão-se ou desprezão-se os pequenos males ; mas quando se aggravão desmesuradamente procura-se com anciedade o remedio ; e não se escusa meio algum de o conseguir, recorrendo-se até ás operações mais violentas, dolorosas e arriscadas.

2752.— Estudai os instinctos, conhecereis os meios, fins e designios da Natureza nos viventes de sua producção.

2753.— O grande erro dos politicos modernos consiste em applicarem indistinctamente aos povos em geral as instituições mais liberaes sem attenderem á sua especial capacidade moral e intellectual.

2754.— Tudo o que está fóra da esphera da nossa sensibilidade é como se não existisse para nós, não póde ser agente nem paciente a nosso respeito, é reciproca a sua e nossa independencia.

2755.— Hum mundo é hum systema de entidades e cousas concebido na mente Divina, e realisado pela sua omnipotencia ; é tal, nem póde ser outro diverso do que o mesmo Deos quiz que fosse com relação ao systema universal da Natureza.

2756.— O anarchista maldiz de todos os governos de que não partilha as vantagens.

2757.— O progresso individual é pouco sensivel, o collectivo ou geral da especie humana é mais distincto e notavel.

2758.— Huma unidade distincta e prestadia se inutilisa ordinariamente formando parte de hum corpo collectivo.

2759.— O verdadeiro sabio é hum homem excepcional na familia racional da especie humana.

2760.— Os sonhos, com o nome especioso de visões e revelações, tem contribuido muitas vezes para illudir e enredar os homens nas suas opiniões e crenças religiosas.

2761.— Em hum povo ignorante o chefe deve ter a mesma autoridade absoluta que a Natureza confere aos pais sobre seus filhos meninos e menores.

2762.— Somos simultaneamente escravos e senhores do tempo que a abstracção humana creou, dividio e classificou em annos, mezes, dias, horas e minutos.

2763.— Póde avaliar-se o caracter das pessoas pela maneira porque tratão os animaes domesticos, proprios ou alheios.

2764.— O somno tem por auxiliar o silencio.

2765.— O suicida marca a hora da sua morte e o limite da sua vida.

2766.— Alegria e riso, tristeza e chôro formão o mosaico da vida humana.

2767.— A morte é incorruptivel, não se deixa subornar.

2768.— Deos escreve direito por linhas tortas : é hum dito vulgar de muito profunda significação.

2769.— De quantos males nos temos queixado n'este mundo que derão occasião aos nossos maiores bens !

2770.— Podemos ver e conhecer de algum modo a Deos pelos nossos sentidos, estudanto e admirando as suas obras ; mas quando queremos elevar-nos ao estudo e comprehensão da sua essencia e natureza, o nosso espirito se confunde, desatina, e se perde na sua immensidade.

2771.— Nunca os povos são tão mal governados como quando muita gente se encarrega de governa-los.

2772.— Ha muita gente feliz sem saber que o é, ou que se considera desgraçada por não conhecer ou não haver experimentado os numerosos males da vida humana, contrastes indispensaveis para huma exacta avaliação dos innumeraveis bens da mesma vida.

2773.— O material é o involucro do espiritual, o objectivo do intellectual, e finalmente o symbolo e expressão da intelligencia.

2774.— O bem e o mal significão dous modos de sentir e existir em nós, gozar e soffrer : ambos tem a sua origem na sensibilidade organica do nosso corpo unido á unidade sensivel e intelligente da nossa alma.

2775.— A traição promovida desalenta a lealdade preterida.

2776.— Os homens de juizo e experiencia advinhão com frequencia.

2777.— Nas côrtes pequenos accidentes produzem grandes acontecimentos.

2778.— Os mundos como os homens são tambem mortaes.

2779.— No estudo da Natureza erramos ordinariamente, inferindo mais do que ella inculca nos seus phenomenos e producções.

2780.— O medo exclue ou amortece o amor.

2781.— Muitos dos phenomenos mysteriosos d'este mundo, serião melhor explicados e entendidos, decidindo-se que o mesmo mundo é tambem creatura viva e animada por hum espirito de superior categoria e transcendente intelligencia.

2782.— As pessoas de intelligencia mediocre ou vulgar são muito ambiciosas de governar, desconhecem a importancia e risco do poder e mando, e só attendem a suggestões da sua ridicula fatuidade.

2783.— Huma das maiores maravilhas para o estudo e admiração dos homens é a correspondencia e relação reciproca dos nossos sentidos com a natureza material d'este mundo e do universo.

2784.— A impertinencia e rabuge da velhice procede em algumas pessoas do tedio e fadiga de soffrer por muitos annos a turba incommoda de loucos, tôlos, nescios e velhacos.

2785.— As ruinas de huns governos e cultos religiosos, tem servido de elementos e materiaes para a formação de outros.

2786.— Se amamos a nossos pais porque contribuirão materialmente para a nossa existencia, que amor não devemos a Deos, que concebeo o typo do nosso ser, e o realisou no espaço e tempo pela sua paternidade creadora?

2787.— Inventariando e avaliando na velhice os nossos conhecimentos, reconhecemos com mágoa poucas verdades e innumeraveis erros.

2788.— Se os homens fossem impassiveis serião inactivos e inamoviveis, não haveria motivo algum que os impellisse á acção e movimento voluntario.

2789.— Quando hum povo soberanisado se accostumou impunemente ao perjurio, ingratidão e traição, é difficillimo reduzi-lo á lealdade e obediencia ás autoridades supremas do Estado: a anarchia é o seu elemento predominante.

2790. — A velhice quer descanço, a morte lho dá perenne.

2791.— Huns querem ordem porque receião perder, outros promovem a desordem porque esperão ganhar por ella.

2792.— São os ignorantes os que presumem saber mais das cousas de outro mundo, e os sabios os que confessão saber menos ou nada a tal respeito.

2793.— Lemos os nossos escriptos com o mesmo prazer com que vemos a nossa imagem nos espelhos; aquelles retratão o nosso espirito, estes a nossa physionomia.

2794.— Os sabios não brilhão por modestos, falta-lhes a protervia dos charlatães.

2795.— Os vicios e crimes andão sempre em companhia.

2796.— Perdemo-nos na immensidade porque fomos formados sómente para a localidade.

2797.— Não desespereis nas grandes crises da vossa vida, esperai confiando em Deos e vereis prodigios da sua Infinita Beneficencia.

2798.— As maximas salvão os que as compõem de explicações e commentarios, que os farião ainda mais impopulares do que já são ordinariamente por aquelle genero de escriptura e composição.

2799.— Os homens vivem em hum engano e illusão constantes occupados na curta esphera d'este mundo, que considerão como hum todo vastissimo, não sendo mais que hum atomo infinitesimo no systema immenso da creação; dando-se huma importancia ridicula e a tudo o que lhes pertence, parecem desconhecer que as doenças e a morte denuncião a sua miseria e ignorancia, e que toda a sua grandeza e gloria terrestre se reduzem em breves instantes a pouca cinza e pó.

2800.— A embriaguez do amor como a do vinho impelle a iguaes desatinos.

2801.— Cada povo e nação é hum original sem copia; a forma de governo que lhe convém deve ser regulada pela sua especialidade; a adopção ou arremedo indiscriminado das instituições dos outros povos lhe é funesto quasi sempre pela disparidade de circumstancias em que se achão para com elles.

2802.— A vida e morte estão sugeitas ao regime de huma Providencia, que comprehendendo o preterito, presente e futuro, regula os destinos individuaes, familiares e sociaes, por hum modo infinitamente sabio e justo, porém mysterioso e incomprehensivel á razão e intelligencia humana.

2803.— Os homens são mais dignos de lastima que de odio e despreso, os seus vicios e crimes provém mais de ignorancia que de malicia e malignidade; com melhor educação, exemplos e cultura, serião menos máos ou mais virtuosos do que são.

2804.— As religiões, governos, moral, politica, industria, usos e costumes, seguem a escala da intelligencia humana, e varião segundo esta se adianta ou atraza nos povos e nações que se succedem no theatro d'este mundo.

2805.— Na mocidade pouco se cuida na religião, é na velhice que as idéas religiosas occupão especialmente o pensamento dos homens, que vendo escaparlhes este mundo, necessitão para sua consolação de esperar huma vida futura, mais feliz e melhorada que a presente.

2806.— Não é este mundo concreto e material que assusta os homens, mas o fantastico, abstracto e ideal, que elles mesmos crearão e imaginarão.

2807.— Os sabios são syntheticos, descobrem hum universo guarnecido de innumeraveis mundos, hum systema geral comprehendendo infinitos systemas parciaes, finalmente hum Ser ou unidade de natureza eterna e incomprehensivel, animando, vivificando e racionalisando este todo portentoso com a sua existencia, presença e assombrosa sabedoria.

2808.— Quando temos chegado a hum alto gráo de riqueza, morremos : de sciencia, morremos : de honras e autoridade, morremos : se tal é a sorte final do homem, para que nos afadigamos tanto para alcançar riqueza, sciencia e autoridade? Proximos á morte a nossa mágoa pela perda de semelhantes bens será correspondente ao seu volume, extensão e quantidade.

2809.— Os preceptores dos homens não querendo dar-se ao trabalho de os fazer bons pela razão, julgarão mais commodo faze-los taes pelo terror, ameaças e castigos.

2810.— Gozar da vida sem referencia a Deos author de todos os bens é commum a todos os animaes irracionaes, goza-la admirando as obras de Deos, adorando e reconhecendo a divina bondade e beneficencia é especial ás creaturas intelligentes, e constitue a felicidade mais plena de que são capazes n'este mundo.

2811.— Os velhos são tenazes no seu proposito, não tem a inconstancia nem a leviandade da gente moça.

2812.— Os tyrannos não serião taes se os povos o não merecessem.

2813.— Os viciosos investem e maltratão os virtuosos, estes os lastimão antevendo o seu opprobrio e punição.

2814.— Ha prazeres privativos de cada idade, e outros communs para todas.

2815.— A existencia de Deos no Universo creado é talvez comparavel ao fogo no ferro em braza, que distincto do metal o tem empregnado de sua substancia activa e luminosa.

2816.— Sendo a Providencia Divina infinita não admira que os homens a não possão comprehender em toda a sua extensão, e a neguem ou recusem nos casos e accidentes minimos da vida humana, que aliás lhe estão geralmente subordinados.

2817.— Tudo o que vemos no jogo, movimento e evoluções do genero humano, é o que deve ser conforme a sua natural constituição e destinação no systema parcial d'este mundo e universal da creação.

2818.— Na velhice é bom que sejamos esquecidos para não sermos importunados, incommodados ou perseguidos.

2819.— São os velhos os que melhor reconhecem a verdade das maximas e sentenças moraes, falta aos moços a experiencia para bem as entender e appreciar.

2820.— Avistamos a immensidade e não sabemos respeitar-nos!

2821.— Se conhecemos tão pouco o mundo em que vivemos, que idéa podemos formar dos innumeraveis que mal avistamos!

2822.— Homens ha, como as obras de casquinha, que só tem a sua superficie de metal nobre.

2823.— A impaciencia em que vivemos provém da nossa ignorancia, queremos que os homens e as cousas sejão o que não podem ser, e deixem de ser o que são por sua essencia e natureza.

2824.— Quanto saber desaproveitado, porque os seus possuidores não o querem publicar com receio de serem maltratados ou perseguidos por sua intempestiva revelação!

2825.— Na administração e regime da Divina Providencia os males são tambem instrumentos e conductores de bens.

2826.— É tal a nossa imprevidencia ou ignorancia, que tomamos por hum grave mal o que frequentes vezes é origem e occasião dos maiores bens.

2827.— A doutrina do Pantheismo, e Optimismo universal, é mais ou menos implicitamente professada em todos os systemas religiosos, que aliás regeitão ou reprovão os vocabulos que a representão.

2828.— Os erros fallecem quando as verdades amadurecem.

2829.— Na velhice com menor vista avistamos muito mais do que na mocidade : a sciencia e experiencia são os vidros de gráus que produzem taes effeitos.

2830.— O mundo está constituido e organisado no seu todo e partes para ser o que é, e nada mais nem menos.

2831.— Se não fossemos sensiveis seriamos impassiveis.

2832.— A offensa suppõe necessariamente passibilidade no Ente offendido : o impassivel é essencialmente inoffensivel.

2833.— O Universo material é animado por Deos como o nosso corpo pela nossa alma.

2834.— A verdadeira felicidade não póde consistir na fruição dos prazeres sensuaes, muitos dos quaes deixão frequentes vezes o travo acerbo do remorso e arrependimento.

2835.— Sem os males e necessidades da vida não haveria officio, emprego, nem occupação alguma para os entes vivos d'este mundo, faltando-lhes motivos para acção, agencia e movimento espontaneo no theatro d'este mundo.

2836.— Não admira que o juizo seja censurado, quando a loucura já foi elogiada.

2837.— Os trabalhos da vida afião huns engenhos e embotão outros.

2838.— Não se pergunta ordinariamente o motivo porque nos rimos, mas porque choramos : o riso é tão frequente e vulgar, que não causa novidade.

2839.— Os anarchistas e desordeiros fallão aos povos em resistencia e liberdade; os monarchistas ordeiros em religião, moral, obediencia e lealdade.

2840.— Os moços presumem muito porque sabem pouco.

2841.— É argumento muito poderoso de huma outra vida a crença instinctiva e universal do genero humano na sua existencia e realidade.

2842.— As religiões são modificadas pela intelligencia dos que as professão.

2843.— Não procureis o juizo pratico nas academias, universidades, sociedades scientificas e litterarias, acha-lo-heis em primeira mão entre os negociantes e lavradores, nas praças de commercio, e estabelecimentos ruraes.

2844.— Individuaes tornamo-nos egoistas ; collectivos, sociaes.

2845.— O ser da creatura vivente é huma fracção infinitesima da substancia immensa e eterna, da qual se separou interinamente pela vida para ser reintegrada depois pela morte no todo infinito de que sahio e se desgregou.

2846.— Variamos com as idades de instinctos, gostos, paixões, opiniões, até mesmo de molestias.

2847.— Se podessemos prever o futuro, não seriamos livres ; tal previsão presuppunha huma ordem fatal e inevitavel de cousas, casos e successos, que não era possivel interromper nem remover.

2848.— Nenhum mundo existe estacionario, ha em cada hum huma evolução de novos entes, productos, casos e accidentes que lhe dá huma novidade successiva, sugeita ás leis geraes da sua structura, formação e destinação.

2849.— Os poetas tem feito maior mal á especie humana com as suas fabulas e ficções do que os philosophos com as suas theorias e abstracções.

2850.— Os males como os bens tem hum limite necessario na natureza humana, o que não devemos esquecer quando soffremos ou gozamos.

2851.— A imaginação dos homens figura tudo o que aliás qualifica de immaterial ou espiritual, não podendo conceber nem comprehender o que não tem fórma, figura nem lugar e limites no espaço.

2852.— É quando as flores abrem, e os fructos amadurecem, que deleitão a nossa vista, olfato e paladar, com suas côres, perfumes e sabores, assim tambem é nas idades viril e madura que os homens exhibem os primores do seu engenho, forças e producções.

2853.— Se não podemos comprehender o minimo de huma flôr ou de hum insecto, como poderemos comprehender o maximo do Universo!

2854.— O objecto de hum amor eterno não póde ser outro que o Bem infinito igualmente eterno.

2855.— A nossa vida é huma particula infinitesima da vida eterna; d'esta proveio e tornará para ella.

2856.— Mãi diligente, filha negligente : terra abundosa, nação preguiçosa.

2857.— A civilidade encobre ou dissimula o egoismo.

2858.— Devemos aos homens e aos seus livros muitas verdades e innumeraveis erros.

2859.— Da acção e reacção reciproca dos entes e corpos huns sobre os outros, resulta finalmente a sua morte ou destruição, occasionando ao mesmo tempo a formação e existencia de novos corpos e viventes para os substituir, e perpetuar este mundo como foi constituido pelo seu Autor e Creador omnipotente.

2860.— Os males da Natureza são muito poucos comparativamente aos de invenção e apprehensão dos homens.

2861.— Temos o mesmo nome nas diversas idades da vida, e comtudo somos bem differentes de nós mesmos em todas ellas.

2862.— Sem alteração ou mudança no todo ou parte do nosso corpo não podemos sentir, gozar nem soffrer : a sensação é producto de huma alteração occasionada por causa ou acção externa ou interna.

2863.— Ha morte e destruição n'este mundo para que haja sempre vida, formação e renovação com variedade e novidade.

2864.— O nosso corpo que provoca e excita o exercicio das faculdades e potencias da nossa alma, é tambem o mesmo que limita a sua expansão progressiva e restringe a intelligencia, para que não transcenda os limites que a Divina Sabedoria lhe assignalou em relação á natureza humana, ao mundo que habitamos, e ao systema do Universo de que fazemos parte.

2865. — Ha para a sociedade huma harmonia na loucura variada dos homens, como para a musica vocal e instrumental na diversidade e antagonismo dos sons e vozes.

2866.— O erro e ignorancia parecem ser elementos obrigados na constituição do genero humano, este não seria o que é se tudo soubesse e nada ignorasse.

2867.— Como Deos nada fez nem faz sem proposito, fim e applicações, segue-se que tudo o que existe é o que deve ser em todos os systemas parciaes e no geral do Universo.

2868.— Cada mundo começa como hum ôvo ou embrião, e se vai desenvolvendo e explicando por seculos e millenios até chegar a aquelle ponto de maturação , que lhe foi destinado , e se resolve então nas substancias elementares de que foi formado.

2869.— Se é terrivel a idéa da morte ou da extincção da nossa individualidade corporal , que será da aniquilação total do nosso ser ! A esperança de huma vida futura é instinctiva e salutar.

2870.— Sem os contrastes que a Natureza appresenta, os homens não poderião conhecer nem avaliar as cousas e successos d'este mundo.

2871.— Quando temos em vista os bens eternos pouco nos occupamos e apaixonamos pelos temporaes e perituros.

2872.— Ha huma idolatria profana, como outra religiosa; tem por objecto os homens e suas obras.

2873.— Devemos receiar os juizos dos homens por falliveis, mas adorar os de Deos por infalliveis.

2874.— O desencanto do mundo, da vida humana e suas illusões, faz parecer extravagantes ou loucos os que assim desenganados e desencantados adoptão hum plano especial de vida que os outros homens não podem avaliar nem comprehender.

2875.— Huma felicidade absoluta só compete a Deos, as suas creaturas por limitadas são incapazes de outra que não seja a relativa, o que suppõe necessariamente a existencia do mal physico para contrastar os bens e fazê-los avaliar e appreciar.

2876.— A autoridade humana é muito poderosa : a razão cede ordinariamente aos seus dictames e doutrinas.

2877.— É questão curiosa, se renascendo para huma segunda vida não seriamos os mesmos que fomos, concorrendo em tudo as mesmas circumstancias, condições e accidentes da primeira : a affirmativa parece provavel com resaibos de fatalismo.

2878.— Toda a sciencia vem de Deos, não a podemos haver senão pelo estudo, exame e observação das suas obras maravilhosas, ou da Natureza, sua revelação perenne e objectiva.

2879.— A vontade omnipotente de Deos opera sobre os atomos infinitesimos da materia, como a nossa individual sobre as moleculas integrantes dos membros do nosso corpo, e n'este sentido poderiamos talvez asseverar que o Universo é o corpo incommensuravel da Divindade.

2880.— Inspirar e promover o amor de Deos e dos homens é a obrigação sagrada dos sabios em seus escriptos e discursos.

2881.— Deos se figura e se individualisa de algum modo no Universo material e phenomenal, sendo aliás a sua substancia eterna, immensa e illimitada por sua essencia e natureza mysteriosa e incomprehensivel.

2882.— O extraordinario tambem é natural, ainda que raro ou menos frequente.

2883.— Em hum mundo em que a destruição anda a par da formação, a morte a par da vida, apaixonar-nos profundamente pelos objectos que n'elle se crião e figurão por algum tempo, é loucura rematada.

2884.— O mal é n'este mundo o motivo principal da cultura da nossa intelligencia, não querendo soffrer procuramos conhecer as causas dos nossos males para os prevenir, remover ou mitigar.

2885.— Os homens tem figurado os Deoses com os mesmos vicios, paixões e defeitos que n'elles existem : figurando-os com a fórma humana julgarão melhor comprehende-los e honrar d'este modo a propria especie nas familias animaes da Natureza.

2886.— Todos os nossos cuidados, trabalhos e fadigas se dirigem á conservação e regalo do nosso corpo, que é cinza e pó, e muito pouco ou nada cuidamos no aperfeiçoamento do nosso espirito, que reconhecemos de natureza immortal e duração eterna; tal procedimento é bem improprio da razão e crença religiosa de que tanto nos gloriamos.

2887.— Os olhos atraiçoão muitas vezes a nossa alma descobrindo os seus mais reconditos sentimentos, affeições e aversões.

2888.— Toda a sciencia deve ter por principal objecto exaltar o espirito e coração do homem ao amor e admiração de Deos; estes sentimentos são os que mais contribuem para a felicidade terrestre das creaturas humanas, e predispõem para a vida futura, onde no progresso infinito d'estes mesmos sentimentos consistirá necessariamente a eterna bemaventurança.

2889.— A riqueza material é de difficil transporte n'este mundo e impossivel para os outros; a sciencia e virtude identificadas com a nossa alma podem percorrer a immensidade do espaço sem trabalho nem despeza com a sua conducção.

2890.— Tudo está sugeito e subordinado a huma vontade Omnipotente; o Universo, os mundos que o guarnecem, e os mesmos atomos infinitesimos viventes e elementares de que tudo e o todo se compõe.

2891.— Os moços não são nem podem ser sabios, não tem sufficiente sciencia, experiencia, virtude e amor de Deos, para serem qualificados taes.

2892.— É necessario que gozando dos bens e prazeres naturaes reconheçamos que gozamos do mesmo Deos, autor de todos elles, e teremos de mais a mais o delicioso sentimento de gratidão pela sua infinita beneficencia.

2893.— Congratulamo-nos na velhice de termos sido laboriosos, economicos e providentes na mocidade.

2894.— O mar fluctuante e movediço, a terra firme e estacionaria, que contraste no mesmo mundo!

2895.— As sociedades secretas são taes ordinariamente porque a publicidade dos seus actos as faria parecer ridiculas ou criminosas.

2896.— Correm grande perigo os Estados onde os ministerios se succedem com frequencia, como os doentes com repetidas juntas e conferencias de professores.

2897.— Ha progresso de intelligencia nos povos onde a invenção das modas é frequente ou habitual.

2898.— Dizemos sempre mais ou menos do que sentimos e pensamos, a prudencia e circumstancias não permittem que sejamos strictamente exactos e sinceros.

2899.— Forrar o proprio trabalho, gozar e empregar o alheio, é o proposito latente dos ambiciosos do poder e mando.

2900.— Os mundos tambem perecem como tudo o que n'elles se comprehende, o Universo se renova como cada huma das suas partes integrantes, a sabedoria de Deos sendo infinita tem de exercer-se com variedade e novidade por toda a eternidade.

2901.— As paixões eclipsão a razão, como as nuvens a luz do sol.

2902.— Com o presente á vista, o preterito em lembrança, e o futuro em esperanças e receios vivemos esta vida terrestre, mysteriosa e mal comprehendida, incerta em suas vicissitudes, porém certa por sua terminação pela morte e destruição.

2903.— A eloquencia consiste em symbolisar a Natureza por palavras, que representem os seus phenomenos e excitem os mesmos sentimentos e emoções, que costumão occasionar nos viventes racionaes.

2904.— Quanta gente vi, conheci e pratiquei, que já não existe! Que variedade de caracteres, gostos, costumes e opiniões! Tudo passou para nunca mais tornar.

2905.— O mundo material seria o chaos sem os viventes que n'elle existem e se crião, huma reciproca relação em tudo constitue o mundo tal como nos parece e se acha coordenado.

2906.— É frequente o riso, e raro o pranto na especie humana, argumento, de que a somma dos bens é incomparavelmente maior que a dos males no systema d'este mundo.

2907.— O peior mal da escravidão é conservar os captivos na ignorancia e bruteza, pela opinião de que são assim mais doceis, humildes e subordinados.

2908.— O Ser infinito, por isso que não é limitado, comprehende tudo necessariamente na esphera da sua immensidade.

2909.— O mundo que nos engana na mocidade nos desengana na velhice.

2910.— Tudo depende do lugar, tempo e circumstancias, os incredulos de hoje serião fanaticos na idade media.

2911.— Os cuidados perseguem a vida, não incommodão os mortos.

2912.— O sabio é o que mais receia a morte sabendo melhor apreciar a vida e o espectaculo assombroso do Universo, no qual existe como agente, actor, espectador e especial admirador de Deos, seu creador omnipotente.

2913.— Como os dias e as noites, os bens e os males se alternão e se contrastão.

2914.— O mal não existe na Natureza como fim, mas como occasião, meio, instrumento, vehiculo ou conductor de bens.

2915.— Não devemos estranhar os grandes males que padecem as modernas sociedades, nas quaes a desmoralisação é qualificada de civilisação.

2916.— A razão é forte quando os instinctos são fracos, e vice-versa.

2917.— Estabelecido como verdade, hum absurdo, este vem a ser o nucleo de muitos outros, o que se observa especialmente em materias religiosas.

2918.— Para que houvesse huma historia geral do genero humano tão variada como existe, era necessario e indispensavel que os homens fossem taes como tem sido, são e hão de ser.

2919.— As mulheres devem mais á Natureza, que os homens á sociedade.

2920.— O mal é muito menos duravel e mais limitado que o bem : este é conservador, aquelle destruidor.

2921.— A litteratura Ingleza instrue moralisando, a Franceza deleita sensualisando : a primeira é racionalista, a segunda sensualista.

2922.— De qualquer modo que se baralhem as cartas do jogo social, este se executará sempre conforme as leis naturaes da ordem physica e moral a que está sugeita necessariamente a humanidade em todos os seus actos, voluntarios e obrigados.

2923.— Por melhor que seja o resultado de huma revolução, é ordinariamente a gente má, turbulenta e ambiciosa, que a faz ou a promove.

2924.— A faculdade de sonhar dormindo, é hum argumento poderoso de que existe em nós hum principio ou unidade sensivel e intelligente, que, unida ao nosso corpo, o dirige e administra no exercicio e processo da vida humana.

2925.— Não podemos conceber hum mundo diverso d'este em que vivemos, comtudo são innumeraveis os que existem, inteiramente differentes : huma variedade illimitada caracterisa a infinita sabedoria do Ser eterno e incomprehensivel que os creou.

2926.— O choque e recontro das paixões, interesses e opiniões, constituem a vida social e igualmente a individual, tendendo tudo a equilibrar-se sem que se estabeleça jámais hum completo equilibrio.

2927.— Os homens de transcendente engenho e intelligencia são ordinariamente menos presados e admirados pelos seus compatriotas do que pelos estrangeiros e a posteridade; elles anticipão as epochas produzindo obras e escriptos que sobre-excedem a comprehensão dos seus nacionaes ainda não preparados para bem os entender e appreciar.

2928.— Somos constituidos e organisados para este e não para outros mundos, devemos portanto occupar-nos das relações que nos unem a elle estrictamente, e não nos perdermos nas suppostas e fantasticas de qualquer outro que não conhecemos, e de que não fazemos parte.

2929.— Hum vivente d'este mundo transportado a outro deixaria de existir necessariamente não sendo o seu corpo adaptado a esse diverso systema : assim em o nosso globo morre o peixe tirado d'agoa e lançado na terra, elemento improprio para a continuação da sua existencia.

2930.— Os homens tambem tem instinctos como os animaes, e além disto a razão para os dirigir e regular.

2931.— Em tudo se observa acção e reacção no mar, na terra, nos ares e nos homens.

2932.— O titulo mais sublime de que nos devemos gloriar é o de creaturas de Deos : o typo primitivo do nosso ser foi concebido na mente Divina, somos concepção da sua infinita sabedoria, e temos em Deos a genuina paternidade que nos gerou, e nos faz existir n'este mundo que creou para habitação da especie humana.

2933.— A cada hum dos nossos sentidos corresponde externamente hum mundo de phenomenos maravilhosos, o mundo da luz e das côres, os dos sons, cheiros, sabores, fórmas, figuras, densidades, calor e frio. Que sabedoria a do Author e Inventor dos sentidos !

2934.— Descobre-se na Natureza huma especial aversão á monotonia e uniformidade ; ella exulta e blasona sempre de novidade, variedade e desigualdade, nas suas producções.

2935.— A materia é huma substancia mysteriosa, capaz de huma divisibilidade incomprehensivel como no ether, e de huma condensação compacta e firme como no diamante, susceptivel de infinitas fórmas, figuras, modos, densidades e apparencias, instrumento universal de manifestação da infinita sabedoria de Deos, cuja vontade e omnipotencia a dominão desde os atomos infinitesimos até os mundos e o Universo.

2936.— É necessario que não nos desencantemos inteiramente pela reflexão das illusões d'este mundo, se queremos gozar da vida com maior prazer e extensão.

2937.— Nada succede nem póde succeder no Universo que escapasse á presciencia e previsão do seu Creador omnipotente, em tudo elle é necessaria e realmente como Deos o constituio e quiz que fosse.

2938.— É prodigioso o jogo do genero humano no theatro d'este mundo, e mais admiravel a variedade infinita de casos e successos que occasiona, effeito necessario da natureza e faculdades que Deos lhe conferio, pelas quaes os homens sentem, pensão e obrão n'este systema em que são principaes actores e espectadores.

2939.— As mulheres são mais dissimuladas que os homens, a dissimulação protege e defende a sua fraqueza.

2940.— Deos é por essencia infinitamente bom, nada fez nem faz sem hum fim benefico : os phenomenos que nos parecem mais terriveis na Natureza são apparentemente taes para a nossa ignorancia, mas certamente instrumentos, occasião, vehiculos ou conductores de bens geraes que não podemos distinguir pela parcialidade, localidade e limitação da nossa intelligencia.

2941.— Os mundos e systemas solares concebidos na Divina Mente, e realisados pela omnipotencia do Ser Supremo, tem, como as sementes vegetaes e os óvos animaes, hum desenvolvimento lento, mas progressivo e variado, até chegarem por muitos e innumeraveis millenios a aquelle gráu de madureza e plenitude, em que dissolvendo-se se resolvem nas substancias elementares de que forão formados, e que servirão de materiaes para novas formações, futuros mundos, e systemas solares.

2942.— A poesia deleita os moços, a philosophia interessa os velhos.

2943.— A ambição de poder e mando tem feito infeliz a muita gente que seria feliz se não fosse ambiciosa.

2944.— Não se entende o que seja desordem no Universo e nos mundos que comprehende; se tal houvesse, deixarião de ser o que são, e acabaria a creação universal.

2945.— O homem mais invejoso é ordinariamente o que menos merece ser invejado, ou que não tem qualidades algumas que provoquem inveja nos outros.

2946.— A difficuldade de existir na velhice com os achaques que a atormentão, nos faz desejar a morte como libertadora de todos os nossos males.

2947.— Nem o extraordinario está fóra da ordem, nem o sobrenatural fóra da Natureza : com estes termos queremos significar a raridade ou menos frequencia dos objectos, successos e phenomenos d'este mundo.

2948.— Vai-se aos mesmos fins por diversos meios segundo as circumstancias : huns são cynicos por ambição, outros magnificos e ostentosos.

2949.— Para bem geral dos homens é necessario que elles estejão convencidos d'esta grande verdade, que Deos está presente a tudo, que conhece os nossos pensamentos e intenções mais secretas com os motivos das nossas acções, e que pela ordem physica e moral nos premêa ou castiga conforme a bondade ou malignidade dos nossos actos.

2950.— Ha em nós duas individualidades, huma corporal, e outra intellectual ; esta se distingue amplamente d'aquella, quando sonhamos dormindo : este dualismo foi reconhecido em todos os tempos pelo genero humano.

2951.— Os nossos corpos varião com os annos, molestias e idades : a identidade do nosso ser existe sómente n'essa unidade mysteriosa a que chamamos alma.

2952.— Deos é a vida eterna que se diffunde sem desfalcar-se nem exhaurir-se pela immensidade do espaço, vivifica e animalisa o Universo, os mundos e todas as creaturas que n'elles se crião e reproduzem, desde as mais volumosas até os animaes infusorios e microscopicos, e os atomos infinitesimos vivos de que se compõe o todo immenso da creação.

2953.— A solidão dos sabios é proveitosa ás nações.

2954.— É facil recommendar a virtude no seu abstracto, mas difficillimo conhêce-la e observa-la no seu concreto.

2955.— A monarchia deve ser absoluta onde não ha huma aristocracia douta, rica, poderosa e influente, secular e sacerdotal, que a possa defender e proteger contra os attentados, desacatos e versatilidade da democracia.

2956.— Os sabios tornão-se insociaveis não por máo humor, mas por bondade e prudencia; não querem offender disputando em companhias com homens pouco intelligentes ou ignorantes que presumem saber muito e não os podem comprehender.

2957.— É mais commodo e menos penoso o crer do que duvidar e descrer em materias religiosas : no primeiro caso fundamo-nos na autoridade e crença de innumeraveis gerações, e dos homens mais doutos e distinctos das nações ; no segundo temos sómente a nossa opinião individual, que é huma gôta de agoa comparada com o Oceano.

2958.— Todos fallão sobre a vida futura, ninguem a conhece nem comprehende.

2959.— A dictadura de hum homem prestigioso e justiceiro é o correctivo mais efficaz da anarchia geral e popular.

2960.— A perfectibilidade ou o progresso na intelligencia do genero humano nunca chegará a fazê-lo impassivel e immortal.

2961.— Em huma nação mal constituida são as pessoas menos importantes ou insignificantes as que incutem mais terror, e occasionão maiores males.

2962.— A existencia das creaturas vivas em sociedade presuppõe huma ordem moral que deve existir talvez igualmente para os animaes gregarios e sociaveis.

2963.— Exigimos huma perfeição moral nos homens de que elles são incapazes; não os ha inteiramente máos nem perfeitamente bons: o procedimento em todos é mesclado de boas e más acções, bons e máos sentimentos.

2964.— O martelo não se gasta menos que a bigorna , nem o oppressor soffre menos que o opprimido.

2965.— Talvez se possa dizer que cada hum dos atomos infinitesimos de que se compõe o Universo, é hum vivente como o todo universal, mas que se anulla neutralisando-se nas suas infinitas combinações e affinidades com os outros seres da sua especie e natureza.

2966.— Que infinita variedade em physionomias, caracteres, gostos, talentos, opiniões, costumes e usos no genero humano ! A sabedoria infinita do Creador se revela na variedade e novidade illimitada das suas obras.

2967.— Nas materias mais graves e importantes a opinião geral não é sempre a mais ajustada e racional, tem todavia a seu favor a força muscular que a defende e lhe confere huma autoridade irresistivel.

2968.— A variedade de opiniões nos homens procede da diversidade e quantidade de idéas e conhecimentos que cada hum d'elles tem do mundo, cousas e eventos.

2969.— É necessario desmascarar os máos e velhacos para que não abusem da boa fé e franqueza dos bons e virtuosos.

2970.— Ha sempre em huma familia alguem que incommoda o chefe d'ella e lhe apura a paciencia.

2971.— Não podemos imaginar hum mundo sem males, nem creaturas vivas impassiveis : faltando o motivo de acção e movimento espontaneo não haveria liberdade nem escolha, virtude nem merito, nem officio , emprego ou modo de vida que os occupasse : a inercia dos corpos inorganicos seria a sua sorte e estado habitual.

2972.— Com a intelligencia limitada que temos, nunca saberiamos avaliar os bens da vida sem os males que os contrastão.

2973.— No quadro da vida humana o que mais se deve admirar e estudar é o claro-escuro do bem e do mal.

2974.— Ha em nós huma substancia immortal e indestructivel, ella constitue o fundo essencial de toda a fabrica phenomenal dos nossos corpos.

2975.— O sentido do gosto ou paladar é o primeiro que tem exercicio, e o ultimo que acaba nas creaturas viventes d'este mundo, tão importante é para a sua alimentação e existencia.

2976.— Aprendei de Deos e sereis sabios : Deos ensina pelas suas obras : a Natureza é a expositora e demonstradora da sua infinita sabedoria, poder e bondade.

2977.— Se não fossemos ignorantes seriamos impassiveis e immortaes; a ignorancia é a origem principal de todos os nossos males, convém portanto reduzi-la quanto é possivel afim de que gozemos mais e soffiamos menos, o que se consegue com a cultura da razão, intelligencia, pelo estudo e observação da Natureza.

2978.— A felicidade sensual é commum a todos os viventes, a moral, intellectual e religiosa privativa das creaturas racionaes e intelligentes.

2979.— O fogo electrico não será o mesmo fogo ordinario, mas sem mistura de materias heterogeneas e terrestres que o fazem degenerar da sua subtileza e actividade natural e original ?

2980.— Todas as obras e productos da Natureza servem de materiaes para o trabalho e industria dos homens, que os alterão, decompoem, combinão, modificão, e os transformão em objectos necessarios, uteis e agradaveis á sua existencia n'este mundo.

2981.— A sciencia humana é hum aggregado ou complexo de innumeraveis erros com muitas verdades, o que se prova pela divergencia e variedade incalculavel de opiniões e doutrinas entre os homens.

2982.— Quando Déos nos fez surgir da eternidade, dando-nos o ser, contrahio comnosco huma divida de felicidade, que tem solvido na vida presente e ha-de solver nas subsequentes pela sua paternidade creadora e bondade illimitada.

2983.— A nossa existencia apenas começada n'este mundo tem o seu progressivo desenvolvimento por innumeraveis mundos e vidas na immensidade do espaço e eternidade dos tempos, aproximando-se á perfeição Divina sem jámais poder alcança-la por ser infinita e incommensuravel no Ser eterno, Creador e Regedor do Universo.

2984.— Ha huma trindade de attributos essenciaes na Divindade, infinita sabedoria, infinito poder e infinita bondade : a sabedoria concebe, o poder executa, a bondade vivifica e felicita.

2985.— Quando nada esperamos dos homens, mas tudo de Deos, preferimos o retiro e reclusão á sociedade e companhias.

2986.— Os homens quo se queixão de falta de liberdade são ordinariamente os que menos a merecem.

2987.— Somos injustos exprobrando a muita gente erros, culpas e defeitos que são devidos especialmente á Natureza, sociedade e circumstancias.

2988.— O desengano ou desencanto do mundo contribue mais que tudo para a nossa independencia pessoal.

2989.— Os homens de mediocre, ordinaria ou vulgar capacidade, não perdoão a superioridade de engenho e intelligencia nas pessoas que por ella se distinguem.

2990.— Tudo para o povo, nada pelo povo : é maxima politica de muito profunda significação.

2991.— Perguntei ao sol no Oriente, quem te deu tamanho brilho? Respondeo-me : Aquelle mesmo Ser que te prendou com esses olhos que me avistão e admirão.

2992.— Variedade infinita em hum espaço muito limitado é o quadro e a historia d'este mundo sublunar.

2993.— A idéa de felicidade é tão variada nos homens, que não admira que elles difirão tanto no seu procedimento para a conseguirem.

2994.— No systema concreto e material do Universo não ha vida sem corpo, nem morte sem a sua desorganisação essencial.

2995.— A sciencia presuppõe juiso, não o comprehende necessariamente.

2996.— Somos humilhados frequentes vezes vendo frustradas e illudidas as nossas esperanças e pretenções por exageradas.

2997 — Apedrejamo-nos com as ruinas do edificio politico-religioso que existia sem o podermos reconstruir, nem sabermos substitui-lo por outro equivalente ou menos imperfeito.

2998.— A imaginação serve-se dos materiaes que lhe offerece a memoria, modificando-os e coordenando-os por modo novo e com variadas fórmas e imagens não existentes.

2999.— Não devemos desesperar quando soffremos, tendo a Deos presente, que tudo sabe e póde : recorrendo á sua infinita bondade podemos estar seguros da sua indefectivel protecção.

3000.— Associamo-nos por fraqueza e nos separamos por sufficiencia propria.

3001.— Não é sabio quem não é justo : a sabedoria é a excellencia moral reunida á intellectual.

3002.— Os homens vivem pelo seu pouco saber; a sua intelligencia é proporcionada á organisação material dos seus corpos : huma sciencia muito superior ás suas forças organicas os faria enfermar, enlouquecer e morrer.

3003.— Virtude é observancia e satisfação do que devemos a Deos, aos homens e a nós mesmos.

3004.— Ignorancia e morte são condições essenciaes da Natureza humana : sem a primeira serião os homens impassiveis e immortaes; a segunda demonstra evidentemente a sua impotente e insignificante sapiencia.

3005.— Os doutos occupão-se do accessorio, o essencial lhes escapa por mysterioso e incomprehensivel.

3006.— O louvor agrada, porque distingue desigualando.

3007.— O sabio é o que se considera mais ignorante entre todos, reconhecendo melhor a extensão illimitada da sua propria ignorancia.

3008.— Ninguem poderia viver se não receasse morrer.

3009.— Não ha desordem n'este mundo, se a houvesse já não existira : a ordem é conservadora, a desordem destruidora.

3010.— As revoluções bem comprehendidas são reacções parciaes ou geraes no physico ou moral, nas intelligencias ou cousas, ou em ambas ao mesmo tempo.

3011.— Os homens terão chegado ao maior gráu de intelligencia quando souberem definir exactamente os dous vocabulos monosyllabos e abstractos — bem e mal — com todas as relações que n'elles se comprehendem.

3012.— Os velhos se mostrão menos sociaveis e conviventes á medida que a felicidade sensual se torna mais diminuta, incommoda ou penosa para elles.

3013.— A sciencia humana é cousa muito pouca n'este orbe planetario, mas preludio de outra progressiva em innumeraveis mundos que os nossos espiritos guarnecidos de corpos correspondentes aos seus diversos systemas e relações tem de habitar, conhecer, gozar e admirar eternamente.

3014.— Os maiores loucos não são os que os homens geralmente denominão taes, porém os que talvez respeitão e admirão muito.

3015.— As amizades dos máos são contagiosas, pervertem os bons.

3016.— Os prodigos e dissipadores do seu e alheio censurão de tacanhos, insociaveis e apoucados os prudentes, economicos e poupados.

3017.— Os males são os melhores preceptores dos homens. Hum bom principe não consegue regenerar hum povo corrompido, immoral e anarchisado, são os tyrannos os que produzem taes prodigios e maravilhas.

3018.— Subimos da vida sensual á intellectual, das idéas particulares ás geraes, dos effeitos ás suas causas, e do Universo material ao espiritual ou a Deos Omnipotente Creador de tudo.

3019.— A importancia que os velhacos ambiciosos insignificantes alcanção pela anarchia, a fazem muito recommendavel nos seus planos subversivos da ordem e tranquillidade publica, e cubiça de governarem.

3020.— A mocidade não sabe appreciar os bens de que goza, nem calcular a somma dos que lhe faltão.

3021.— Não podemos ter huma felicidade absoluta com huma intelligencia limitada, são necessarios contrastes que assignalem e fação distinguir os bens e avalia-los como taes : os males produzem este effeito.

3022.— O mal sendo supportavel vivemos, sendo intoleravel morremos.

3023.— Os poetas e oradores são tambem pintores : aquelles pintão com palavras, estes com tintas e côres.

3024.— A memoria é huma faculdade tão prodigiosa, que ella só bastaria para provar a existencia, sabedoria e providencia de Deos, que a conferio ás suas creaturas vivas, sensiveis e intelligentes.

3025.— A superioridade das intelligencias distingue-se pela variedade dos seus productos : a sabedoria Divina é infinitamente variada, e o será eternamente, nas obras maravilhosas e producções da Natureza.

3026.— Que prova a variedade de linguas, costumes, usos, governos e cultos religiosos? que Deos, creador e constituinte do genero humano, assim o quiz e quer.

3027.— Os velhos de juizo frequentão mais as igrejas, que os palacios e theatros.

3028.— Os erros hão-de variar constantemente, as verdades são invariaveis.

3029.— Os governos fracos promovem os máos preterindo os bons.

3030.— Queremos saber sendo homens o que necessariamente devemos ignorar porque somos taes !

3031.— O genero humano não póde obrar contra a sua natureza, é presentemente o que foi e ha-de ser no systema d'este mundo, constituidos ambos pela eterna sapiencia.

3032.— Os velhos e sabios receião mais a morte que os nescios e moços, conhecem e sabem appreciar melhor o valor e dom da existencia e da vida humana.

3033.— As fabulas mais graves e importantes são as que a historia e tradição antiga nos transmittirão, as modernas são de pouca importancia e insignificantes.

3034.— Anda muito o que nunca pára, assim succede ao tempo.

3035.— O receio dos males futuros atormenta ordinariamente com mais violencia e por mais tempo do que os mesmos males realisados.

3036.— Ha n'este mundo huma acção e reacção em tudo, que constituem a ordem, e determinão a conservação e perpetuidade do mesmo mundo.

3037.— É tal a nossa ignorancia, que não podemos imaginar hum mundo diverso d'este, sendo aliás certo pela noção que temos da infinita sabedoria de Deos, que não ha nem póde haver outro igual, e que todos quantos existem são essencialmente diversos entre si.

3038.— Ai dos que não tolerão conselho nem contradicção! a sua ventura será de muito pouca duração.

3039.— Os sabios serião os maiores revolucionarios se o amor da ordem, a prudencia e circumspecção não fossem qualidades inseparaveis da sabedoria humana.

3040.— Os sabios tem huma especial satisfação em se verem desabafados dos terrores fabulosos de que os ignorantes vivem atormentados dia e noite por falta de sciencia e reflexão, e pela má educação que receberão na sua puericia e adolescencia.

3041.— Casos ha em que os nossos inimigos contribuem mais para a nossa exaltação pessoal do que os proprios amigos : os males que nos causão servem de lições efficazes para o nosso aperfeiçoamento moral, e subsequente procedimento honrado e regular.

3042.— A desgraça final dos ambiciosos do poder e mando não desengana os novos aspirantes aos mesmos pretendidos bens, a ambição halucina por tal modo os homens, que lhes não deixa estudar e ponderar o passado, nem prever e calcular o futuro.

3043.— Os animaes serão mais felizes que os homens n'este mundo ? Não consta que algum d'elles se suicidasse, ou tenha attentado contra a propria vida.

3044.— Todas as religiões tem a sua mythologia, sem a qual não podião ser populares.

3045.— A prudencia nos sabios é o conhecimento prévio da incapacidade geral dos homens de comprehende-los e segui-los nas suas doutrinas transcendentes e mysteriosas para o vulgo.

3046.— O jogo do genero humano no theatro d'este mundo é muito complicado e de difficil comprehensão, mas sugeito ás leis da ordem physica e moral, que o fazem regular, ainda que pareça fortuito e desordenado.

3047.— Não ha huma resposta mais racional sobre a variedade assombrosa de opiniões scientificas, moraes, politicas, religiosas, idiomas, caracteres, modas, usos e costumes dos homens, do que dizer-se — Deos assim o quiz e o quer. — O genero humano é realmente o que Deos quiz que elle fosse.

3048.— As bellas lettras tem como as flores huma especial belleza, a de precederem e annunciarem os fructos.

3049.— Emquanto o mundo não mudar de structura, e os homens de organisação, todos hão de ser o que são, e o que tem sido, sem alteração importante ou essencial.

3050.— Os males nos moços passão irreflectidos, nos velhos são ponderados e ruminados com toda a intensidade da sua amargura.

3051.— Os ingratos são máos amigos e peiores inimigos.

3052.— O sol doura sómente com a sua luz mysteriosa os corpos e cousas que lhe estão presentes, tudo o mais fica em sombra ou no escuro sem distincção especial.

3053.— Homens ha que tem trabalhado incansavelmente para se fazerem incredulos sobre as crenças religiosas do seu paiz e nação, e que reconhecem finalmente que lhes fôra muito melhor huma credulidade passiva do que hum desengano inane e negativo, ou huma incerteza importuna, vaga a tormentosa. É em semelhantes materias que se póde dizer ser mais conveniente errar com muitos, que acertar com poucos.

3054.— Onde os traidores e rebeldes são absolvidos, amnistiados e ainda premiados, não admira que os Monarchas sejão atraiçoados; a traição em circumstancias taes é huma especulação lucrativa.

3055.— Admiramos os grandes conquistadores, a sua sorte final nos desabusa da sua ambição e da nossa admiração.

3056.— No jogo e baralho do genero humano cada pessoa representa a figura de huma carta original, especial e sem igual.

3057.— Os velhos riem-se da vaidade e fatuidade dos moços, parecendo esquecer-se de que forão taes.

3058.— Os velhos que condemnão a mocidade fazem o processo de si proprios.

3059.— A vida humana é hum continuado enredo de que a morte sómente nos liberta.

3060.— Observa-se na Natureza o grande empenho de distinguir as individualidades entre si, com especialidade, nos vegetaes e animaes, que são discriminados por caracteres privativos que excluem todo o engano e confusão a este respeito.

3061.— A virtude é hum vocabulo abstracto que os homens geralmente não entendem, nem comprehendem, se não é especificamente exemplificado.

3062.— Tudo está relacionado e coordenado n'este mundo, os effeitos com as causas, os consequentes com os antecedentes, os fins com os meios; nada é fortuito, vago e sem razão sufficiente da sua existencia, o que demonstra a sabedoria infinita com que tudo foi feito, existe e tem de proceder na extensão do espaço e successão dos tempos.

3063.— De que nos serviria a outra vida se o nosso espirito não conservasse o cabedal de idéas e conhecimentos que adquirio na primeira, e perdesse a memoria da sua identidade individual e intellectual!

3064.— São muitos os bens da vida, que não sabemos nem podemos avaliar senão depois de perdidos: a sua privação lhes serve de contraste e avaliador.

3065.— O Pantheismo ou infinito Deismo, e o Optimismo universal bem entendidos são talvez o ultimatum da mais alta philosophia racional e religiosa.

3066.— Sem intelligencia, trabalho, virtudes domesticas e civis não se alcança a riqueza, ou se perde em pouco tempo.

3067.— A velhice quer descanso, a morte lh'o assegura.

3068.— Escrevi para todos, para muitos e para poucos : *intelligenti pauca.*

3069.— As fabulas tem occupado mais o engenho dos homens do que a verdade ; esta é simples e uniforme, aquellas muito numerosas e variadas.

3070.— Tudo está vitalisado e figurado no Universo, hum atomo infinitesimo não existe sem huma vida e figura especial, que o constitue agente e paciente no systema universal.

3071.— A Natureza falla pelos instinctos e se revela n'elles.

3072.— Quando tudo são mysterios na Natureza, propôr novos mysterios á crença dos homens é aggravar a ignorancia humana, zombar e abusar da sua credulidade.

3073.— Crear é fazer existir o que não existia : Deos é o Creador do Universo : os poemas de Homero e Virgilio são creações de seus authores.

3074.— Em materia de maximas humas explicão outras pela variedade de estylo, fórmas e composição.

3075.— Emquanto humas nações se adiantão para a idade de ouro, outras se atrazão para a do papel : aquellas enriquecem, estas empobrecem.

3076.— Os objectos de fruição são tantos e tão variados, que os homens podem ser felizes por innumeraveis modos.

3077.— Quereis conhecer o gráu de intelligencia, o caracter e procedimento de hum homem, examinai o que elle entende por felicidade e seus respectivos objectos.

3078.— Com máos materiaes e peiores mestres não se levanta hum edificio nobre, magestoso, firme, e permanente, nem póde prosperar e ser respeitada huma nação predominada e influida por ingratos, traidores, anarchistas e revolucionarios.

3079.— As constituições politicas modernas são como as obras de casquinha de prata, que pelo uso e fricção a perdem em pouco tempo, e apresentão o seu fundo de metal de pouca valia e azinhavrado.

3080.— Quando a velhice nos faz retirar como actores do theatro do mundo já não servimos nem para espectadores : os sentidos obtusos da vista e ouvido com o torpor geral da sensibilidade nos privão da fruição dos dramas que se executão, restando-nos apenas a satisfacção de ruminar o passado pela reminiscencia e reflexão.

3081.— Sonhei que admirando a lua cheia na plenitude da sua luz reflexa, surgia em mim o desejo ardente de a visitar e conhecer de perto, quando huma voz sonora, mas de objecto não distincto, retinio aos meus ouvidos — Pobre creatura ! a tua ignorancia te desculpa ; sabe que cada hum dos mundos da immensidade tem hum systema e construcção especial ; que os seus habitantes não podem existir em algum outro que não seja aquelle para que forão organisados. O teu espirito tem de habitar e admirar innumeraveis orbes pela successão dos tempos e progresso da eternidade, mas sómente com corpos privativos e adoptados ao systema particular de cada hum d'elles. A sabedoria do Omnipotente sendo infinita, a variedade das suas obras é illimitada, tudo o que ideou e produz na immensidade do espaço é original e sem copia. — Calou-se, e acordei assombrado com esta inesperada e portentosa revelação.

3082.— Não podendo imaginar espiritos sem corpos organisados que os ponhão em relação com o Universo material, demonstrador dos Divinos attributos pelas maravilhas sem conto que comprehende, devemos suppôr que os bemaventurados tem huma intelligencia transcendente que os obriga e defende dos males a que a sua sensibilidade corporal os expõe e sugeita.

3083.— Quanto mais vivemos e pensamos, mais nos convencemos de huma ordem maravilhosa no todo e partes d'este mundo, constituido pela Divina Sabedoria com relações proximas e remotas, que ignoramos geralmente, sendo a nossa ignorancia a causa das doutrinas e opiniões extravagantes que professamos, e constituem ordinariamente o que se chama sciencia humana.

3084.— A generalidade se individualisa pela vida, a individualidade se generalisa pela morte.

3085.— Quantos erros, fabulas, mentiras e falsidades accreditadas pelos homens como verdades incontestaveis! O genero humano parece constituido para ser enganado e viver em huma illusão perpetua n'este mundo planetario.

3086.— Os homens de juizo, virtude, sabedoria e santidade, são os menos livres, ou os que menos usão e abusão de liberdade.

3087.— Se quando queremos mover os membros do nosso corpo, huma infinita multidão de atomos integrantes de taes membros obedece instantaneamente á nossa vontade individual, quanto é facil deduzir d'este facto o imperio universal que a vontade Omnipotente de Deos deve ter sobre todo o Universo, e as suas partes minimas e atomos infinitesimos, para os condensar, solidar ou rarefazer e reduzir ao ether immaterial, imperceptivel aos nossos sentidos, creando e dissolvendo mundos, e dando fórmas infinitamente variadas ás suas obras assombrosas e phenomenos do Universo.

3088.— A guerra mais util aos povos é a que se fazem mutuamente os ingratos, traidores, velhacos e ambiciosos.

3089.— A vida humana é huma guerra perenne de interesses, opiniões e paixões, que agitando os homens os conservão em acção e movimento, e lhes não permittem que fiquem inactivos e estacionarios no theatro d'este mundo.

3090.— Não podemos imaginar hum sentido diverso dos que temos, havendo aliás innumeraveis outros de que gozão creaturas de mais alta jerarchia e comprehensão, sendo por isso incomparavelmente mais intelligentes e felizes do que somos ou podemos ser.

3091.— Hum mal exclue outros males, como hum bem frequentes vezes outros bens.

3092.— A sabedoria nos homens é o conhecimento mais amplo da propria ignorancia, e da infinita sapiencia e poder de Deos.

3093.— São os termos abstractos os que nos tem levado a innumeraveis erros, e suscitado terriveis divergencias nas opiniões dos homens; hum Diccionario destinado sómente a defini-los com exactidão seria de grande beneficio á humanidade.

3094.— A vida é fruição, muito imperfeita emquanto não referimos a Beneficencia Divina á nossa existencia, os prazeres de que gozamos, os objectos que os produzem, e não reconhecemos em Deos a origem necessaria e unica de toda a felicidade no Universo.

3095.— A morte demonstra que fômos constituidos e organisados para este e não para outros mundos, redusindo a pó o nosso corpo quando não póde servir nem ter exercicio no presente em que vivemos.

3096.— Os velhacos prosperão por algum tempo para que a sua derrota seja mais sensivel e tormentosa.

3097.— Os homens de mais juizo são ordinariamente tambem os de maior silencio.

3098.— O genero humano foi constituido para ser o que é, como os animaes para serem o que são.

3099.— O Universo não foi creado para Deoses, mas para creaturas de intelligencia limitada ás quaes são necessarios contrastes para poderem avaliar de algum modo os phenomenos, cousas e eventos da Natureza.

3100.— Vemos a Deos n'este mundo vendo e admirando as suas obras, gozamos tambem de Deos gozando das suas obras, aprendemos tudo de Deos estudando as suas obras ou a Natureza que é o complexo de todas ellas.

3101.— Os sabios não devem tratar de negocios publicos, a sua boa fé, verdade, franqueza e probidade hão de sempre compromete-los e prejudica-los.

3102.— A protecção aos máos compromette os bons.

3103.— A emancipação anticipada nos homens e nos povos é fatal e calamitosa para elles todos.

3104.— É tal a diversidade de opiniões dos homens, que huns considerão como verdades sublimes e sacro-santas o que outros qualificão de paralogismos, absurdos e disparates.

3105.— Os loucos importantes e imprudentes sóbem e descem com celeridade ; os grandes velhacos elevão-se com menos presteza, porém aturão por mais tempo na sua elevação.

3106.— Gozar admirando as obras do Creador é a mais nobre prerogativa do homem sobre a terra; esta fruição assim qualificada procede de huma intelligencia superior que se remonta á causa dos effeitos, e descobre a Divindade em todos os phenomenos e producções da Natureza.

3107.— Os velhos de juizo desenganados do mundo e retirados das companhias, são accusados de mysanthropos e insociaveis.

3108.— A felicidade sensual não póde ser progressiva; a moral, intellectual é religiosa, é illimitada.

3109.— Povos, desenganai-vos, não é por amor da liberdade que os anarchistas e inculcados liberaes tanto se agitão e perturbão a ordem publica, mas por cubiça do mando, poder e riqueza: querem ser senhores e dominar escravos.

3110.— A mulher é escrava quando ama, senhora se despresa ou aborrece.

3111.— A sciencia humana não podendo ser absoluta, mas sómente relativa, ella se funda inteiramente no contraste e antagonismo dos phenomenos e cousas d'este mundo.

3112.— A intelligencia delegada aos homens por Deos para produsirem obras engenhosas nas sciencias e artes, é como a luz reflexa do sol, que não tem a acção e energia que accompanhão a do mesmo astro operando directamente na Natureza.

3113.— Varião os gostos com as idades; o que deleita os moços, incommoda frequentes vezes os velhos.

3114.— O futuro é pouco ou nada para os animaes, para os homens muito ou quasi tudo.

3115.— É menos difficil conhecer os homens em geral, que cada hum d'elles em particular.

3116.— A importancia que se dão alguns homens é ordinariamente argumento da sua pessoal insignificancia.

3117.— Quantos males que dão origem e occasião a grandes bens! O mal é no systema d'este mundo hum elemento necessario e indispensavel de ordem, equilibrio, harmonia e perpetuidade.

3118.— Sabemos todos dar melhores conselhos do que exemplos.

3119.— O buril da dôr é o mais penetrante e subtil, entra profundamente na nossa sensibilidade.

3120.— Os que não sonhão são sómente os que dormem o somno da morte.

3121.— Os homens porque deixárão o estudo da Natureza, revelação perenne da Divindade, e para o qual é sufficiente o alphabeto dos sentidos corporaes com as faculdades da alma, confiarão na phantasmagoria da sua imaginação, nas fabulas e contos pueris dos nescios e impostores, e se envolverão em hum turbilhão de erros e abusos, que deteriorando o seu entendimento, lhes não permitte avistar a verdade nas materias mais graves e importantes.

3122.— Os traidores exaltados maltratão ou perseguem os leaes abandonados.

3123.— As revoluções religiosas seguem ou procedem ordinariamente as politicas.

3124.— Não ha duvida: existe em nós huma unidade mysteriosa a que chamamos alma, a qual dominando e administrando o nosso corpo é influida e impressionada tambem por elle com reciproca acção e correspondencia.

3125.— O termo do progresso no genero humano, se fosse possivel, seria sabedoria, santidade, impassibilidade e immortalidade, o que não ha de ser nem verificar-se em tempo algum.

3126.— Sem o mal physico, origem do moral, não haveria officio, emprego ou occupação alguma para as creaturas vivas n'este mundo sublunar.

3127.— Quando Deos se definisse ás suas creaturas mais intelligentes, ellas não comprehenderião a sua definição : é a Natureza que apresenta a definição mais appropriada ás intelligencias creadas, exhibindo as suas obras maravilhosas.

3128.— Não faz huma revolução quem a quer, nem introduz huma religião nova quem o pretende : ambas dependem da coadjuvação de innumeraveis pessoas e numerosas circumstancias antecedentes e concomitantes sobre que hum homem simplesmente não póde ter dominação.

3129.— Os males toleraveis ou intoleraveis tem hum termo necessario na vida humana : terminão pela suspensão ou cessação da dôr ou mágoa ou pela morte. Esta verdade nos deve consolar quando soffremos, e fazer-nos reconhecer a bondade infinita de Deos, que creando-nos para gosarmos e sermos felizes, não consente que padeçamos illimitadamente sem alternativa de mudança, e melhoramento em nossa sorte

3130.— São muito raros no genero humano os homens verdadeiramente sabios; o concurso de condições e circumstancias especiaes necessario para que os haja, occorre com tanta difficuldade que não deve admirar a sua raridade : demais a sua apparição pouco ou nada aproveita aos outros homens que os despresão, perseguem ou motejão incapazes de comprehende-los, e os obrigão finalmente ao silencio, retiro e reclusão.

3131.— Não esperem os homens por maior que seja o progresso da sua intelligencia, chegar a conhecer as verdades capitaes e primitivas sobre a essencia e natureza das cousas : mudaráõ de erros, fabulas, hypotheses e theorias, mas nunca poderáõ alcançar conhecimentos que hajão de mudar a natureza humana, e fazer os homens diversos do que forão e do que são.

3132. — O mundo varia aos olhos e nas opiniões dos homens conforme as idades e condições da vida.

3133.— É tão evidente a existencia de Deos e sua Infinita Sabedoria, que para as demonstrar bastaria simplesmente o exame da illimitada variedade de flores com a fórma, desenvolvimento e expansão dos seus botões.

3134.— As noções do infinito, eternidade e immensidade, da immortalidade da alma e de huma vida futura com as transcendentes da infinita sabedoria, poder e bondade de Deos author e creador de tudo, provão demonstrativamente que a nossa vida não se limita á curta existencia n'este mundo, mas que terá de prolongar-se pela eternidade com variados corpos em innumeraveis mundos, crescendo a nossa intelligencia pregressivamente em sciencia, virtude, amor, gratidão e admiração de Deos, e consequentemente em huma bemaventurança tal, que não é possivel qualificar nem comprehender. A intelligencia humana é muito superior e transcendente á vida animal e temporaria d'este mundo terreal, e portanto nos annuncia altos e sublimes destinos depois d'elle em muitos outros subsequentes e innumeraveis.

3135.— O material e sensual é o involucro ou estôjo do racional e espiritual : o espirito é a substancia activa e intelligente, o corpo o instrumento ou machinismo executor e conductor da sua acção e intelligencia.

3136.— Na velhice provecta os cuidados e mágoas consomem a vida mais que os achaques e molestias corporaes.

3137.— Este mundo tem relações com o systema solar de que faz parte, e este com o systema universal da creação, o que nos impossibilíta de explicar innumeraveis phenomenos do nosso globo, que sem a nossa ignorancia muito profunda serião explicados com admiração da Divina sabedoria que os ordenou e coordenou na formação do Universo.

3138.— A individualidade consiste na variedade da organisação, humores, fórma e figura dos corpos viventes : os espiritos sendo immateriaes não podem ser distinctos huns dos outros, ou desiguaes em suas faculdades, desigualdade que só a extensão material lhes póde occasionar e conferir.

3139.— O sabio regeita com despreso e indignação toda a doutrina que é incompativel com a idéa sublime que o estudo da Natureza lhe conferio, de hum Ente perfeitissimo, infinitamente sabio, poderoso e bom, qual é Deos author e regedor supremo do Universo.

3140.—Os homens parecem envergonhar-se dizendo que ignorão, e comtudo a declaração ingenua da sua insciencia muito contribuiria para fazer avultar o seu pouco saber, inculcando a sua superior intelligencia pelo conhecimento da sua mais ampla ignorancia.

3141.— Os povos soberanos são como os idolos, a quem os seus sacerdotes attribuem e referem tudo o que é obra d'elles mesmos.

3142.— É triste que os homens e povos não possão aprender senão soffrendo, o mal é o preceptor mais efficaz que com as suas lições incisivas e penosas lhes confere juizo e prudencia, e os dirige no exercicio da liberdade que muito presão, e de que tanto abusão para sua miseria e desgraça.

3143.— Em todos os estados e condições da vida o que ganhamos por huma parte, perdemos por outra, temos vantagens e inconvenientes, o que provém da correspondencia natural e inevitavel do bem e do mal n'este mundo em que existimos.

3144.— Ainda que antigo pela sua existencia, o mundo é sempre novo pelas suas producções animaes e vegetaes, as quaes vão apparecendo successivamente com variedade e novidade. As gerações futuras hão de ver generos e especies que nos são desconhecidas presentemente.

3145.— A morte é tão mysteriosa como a vida, esta porque principia, aquella porque a termina.

3146.— Vida e composição, morte e destruição : eis o quadro resumido d'este mundo.

3147.— Deos se figura e individualisa de algum modo na Natureza objectiva e phenomenal, sendo a sua substancia aliás eterna, immensa e illimitada por sua essencia mysteriosa e incomprehensivel.

3148.— De que nos serviria huma nova vida se o nosso espirito não conservasse na memoria o cabedal de idéas e conhecimentos que adquirio na primeira ? se a accumulação progressiva de sciencia nos variados mundos que temos de habitar, em variados e respectivos corpos não promovesse a nossa felicidade, tornando-nos menos passiveis, e augmentando a somma dos prazeres sensuaes e intellectuaes pelo progresso da nossa intelligencia ? Huma felicidade progressiva e sem fim por hum progresso illimitado de sciencia e intelligencia como o estudo, fruição e admiração das obras divinas : eis-aqui a destinação do homem na sua existencia multiforme no Universo e por toda a eternidade.

3149.— O mal, qualquer que seja, não é tal para todos, mas bem para muitos outros.

3150.— Ninguem receia tanto a morte como o sabio, admirador constante do espectaculo maravilhoso do Universo, e commensal reflectido no banquete universal da Natureza : elle deplora a sua condição mortal pela privação de tão grandes bens, quando se achava mais habilitado para melhor os avaliar e admirar. Ainda que a idéa de huma outra vida o console e esperance, sabe todavia o que perde, e ignora o que tem de ganhar em huma revolução de existencia tão estranha como incomprehensivel ; porém no meio das suas duvidas e receios reconhecendo a Infinita Bondade de Deos que a Natureza apregôa, e elle tem experimentado no progresso da sua vida, resignado e reconhecido se entrega á sua Divina Providencia, confiando d'ella o melhoramento progressivo da sua sorte futura e eterna.

3151.— Dei a o mundo o çumo da minha vida : a minha alma é de Deos : o bagaço do meu corpo pertence á terra.

NOVAS

MAXIMAS, PENSAMENTOS E REFLEXÕES

DO

MARQUEZ DE MARICÁ

(Publicadas em 1846)

RIO DE JANEIRO

EM CASA DE

EDUARDO E HENRIQUE LAEMMERT

Rua da Quitanda N° 77.

NOVAS

MAXIMAS, PENSAMENTOS E REFLEXÕES

3152.— A Eternidade comprehende o tempo, a immensidade, o espaço. Deus comprehende tudo — a Eternidade e Immensidade.

3153.— Deos é Eterno : o Universo foi creado : a obra não pode preexistir ao artista que a concebeu e executou.

3154.— É fruição dobrada gozar amando, admirando e agradecendo a Deos.

3155.— A mocidade goza sem reflexão, padece com ella a velhice.

3156.— Os bens da vida como as rosas estão bordados de espinhos.

3157.— Os homens são como os relogios, huns se atrazão, outros se adiantão, poucos regulão bem.

3158.— No banquete da Natureza, quem mais se demazia, pouco dura.

3159.— Verdades ha como as estrellas, que só se avistão nos Céos.

3160.— O prazer é o diabo que nos tenta, a razão o bom anjo que nos guarda.

3161.— O coração tem seus mysterios que a prudencia não permitte publicar.

3162.— Conhecemos a vida presente, fantaziamos a futura.

3163.— A poesia figura o que a philosophia abstrahe.

3164.— O pouco que sabemos nos annuncia o immenso que ignoramos.

3165.— Ha muita gente má que não consente que a fação boa.

3166.— A vida nos faz sensiveis, a morte impassiveis.

3167.— Saude, riqueza e sabedoria raras vezes se encontrão em companhia.

3168.— Verdades ha que amargão como o fel, e mentiras que tem o sabor do mel.

3169.— Padecer para merecer é muitas vezes o programma da vida humana.

3170.— A vida é fruição de Deos pelo uso e gozo das suas obras.

3171.— Nos negocios da vida humana o estomago e barriga tem hum voto preponderante.

3172.— Quem falla despende, quem ouve arrecada.

3173.— As fabulas e allegorias do Oriente invadirão e conquistarão o Occidente.

3174.— O dia não descobre tantos crimes quantos encobre a noite.

3175.— Os sabios discorrem bem e governão mal.

3176.— As pessoas pobres são as que mais exagerão o cabedal dos ricos.

3177.— Exactidão e ponctualidade são distinctivos da probidade.

3178.— Como a aranha na sua têa, a nossa alma é sensivel em todo o corpo.

3179.— Em politica e religião não ha fé sem esperança.

3180.— A belleza suggere a idéa do bem, a fealdade a do que é máu.

3181.— O incenso e louvor por demasiados nunca fédem.

3182.— O ar devóra as palavras, os escriptos permanecem.

3183.— Devemos agradecer a Deos todas as disposições de sua Divina Providencia inclusive a mesma morte.

3184.— Os jornalistas vivem de folhas, mas não produzem seda como as lagartas.

3185.— A autoridade de poucos determina a crença e opiniões de muitos.

3186.— O nascimento desiguala, a morte iguala a todos.

3187.— A felicidade humana, como a roseira não dá rosas sem espinhos.

3188.— Fianças e confiança tem arruinado muita gente boa.

3189.— A civilidade e dissimulação são amigas de coração.

3190.— O governo dos tolos e dos sabios é igualmente desastroso para elles e para os povos.

3191.— Viver é hum bem, morrer a proposito o maior dos bens.

3192.— A gloria dos conquistadores é como a illuminação dos incendios.

3193.— O materialismo é a escada necessaria e indispensavel para subir e chegar-se ao idealismo.

3194.— Não podemos sahir fóra da esphera da acção divina, esta comprehende a immensidade.

3195.— Aprendemos gozando e soffrendo, a vida é huma escola de bens e males.

3196.— O que se ganha pela força, por ella tambem se perde.

3197.— Patria, lingoa e religião é o nascimento que as dá.

3198.— A vida é a arvore da sciencia do bem e do mal : viver é sentir, gozar e soffrer.

3199.— Vivemos condicionalmente sujeitos e obrigados a morrer.

3200.— O amor da verdade exclúe a lisonja e adulação que são mentiras.

3201.— Dizemos muito fallando pouco, quando sabemos expressar-nos bem.

3202.— O fraco é verboso, o forte silencioso.

3203.— É beneficio incompleto fazer resuscitar a quem tem de morrer segunda vez.

3204.— A companhia dos moços incommoda os velhos.

3205.— A companhia dos velhos dá sujeição aos moços.

3206.— Melhoramos em virtude quando peioramos em saude.

3207.— O governo dos moços não tolera conselheiros velhos.

3208.— Nem toda a luz é benefica, a dos incendios é desastrosa.

3209.— A civilidade ensina a mentir para não desagradar.

3210.— Os homens não são taes que desejem ser bem conhecidos : estimarião que os julgassem como affectão parecer.

3211.— O fogo destróe e consome illuminando.

3212.— Os sabios tem poucos admiradores, os ricos e poderosos numerosos aduladores.

3213.— Na velhice os males se condensão e os bens se rarificão.

3214.— Crer e amar são actos voluntarios que não podem ser forçados.

3215.— Não ha vida sem corpo, como não ha luz sem olhos.

3216.— A austeridade dos velhos affugenta os moços.

3217.— Preferimos o engano que nos deleita á verdade que nos incommoda.

3218.— O verdadeiro sabio avista a luz por entre as trevas, e a verdade pela espessura dos erros.

3219.— A materia symbolisa e revela a intelligencia que sem ella seria desconhecida e verdadeiramente nulla.

3220.— A vida mais contrastada é talvez a mais illustrada.

3221.— A Providencia Divina é o maior correctivo da ignorancia humana.

3222.— A paixão pelo jogo annuncia pouca ou nenhuma inclinação para as lettras.

3223.— Sede liberaes com os pobres, Deos será prodigo comvosco.

3224.— Que podemos dizer da Sabedoria e Poder de Deos que não digão melhor do que nós o Céo estrellado, o dia solar, a noite lunar, e a menor flôr ou insecto deste mundo !

3225.— O preguiçoso não madruga, o homem laborioso anticipa o dia.

3226.— A morte embalsama a memoria dos escriptores eminentes.

3227.— Os vicios dão mais occupação e que fazer aos homens doque as virtudes : estas são modestas e economicas, aquelles dispendiosos.

3228.— As fabulas occupão, divertem, e são objecto das crenças de muita gente.

3229.— Em materias religiosas muito se crê e pouco se accredita.

3230.— Os homens ensinão a temer a Deos, a Natureza a ama-lo e admira-lo.

3231.— Vemos a Deos em suas obras maravilhosas e o admiramos em nós mesmos.

3232.— Não fieis dinheiro de quem não restitue os livros emprestados.

3233.— A civilidade incommoda e faz mentir a todos.

3234.— Os conselhos dos moços prejudicão os velhos.

3235.— A fome boceja, a fartura arrota.

3236.— A importancia exterior que affectão certas pessoas, denuncia ordinariamente a sua interior insignificancia.

3237.— Muita gente finge crêr o que realmente não accredita.

3238.— Entre as aves é no genero masculino que se encontrão os cantores, oradores e falladores.

3239.— A mulher cigarra e irascivel é o maior flagello de huma familia.

3240.— A imaginação que avoluma os bens tambem exagera os males futuros.

3241.— Actores e expectadores neste mundo vivemos para gozar e morremos para não soffrer.

3242.— São dous grandes beneficios da Divindade, a vida para gozarmos, a morte para não soffrermos.

3243.— A Sabedoria é o maior dos bens da vida : mas quanto custa e quando chega !

3244.— Os homens sinceros dão facil preza aos velhacos que procurão engana-los.

3245.— Os mentirosos tem patente de invenção que não compete aos que dizem e fallão verdade.

3246.— A velhice é o purgatorio da vida pelos males que a invadem, e privações a que obrigão.

3247.— Praticai com os bons e sereis bom ; convivei com os máus, sereis hum d'elles.

3248.— Os prodigos em palavras são ordinariamente avaros em beneficios.

3249.—Crêr muito, pouco ou nada, caracterisa o verdadeiro sabio ; crêr muito no testemunho da Natureza, pouco ou nada no dos homens.

3250.— Graves desgostos e tormentos accompanhão os máus casamentos.

3251.— A intelligencia augmenta a força, dandolhe melhor direcção e disciplina.

3252.— O louvor ganha amigos, a maledicencia inimigos.

3253.— Com juizo, trabalho, intelligencia e economia, é pobre quem não quer ser rico.

3254.— Sente-se a felicidade, não se define.

3255.— Os vicios igualão as condições, as virtudes as distinguem.

3256.— Soffremos no tempo, mas como este não pára, passão com elle os nossos soffrimentos.

3257.— É sabio aquelle que melhor sabe avaliar os homens, cousas e successos.

3258.— Quando os povos merecem ser governados por tyrannos, estes são ordinariamente creaturas de sua escolha.

3259.— O sabio não escreve para individualidades, é preceptor e conselheiro do genero humano.

3260.— Encarecendo os nossos serviços, rebaixamos o seu valor.

3261.— Beneficios ha que valem menos por seu objecto e materia do que pela forma com que são conferidos e iberalisados.

3262.— A civilidade tem como as obras de casquinha, o exterior de metal nobre, mas o interior é de cobre.

3263.— A civilidade polindo os homens por fóra os deixa broncos por dentro.

3264.— A pobreza envilece os homens, a riqueza os ennobrece.

3265.— Ha celebridades de pouca duração; são obras das circunstancias e com ellas passão.

3266.— Os pobres achão sempre pouco o que os ricos lhes dão a titulo de esmola : pedindo por emprestimo taxão a quantia e se considerão menos obrigados á sua beneficencia.

3267.— Ha huma modestia simulada que faz mais distincta a vaidade dos que a querem inculcar.

3268.— É prova da copiosa transpiração das nossas mãos a rapida contracção das folhas e ramos da Mimosa sensitiva quando lhe tocamos.

3269.— Os admiradores de Deos não podem ser inteiràmente mortaes.

3270.— O que chamamos desordem está sugeito tambem ás leis da ordem universal.

3271.— Aindaque atomos viventes, não devemos considerar-nos desapercebidos pela Providencia divina : a ubiquidade e immensidade de Deos nos asseguräo a sua omnipotente assistencia e protecção.

3272.— É necessario desaprender ou refugar muito para sabermos pouco e bem.

3273.— Reconhecemos que Deos é infinitamente bom, e receamos a morte !

3274.— As tormentas da vida como as tempestades são seguidas de bonança, esta é tanto mais duravel quanto aquellas forão longas.

3275.— O nescio está bem em toda a parte, o sabio nunca melhor que no retiro e solidão.

3276.— A intelligencia humana avista pouco, mas quanto basta para avaliar o immenso que não descobre.

3277.— Os males estão de tal modo travados e enlaçados com os bens, que não ha condição ou estado algum de vida isento dos seus attaques mais ou menos frequentes e penosos.

3278.— É necessario ter lido muito para no fim reconhecermos que sabemos pouco.

3279.— A civilidade requinta nos que professão menos virtudes, porque as suppre ou inculca.

3280.— São innumeraveis os successos que vem de Deos e que os homens se attribuem.

3281.— Os moços confião muito, os velhos de tudo desconfião.

3282.— A importancia que se dá aos que governão, redunda em beneficio dos governados.

3283.— Os homens são geralmente bons e excepcionalmente máus.

3284.— Os tôlos aprendem á sua custa, os avisados á custa d'elles.

3285.— Ha paixão logo que hum objecto occupa exclusivamente o nosso pensamento e imaginação.

3286.— É mais facil refutar erros que descobrir verdades.

3287.— Ha huma reacção individual, collectiva e social contra os máos, que lhes não permitte sê-lo por muito tempo.

3288.— O castigo dos criminosos é a mais segura garantia para os virtuosos.

3289.— Fazemos mais festa aos máos doque aos bons; estamos seguros da bondade d'estes, e receamos a malignidade d'aquelles.

3290.— Como a luz e a sombra, o mal e o bem obedecem a certas leis e condições de hum systema que os constitue.

3291.— Tudo é vida, acção e movimento no Universo em seu todo e partes minimas ; Deos é o agente e motor universal da fabrica immensa da Creação concebida na sua Mente divina, e executada no espaço e tempo por sua Vontade Omnipotente em beneficio e felicidade de todas as suas creaturas vivas, sensiveis e intelligentes.

3292.— Esquecemo-nos dos bens de que gozamos; e só nos occupamos e queixamos dos males que soffremos.

3293.— A vaidade constitue huma parte muito importante da felicidade da especie humana.

3294.— É nos meninos e velhos que se observa ordinariamente o egoismo mais requintado : a fraqueza é egoista.

3295.— Sem antagonismo ou opposição não ha movimento nem acção.

3296.— Multiplicando as nossas relações familiares e sociaes, multiplicamos tambem os nossos commodos e incommodos.

3297.— Os sabios avistão ordem e harmonia nos mesmos phenomenos physicos e moraes em que os nescios só descobrem desordem, perturbação e discordia.

3298.— Pessoas ha que bem conhecidas por todos, sómente se desconhecem a si proprias.

3299.— As nações novas tomão o caracter da litteratura estrangeira a que se applicão, como os meninos o talho de letra dos traslados por que aprendem.

3300.— Gozamos muito pelos olhos, pouco menos pelos ouvidos, e consideravelmente pela gula ou paladar.

3301.— Os que adulão os povos são os que mais os desprezão.

3302.— O applauso dos nescios é para os sabios assuada.

3303.— Occupamo-nos muito comnosco, e com os outros por amor de nós.

3304.— A saude é mingoada onde a sciencia é avultada.

3305.— As nações tem, como as grandes arvores, muitas plantas parasitas que se crião e vivem á custa d'ellas, sem comtudo empececem substancialmente a sua brilhante vegetação, florescencia e fructificação.

3306.— Na industria humana a sciencia aproveita tudo o que a ignorancia desperdiça.

3307.— O lisonjeiro, como o fogo, queima e consome a quem abraça.

3308.— Os nescios, charlatães e pedantes, fogem dos sabios como os animaes nocturnos do fogo que os illumina.

3309.— Não sabemos agradecer os beneficios dos governos, mas só queixar-nos dos seus erros e desacertos.

3310.— Os sabios são taes menos pelo que dizem, doque pelo que calão.

3311.— A ingratidão dos povos corresponde á extensão dos beneficios recebidos.

3312.— Ninguem se considera tão ignorante como o sabio, nem tão sabedor como o nescio.

3313.— A privança com os Principes custa tão caro que os validos abusão d'ella ordinariamente para se pagarem do seu alto custo.

3314.— Os validos reinão com os Principes e ordinariamente sobre elles.

3315.— A alliança com os máos é sempre funesta aos governos.

3316.— Não ha n'este mundo bem nem mal absoluto : o que é veneno para huns viventes, serve de alimento para outros.

3317.— Ha muitos divertimentos que não correspondem aos incommodos e despezas antecedentes e consequentes da sua fruição. É melhor, em tal caso, escusa-los e regeita-los.

3318.— Poucos querem doutrina, todos dinheiro.

3319.— A fome aduba o alimento, a sede faz aprazivel a bebida, o trabalho o descanço : os males são o condimento dos bens.

3320.— Quantos males que vem por bem ! e quantos bens que occasionão graves males ! A Providencia Divina, na distribuição do bem e do mal, é tão justa como incomprehensivel.

3321.— Podemos pensar como quizermos, mas devemos fallar e escrever como convier, conforme as circunstancias de lugar e tempo.

3322.— Scintilla o Céo, verdeja a Terra : a Divina Sapiencia por toda a parte se revela.

3323.— A côrte fascina os nescios, e desencanta os doutos.

3324.— Como o esculptor não é a estatua que formou, nem o pintor o quadro que executou, nem o poeta o poema que compoz, assim Deos não se individualisa nas suas obras maravilhosas ; é independente d'ellas ainda que concebidas na sua Divina Mente e realisadas pela sua omnipotencia no tempo e no espaço. É d'este modo que se deve entender o pantheismo : seria absurdo considera-lo de outra maneira.

3325.— Viver é lidar, morrer descansar.

3326.— Não é com a embriaguez que se deve celebrar os successos felizes, mas com a sobriedade que nos permitte saborear no exercicio da razão toda a nossa felicidade.

3327.— Os bons servidores dos Principes são ordinariamente os menos attendidos e premiados : sabem melhor servir que pedir.

3328.— Se a vida não é um grande bem, porque se festeja geralmente o dia anniversario do nascimento e se lamenta o da morte ?

3329.— A riqueza agrada a todos, não pelo trabalho que custa, mas pelos prazeres e commodos que offerece.

3330.— Dizer e descobrir verdades é o empenho constante do verdadeiro sabio.

3331.— Os que fallão contra a riqueza são ordinariamente os que mais frequentão, importunão e caloteão os ricos.

3332.— A intelligencia humana tem multiplicado os prazeres e commodos da vida com tal extensão e variedade, que nos deixa duvidosos se gozamos mais pelos bens da Natureza, se pelos de invenção e industria humana.

3333.— Tudo o que existe e tem limites no espaço os tem igualmente no tempo e duração.

3334.— Males ha que servem de crises para os grandes bens.

3335.— Os homens de maior illustração são os que mais tem estudado a Natureza ou a Deos nas suas obras.

3336.— Os homens disputão sobre tudo e demonstrão com isso a sua reciproca ignorancia.

3337.— A imaginação é mais lasciva e menos honesta que o procedimento habitual dos homens.

3338.— Os males confinão com os bens : homens ha que amanhecendo felizes anoitecem desgraçados.

3339.— Padecer agradecendo a Deos é reconhecimento salutar da sua infinita justiça.

3340.— Se podessemos prever o futuro não haveria liberdade nos homens, tudo seria fatal e necessario.

3341.— A dissimulação nas mulheres desorienta e extravia os homens.

3342.— O natural é obra de Deos, o mythologico e maravilhoso producto da ignorancia, fantazia e impostura humana.

3343.— O bem é ordeiro e conservador, o mal desordeiro e destruidor.

3344.— Huma cabeça má arruina o corpo inteiro.

3345.— Aprendemos soffrendo mais e melhor, do que gozando.

3346.— É ventura para o homem viver confiando e morrer esperando em Deos.

3347.— As sociedades humanas estão por tal modo travadas de amores e instinctos sociaes, que se conservão compactas e indissoluveis a despeito dos erros, desacertos e irregularidades dos governos e governantes.

3348.— O homem mais admirado é ordinariamente o menos frequentado.

3349.— A maior intensidade do mal annuncia ordinariamente a sua menor duração.

3350.— Ninguem se pode queixar de não ter hum amigo podendo ter hum cão.

3351.— A companhia dos bons é tão saudavel quanto a dos máos perniciosa á saude e vida.

3352.— As demandas como as doenças dão occupação e alimentão muita gente.

3353.— Não podemos sahir da esphera da Providencia Divina ; ella comprehende a Immensidade, e nenhuma creatura vivente, por minima que seja, está fóra do alcance da sua benefica influencia e incessantes beneficios.

3354.— Para o velho illustrado e supraseptuagenario cada anno mais de vida corresponde a hum seculo.

3355.— No retrospecto e recordação da nossa vida passada, reconhecemos que frequentes vezes em nossas acções fomos menos senhores de nós do que escravos das circumstancias.

3356.— Mal vai aos thronos e governos quando recorrem aos seus inimigos para que os defendão e sustentem.

3357.— A belleza corporal confere grandes vantagens, a intellectual muito maiores pelo seu progresso e variedade.

3358.— Se os homens fallassem menos, trabalharião mais : o exercicio da lingua entorpece ordinariamente o dos braços.

3359.— Os grandes falladores são de ordinario muito máos trabalhadores.

3360.— Infinita sabedoria revela-se por infinita variedade nas obras e producções divinas : tal é a que se observa na Natureza.

3361.— A belleza corporal raras vezes annuncia superioridade de engenho e intelligencia.

3362.— No governo dos tôlos os velhacos são os seus validos.

3363.— Os velhos dando bons conselhos os desabonão muitas vezes com os seus máos exemplos.

3364.— Os máos retirão-se dos bons no tempo da sua ventura, e os procurão na desgraça para serem consolados, protegidos e aconselhados. Ha alguma cousa de divino na bondade e beneficencia humana.

3365.— Tudo o que existe é obra de Deos directa ou indirectamente.

3366.— A diligencia facilita quanto a preguiça difficulta.

3367.— Se tudo fosse eterno, immortal e indestructivel, não haveria acção, movimento, mudança, variedade nem novidade no Universo : tal eternidade poria termo aos attributos divinos de infinita sabedoria, poder e bondade limitando o seu exercicio.

3368.— A virtude é habitual nos homens, o crime excepcional.

3369.— A Natureza educa os animaes, a sociedade os homens : a educação d'aquelles é uniforme, a dos homens variada.

3370.— O mal destróe, não pode ser permanente ; o bem conserva, tem por isso mais duração.

3371.— O sabio e o nescio não convivem nem se tolerão por muito tempo.

3372.— A vaidade de huns alimenta a muitos outros.

3373.— Imaginai todas as perfeições possiveis em hum Ente, e sabei que são nada em comparação com as superlativas e infinitas em Deos, Creador omnipotente do Universo.

3374.— Os homens são menos livres do que pensão, e mais escravos do que imaginão.

3375.— Nas mulheres pelejão mais as linguas doque os braços.

3376.— Os moços são verbosos e superficiaes, os velhos concisos e substanciaes.

3377.— Ha homens para tudo, assim no mal como no bem.

3378.— Affectamos desprezar os bens que não podemos conseguir.

3379.— Tudo se comprehende em Deos, extensão e intelligencia.

3380.— É prerogativa dos sabios hum scepticismo racional.

3381.— A fraqueza é muitas vezes cohonestada com o nome de prudencia.

3382.— Deos é o unico Ente sobrenatural preexistindo á natureza que é obra sua.

3383.— Surgem e se somem nas revoluções politicas celebridades ephemeras e brilhantes como os meteoros.

3384.— Em certas e importantes materias é mais seguro inculcarmos saber menos doque sabemos, e figurar de nescios frequentes vezes.

3385.— Se não podeis contar as estrellas dos Céos, as flores da terra nem as arêas do mar, como podereis numerar e comprehender a multidão innumeravel das maravilhas de Deos na immensidade do espaço? Tudo é infinito e incomprehensivel em Deos e nas suas obras.

3386.— No máo tempo da vossa vida abrigai-vos em Deos : o seu abrigo é seguro, protector e indefectivel.

3387.— A Natureza é o vehiculo ou conductor de todas as inspirações de Deos para com os homens : os productos engenhosos da sua industria e os pensamentos luminosos do seu intellecto tem aquella origem e derivação.

3388.— O homem ocioso torna-se vicioso.

3389.— O homem é creatura moral e social, Deos que o formou assim o quiz : é huma necessidade da sua natureza interessar-se no bem commum, afim de que a sociedade avulte e prospere, sendo elle hum dos membros d'ella, e partilhando a sua sorte no bem e no mal geral.

3390.— O bem e o mal se harmonisão de tal modo que d'elles resulta a renovação, conservação e perpetuidade d'este mundo.

3391.— A imaginação veste o nú e despe o vestido.

3392.— Os homens de grande engenho e intelligencia avistão verdades taes e tão sublimes que parecem sophismas e disparates aos nescios e pessoas de vulgar comprehensão.

3393.— A somma dos bens da vida é incomparavelmente muito maior que a dos males : estes mesmos são removidos, neutralisados e até transformados em bens pela intelligencia humana.

3394.— Em hum systema de bens e males como o d'este mundo, não ha vivente algum que não tenha a sua quota de huns e outros.

3395.— Discordia apparente e harmonia real é o estado habitual da sociedade em geral.

3396.— Os anarquistas ambiciosos passão em progresso de traidores, conspiradores e sediciosos a rebeldes.

3397.— Os cultos religiosos que perecem não resuscitão mais.

3398.— Os que acreditão serem felizes os máos, não estão longe tambem de os imitar.

3399.— Pouco vê quem não avista a Justiça e Providencia Divina em todo o jogo, movimento e evoluções da especie humana.

3400.— Esperamos com impaciencia pretendidos bens, que chegando dão occasião a gravissimos males.

3401.— Gozar com reflexão é qualidade de quem tem juizo e saber.

3402.— A vida é formação, a morte transformação.

3403.— Huma vida longa está sugeita a grandes vicissitudes, e quanto mais ella se estende maiores males a invadem e atormentão.

3404.— A independencia do sabio consiste na sua esperança e confiança em Deos, e na plena resignação com a sua Vontade Omnipotente.

3405.— Envergonhamo-nos em certas épocas da nossa vida das mesmas opiniões que professámos em outras.

3406.— Os velhos sempre receião o peior ; lembrão-se mais dos males que soffrerão do que dos bens que gozarão.

3407.— O silencio não tem physionomia, a palavra muitas caras.

3408.— O azul dos Céos não tem a variedade maravilhosa do verde da terra : n'esta os nossos olhos devem distinguir as innumeraveis especies e individualidades vegetaes, o que se consegue pela diversidade incalculavel da côr verde : nos Céos não se descobrem objectos que precizem distinguir-se pelas côres, os que vemos são distinctos por suas luzes.

3409.— A fome explica muitos dos actos e phenomenos sociaes : a ella se deve frequentes vezes a mudança rapida e mysteriosa das doutrinas e opiniões de muitos homens.

3410.— As opiniões humanas serão sempre tão varias como os interesses, conhecimentos, idades, estados e condições dos homens.

3411.— A sabedoria chega por fim a alguns velhos para os consolar e distrahir dos seus males e dôres corporaes.

3412.— É necessario saber muito para muito admirar gozando as obras e producções da Natureza.

3413.— Este mundo é hum vastissimo viveiro e cemiterio das creaturas sensiveis que n'elle se crião, vivem e perecem.

3414.— Para que soffDramos menos no exercicio da vida, é necessario que nos enganemos e sejamos enganados frequentes vezes.

3415.— Pagamos com dôres na velhice as dividas contrahidas com a Moral na mocidade.

3416.— O trabalho é tão necessario para o exercicio da vida, que os animaes não tendo as paixões moraes que tanto impellem os homens ao movimento e acção, são incommodados por innumeraveis insectos que os forção a hum motu continuo para os matar e repellir.

3417.— Bellas flores, quanto vos invejo ! murchais e morreis, mas não tendes como os homens na velhice a sensibilidade e consciencia dolorosa de seus males, decadencia e morte.

3418.— O silencio agrada tanto aos velhos, quanto o ruido e vozeria á gente moça.

3419.— A familiaridade encurta o respeito e rebaixa a authoridade.

3420.— Nunca espereis agradecimentos das advertencias que fizerdes ás pessoas eivadas de cacoetes e defeitos na linguagem e gestos : sereis maltratados pela vossa franqueza e lealdade.

3421.— Todos os homens querem louvor e não censura ; esta humilha o amor proprio, aquelle o exalta.

3422.— Existir padecendo é viver morrendo.

3423.— A civilidade é hum verniz que dá lustro aos homens e os faz parecer melhores do que ordinariamente são.

3424.— É o mal que dá origem á moral; não haveria sem elle crimes, vicios nem virtudes.

3425.— Quereis conhecer a Deos quanto permitte a intelligencia humana, estudai e consultai a Natureza, sua perenne revelação.

3426.— Sempre nos enganamos com os homens quando os suppomos com muito juizo, saber, exactidão, lealdade e probidade.

3427.— A avareza ajunta, a prodigalidade espalha; esta pecca por imprudente, aquella por nimiamente prudente.

3428.— Como as balêas navegão nos grandes mares, os maiores velhacos frequentão as altas côrtes.

3429.— A franqueza pode ser reprovada, a lealdade é sempre appreciada.

3430.— Os homens, como todos os objectos da Natureza, são instrumentos, ministros e executores da Vontade Omnipotente : esperai e confiai em Deos, os homens vos serviráõ.

3431.— Seria hum bom conselho para muita gente : deixai-vos de Politica, applicai-vos á Moral.

3432.— A incerteza do termo da nossa vida lhe confere huma perpetuidade illusoria mas aprazivel.

3433.— Lamentamos na velhice a perda de vantagens e faculdades que não soubemos appreciar devidamente na mocidade.

3434.— O homem de engenho e prudencia que se contrahe e resume na Sociedade, offerece menos alvo e superficie aos tiros da inveja, ciume e ambição de seus inimigos e antagonistas.

3435.— Quem em Deos confiou, nunca se enganou.

3436.— Deos é a nossa esperança ; quem em Deos confia, tudo alcança.

3437.— Os grandes conquistadores são n'este mundo instrumentos e ministros da bondade e justiça divina : castigão e premião muita gente sem proposito nem intenção de tal fazerem.

3438.— O instincto da maternidade se annuncia nas meninas pelo zelo e paciencia com que crião e pensão os pequenos animaes por mais incommodos que sejão.

3439.— Podemos dizer positivamente que a causa de nossa existencia é Deos, e o fim a nossa felicidade : assim se resolvem as importantes questões — porque e para que existimos.

3440.— O mal na Natureza não é tal para todos, mas bem para muitos.

3441.— Tudo é temporario, mortal e destructivel no Universo, menos a substancia fundamental ou substratum de todas as existencias e producções phenomenaes da Natureza, que é eterna e immortal em sua essencia e constituição.

3442.— As mulheres sobejão onde estão, e faltão onde não se achão.

3443.— Que grande espectaculo é para os homens de profundo saber e transcendente intelligencia o jogo, movimento e evoluções do genero humano no theatro d'este mundo! A infinita sabedoria, poder, justiça, bondade e providencia de Deos se revelão nos actos, successos e producções da Humanidade como nos phenomenos e formações da Natureza material.

3444.— O Céo sempre illuminado annuncia e celebra a Gloria immortal do Ser Supremo que o creou.

3445.— O receio da morte diminue a fruição da vida: é quando menos receamos morrer que mais nos saboreamos em viver.

3446.— Mal appreciados pelos contemporaneos, os grandes homens em todo o genero são admirados e venerados pela illustrada posteridade.

3447.— Temos sempre que agradecer a Deos porque gozamos ou porque não soffremos.

3448.— Comparavel ao Daguerreotypo, o nosso cerebro é o fundo aparelhado em que se desenhão e retratão por meio da luz os objectos do mundo exterior.

3449.— Para que os bens da vida tenhão duração, é necessario goza-los com moderação.

3450.— Todas as obras de Deos são maravilhosas; porém a maior de todas as maravilhas é a existencia do mesmo Deos.

3451.— Os velhos são golosos, querem indemnisar-se pelo paladar dos prazeres que tem perdido pelos outros sentidos.

3452.— Os velhos achacados queixão-se do tempo e das estações : o seu mal é a velhice e nada mais.

3453.— O instincto sensual nos faz egoistas, o moral e social philanthropos.

3454.— A ignorancia do porvir faz feliz muita gente que goza no presente desconhecendo os males que tem de padecer no futuro.

3455.— É necessario ter muita sciencia para crêr e descrêr muito.

3456.— Os pobres exagerão o cadebal dos ricos para se crerem com direito a esmolas mais avultadas.

3457.— Os velhos achão hum grande cabedal no passado para os occupar e entreter no presente.

3458.— Os escriptores originaes podem ser imitados mas não igualados.

3459.— Riqueza é poder, habilitando os que a possuem para fazerem muito bem ou muito mal.

3460.— Os pobres declamão contra a riqueza para se consolarem ou se justificarem de não serem ricos.

3461.— A melhor entidade da terra é huma boa mulher, a peior a que é má.

3462.— A imaginação figura o bom ainda melhor, e o mal muito peior.

3463.— O juizo nunca sobeja a alguem, falta geralmente a muita gente.

3464.— Os fracos argumentão e razoão; os fortes ameação e operão.

3465.— Na classe dos animaes os maiores aduladores são os cães, na dos homens os cortezãos.

3466.— Com os maiores bens da vida os homens não se crêem felizes se huma experiencia dolorosa os não dispoz para saberem avalia-los.

3467.— Os homens não podem ser tratados por muito tempo de perto sem se verem rebaixados na opinião dos circumstantes : a par das suas boas qualidades resaltão os seus defeitos e vicios que são mais patentes na vida privada e familiar onde é mais difficil occulta-los.

3468.— A prodigalidade é menos censurada que a avareza ; goza o prodigo e faz gozar, succede o contrario com o avarento.

3469.— A intelligencia multiplica a força material pela sciencia e disciplina ; é o iman armado que avulta muito em sua acção e energia.

3470.— Como o avarento se regozija calculando a somma da sua riqueza material, o sabio se compraz na revista do seu cabedal intellectual.

3471.— A recordação do mal que fizemos contrista tanto o nosso coração, quanto o alegra a lembrança do bem que praticámos.

3472.— A creação continúa sem interrupção na immensidade de espaço : a sabedoria, poder e bondade de Deos sendo inexhauriveis e sem limites tem e teráõ exercicio no espaço e tempo com variedade e novidade por toda a eternidade.

3473.— Objecto da cobiça de todos é a riqueza, de poucos a sciencia.

3474.— A morte é niveladora, iguala a todos os viventes.

3475.— Os mundos se movem no oceano immenso do Ether como os navios nos vastos mares de Terra.

3476.— Homens ha que affectão de bons para com melhor successo serem máos.

3477.— Mentem igualmente os ricos e pobres declamando contra a riqueza.

3478.— Os pobres fingem por inveja desprezar a riqueza que os occupa e alimenta.

3479.— Os homens mudão de opinião como de estado e condição.

3480.— Gozamos e soffremos simultaneamente em diversas relações : os males nascem entre os bens como as hervas más a par das boas.

3481.— Os homens gostão de novidades, não falta quem as invente para entreter a sua curiosidade.

3482.— O sabio pode avaliar os homens, o nescio não os sabe qualificar.

3483.— A razão e verdade sobrenadão a todos os erros, fabulas, absurdos e disparates populares : podem ser eclipsadas mas não obscurecidas.

3484.— A beneficencia dos avarentos e ambiciosos é tão escassa como usuraria.

3485.— É imperfeito tudo o que tem limites ; a suprema perfeição existe sómente em Deos immenso, infinito, e illimitado.

3486.— Os animaes gozão mas não são felizes ; a genuina felicidade consiste na fruição com referencia a Deos, autor de todos os bens, e no sentimento aprazivel de gratidão á sua bondade infinita e inexhaurivel.

3487.— O homem mais sagaz é ordinariamente o menos sincero.

3488.— A virtude é tão vulgar que não dá celebridade ; elevada á santidade confere veneração.

3489.— Todos se inculcão por sinceros , bem poucos o são.

3490.— O mundo se perpetúa pela vida e morte ; tudo se transforma, nada se anniquila.

3491.— O mal e o bem se harmonicão perfeitamente para a sua duração e perpetuidade.

3492.— Sem huma noção sublime da Divindade não ha sciencia nem saber profundo.

3493.— Pasta de ministro de Estado e casamento huma só vez para escarmento.

3494.— Oh como somos pequenos em nossos corpos e grandes pela nossa intelligencia !

3495.— É licito todo o prazer que a ninguem offende directa ou indirectamente.

3496.— Os preguiçosos são tão activos em mandar, como remissos em servir e trabalhar.

3497.— Braccjão e gesticulão muito as pessoas que menos sabem e podem explicar-se por palavras.

3498.— A lizonja e adulação são sacrificios do amor proprio, que não se fazem sem esperanças de correspondente retribuição.

3499.— Devemos beneficiar e não maleficiar os outros homens; os beneficios ou maleficios que fazemos revertem sobre nós accrescentados.

3500.— A vida custa tão cara aos velhos quanto é barata para os moços.

3501.— Os que em saude affectão desprezar a morte são os que mais a receião quando estão doentes.

3502.— A loquacidade dos homens é menos incommoda do que a garrulidade das mulheres.

3503.— A sciencia é riqueza intellectual que se alcança ordinariamente pelos meios e recursos que lhe offerece o cabedal ou riqueza material.

3504. — A desconfiança é o tormento dos velhos, receião-se de todos e de tudo.

3505.— Não ha mal eterno, a eternidade é privativa do Summo Bem, que é Deos.

3506.— A riqueza promove as sciencias e as artes contribuindo para o seu progresso pelo uso e consumo dos seus productos, e meios de subsistencia que fornece aos seus cultores.

3507.— Fabulistas e fabulados os homens se enganão e tem sido enganados em todos os tempos.

3508.— Deos é a riqueza por essencia, d'elle derivão todos os cabedaes d'este mundo, e o luxo incomparavel da Natureza.

3509.— Vemos hum ponto da Creação Universal e queremos avaliar o todo e seu divino Author pelas idéas e conhecimentos apoucados, locaes e parciaes que possuimos; eis aqui a origem dos nossos maiores erros, absurdos e disparates.

3510.— As doenças dão tregoas aos pacientes, os crimes e remorsos não as concedem aos delinquentes.

3511.— A vida é hum enigma, a morte não o é menor.

3512.— A morte é o Lethes que tudo faz esquecer.

3513.— Mulheres ha como as cobras, formosas mas venenosas.

3514.— A sorte final dos validos que abusão da privança dos Principes em damno d'estes e dos povos é bem conhecida pela Historia : decadencia e queda, desprezo e aversão geràl.

3515.— Na somma dos bens da vida o prazer da leitura avulta para os litteratos sobre todos especialmente.

3516.— Todos os homens são justificaveis nas opiniões que professão de boa fé, pensão e discorrem com as idéas proprias que tem, e não com as alheias que desconhecem.

3517.— Não entender os escriptos e doutrinas dos sabios, é culpa dos leitores e não dos authores : como podião estes rebaixar a sua intelligencia para a nivelar com a dos indoutos e illiteratos !

3518.— A grande e falsa confiança que temos em nossa habilidade e talentos nos faz cahir em grandes erros, aceitando empregos que sobrexcedem á nossa força corporal e capacidade intellectual.

3519.— Na vida humana as tempestades moraes são muito mais tormentosas que as corporaes.

3520.— A superioridade da nossa intelligencia é contrapesada ordinariamente pela gravidade dos males que invadem os nossos corpos na velhice.

3521.— O nescio inculca-se habil para todos os empregos, o sabio desconfia da sua aptidão para o exercicio de qualquer d'elles.

3522.— Não podemos viver sem gozar; a fruição é essencial á vida humana e animal.

3523.— Deos tambem transparece e se revela nas obras da industria humana como nas producções da Natureza.

3524.— Todas as formas de governo como todos os estados e condições da vida tem vantagens e inconvenientes que as recommendão e reprovão.

3525.— A diversidade da forma e organisação corporal dos viventes n'este mundo dá origem á variedade assombrosa dos seus instinctos, industria, intelligencia, theor de vida e modos de existencia.

3526.— A riqueza é mãi das bellas artes, o luxo seu protector.

3527.— Os rebeldes amnistiados não perdoão aos homens ordeiros e leaes que os debellarão.

3528.— Ha homens de bem incorruptiveis, como velhacos incorrigiveis.

3529.— Pode haver hum orgulho nobre, a vaidade é sempre ridicula e ignobil.

3530.— Como as aves se alimentão de muitos insectos, os velhacos subsistem de muitos tôlos.

3531.— Homens ha que são honrados porque lhes falta occasião e talentos para serem velhacos.

3532.— Ninguem se retira da companhia de hum homem douto ou sabio que não tenha aprendido alguma cousa mais do que sabia.

3533.— É maior a fé entre os homens que a razão : tudo se crê mais por autoridade que por exame.

3534.— A morte é menos penosa presente do que esperada.

3535.— Acção e reacção, fruição e soffrimento, é toda a historia da vida humana.

3536.— O verdadeiro heroismo é a virtude que o confere, e não os vicios, crimes e paixões.

3537.— A resistencia provém frequentes vezes donde menos se esperava.

3538.— A virtude e sabedoria tem huma certa rudeza exterior que encobrindo a sua amenidade e benevolencia interna não previne em seu favor e aliena a muitos que as não conhecem.

3539.— Quem confia em traidores a si proprio se atraiçoa.

3540.— O progresso da intelligencia é infallivel havendo liberdade de fallar, escrever e publicar o que se pensa.

3541.— O Universo animado por Deos é por isso mesmo tambem divino.

3542.— Os ingratos não medrão, a beneficencia os repelle.

3543.— Trabalha-se mais na vida humana para evitar os males que para conseguir os bens.

3544.— Com saude, riqueza e juizo, o sonho da vida é tão venturoso como aprazivel.

3545.— A opposição de opiniões suppõe ordinariamente a de interesses individuaes ou collectivos.

3546.— Variando e alterando-se tudo na Natureza é consequente que as opiniões dos homens tambem variem : a sua permanencia seria huma calamidade para a especie humana.

3547.— Os avarentos não gozão menos ajuntando que os seus herdeiros dissipando.

3548.— O pintor pinta segundo o numero de tintas que tem na sua palheta : o homem pensa conforme a somma de idéas que possue.

3549.— Trabalhamos muito para os vindouros cuidando trabalhar sómente para nós.

3550.— Queixamo-nos frequentes vezes da opposição que achamos aos nossos desejos, não sabendo quanto em muitos casos é propicia e favoravel á nossa felicidade.

3551.— A morte é acintosa por vezes, alonga a vida aos velhos e a encurta aos moços.

3552.— A imaginação sendo huma louca, tem a razão por enfermeira.

3553.— Não espereis moralidade em quem não tem pontualidade.

3554.— O subjectivo humano ou o espirito se serve constantemente do objectivo ou do corpo como instrumento e meio indispensavel para a execução dos seus fins, intenções e vontade, e não poucas vezes para encobrir os seus sentimentos e opiniões reaes e positivas.

3555.— O juizo de poucos dirige e regula a incapacidade de muitos.

3556.— A morte salda muitas contas que a vida não pode ajustar.

3557.— As revoluções nos Estados vem como as tempestades estabelecer hum certo equilibrio que se fazia urgente e necessario para a ordem geral do systema physico, moral e social.

3558.— O genero humano necessita de homens activos e trabalhadores em todos os ramos de industria : quanto aos sabios, poucos bastão e sobejão.

3559.— Em tempo de revoluções a mudança de doutrinas e opiniões é tão frequente como a dos ventos.

3560.— A virtude acompanhada da fortuna é menos difficil e mais respeitada.

3561.— De todos os prazeres da vida o mais fino e exquisito é sem duvida o da união dos sexos, sendo tambem origem e occasião de todos os amores e relações naturaes e sociaes da especie humana.

3562.— A velhice é austera porque soffre, a mocidade amena e indulgente porque goza.

3563.— Nota-se hum bom senso no geral dos homens, mas este é como a luz do pyrilampo, pequena, intermittente e irregular.

3564.— Huma discordia apparente e parcial contribue n'este mundo para a concordia e harmonia geral e universal.

3565.— Os homens mostrão-se racionaes em certas materias e relações, em outras são mais irracionaes que os mesmos brutos.

3566.— Procura-se o rico porque dá e não pede ; foge-se do pobre, que pede e não pode dar.

3567.— A razão é huma luz que faz descobrir as entidades e relações intellectuaes como a do sol os objectos e qualidades materiaes.

3568.— As opiniões dos homens ressentem-se da pequena esfera de suas idéas e conhecimentos, e das doutrinas e localidades que lhas suggerirão.

3569.— Aos charlatães nunca faltão palavras e actividade : são panegyristas de si proprio e de suas artes.

3570.— Os homens presumem geralmente ter sufficiente juizo, mas não bastante dinheiro ou riqueza.

3571.— O sonho da gloria posthuma alenta os vivos, não aproveita aos mortos.

3572.— Pode-se definir a sabedoria, a sciencia mais ampla e profunda do bem e do mal.

3573.— Os desejos atormentão os moços, os cuidados os velhos, a vaidade e modas as mulheres.

3574.— Os insignificantes pela ordem tornão-se importantes pela desordem.

3575.— A poesia não faz os homens mais sabios nem mais ricos.

3576.— Os tolos e nescios soffrem muito menos do que se pensa : a sua estulticia e irreflexão os fazem pouco sensiveis e mitigão muito os seus males.

3577.— Belleza é a perfeita correspondencia no seu todo e partes de hum ser ou cousa para os fins a que foi destinado no systema d'este mundo.

3578.— O que a Natureza bem estudada não nos diz, ninguem nos pode dizer.

3579.— Congratulamo-nos muitas vezes de casos e eventos que tem de ser para nós origem ou occasião de graves males.

3580.— Ha huma intervenção divina nos negocios e successos humanos a que chamamos Providencia : esta se opera sómente pelas leis e meios naturaes.

3581.— Os velhos pouco se inculcão e valem muito.

3582.— A rosa ainda em botão não deleita a vista nem perfuma os ares ; mas aberta e expansa com a sua belleza magestosa contenta os olhos, o olfato e faz a gloria da Natureza; assim o homem adulto e maduro pela sciencia e virtudes honra a humanidade pelos primores do seu entendimento, industria e talentos.

3583.— Os velhacos tornão-se necessarios e valiosos aos nescios e tolos ricos e poderosos.

3584.— Nas côrtes a sabedoria dá sujeição, a folia é bem aceita e agraciada.

3585.— Em hum mundo, concepção e obra da infinita sabedoria de Deos, nada existe nem pode existir sem proposito, fim, destinação e applicação.

3586.— A melhor companhia acha-se em huma escolhida livraria.

3587.— Concebemos esperanças sem fundamento, queixamo-nos depois de não terem cumprimento.

3588.— Os fortes forão feitos para servir os fracos, se estes tem sufficiente intelligencia para os dominar.

3589.— Os velhacos não são homens de superior intelligencia : se o fossem serião pessoas de honra, verdade e probidade.

3590.— Huma boa letra não annuncia vasta intelligencia, nem huma eloquencia brilhante profunda sapiencia.

3591.— Por toda a parte se allega razão e não se descobre senão paixão.

3592.— É cabedal que não se perde nem se gasta, a esperança e confiança em Deos.

3593.— Vemos em toda a parte materia ou corpos sem intelligencia, mas não podemos conceber intelligencia sem corpos ou materia em que se revele e manifeste as suas faculdades.

3594.— Os homens probos e leaes seguem a linha recta, os velhacos preferem o zigzag como os raios e coriscos.

3595.— Para os que governão os serviços mais importantes são os feitos directa e especialmente ás suas pessoas.

3596.— Quando morrem as cidades e os imperios o homem leva a mal o ser mortal!

3597.— O nascimento confere vantagens que o merecimento mais distincto não consegue.

3598.— Hum bom bibliothecario deve ser polyglote e de algum modo encyclopedico e universal.

3599.— Arrependemo-nos na velhice de innumeraveis actos que praticámos na mocidade e que então nos não parecerão reprehensiveis e dignos de censura: a reflexão senil nos ensinou a avalia-los como taes.

3600.— Os impostores e inimigos da verdade fazem bem em declamar contra a razão, é a luz que dissipa as trevas.

3601.— A liberdade do homem está sugeita ás leis da Natureza podendo obrar sómente n'ella e por ella.

3602.— O inimigo insignificante torna-se pelo desprezo importante.

3603.— Algum dia temos de amanhecer sem anoitecer, ou anoitecendo não amanhecer.

3604.— Sem as illusões da mocidade não podemos chegar aos desenganos da velhice.

3605.— A morte é certa, a medicina incerta.

3606.— A intelligencia se revela na extensão, ambas identificando-se por hum modo mysterioso constitue huma unidade a que chamamos Universo.

3607.— O motivo do interesse individual é tão pouco decoroso que os homens geralmente querem passar por desinteressados em seu procedimento e acções.

3608.— Hum bom poeta será sempre máo philosopho : a imaginação eclipsa a razão.

3609.— A vida é acção e movimento, trabalho, occupação, fruição e soffrimento.

3610.— A diuturnidade da vida figura mais terrivel a sua perda.

3611.— É huma illusão muito ordinaria nos homens supporem-se mais importantes do que são, resultando d'isto verem muitas das suas esperanças frustradas e tornarem-se objectos de riso e zombaria para os outros homens.

3612.— Não admira que o dinheiro seja objecto da idolatria universal, elle representa todos os bens materiaes e muitos moraes da vida humana.

3613.— Toda a entidade impassivel é tambem necessariamente inoffensivel.

3614.— A riqueza de alguns é a fonte de que bebem muitos sedentos : que seria d'elles se não houvessem ricos !

3615.— Gasta-se a vida gozando, tambem se gasta soffrendo : sendo porém a fruição habitual e o soffrimento excepcional, o abuso d'aquella contribue mais que tudo para a brevidade da vida.

3616.— Soffrendo aprendemos a gozar, errando a acertar e regular-nos.

3617.— Ha tolos malignos que fazem mais damno e mal que os velhacos consumados.

3618.— É necessario que saibamos tolerar-nos mutuamente sob pena do vivermos em hum tormento continuado de resistencia, opposição e contradicção entre huns e outros.

3619.— A Philosophia e Medicina promettem muito e dão pouco.

3620.— Os homens de reflexão descobrem na Natureza relações que os irreflectidos nem suspeitão.

3621.— Os que governão persuadem-se que devem primar em tudo e mostrão ordinariamente algum ressentimento ás pessoas que mais se distinguem em sua presença por seu saber e talentos.

3622.— Não pode haver reflexão onde tudo é distracção.

3623.— São muitos os loucos a quem grandes intervallos lucidos inculcão e representão de racionaes.

3624.— Exagera-se a censura, mas rebaixa-se o louvor.

3625.— É bem singular que não possamos familiarisar-nos com a morte, sendo ella aliás tão familiar entre nós.

3626.— Devemos louvar a Deos não só quando gozamos, mas tambem quando não soffremos.

3627.— O prazer mais fino porém menos duravel é o da união dos sexos : assim devia ser para promover a procreação sem destruir os procreadores.

3628.— Produzir e destruir é o exercicio e occupação perenne dos homens n'este mundo.

3629.— Gozamos na mocidade sem reflexão, padecemos com ella na velhice.

3630.— Sem liberdade não haveria moralidade : os entes livres e sociaes são os unicos moraes ou capazes de moralidade.

3631.— Assim como este mundo se renova constantemente de entidades e cousas, o Universo igualmente é renovado por partes nos mundos e systemas solares que guarnecem a immensidade do espaço, dissolvendo-se huns e formando-se outros com variedade assombrosa em sua estructura e habitantes. A sabedoria, poder e bondade de Deos não tendo limites por sua immensidade, o seu exercicio será igualmente eterno e infinito.

3632.— A riqueza pelo commercio e navegação é a mais efficaz civilisadora das Nações.

3633.— São poucos nas sociedades humanas os facinorosos, como na Natureza os animaes ferozes e carniceiros.

3634.— No vasto labyrintho d'este mundo tudo é ordem para os sabios e desordem para os nescios.

3635.— Os thronos vacillão onde os rebeldes blasonão de ser ou ter sido taes.

3633.— O mal physico dá origem ou é occasião do bem e mal moral : se os homens não soffressem, se fossem impassiveis, não serião bons nem máus, nem sociaes.

3634.— Os rebeldes incorrigiveis qualificão de patriotismo e movimentos generosos os seus crimes e attentados patibulares.

3635.— Os governos receião-se dos sabios como censores, não os querem portanto para conselheiros.

3636.— Confiando e esperando em Deos nunca devemos desesperar da sua bondade : o seu soccorro chega sempre quando é mais opportuno e necessario.

3637.— O pobre diz mal do rico, o fraco do poderoso, o ignorante do sabio : ninguem tolera com resignação a sua inferioridade ou insignificancia pessoal, cada qual em humilde condição recorre ao arsenal da maledicencia para rebaixar aquelles a quem inveja e consolar-se ou justificar-se da sua sorte menos benigna ou desfavoravel.

3638.— A velhice ganha ordinariamente em intellectualismo o que perde em sensualismo.

3639.— Se o Universo é obra de huma sabedoria e poder infinito, o systema da sua creação deve ser perfeitissimo no seu todo e partes, destinado a symbolisar, representar e revelar os attributos de Deos, e a felicitar as suas creaturas vivas, sensiveis e intelligentes a quem deo e dá o ser para que participem da sua vida, intelligencia, acção e felicidade.

3640.— Descobrir ordem na supposta desordem, harmonia na apparente discordia, caracterisa o verdadeiro sabio, optimista por estudo, sciencia, razão e reflexão.

3641.— Que assombrosa maravilha ! a destruição produzindo a formação, a morte a vida, o mal o bem, e tudo harmonisando-se e contribuindo para a renovação, conservação e perpetuidade d'este mundo !

3642.— Os verdadeiros sabios não são os que presumem saber mais que os outros homens, porém os que reconhecem saber menos relativamente á extensão illimitada da sua propria ignorancia reconhecida.

3643.— Do homem activo sem consciencia não confieis vossa fazenda.

3644.— Homens ha que parecem accusar a sociedade da sua pobreza, não reflectindo que a devem ordinariamente aos seus vicios, ignorancia, fatuidade e inflexibilidade de caracter.

3645.— O terror da morte procede geralmente dos antecedentes que a precedem e dos consequentes que a accompanhão : a opinião tem huma poderosa influencia n'esta materia.

3646.— Lendo a biographia dos homens illustres devemos admirar o Ser Supremo, que, concebendo na sua Mente divina o genero humano, o realisou e pôz em acção no theatro d'este mundo para obrar e representar nas suas variadas scenas com huma intelligencia de algum modo creadora, e com variedade e novidade assombrosa em seus actos e producções industriaes e intellectuaes.

3647.— Ha bem absoluto, o mal é sempre relativo.

3648.— O exame e analyse profunda das palavras, sua significação e objectos dissipão innumeraveis erros que offuscão a nossa razão e impedem a descoberta de verdades muito importantes.

3649.— Os viciosos são liberaes ou prodigos para a materia e objecto dos seus vicios, avaros e tacanhos para tudo o mais.

3650.— Nem os leaes se podem unir aos traidores, nem estes com aquelles, ha huma força repulsiva entre elles que os faz diametralmente oppostos e adversos.

3651.— Males ha que prolongão a vida, como bens que a fazem breve.

3652.— As grandes verdades não apparecem e fulgarão senão depois que se tem dissipado o espesso nevoeiro de erros, ficções e absurdos que as tem encuberto e eclipsado.

3653.— A Providencia Divina circula por toda a parte sem que a possamos distinguir perfeitamente em alguma, nem descobrir os seus variados meios e fins, seguros todavia da sua efficaz e universal beneficencia e justiça.

3654.— Tudo n'este mundo está sugeito ás leis inviolaveis da morte e destruição : o que vive morre, o que não tem vida se destróe.

3655.— Errando e soffrendo aprendemos a acertar e gozar.

3656.— A guerra produz nas nações mais mudanças, novidades e revoluções do que a paz; esta é conservadora da ordem estabelecida, aquella subversora ou perturbadora.

3657.— Huma constituição liberal em hum povo ignorante e immoral é anel de ouro em focinho de porco.

3658.— A Sabedoria divina comprehende toda a invenção e sciencia possivel a hum Deos : é inexhaurivel e eterna.

3659.— As folhas e jornaes chegão geralmente ao posterior, mas não alcanção a posteridade.

3660.— Querendo explicar e comprehender o intellectual sem o material, ou este sem aquelle, cahimos em innumeraveis erros e absurdos como os idealistas e materialistas : a intelligencia e materia tem huma correspondencia tão intima entre si que de algum modo se identificão ou se harmonisão por huma energia divina, mysteriosa e incomprehensivel.

3661.— É na velhice provecta que reflectindo sobre a nossa vida passada reconhecemos com evidencia que huma grande parte das nossas acções, casos, successos e vicissitudes felizes e desastrosas, fôrão devidas a circunstancias fataes que não podiamos prever, prevenir e remover, e determinarão o nosso procedimento em huma boa parte do processo da nossa vida.

3662.— A intolerancia de muitos desculpa a hypocrisia de poucos.

3663.— A nação mais moral e illustrada é aquella em que os homens se distinguem especialmente pela sua exactidão e pontualidade em tempo, lugar, palavra, serviço e contas.

3664.— Só Deos conhece os homens como são, nós os avaliamos como nos parecem.

3665.— A prudencia não pode subsistir sem paciencia.

3666.— A ignorancia é mãe da superstição e fanatismo.

3667.— Pobres animaes de carga, sensiveis como sois, se fosseis intelligentes qual não seria a vossa desgraça nas mãos dos barbaros que vos dominão e conduzem !

3668.— Se as companhias nos distrahem e divertem, tambem nos occasionão frequentes vezes graves desgostos e dissabores : huma livraria copiosa e escolhida é sem duvida a companhia mais commoda e instructiva.

3669.— Conhece-se a capacidade ou imbecillidade dos que governão pela escolha que fazem dos homens para os lugares mais importantes do Estado.

3670.— As mulheres por mais ignorantes são tambem mais supersticiosas que os homens.

3671.— O mal é occasião de innumeraveis bens n'este mundo.

3672.— São muitos os males da vida, mas tambem são innumeraveis os bens.

3673.— Homens ha que temem a luz da verdade como os morcegos a do dia ou do fogo.

3674.— Os homens de curto entendimento são insupportaveis em companhia ; mais egoistas que os outros, só fallão em seus negocios, interesses, actos, pretenções e familia, e se julgão muito importantes para occupar a attenção da especie humana.

3675.— A verdade é huma, incapaz de variedade : a mentira pode ser variada por infinitos modos sem perder a sua essencia e natureza.

3676.— A gente moça não sabe apreciar os bens de que goza, nem avaliar os males que não padece.

3677.— As mentiras tem huma leveza e velocidade admiraveis ; o passo das verdades é firme, grave e magestoso ; aquellas correm alterando-se, estas chegão tarde mas inteiras e não faltão.

3678.— A superstição é filha da ignorancia e producto de idéas falsas a respeito de Deos e phenomenos da Natureza : o meio mais efficaz de a reduzir ou extirpar é o estudo das sciencias naturaes com que se consegue huma noção mais clara da Natureza e attributos divinos e se dissipão muitos erros, ficções e entidades fabulosas, creaturas da ignorancia, imaginação e impostura humana.

3679.— Para a educação dos homens são boas as maximas, preceitos e conselhos, mas é superior a tudo a experiencia com o soffrimento.

3680.— O maravilhoso na Historia faz duvidar da verdade dos seus factos.

3681.— Deos é a riqueza por essencia, os seus thesouros são immensos, e inexhaurivel a sua beneficencia.

3682.— O avarento é máu para si, o prodigo para si e para os outros.

3683.— Vivemos ao abrigo da Providencia de Deos sem a vontade do qual nem hum só cabello poderia cahir das nossas cabeças.

3684.— A fraqueza do organismo corporal nos velhos é compensada pela reflexão e prudencia, qualidades que suprem ou superão a força.

3685.— São ordinariamente as pessoas menos capazes de dirigir o barquinho dos seus negocios os que mais ambicionão o commando e o governo da náu do Estado.

3686.— Tudo é vida no Universo, os mesmos mundos são creaturas vivas de superior natureza e hierarquia : a Terra é animal crustaceo com huma concha de muitas leguas de espessura, o trabalho humano se exerce sobre a sua superficie, que sendo productiva mantem os viventes que n'elle se crião e são suas producções e parasitas. A atmosphera é a sua transpiração, e como os peixes respirão pelas guelras, o animal mundo recebe e regeita alternativamente as aguas do mar o que constitue as marés.

3687.— Não pode haver conciliação entre doutrinas e partidos diametralmente oppostos : são indispensaveis combates, victorias, derrotas, vencedores e vencidos.

3688.— Os que sabem menos são ordinariamente os que fallão mais.

3689.— Os entes creados para viverem em sociedade são bons nem podem ser máus por natureza : huma natural malignidade seria adversa aos seus instinctos de sociabilidade.

3690.— Quem não tem juizo perde o favor dos homens e da fortuna.

3691.— Tudo o que tem acção sobre os objectos circumstantes, sendo tambem por elles impressionado e alterado, é necessariamente mortal e destructivel.

3692.— Admiramos os escriptos e obras de alguns litteratos e artistas que desprezamos por seu irregular procedimento, extravagancia e falta de juizo e exactidão na vida familiar e social.

3693.— São poucas as verdades como as côres primitivas, innumeraveis os erros, como as compostas e combinadas.

3694.— A sciencia do homem observador da Natureza é derivada da Sabedoria divina revelada em suas obras.

3695.— Nas revoluções populares os insignificantes, nescios e velhacos alcanção huma importancia que lhes dura pouco tempo e acaba pelo desprezo e esquecimento.

3696.— Deos não desconhece nem se esquece das suas creaturas sensiveis, todas estão presentes á sua immensa comprehensão para as beneficiar e felicitar nos innumeraveis mundos em que as creou e residem.

3697.— Os máos pensamentos gerão e produzem as más acções.

3698.— Os erros e fabulas interceptão o caminho que conduz ás verdades; estas ainda que luminosas não podem sempre romper a nevoa espessa que as eclipsa e hostilisa.

3699.— Os nescios e velhacos evitão a companhia e sociedade dos homens doutos e probos que podem distinguir e avaliar a sua ignorancia e improbidade.

3700.— O silencio promove a reflexão, o ruido a perturba ou affugenta.

3701.— Os sustos e receios formão huma grande parte da miseria humana : soffremos talvez mais receiando os males futuros do que se fossem presentes.

3702.— A ignorancia é a causa principal de todos os nossos males : se soubessemos como Deos seriamos impassiveis e immortaes.

3703.— São desagradaveis e intoleraveis as mulheres, quando sahindo da esphera feminina tomão o caracter masculino.

3704.— Se entre os viventes são os homens os que gozão mais dos prazeres sensuaes da natureza e industria propria, tambem por contrapeso soffrem muito moralmente pelas opiniões divergentes, crenças absurdas e paixões desregradas que os atormentão em sua vida terrestre e social.

3705.— O abuso de felicidade nos faz cahir em desgraça; o excesso dos prazeres em seus diversos ramos nos conduz á pobreza, miseria, enfermidades e muitos outros males naturaes e sociaes.

3706.— Os que soffrem e padecem não desesperem recorrendo a Deos e confiando na sua bondade infinita e indefectivel protecção.

3707.— Cremos em theoria o que não acreditamos na pratica. Quem faria o mal se tivesse huma intima convicção de que Deos está presente a todos os actos humanos?

3708.— A gente moça muda de opiniões como de vestidos e modas : não tendo idéas claras e determinadas, nem systema de vida fundado em solida sciencia e longa experiencia, fluctua entre diversas doutrinas sem convicção plena da verdade de alguma d'ellas.

3709.— Os prazeres que nos fornece a Natureza são geralmente gratuitos, os da industria e intelligencia humana dispendiosos; requerem trabalho para a sua producção, e o trabalho tem hum valor e preço necessario nos mercados d'este mundo.

3710.— Para estabilidade da ordem e tranquillidade publica, os intelligentes levão-se pela razão, os nescios pelo medo ou castigo.

3711.— Os annos rodando sobre nós deixão nas rugas do nosso rosto os stigmas da sua acção e da velhice.

3712.— A garrulidade nos moços e mulheres é argumento do seu pouco saber ou juizo.

3713.— Este mundo é feito para todos os viventes que n'elle se crião, mas com especialidade para o homem sabio que estudando a Natureza ou as obras de Deos o ama, adora e admira, exultando de ser creatura sua com sufficiente intelligencia para reconhecer a sua paternidade creadora e o beneficio incomparavel de have-lo admittido pela vida ao espectaculo assombroso do Universo, fazendo-o commensal no banquete universal da Natureza.

3714.— A velhice prolongada é morte lenta e demorada.

3715.— Somos bons consoladores, e muito máos soffredores.

3716.— O homem de muito saber e juizo é hum flagello para si e para os outros, pela exactidão, attenção, discernimento e intelligencia que d'elles exige e espera, mas não pode obter ordinariamente.

3717.— Os velhos se entretem com hum preterito que foi real e concreto, os moços com hum futuro fantastico e ideal.

3718.— Os validos perdem os que governão, não sendo homens de sciencia, experiencia, prudencia e consciencia.

3719.— A nação mais immoral e corrompida é a que contem mais ingratos, invejosos e traidores.

3720.— É o homem o unico vivente n'este mundo a quem Deos conferio a faculdade de fazer uso do fogo, o que prova a superioridade da sua intelligencia sobre a de todos os animaes.

3721.— Exigir dos moços juizo e prudencia é pretender que os fructos verdes tenhão o sabor e perfume dos maduros.

3722.— Com pouco saber admiramos os homens, com muito sómente a Deos.

3723.— A materia não é substancia, mas a forma contingente, apparente e phenomenal com que se manifestão os espiritos, substancia primitiva, real e universal, a qual se compõe de atomos indivisiveis e imperceptiveis aos nossos sentidos emquanto separados e distinctos huns dos outros sem extensão sensivel, forma, figura, densidade e individualidade.

3724.— Os talentos mal dirigidos e applicados fazem a desgraça dos que os possuem.

3725.— Os velhacos são cavalleiros, os tolos cavalgaduras.

3726.— Os velhacos lidão muito e lucrão pouco.

3727.— Distinguem-se os homens de bem pela sua escrupulosa pontualidade, e os velhacos pela sua escandalosa inexactidão.

3728.— Os homens são verdadeiros prismas organicos em que a luz mysteriosa da Sabedoria Divina penetrando se refrange e apparece dividida em variados talentos, engenhos e aptidões intellectuaes.

3729.— O remorso ou a consciencia accusadora accompanha os máus por toda a parte, nem os deixa hum só instante : não é este o menor castigo das suas malfeitorias.

3730.— Cada anno como cada seculo que passa, vai onerado de casos, eventos e phenomenos que os distinguem dos antecedentes e os constituem originaes na ordem dos tempos e evoluções da humanidade.

3731.— Ha occasiões e circumstancias em que é vantajoso mal ver, mal ouvir e não poder fallar.

3732.— A suprema perfeição existe no Infinito, o limitado é sempre imperfeito como tal.

3733.— Se os homens não fossem passiveis serião ingovernaveis.

3734.— O Immenso e Infinito não tem figura comprehendendo aliás tudo quanto existe figurado.

3735.— Não distinguimos bem a acção da Providencia Divina porque os homens são ordinariamente os instrumentos e executores das suas justas disposições.

3736.— De todas as paixões a ambição é a origem dos maiores crimes e males : ella emprega indistinctamente todos os meios bons e máus para chegar aos seus fins de riqueza, poder e mando.

3737.— O Eterno e Infinito amando-se ama tambem todas as suas creaturas que comprehende na sua immensidade.

3738.— Quando chegamos a ter huma idéa ou noção mais sublime de Deos, sua natureza e attributos, prezamos a vida e não receamos a morte.

3739.— A gente moça não sabe avaliar perfeitamente as vantagens da mocidade, é a velhice que melhor as contrasta e reconhece.

3740.— Deos é de huma natureza mysteriosa e incomprehensivel a todas as suas creaturas ; se houvesse alguma que o comprehendesse seria outro Deos.

3741.— Anticipar pela imaginação os males que tem de vir, é soffrer duas vezes ou dobradamente.

3742.— Sem o mal que seria o bem ? palavra sem sentido que nada significa.

3743.— O jogo da vida e sociedades humanas compõe-se de acção e reacção, attracção e repulsão, sympathia e aversão, amor e odio : d'estes elementos contrarios e antagonistas resultão o equilibrio, ordem e harmonia social.

3744.— Em politica as conversões são tão frequentes quanto maiores são as vantagens que se antolhão aos que mudão de opiniões e doutrinas.

3745.— Tudo o que Deos faz, fez, constituio e ordenou, é o melhor possivel : a mesma morte é um bem incomparavel supposta a decadencia progressiva dos nossos corpos, conductores por fim de males e dôres, mas não de bens e prazeres.

3746.— A vaidade e orgulho dos homens provão a sua profunda ignorancia ; serião modestos e humildes se bem conhecessem a sua pessoal insignificancia no systema parcial d'este mundo e geral do universo.

3747.— É hum recurso incalculavel nas vicissitudes e males da vida, a esperança e confiança em Deos.

3748.— A riqueza tem sempre companhia, a sabedoria vive em solidão.

3749.— Aprendemos gozando, quando estudamos a Deos nas suas obras.

3750.— A Sabedoria é hum dom de Deos pelas circumstancias especiaes em que faz nascer e viver aquelles a quem ha por bem conferir tão eminente prerogativa.

3751.— Devemos regular a nossa vida de modo que possamos esperar e não receiar depois da nossa morte.

3752.— Os sabios nunca forão nem serão validos dos principes : são inhabeis observadores da etiqueta e ceremonial das côrtes, não podem mentir nem adular, e menos intrigar e cabalar para supplantar a huns e precipitar a outros, nem finalmente occupar-se e entreter-se com as companhias, conversações e controversias palacianas.

3753.— Quando pedimos a Deos que nos livre dos males que soffremos, podemos desconfiar da nossa indignidade mas nunca duvidar da sua infinita Bondade e Beneficencia.

3754.— É o nosso corpo quem nos individualisa, e provoca a consciencia de que existimos, sem elle ou outro qualquer organisado não poderia a unidade mysteriosa a que chamamos *alma* ser consciente da sua existencia propria.

3755.— Não sabemos nem podemos avaliar exactamente os bens da vida quando não temos experimentado os males que os contrastão : ha muita gente feliz que desconhece a sua propria felicidade.

3756.— Querendo figurar a Deos sentimo-nos impedidos pela noção de sua immensidade que não admitte limitação no espaco : é a infinita variedade das suas obras assombrosas que o figura aos nossos olhos mortaes e materialisa os seus Divinos attributos.

3757.— Pessoas ha em ambos os sexos pessimas para mandarem e governarem, mas excellentes para servirem.

3758.— Como seria insipida a vida se todos soubessemos a verdade em tudo! É talvez á variedade inexhaurivel de erros, fabulas, ficções e illusões que os homens devem grande parte da sua felicidade n'este mundo.

3759.— O Dominador eterno dos atomos, o Creador dos mundos e do universo se personalisa de algum modo na fabrica immensa da creação, obra assombrosa e mysteriosa da sua infinita Sabedoria, Poder e Bondade; revelação perenne da sua existencia eterna, ella annuncia e proclama a immensidade dos seus Divinos attributos.

3760.— Se os homens não variassem de idéas, opiniões e circumstancias, os seus productos materiaes e intellectuaes serião identicos e uniformes sem novidade nem variedade.

3761.— Os bens e os males constituem n'este mundo hum systema especial e se harmonisão para a renovação, conservação e perpetuidade do mesmo mundo.

3762.— Poesia e mythologia tem sido as fontes dos maiores erros e disparates do genero humano.

3763.— Os moços dissipão a vida pelos excessos a que se entregão, os velhos economisão o seu remanecente pela dieta e regime que são forçados a observar.

3764.— Nunca nos enganamos quando pedimos e esperamos de Deos o alivio ou remoção dos nossos males : no acto mesmo de recorrermos á sua infinita Bondade experimentamos e reconhecemos algum melhoramento na nossa sorte.

3765.— Os erros dos homens entrão como elementos indefectiveis na ordem e serie dos casos, successos e eventos da especie humana : sem elles não haveria a variedade infinita de acontecimentos privativos da vida humana, com que se occupa a Historia geral e particular da Humanidade.

3766.— Grande sciencia, vasta incerteza.

3767.— As crenças religiosas são recebidas geralmente pelos homens como as moedas correntes sem o previo exame do seu pezo, quilate e valor intrinseco e real.

3768.— Huma nação já não é barbara quando tem historiadores.

3769.— Somos passiveis por tantos modos no physico e moral que não ha dia em que não soffràmos mais ou menos de huma ou de outra ou de ambas as maneiras pelos accidentes que occorrem infinitamente variados.

3770.— Gozar e soffrer, soffrer e gozar, gozar soffrendo, e soffrer gozando : eis o quadro da vida humana.

3771.— A Religião conforta os fracos, e abranda os fortes.

3772.— Todos os atomos indivisiveis ou espiritos hão de ter a sua vez na successão dos tempos de sentir e pensar, cabendo-lhes a occasião de achar-se collocados em certos pontos centraes dos corpos organisados, por cujas impressões sendo excitados ao exercicio das faculdades sensiveis e mentaes conseguem a regencia e administração dos mesmos corpos.

3773.— Pouco sabemos d'este mundo, e dos outros inteiramente nada.

3774.— Os validos nas monarquias sobem e descem como os alcatruzes nas nóras.

3775.— Nas monarquias representativas os que se inculcão por democratas ou são tôlos que merecem ser desprezados, ou velhacos que se aprezentão á venda e desejão ser comprados.

3776.— Ha sucessos em nossa vida que julgariamos impossiveis se nos fossem preditos e que chegão a realisar-se por huma serie de eventos e circumstancias não previstas nem imaginaveis.

3777.— Os validos por velhacos conseguem em pouco tempo o que não alcanção em toda a vida os mais honrados, activos e leaes servidores dos monarchas.

3778.— É necessario que nos finjamos loucos algumas vezes para que muita gente se persuada que temos juizo.

3779.— Muito fraca ou imprudente é a monarquia que faz alliança com os seus proprios inimigos para se manter!

3780.— Não podemos avaliar a justiça de Deos; é incomprehensivel pela sua perfeitissima rectidão e imparcialidade.

3781.— Só Deos é perfeitissimo porque Deos sómente tem em si a causa da sua existencia e duração eterna.

3782.— Desde que existimos e sentimos não podemos ignorar o bem e o mal; sentir é gozar e soffrer.

3783.— Os animaes devem tudo á Natureza, os homens muito a sociedade.

3784.— Se não existem habitantes nos planetas de Jupiter, Saturno e Herschel, para que servem ao primeiro quatro satellites ou luas, ao segundo sete, e ao terceiro seis? Huma illuminação lunar sem viventes que a gozem, é facto phenomenal inexplicavel.

3785.— Quem sabe quaes seráõ as vicissitudes da sua vida, onde, como e quando terá termo esta mesma vida? Em hum mundo onde tudo é mudança e alteração, acção e reacção, os successos são tão incertos e contingentes que se não podem prever nem prevenir. Huma constante resignação com a Vontade Omnipotente de Deos e sua Divina Providencia sobre os successos futuros é o mais efficaz e salutar correctivo ás duvidas e incertezas da vida e sorte humana.

3786.— Ha grandes verdades para os sabios, que parecem aos nescios disparates.

3787.— A alliança com os máus é sempre funesta aos bons.

3788.— Os principes ganharião muito na opinião publica se visitassem os sabios, onde os ha, para haver d'elles doutrina, verdades e conselhos que não podem receber dos seus cortezãos e aduladores, gente ordinariamente indouta, interesseira e ambiciosa.

3789.— A philosophia solapa e derruba as religiões, mas não as pode substituir.

3790.— O nascimento enobrece a alguns, o procedimento a muitos.

3791.— Os validos dos principes não são ordinariamente os melhores servidores do Estado.

3792.— Os validos dos Principes nunca se crendo bem pagos dos sacrificios que fizerão do seu amor proprio para chegarem á privança, abusão escandalosamente della para se saturarem de honras, empregos, autoridade e riqueza.

3793.— Não pode haver harmonia sem contrarios, desiguaes e desemelhantes.

3794.— O mundo não se renova sómente em viventes e cousas, mas tambem em doutrinas e opiniões.

3795.— No theatro da Natureza os bens e os males trocão frequentes vezes os papeis, e representão diversos do que são.

3796.— A responsabilidade dos viventes acaba com elles, e a morte lhes salda as contas.

3797.— Perdida a sensibilidade, acaba a responsabilidade.

3798.— O juizo chega tão tarde a muita gente, que não pode já restaurar a saude arruinada por falta d'elle.

3799.— A doutrina do optimismo universal é a mais segura, solida e compativel com a noção da existencia eterna de hum Deos infinitamente sabio, poderoso, bom, justo e providente, autor e creador do Universo.

3800.— O scepticismo requer sciencia, a credulidade a dispensa.

3801.— Deos sendo o idealismo por essencia, os homens não podem elevar-se a huma noção sublime do seu Ser e Attributos senão pelo materialismo que é a sua revelação simbolica, sensivel e objectiva.

3802.— Como o fogo nas operações da Natureza, o dinheiro nas dos homens é o agente mechanico mais poderoso.

3803.— O possivel não tem limites para Deos : é infinito por elle e para elle.

3804.— A velhice é hum mal incuravel de que só a morte nos pode libertar.

3805.— As revoluções transcendem ordinariamente os limites com que serião proveitosas ás nações.

3806.— A civilidade é tanto mais importante em huma nação, quanto esta é menos illustrada e moral: é necessario simular virtudes onde as não ha ou deixárão de existir.

3807.— O stigma da rebellião fica indelevel nos rebeldes ainda mesmo depois de amnistiados.

3808.— A maior parte das nossas esperanças sahe frustrada porque calculamos com a permanencia de circumstancias sempre incertas e variaveis.

3809.— As nações novas não medrão, antes se atrazão, querendo adoptar e copiar servilmente as instituições civis e politicas das nações velhas mais illustradas e civilisadas.

3810.— O suicidio é muito raro nas pessoas idosas e achacadas, e ordinario na gente moça e de meia idade que goza de saude vigorosa.

3811.— Nada póde succeder no Universo que não esteja comprehendido no systema geral da ordem constituida pela Infinita Sabedoria de Deos na creação universal : devemos por tanto resignar-nos com a sua Divina Vontade na occurrencia de quaesquer phenomenos e acontecimentos que pareção contrarios ao nosso commodo ou felicidade na consideração de que não são vagos e fortuitos, mas predeterminados para o bem geral no systema assombroso e mysterioso do Universo.

3812.— Os maiores absurdos e disparates com o nome de mysterios tem sido admittidos e accreditados pelos homens em todos os seculos e idades.

3813.— Homens ha importantes por nascimento e insignificantes pelo seu procedimento.

3814.— O jogo dos interesses, opiniões e paixões individuaes no trato da vida familiar, social e politica dos homens é tão natural e consequente com a natureza humana, que não devemos estranhar a sua opposição, divergencia e exhorbitancia, antes admirar como se coordena e contribue para a felicidade do genero humano, sua conservação e renovação no theatro d'este mundo.

3815.— A credulidade cega dos homens faz duvidar em muitos casos da sua racionalidade.

3816.— Hum Bem eterno, infinito e absoluto exclue hum mal com os mesmos attributos.

3817.— Deos sendo immenso, infinito e incomprehensivel é huma unidade que comprehendendo tudo não póde ser comprehendida ou limitada por cousa alguma.

3818.— Aquelle que se embriaga por occasião de successos felizes, affugenta e perde com o juizo a genuina alegria.

3819.— Deos não só sabe tudo, elle é o manancial eterno de toda a sciencia, verdades e relações reciprocas das entidades que creou e tem de crear por toda a Eternidade com variedade e novidade assombrosas.

3820.— O homem é o animal vivente que goza muito mais que qualquer outro, soffrendo aliás em maior escala e variados modos.

3821.— Como sabem os nossos nervos, musculos e tendões que devem obedecer immediatamente á nossa vontade no movimento dos nossos membros e distinctos serviços do nosso corpo? Elles não a conhecem, nem o nosso espirito os distingue e menos comprehende a natureza e variedade das suas funcções. Eis aqui hum mysterio profundissimo que só se póde explicar dizendo-se que a Vontade Omnipotente de Deos quiz que a nossa individual fosse obedecida instantaneamente pelos membros e partes do nosso corpo por huma verdadeira harmonia preestabelecida pela sua Omnipotencia.

3822.— É quando as flôres desabotoão e os fructos amadurecem que deleitão a vista, olfacto e paladar : assim tambem os homens chegando á virilidade e madureza ostentão os primores da sua força, engenho, industria e intelligencia.

3823.— A vida muito reflectida não é a mais aprasivel.

3824.— Sem previa intelligencia pouco ou nada aproveita a experiencia.

3825.— Sem cobres, pouco valem nobres.

3826.— Custa menos o ter a privança dos Principes que o valimento dos povos.

3827.— O espirito ou caracter democratico é geralmente vilão, brutal, cynico, tacanho e orgulhoso.

3828.— Homens ha tão ambiciosos de riqueza como outros de sciencia; estes tem a vantagem, presupposta huma outra vida, de levar e aproveitar o seu cabedal, aquelles pelo contrario perdem necessariamente os seus capitaes sendo forçados a deixa-los pela morte.

3829.— O mal physico é hum elemento necessario e indispensavel no systema d'este mundo, sem elle não haveria acção, arbitrio, movimento, emprego, nem occupação alguma para os viventes que n'elle se crião e existem.

3830.— O espirito de partido, o interesse individual mal entendido, e as paixões exaltadas tornão os homens loucos e irracionaes no intervallo em que dominão e prevalecem taes elementos de discordia, confusão e alienação mental.

3831.— Ainda que limitados no espaço somos comprehendidos em Deos, autor da nossa existencia e vida.

3832.— Exaltai a vossa idéa ou noção de Deos pelo estudo profundo das suas obras, e vereis dissipar-se hum turbilhão de erros, fabulas absurdas e disparates que infestão a razão humana, tolhendo o seu progresso na descoberta das verdades mais importantes.

3833.— Não procureis regularidade no procedimento das pessoas litteratas e artistas, é ordinaria n'ellas a falta de exactidão e pontualidade em tempo, lugar, palavra, serviço e contas.

3834.— Em politica o progresso e regresso se succedem como nos mares o fluxo e refluxo alternadamente.

3835.— Deos tendo creado o genero humano, e dado-lhe o imperio da terra, conhecia bem o processo e actos da sua existencia : a natureza, organisação, instinctos, paixões e faculdades dos homens sendo obra da concepção de huma Sabedoria infinita, que demais proporcionou o systema do mundo mechanico ao dos viventes que n'elle se crião, constituem a especie humana o que deve ser e para o que foi destinada pelo Creador do Universo.

3836.— O menor atomo infinitesimo está tão sujeito á Vontade omnipotente de Deos, como o maior dos mundos e o immenso Universo; assim a materia se figura e coordena pontual e passivamente segundo os designios da eterna Sabedoria.

3837.— A bemaventurança do sabio n'este mundo consiste em pensar em Deos, estudando, gozando e admirando as suas obras maravilhosas.

3838.— Vamos em progresso dizendo bem de todos e mal de ninguem.

3839.— Que vastissima sciencia não conferirão aos homens as maravilhosas descobertas do telescopio e microscopio! de huma parte fizerão-nos distinguir astros e mundos de immensa grandeza em pontos luminosos na immensidade dos céos e do espaço, de outra, viventes innumeraveis de organisação variada e incalculavel em atomos infinitesimos imperceptiveis á nossa vista sem o auxilio de taes instrumentos. A sabedoria e poder divinos se revelarão por elles no maximo e minimo da creação de hum modo assombroso, o que devia necessariamente sublimar a noção que os homens tinhão de Deos e seus divinos attributos.

3840.— Quando vemos hum homem moço sustentar obstinado huma opinião menos razoavel, devemos desculpa-lo, na certeza de que com os annos ha de defender talvez com o mesmo calor e vehemencia a contraria desapprovada e combatida.

3841.— Passamos a vida a invejar-nos, comtudo cada hum de nós tem vantagens privativas e especiaes, que nos indemnisão das que nos faltão.

3842.— Gozamos melhor da vida quando não receamos morrer.

3843.— O genero humano foi destinado a pôr tudo em acção e movimento n'este mundo planetario : sendo agente e paciente ao mesmo tempo executa á risca as condições da sua natureza, que o impelle á vida activa, locomoção, trabalho, industria, variedade e novidade em opiniões, producções, usos e costumes. O genero humano é effectivamente o que deve ser, e nada mais nem menos.

3844.— Soffremos por muitos modos positiva e negativamente, ideal e materialmente, e os males de imaginação não são ordinariamente inferiores aos reaes e positivos.

3845.— Agradeçamos a Deos os bens que nos liberalisa, e recorramos á sua bondade nos males que nos invadem.

3846.— Toda a sciencia vem de Deos, e se incorpora e individualisa de algum modo nas suas obras : Deos é o manancial eterno de todas as verdades, cousas e suas relações : as suas creaturas intelligentes nada podem saber, nem ter idéas e noções algumas que não seja pelo exercicio e experiencia da vida, e estudo da Natureza, manifestação solemne e perpetua da Sabedoria e Poder infinito da Divindade.

3847.— Os espiritos são atomos indivisiveis que se tornão viventes, sensiveis e intelligentes, collocados em certos pontos distinctos e centraes dos corpos organisados destinados a servir-lhes de meio de communicação com o Universo externo e material, e a provocar d'este modo o exercicio das suas faculdades naturaes, sensiveis e intellectuaes.

3848.— Deos é por essencia a ordem, belleza e harmonia universal : a eternidade da sua existencia excluio sempre a do cahos fabuloso, producto da imaginação e ignorancia humana : as suas obras assombrosas occupando a immensidade do espaço attestão a extensão illimitada dos seus divinos attributos de sabedoria, poder, bondade e providencia : Deos é a alma, a vida, acção e movimento do Universo, que creou para n'elle felicitar as creaturas sensiveis e intelligentes, a quem deo e dá o ser para exercicio perenne da sua Eterna Beneficencia.

3849.— É triste e precaria a condição das Monarquias, quando recorrem aos anarchistas, demagogos, ingratos, traidores, conspiradores e rebeldes para as sustentarem, conferindo-lhes poder, honras e autoridade, e permittindo-lhes que maltratem e persigão os bons, leaes e genuinos monarchistas.

3850.— A origem fabulosa e ridicula que os homens tem dado ao mal physico n'este mundo, é causa de innumeraveis erros, absurdos e terrores que infestão o genero humano e aggravão a sua miseria. O autor da organisação e sensibilidade corporal igualmente o é do bem e do mal, do primeiro como fim, e do segundo como occasião, meio, instrumento, vehiculo e conductor de bens geraes e especiaes.

3851.— A nossa ignorancia é tal, que não a podemos avaliar por infinita.

3852.— Quando soffremos queixamo-nos da Natureza ou da fortuna, para nos justificarmos do procedimento que occasionou os nossos males.

3853.— Os principes ganhão muito em viajar, augmentando a somma das suas idéas dão maior extensão á esfera da sua intelligencia.

3854.— Os males multiplicão-se nos velhos, surgem de diversos orgãos do seu corpo gasto e usado pelos annos, prazeres, trabalhos e cuidados.

3855.— O ciume nas mulheres é horrivel quando se reconhecem por feias ou velhas.

3856.— Cada hum dos mundos existentes no espaço, sendo huma concepção da Sabedoria Divina, não póde deixar de ser perfeitissimo no seu todo, partes maximas e minimas para o proposito e fim a que Deos o destinou no systema geral do Universo. Em vão se nos antolhem defeitos e irregularidades na sua structura e relações, é á nossa ignorancia ou limitação de intelligencia que devemos taes apparencias de desordem e anomalías : a Sabedoria immensa de Deos não podia produzir obra ou systema que não fosse optimo e perfeito na sua contextura, relações, meios, fins e destinação para exercicio da sua Eterna Beneficencia e felicidade das suas creaturas vivas, sensiveis e intelligentes. Se a mais pequena flôr ou insecto é hum compendio e demonstração da sua Sabedoria Infinita, que diremos de hum mundo, systema solar e do immenso Universo !

3857.— Ha verdades, que nenhuma creatura por mais sublime que seja a sua condição e cathegoria poderá jámais conhecer : o seu conhecimento a faria igual a Deos, o que não é possivel.

3858.— Accordados ou dormindo sempre pensamos, mas não sentimos do mesmo modo; o espirito sendo o mesmo, o corpo é diverso nos dous estados.

3859. — Atomos viventes collocados em pontos diversos do espaço immenso, julgamo-nos imperceptiveis e indignos da attenção, providencia e beneficencia divina : tal opinião é hum erro grosseiro, producto da nossa ignorancia e irreflexão. Deos pela sua immensidade e incomprehensivel natureza occupa o espaço infinito, anima e vivifica toda a creação, e se é licito assim dize-lo, é sensivel em todo o Universo, em todas as suas partes maximas e minimas e atomos infinitesimos, e portanto está presente a tudo, vela sobre tudo, e nenhum vivente por mais diminuto que seja está fóra da sua providencia benefica, e bondade illimitada.

3860.— Os homens não tem nem podem formar idéa de substancias immateriaes, as almas e espiritos são considerados por elles como entidades corporaes perceptiveis aos sentidos com forma, figura e lugar no espaço, capazes de acção e reacção, e quando muito os reputão de huma substancia material mais subtil e menos densa que a dos corpos viventes d'este mundo.

3861.— O mal de huns dá occasião e origem ao bem de outros : os bens e males se entretecem e harmonisão no systema d'este mundo.

3862.— A materia não é menos mysteriosa e incomprehensivel do que a intelligencia, ambas porém se combinão, harmonisão e constituem o Universo.

3863.— São muitos os homens occupados em propagar os erros, poucos em destrui-los e descobrir verdades.

3864.— Deos é infinitamente perfeito : não podemos comprehender a immensidade de suas divinas perfeições.

3865.— Os rebeldes amnistiados maltratão e perseguem os homens leaes e honrados.

3866.— Deos é infinito e inexhaurivel em dar, beneficiar e fazer graças : se tivessemos huma fé firme, constante e profunda na sua Beneficencia e Bondade, nada lhe pediriamos que não nos fosse concedido : sobejão em Deos poder, vontade e meios de attender-nos, mas falta em nós huma crença e esperança inabalavel na sua paternidade creadora e liberalidade illimitada.

3867.— O pensamento está sempre em actividade, ainda quando o corpo parece mais preguiçoso.

3868.— A sabedoria humana reconhece a sua propria limitação, e admirada do espectaculo assombroso do Universo e das maravilhas sem conto que comprehende, exclama no seu enthusiasmo — Immensa é a intelligencia que concebeo e realisou no espaço o systema vastissimo e incomprehensivel da Creação Universal!

3869.— Tudo na Natureza é objecto de admiração e pasmo, mas sobretudo o desenvolvimento progressivo do genero humano no theatro d'este mundo.

3870.— O fluxo e refluxo dos partidos politicos nos governos monarchico-representativos constituem a sua vida, acção e movimento, tendendo a estabelecer hum certo equilibrio, que nunca se verifica perfeitamente, e que produziria a immobilidade sempre fatal aos Estados.

3871.— Não podemos prever as vicissitudes da nossa vida, os eventos e circumstancias que as determinão estão de ordinario fóra do nosso alcance e arbitrio: hum movimento geral em todas as direcções occasiona mudanças taes que encontrão o nosso estado e o alterão profundamente em nosso damno ou proveito.

3872.— Muitos nos altos Empregos julgando-se importantes ou necessarios dão ou pedem a sua demissão na esperança de que lh'a neguem ou não acceitem, e muito se agastão quando o contrario lhes succede, vendo humilhado o seu amor proprio e frustradas as suas esperanças.

3873.— Estranha-se a simplicidade dos Principes que conspirão contra si proprios, fazendo alliança com os ingratos, traidores, inimigos da ordem e monarquia, e esperando d'elles a defeza e segurança dos seus thronos e autoridade.

3874.— Deos *ab æterno* é Creador, nunca deixou nem deixará de ser tál : na immensidade do espaço huns mundos se extinguem, outros se formão sempre diversos na sua estructura e habitantes : o Universo se renova constantemente por partes com variedade e novidade. A Sabedoria de Deos sendo infinita e inexhaurivel, tem necessariamente de exercer-se ideando novos systemas e entidades, e a sua Omnipotencia em realisa-las no espaço e tempo por maravilhas sem conto, destinadas a felicitar as suas creaturas vivas e intelligentes, ás quaes conferio parcellas infinitesimas do seu ser, vida, intelligencia, acção, poder, movimento e felicidade.

3875.— Os validos são plantas parasitas de natureza ephemera, que não podem sobreviver ao arvoredo que lhes dá arrimo, importancia e subsistencia.

3876.— Se conhecessemos a verdade em tudo, na sua pureza genuina, não seriamos homens, mas creaturas de diversa natureza ou Deoses.

3877.— Deos não dá todos os bens a huns e os nega a outros : ha huma igualdade na desigualdade de condições que demonstra a bondade, justiça e providencia de Deos, na distribuição dos seus dons pelos homens e paizes.

3878.— É tal a variedade dos modos de sentir em nós gozando e soffrendo, que se torna impossivel distingui-los, numera-los e ainda mesmo classifica-los.

3879.— Devemos ter medo da ignorancia e fraqueza dos homens; mas da infinita Sabedoria e Omnipotencia de Deos, de que é consequencia necessaria a sua bondade paternal e illimitada, é loucura rematada.

3880.— Sem a precedencia e acção da intelligencia, a materia não teria forma, figura, destino e applicação alguma.

3881.— Procura-se dinheiro por toda a parte, sciencia quanto seja necessaria para o conseguir.

3882.— Não tivemos escolha da época de nossa existencia no Universo, nem do mundo em que deviamos existir : n'este em que vivemos não tivemos igualmente arbitrio sobre a nossa forma vivente, nação, patria, sexo, pais, religião, governo, usos e costumes : tudo isto foi obra da Divina Providencia, que nos creou e constituio taes como quiz que fossemos.

3883.— A morte é extincção para o corpo e promoção para a alma.

3884.— Formão-se em nós tempestades como nos mares, e quanto mais violentas se figurão, tanto maior e mais duravel é a bonança que se segue.

3885.— Não podemos gozar sem soffrer : o mal é occasião de innumeraveis bens n'este mundo em que existimos.

3886.— A bondade de Deos se exerce por infinitos modos, feliz aquelle que recorrendo a ella espera e confia em Deos.

3887.— Os sustos e receios nos incommodão e atormentão mais n'esta vida terrestre do que os males reaes que nos invadem e sobresaltão.

3888.— A fabrica d'este mundo e o caracter geral do genero humano são taes, como a Sabedoria infinita de Deos o concebeo e constituio : as irregularidades, contradicções e anomalias que se nos figurão no seu jogo complexo e mysterioso, são obra da nossa ignorancia e diminuta intelligencia.

3889.— A ambição para chegar aos seus fins, humas vezes professa o cynismo, outras o epicurismo.

3890.— Nas opiniões humanas, tem o estomago e barriga huma influencia muito poderosa.

3891.— O moço resolve-se com brevidade, o velho com muita difficuldade.

3892.— Falla-se em hum outro mundo, os nossos olhos avistão milhões d'elles, que abrilhantão com a sua luz solar a immensidade do espaço.

3893.— A noção ou idéa de espirito é negativa, sabe-se o que não é, ignora-se o que seja.

3894.— É depois de velhos que nos chegão bens de que já não podemos gozar, e nos faltão outros importantes ou indispensaveis a huma feliz existencia.

3895.— Todas as formas de governos tem suas vantagens e inconvenientes privativos e especiaes, nenhuma está isenta d'estes ainda que goze de huma grande maioria d'aquellas.

3896.— O bem e o mal trocão seu nome conforme a intelligencia dos que o sentem, suas relações e circumstancias.

3897.— Contrastão bem as cabeças volcanicas dos moços com as regeladas dos velhos.

3898.— Tudo foi previsto, providenciado e coordenado por Deos, no todo e partes da Creação Universal : nenhum phenomeno, accidente ou successo lhe póde ser estranho. O autor das essencias de todas as entidades e cousas, é tambem necessariamente a origem de todas as circumstancias effectivas e possiveis, e consequentemente o principal motor de todos os casos occorrentes, presentes e futuros, salva todavia a liberdade individual, muito restricta e limitada, das suas creaturas sensiveis e intelligentes.

3899.— É incomprehensivel a extensão infinita da Bondade e Providencia de Deos para com as suas creaturas vivas e intelligentes; estas sendo limitadas em tudo, não podem formar idéa da illimitação dos seus Divinos Attributos.

3900.— Homens ha, que pela extensão e profundidade dos seus conhecimentos, são incomprehensiveis aos outros homens em suas doutrinas e opiniões.

3901.— Huma religião do Estado ou dominante, é essencialmente intolerante.

3902.— A eternidade é privativa de Deos, fóra d'ella tudo é temporario, destructivel e mortal.

3903.— O pensamento, onde existe, tem por assento e objecto a extensão.

3904.— Os homens mais doutos e scientificos não são os que menos desatinão em assumptos politicos e religiosos.

3905.— Usamos e servimo-nos dos membros do nosso corpo, sem comprehendermos o como, e porque elles obedecem tão pontualmente á nossa vontade.

3906.— Huma eternidade de penas e dôres seria a sorte inevitavel da velhice se fossemos immortaes.

3907.— O arrependimento reconhece o crime, o remorso principia a castiga-lo.

3908.— A alliança com os máus, anarchistas, demagogos, insurgentes e rebeldes é o maior argumento da fraqueza e imprudencia das Monarquias absolutas ou representativas.

3909.— A imaginação encanta os moços, a reflexão desencanta os velhos.

3910.— As virtudes embalsamão o ar, os vicios o corrompem.

3911.— A vida dos velhos é penosa para elles e incommoda para os outros : a morte é o remedio especifico para todos os seus males.

3912.— Nos Céos tudo são luzes, na Terra ellas se alternão com as trevas.

3913.— A celebridade dos grandes crimes perpetúa a sua infamia e execração.

3914.— Escrevi para todos, para muitos e para poucos : assim se explicão algumas contradicções que se encontrão nos meus escriptos.

ULTIMAS

MAXIMAS, PENSAMENTOS E REFLEXÕES

DO

MARQUEZ DE MARICÁ

(Publicadas em 1848)

RIO DE JANEIRO

EM CASA DE

EDUARDO E HENRIQUE LAEMMERT

Rua da Quitanda Nº 77.

ADVERTENCIA *

Depois de impressos varios volumes das minhas *Maximas*, continúo a escrever, sem esperança de poder publicar o pouco que da minha penna sahir. Sinto-me ir morrendo; e não só na dissolução physica, tambem na espantosa esterilidade do meu espirito, reconheço, sem horror, a approximação do meu ultimo dia.

Escrevo pois para distrahir-me sómente. Já me é vedado o ler; e vivendo a sós com as minhas meditações, idéas me occorrem que não me parecem indignas de ser escriptas.

Em 13 annos, e em 6 volumes, tenho publicado mais de 4000 artigos, com o titulo de *Maximas*,

* Não tinha o illustre autor destas Maximas destinado o seu escripto para o publico; erão pensamentos lançados ao papel, desde outubro de 1846 até dezembro de 1847, nos raros momentos que lhe deixavão livres as dôres e padecimentos physicos. S. Ex.ª porém concordou em que estes fragmentos devião unir-se á obra a que consagrou treze annos de sua vida, e favoreceu-nos com este inedito, de cuja maxima parte progressivamente iremos dando extractos.

(Da redacção do Iris.

Pensamentos e *Reflexões*. Affigurou-se-me ser esta uma missão que de Deos recebêra, e comecei a desempenha-la, no periodo da mais plena madureza da minha intelligencia. Foi o objecto das minhas vigilias, desde a idade de 60 até os 73 annos completos. Comigo levo á cova muitas idéas, para que não suppuz madura a geração actual, porque tambem para as idéas a questão de opportunidade é vital; perdem-se por temporãas, como por serodias : o ponto é conhecer a terra onde a semente é lançada. Todavia os homens superiores que me lêrem me comprehenderáõ sem duvida ; e quando a roda dos tempos houver volvido mais um ou dous seculos, tornar-se-hão axiomas os principios que hoje a minha propria censura proscreve da publicidade.

Procurei ser util á humanidade ; e nem a fórma de que revesti os meus pensamentos é das menos proprias para alcançar tal fim. Concebi eu a minha missão ? Dentro da minha campa o ouvirei do echo da posteridade.

Rio de Janeiro, Fevereiro de 1848.

MARQUEZ DE MARICÁ (*).

(*) Marianno José Pereira da Fonseca, Marquez de Maricá, um dos mais illustres Homens d'Estado e Litteratos do Brazil, nasceu no Rio de Janeiro em 18 de maio de 1773 e falleceu em 16 de setembro de 1848. Foi um dos collaboradores da Constituição, Senador, Conselheiro d'Estado e Ministro durante o reinado do Senhor D. Pedro I.

ULTIMAS

MAXIMAS, PENSAMENTOS E REFLEXÕES

PUBLICADAS

NO IRIS

Periodico de Religião, Bellas Artes, Sciencias, etc., redigido pelo Ex.mo Sr. Conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha.

3915.— É *sabio* o homem que se-refere, em tudo e por tudo, a Deos; á sua bondade, justiça e providencia em todos os acontecimentos da sua vida e phenomenos da natureza.

3916.— *Luz do sol*, maravilha da creação! Tu afugentas as trevas, patentêas o mundo, individualisas e distingues os objectos á nossa vista : tudo animas, aqueces, vivificas... Mas, sem *olhos,* de que serviria a luz? *Luz e olhos* bastarião para demonstrar a existencia de Deos, seu infinito poder, sabedoria e bondade.

3917.— Os democratas, lazzaroni e farroupilhas servem-se, com vantagem, do cynismo, para chegarem ao epicurismo, objecto dos seus votos.

3918.— Sem os males da vida, não terião os homens em que se entreter.

3919.— Definem-se os homens — *animaes racionaes*; — quanto á primeira parte, d'accôrdo; mas a segunda, lá tem que se lhe diga.

3920.— Um velhaco acha sempre outro que o desbanca.

3921.— Aprendemos até morrer; mas na velhice, pela decadencia do corpo, são mais penosas as lições.

3922.— Os males do corpo humilhão nosso orgulho intellectual, mostrando que, para nos libertarmos delles e da morte, não temos sciencia e saber.

3923.— Os avaros não podem fazer testamento; arripião-se da palavra — *Deixo!*

3924.— Velhice é doença chronica: remedio, a morte.

3925.— Louvor de uns, admiração de outros, respeito de todos, são a mais prezada recompensa dos sabios, por seus escriptos de immortal memoria.

3926.— A nação franceza tem mais engenho e menos juizo que a ingleza.

3927.— A côrte é o paraiso dos nescios e o purgatorio dos sabios.

3928.— Maiores nos figuramos em recinto estreito do que em espaçoso local.

3929.— Bens e prazeres são variados até o infinito; males e dôres tem limitada extensão.

3930.— Na decrepitude, não peioramos de condição pela morte; se deixamos de gozar, tambem cessamos de soffrer.

3931.— Os philosophos lastimão a irracional credulidade dos povos. Os povos lamentão a perigosa incredulidade dos philosophos.

3932.— Se o sabio cala, não é conhecido; se diz o que sabe, está perdido.

3933.— A maior desgraça de um homem sería o ser sabio, no meio de barbaros e ignorantes.

3934.— A nação mais ignorante é para onde concorrem e prosperão os charlatães menos sagazes e mais audazes.

3935.— Os homens, trabalhando por se enganarem mutuamente, preenchem o seu empenho; mais ou menos, todos vivem enganados.

3936.— Os tolos provocão os que o não são a fazerem-se velhacos.

3937.— O louvor que os homens presão mais, é de ter juizo; as mulheres, de serem formosas.

3938.— Quando mesmo uma boa causa não seja feliz, honra a quem a defende.

3939.— O elogio que mais saboreâmos é de ordinario o que menos merecemos.

3940.— Querendo gosar muito dos prazeres dos sentidos, tornamo-nos menos virtuosos e mais dependentes dos homens e das cousas.

3941.— Os vicios tornão-se adultos, e invelhecem com o homem.

3942.— Tanto é rara a sabedoria, quanto o juizo vulgar.

3943.— A dissimulação repugna aos grandes homens, mas é indispensavel aos governantes.

3944.— *Acaso!* que é elle! Um subsequente presuppõe um antecedente que o determinou, e assim se-caminha por uma serie ascendente. Só haveria *acaso*, se um evento não estivesse connexo com outros anteriores : mas *acaso* só significa : ignorancia da causa que produziu o phenomeno na especie humana ou na natureza.

3945.— Ludíbrio das circumstancias, os homens são ordinariamente o que ellas os fazem, e não o que elles querem ser.

3946.— As disputas entre os homens denuncião sua ignorancia.

3947.— A opinião mais absurda é sempre a que os tolos têm mais tendencia para seguir.

3948.— Ha verdades importantes, mas intempestivas, que compromettem os que as formulão; e isto sem proveito público e com perigo particular.

3949.— Tendo o mal physico a Deus por auctor, não póde existir senão para fins beneficos, geraes e especiaes.

3950.— Velhos ha, cujo procedimento honesto é menos devido á virtude que á impotencia.

3951.— Pode haver sciencia, engenho, talentos, sem juizo.

3952.— Ha na velhice prazeres especiaes : suaves recordações de um preterito longo não são por certo o menor.

3953.— Certo silencio mais persuade que a palavra.

3954.— Deus é calumniado pelos nescios e exaltado pelos sabios.

3955.— Com más compras e peiores vendas, bem de pressa empobrecemos.

3956.— Ousaria affirmar que as minhas obras são, de algum modo, de inspiração divina, se para isso bastasse o haver-m'as suggerido, em grande parte, o estudo da natureza.

3957.— Mais exacto fôra Descartes, dizendo : — *Sentio, ergo sum!* — do que — *Cogito, ergo sum!* — A faculdade de sentir antecede a de pensar.

3958.— A morte nos torna impassiveis. Oh! que beneficio para os que padecem, sem esperança de alívio ou melhoramento de seus males!

3959.— Um prazer prolongado passa a tornar-se dôr.

3960.— Vaidade nas mulheres, ambição nos homens, revolvem as sociedades.

3961.— Sem uma unidade sensivel e intelligente, não póde haver *Eu* entre os viventes. O que esta unidade seja, ignorâmo-lo; mas sabemos que é indispensavel.

3962.— Não offendaes o homem justo! Tem a Deus por vingador.

3963.— O exercicio commercial e militar habitua o homem a certa ordem e pontualidade, que se não achão nas outras profissões, mórmente de litteratos e artistas.

3964.— A maior ignorancia é a dos que nada admirão. Assim succede aos animaes, que não sabem avaliar nem conhecer os phenomenos e maravilhas da natureza.

3965.— Sou um ponto na immensidade do espaço. A minha vida é um instante na eternidade do tempo. Só Deus é immenso e eterno, comprehendendo, no seu ser mysterioso e incomprehensivel, a immensidade e a eternidade.

3966.— Ha vicios que se contrapõem; as virtudes sempre se ajustão. O incomprehensivel é indefinivel : tal é Deus!

3967.— Homens ha tão insignificantes, que não têm amigos : não são amados nem aborrecidos : vivem e morrem anonymos.

3968.— Os desenganos da velhice são inuteis para os moços; e aos velhos já não approveitão.

3969.— A morte dá a uns importancia, e tira-a aos outros.

3970.— Tenho sobrevivido a muita gente.... que nunca pensou que tal succedesse.

3971.— Ha segredos, de natureza tal, que é imperdoavel imprudencia o descobri-los.

3972.— Pobreza não excita inveja : por mais que procure, não lhe acho outra vantagem.

3973.— Para Deus não ha segredos, que tudo lhe é patente. Tenhão os máos presente sempre esta verdade.

3974.— A pobreza não tem os embaraços e cuidados da opulencia; mas tem os da sua condição, que não são inferiores.

3975.— A inveja, para mór tormento seu, exagera muito o valor dos bens que cubiça.

3976.— Não ha peior desgraça, para um homem bem creado, do que é dever obrigações a um villão ruim.

3977.— Os principes são por vezes ingratos; os povos são-no sempre.

3978.— Os elementos de formação e destruição, de vida e morte, se ajustão e harmonisão, por um modo maravilhoso, para a renovação, conservação e perpetuidade d'este mundo.

3979.— Para que os bens sejão mais duraveis, são os males que d'elles nos ensinão a usar.

3980.— A morte é mal ou bem, segundo os estados e circumstancias da vida. Com saude, vigor, e exercicio pleno e livre dos sentidos e faculdades corporaes e mentaes, na fruição dos gosos da existencia, é penosa a morte : mas em um estado invalido, de enfermidade chronica; em uma idade provecta e decadente; com dôres e cuidados; sem esperança de melhoramento; com o corpo usado, gasto, vehiculo de males e penas, já não de prazeres e agradaveis sensações...... a morte é o maior dos bens, porque, tornando-nos impassiveis; nos salva de todos os males.

3981.— Como havemos de esquecer que temos corpo, se elle nos importuna incessantemente com as suas requisições ?

3982.— Quanto mais um homem se inculca importante, mais insignificante é.

3983.— Estudos ha que não conduzem á sapiencia, antes aggravão a ignorancia.

3984.— Raro somos o que queremos ser, mas sim o que as circumstancias permittem que sejamos.

3985.— Se não somos senhores das circumstancias, como o seremos de nós mesmos?

3986.— Os homens audazes em escrever não são, por via de regra, os mais profundos em saber.

3987.— Deos, porque é incomprehensivel a todos, comprehende tudo.

3988.— Preza-se a vida mais quando na velhice menos mal.

3989.— Os dobres e repiques dos sinos symbolisão as vicissitudes da sorte humana.

3990.— Quanto existe e succede na natureza é natural : só Deos é sobrenatural.

3991.— Como a luz e a sombra, o bem e o mal estão sujeitos ás leis de um systema que os constitue e regúla.

3992.— Geralmente são caracteristicos do homem ignorancia e impostura.

3993.— A ignorancia recorre á impostura para se dar importancia.

3994.— A loucura nos velhos é mais extravagante que nos moços.

3995.— Ninguem sabe amar como a mulher, nem governar como o homem.

3996.— Demasiada prudencia atormenta e tyrannisa.

3997.— *Injurias deorum diis cura!* disse Tiberio no senado romano; o mesmo cumpre dizer aos loucos, que se erigem em *vingadores de Deos,* pelos erros e offensas contra elle commettidos.

3998.— Nem sempre é velhaco quem o quer ser: nem todos tem habilidade para isso.

3999.— Devemos congratular-nos de saber que ignoramos infinito; teremos de aprender eternamente, com variados corpos, em innumeraveis mundos.

4000.— Entramos, pela vida, no espectaculo immenso do universo; sahimos, pela morte, que annulla a nossa existencia e individualidade humana.

4001.— O mundo antolha-se diverso aos viventes que nelle se crião, segundo a variedade mysteriosa da sua organisação e estructura dos seus sentidos. O mundo não é para os peixes o mesmo que para os homens.

4002.— Não ha pensamento nobre ou sublime que, directa ou indirectamente, não tenha referencia a Deos.

4003.— A importancia que a vida confere aos homens inteiramente lh'a arrebata a morte, rompendo-lhes as relações com a sociedade e o mundo circumstante.

4004.— Não só os bens provém de Deos, mas tambem os males, como occasião e instrumentos de bens.

4005.— Homens ha que se tornão gravemente incommodos e importunos, á força de quererem passar por muito civis, obsequiosos e prestadios.

4006.— Os moços são tão faceis como os velhos emperrados em resolver-se.

4007.— Uns gozão pouco do que lhes custou muito trabalho; outros nimiamente do que nada lhes custou.

4008.— A bemaventurança eterna deve ser uma felicidade progressiva, illimitada e insaturavel; não como a temporal, limitada e alternada com males.

4009.— Deos é a minha esperança; nunca em sua bondade eu esperei em vão.

4010.— Quem não desconfia de si desmerece a confiança dos outros.

4011.— Os trabalhos são bons amigos quando deixão uma experiencia util e bem aproveitada.

4012.— Os prazeres encantão porque passão e se succedem com variedade e novidade. Tornai-os uniformes e permanentes, adeos sabor e deleite.

4013.— Póde a virtude ser perseguida, mas nunca desprezada.

4014.— Que resta dos grandes homens? Pouca terra e alguns ossos.

4015.— Só póde avaliar ao sabio um sabio igual a elle.

4016.— Mendigar, para quem não tem vergonha, é mais comesinho que trabalhar.

4017.— Homens ha, dignos d'immortal memoria, lembrados ausentes; presentes esquecidos.

4018.— Muito pouco se padece na vida, em comparação do que se goza : aliás como se viveria?

4019.— Os que se queixão da vida, quererião melhora-la, mas perdê-la, não.

4020.— A morte é somno que principia para mais não acabar.

4021.— A civilisação nos povos multiplica os prazeres sensuaes e intellectuaes.

4022.— As mercês honorificas mais valiosas chegão de ordinario aos maiores servidores do estado quando, por sua provecta idade e por seu saber, já nem tem gosto nem vaidade para *as apreciar segundo a opinião geral*; e para alguns, antes são multas que graças.

4023.— Se as circumstancias reclamassem a sua parte nos altos feitos e producções dos homens illustres, que lhes restaria de sua glória ?

4024.— Quantas vezes os vicios contribuem para alimentar a virtude, dando exercicio ao trabalho de homens probos que os não tem !

4025.— Não poderiamos pensar, se previamente não sentissemos : é a faculdade de sentir que ministra os materiaes para o exercicio de pensar : o pensamento é subsequente ao sentimento.

4026.— A opposição e divergencia de opiniões, em materias politicas e religiosas, formão parcialidades e seitas, e afinal se resolvem na guerra civil.

4027.— O coração corrige muitos erros do espirito, e o espirito muitos extravios do coração.

4028.— Depois de idealisarmos o mundo material, blasonamos de espiritualistas !

4029.— Surgem, no jogo da vida humana, innumeraveis mysterios, que só podem explicar-se dizendo-se como o vulgo : *Altos juizos de Deos !*

4030.— O coração protesta contra muitas das opiniões e doutrinas do espirito humano.

4031.— Os tolos são cifras; mas, acompanhando os velhacos, que aliás serião unidades, tornão-nos dezenas, centenas e milhares.

4032.— Não existe entidade no universo que não seja ao mesmo tempo agente e paciente.

4033.— Fazer da pobreza virtude é hostilisar a riqueza, que ministra á caridade os recursos de que carece.

4034.— A pobreza é esteril ; não assiste nem promove a caridade.

4035.— E' necessario que os homens doudejem muitos annos, para chegarem algum dia a ter juizo.

4036.— Se por felicidade se entende uma fruição perenne, e não interpolada por males, deveres e mágoas, não existe no mundo em que vivemos.

4037.— O universo está impregnado da acção e essencia divina, como o ferro em brasa do fogo que lhe dá calor e o torna luminoso.

4038.— Deos é o unico agente que tambem não seja paciente; por isso inalteravel, impassivel e inoffensivel.

4039.— As grandes alegrias confinão ordinariamente com gravissimos males e desgostos; é a alternativa do bem e do mal.

4040.— Tão remissos são os mandriões em servir e executar como activos em mandar.

4041.— Não tem fita o livro inglez, mas ao francez é indefectivel.

4042.— Todos os bens da minha vida me vieram de Deos: os homens forão instrumentos de sua paternal bondade para comigo. Mil graças lhe sejão dadas!

4043.— Deos se revela nos espiritos, como na materia ; mas sem esta não podem as intelligencias manifestár-se.

4044.— Os erros e imprudencias da mocidade occasionão graves males na velhice !

4045.— O juizo vulgar não eleva os homens á eminencia nas bellas-artes e ao heroismo : é necessaria certa dóse de loucura, que, afastando-os do ramrão, lhes confira superioridade de engenho e singularidade de caracter.

4046.— Quando o contingente chega á existencia, é porque esta se tornou pelos antecedentes necessaria.

4047.— Aprendemos gozando, muito mais padecendo.

4048.— Avistamos a Deos na infinda variedade das obras do homem : a intelligencia que lhe foi conferida é tambem creadora de grandezas intellectuaes, que bem demonstrão a divina origem donde derivão.

4049.— Economia de cabedal, trabalho e tempo, é o primeiro problema nas obras da industria.

4050.— No Brasil não se podem emprestar livros : os que os recebem, considerão-nos dados e não emprestados.

4051.— Com riqueza, sciencia e probidade só não sóbe alto quem não quer subir.

4052.— E' raro conhecerem-se os sabios ; porque estes tem summo cuidado, por calculo, em occultar que o são.

4053.— O infinito maximo compõe-se dos infinitos minimos : ambos constituem o immenso universo, que Deos creou, anima, vivifica, em que se revelão, symbolisão e figurão os seus divinos attributos de infinita sabedoria, poder, bondade, justiça e providencia.

4054.— Confundimos muitas vezes o bem com o mal, porque um e outro occasionão ordinariamente o seu contrario.

4055.— Emquanto temos medo de Deos, não o conhecemos : principiamos a conhecê-lo quando principiamos a amá-lo, pela fruição reflectida, estudo e admiração das suas obras.

4056.— O inferno existe em uma familia discorde, quando marido e mulher se aborrecem cordialmente.

4057.— Nas obras inglezas de intelligencia e industria, a utilidade prevalece á elegancia; nas francezas succede o contrario.

4058.— São numerosos os modos de padecer; innumeraveis os de gozar.

4059.— Ha certas mulheres que tem uma voz hermaphrodita, parte masculina, parte feminina: são intoleraveis sendo loquazes e iracundas.

4060.— Ninguem tanto despreza os homens e os povos como aquelle que mais os lisonjeia.

4061.— Os sabios nunca acharão admiradores: nescios, visionarios, velhacos e impostores, numerosissimos tem tido em toda a parte.

4062.— Os moços são mais indulgentes com os velhos do que estes com aquelles. Os moços perdoão as impertinencias dos velhos; estes não tolerão as imprudencias daquelles.

4063.— A variedade do procedimento e dos actos dos homens e dos povos é tal, que não ha quem os possa comprehender e historiar.

4064.— As honras não excluem a honra, mas tambem não a presuppoem necessariamente.

4065.— Pela facil credulidade das intelligencias se póde graduar a sua mediocridade.

4066.— Somos creaturas de Deos, e temos, como taes, a fórma e sello da divindade.

4067.— Muitas das minhas maximas, que menos intelligiveis parecem, explicão-se por outras que lhes servem de commentario.

4068.— Custa pouco aos monarchas ganhar corações e converter inimigos; bastão poucas palavras de benevolencia e pequenos symbolos de distincção.

4069.— Na decrepitude achacada, custa mais a entreter a vida do que ella vale.

4070.— Dizemos muito, fallando pouco, quando sabemos bem os termos proprios da nossa lingua.

4071.— *Vires acquirit eundo*, diz-se de um rio, outro tanto se póde dizer dos espiritos, na sua eterna viagem por mundos innumeraveis, com variados corpos adaptados a seus diversos systemas.

4072.— Os velhos illustrados gozão de prazeres especiaes, que ainda aos moços não são permittidos. O seu longo preterito com o mundo e suas producções idealisadas na mente lhes occupa o pensamento e lhes ministra materiaes para profundas meditações e invento de novas e importantes verdades e relações, que, na leviana idade juvenil, distrahida com os prazeres sensuaes e presentes, lhes não houverão podido occorrer.

4073.— Frugalidade e sobriedade conferem saude, vigor e alegria.

4074.— Tenho conhecido distinctamente as quatro idades da vida. A velhice tem sido especialmente sentida, e estudada por mim com profunda reflexão. Transpôz ella os ordinarios terminos, sem deteriorar consideravelmente o meu entendimento, mas atormentando o meu corpo com successivas e penosas molestias, que me fazem impacientemente desejar a morte, como remedio unico de tão graves males.

4075.— Os homens, para lhes agradarmos, obrigão-nos a mentir; a maxima parte da *civilidade* são mentiras apraziveis, de convenção.

4076.— Explicão-se com a palavra *circumstancias* todos os actos pessoaes e eventos sociaes, no jogo da vida humana.

4077.— A velhacaria requinta na velhice tanto quanto é pêca na mocidade.

4078.— As sociedades modernas rejeitão a doutrina velha de padecer neste mundo para no outro gozar. É uma das causas principaes da fermentação e movimento geral da humanidade para novas instituições civis e politicas, e melhoramentos moraes e materiaes dos povos.

4079.— O riso do nescio é longo e ruidoso; breve e silencioso o sorriso do sabio.

4080.— Avistamos muito, mas pouco distinguimos no immenso e complexo jogo da natureza.

4081.— Não é a sciencia como o ouro, que tanto perde em solidez quanto ganha em extensão.

4082.— Um grande engenho não se póde occultar; reluz nos olhos, e em todas as feições do rosto transparece.

4083.— Serião mudos os meninos, se as mulheres não fossem loquazes.

4084.— Deos se generalisa em todo o Universo, e de algum modo individualisa os seus divinos attributos nas obras da natureza, revelação authentica da sua infinita sabedoria.

4085.— A entidade que comprehende um todo não póde ser comprehendida por suas partes.

4086.— Como as baleias nos vastos oceanos da terra, são os astros e os mundos viventes creaturas que se movem pelo oceano immenso do ether celestial.

4087.— Sem philosophia não ha sabedoria : quem não é philosopho não póde ser sabio.

4088.— Sem o mal physico não existiria o mal moral; do que se conclue que o autor do primeiro é tambem indirectamente o do segundo.

4089.— O credito em commercio é cabedal que, perdido, nunca mais se restaura.

4090.— Para os bemfeitores imprudentes ou interesseiros a gratidão dista pouco da aversão.

4091.— A ingratidão é o vicio dos vilões, e repugna ás almas nobres.

4092.— Tudo no Universo é movimento e acção. Toda a alteração ou mudança occasiona um phenomeno ou producto novo. Póde portanto dizer-se que tudo, com variedade e novidade, se remoça na creação universal. Tal é a sabedoria infinita do supremo Ente creador de tudo.

4093.— Consiste a felicidade em não soffrer : quando se não soffre, goza-se; que o simples e natural exercicio dos nossos sentidos, faculdades corporaes e mentaes, confere fruição e felicidade.

4094.— O abuso do credito conduz á bancarrota.

4095.— O genero humano nem é, nem jámais será, capaz de um verdadeiro systema de philosophia ou medicina.

4096.— Juizo é ordem : loucura, desordem.

4097.— Nada existe, nas producções da natureza ou nas obras do homem, sem um prévio ideal que as preceda, determine ou tenha determinado.

4098.— Mais toleravel é moço imprudente que velho impertinente.

4099.— E' na natureza, o bem universal; o mal individual.

4100.— Mais e melhor nos recordamos na velhice do que fomos e fizemos na meninice.

4101.— Ha defeitos que embellezão o semblante e caracteres.

4102.— Os homens não nos levão em conta aquillo que, por vergonha ou modestia, padecemos: antes nos accusão de acanhados e noviços, e assim promovem a protervia e desvergonha.

4103.— Mais se comprovão a ignorancia e loucura dos homens por certas doutrinas que professão, do que pelos actos e obras que praticão.

4104.— O ideal, em Deos, é primitivo; nos homens é subsequente ao realismo ou execução mecanica e material.

4105.— Os velhos devem banhar-se frequentemente, como as flôres ter o pé na agua, para não murcharem tão cedo.

4106.— Explicai o *acaso* e o *fatalismo* pela providencia divina, e tereis resolvido grandes problemas sobre a natureza, sorte e condição humana.

4107.— As flôres e frutas que mais cheirão, são as que mais cedo murchão e apodrecem. Uma emissão copiosa de particulas subtis as enfraquece, deteriora e consome.

4108.— Quasi tudo depende das circumstancias de tempo e lugar, nas acções, feitos, opiniões e crenças dos homens neste mundo sublunar.

4109.— Para exercicio, occupação, utilidade e recreação da nossa alma, emquanto unida ao corpo vivente, neste mundo em que existimos, é que idealisamos o universo visivel, e o resumimos de um modo mysterioso.

4110.— Louvamos a sinceridade nos homens... mas não a invejamos.

4111.— Extincta a individualidade humana, a morte lhe salda as contas.

4112.— Os nescios calumnião a Deos, os sabios os desmentem.

4113.— A fórma e collocação das sementes nos fructos são tão variadas e maravilhosas, que, bem ponderadas, exaltão a sublime noção que os homens tem da incommensuravel sabedoria e poder de Deos.

4114.— A imaginação tem contribuido tanto para enganar os homens como a razão para os desenganar : a primeira é fabulista, a segunda realista.

4115.— Deos, autor do amor paterno e materno, amará as suas creaturas vivas, sensiveis e intelligentes, menos do que os pais amão seus filhos? Não. Taes creaturas, antes de existirem, tiverão o seu typo ideal e primitivo em Deos, e por isso uma paternidade divinal que não póde deixar de amar suas obras, producções da sua infinita sabedoria, poder e bondade.

4116.— Os sabios são taes, menos pelo que dizem do que pelo que calão.

4117.— O silencio dos sabios é a censura dos povos.

4118.— Os velhacos nem sempre são taes; padecem tambem muitas vezes por tolos.

4119.— Os máos são ordinariamente muito activos em damno seu e dos outros homens.

4120.— Os máos e velhacos gozão ordinariamente mais em fantasia do que na realidade.

4121.— Quando os povos querem mandar e governar, os sabios se despedem.

4122.— A benevolencia é incerta sem a beneficencia que a demonstra e completa.

4123.— A benevolencia é esteril sem a beneficencia que a faz proficua.

4124.— A faculdade de pensar é provocada pela de sentir; cessando esta, acaba aquella.

4125.— Avistamos muito e descobrimos pouco; o Universo é immenso, a nossa intelligencia muito limitada.

4126.— Afiamos a lingua no rebolo da maledicencia e censura, e a embotamos no dos encomios e louvores.

4127.— As revoluções populares dão importancia a pessoas que serião eternamente insignificantes sem ellas.

4128.— Se dessemos aos pobres tudo o que possuimos, elles não ficarião ricos, e nós cahiriamos na penuria e miseria de que quizessemos salva-los.

4129.— Sem corpo não ha sentir nem pensar, gozar nem soffrer.

4130.— No jogo, movimento e acções dos homens, no theatro deste mundo, occorrem frequentes dúvidas sobre a Providencia Divina, que a razão, por muito limitada, não póde resolver, sciente todavia de que tudo foi previsto, coordenado e regulado por Deos para o maior bem geral e particular da especie humana.

4131.— A sociedade educa os homens, a natureza as mulheres.

4132.— O instincto póde mais nas mulheres do que a educação nos homens.

4133.— As mulheres são mais sensiveis, os homens mais racionaes.

4134.— A sensibilidade nervosa está na razão inversa da força muscular.

4135.— A sensibilidade nervosa é tanto menor nos homens, quanto maior é a sua força muscular.

4136.— A mocidade dura muito tempo; é crescimento, expansão e plenitude : a velhice atura pouco, sendo contracção, decadencia, deterioração e morte.

4137.— Não sabemos o que seja a materia em abstracto e em substancia; só a conhecemos em sua fórma concreta, figurada e phenomenal, sendo por isso perceptivel aos nossos sentidos corporaes e capaz de ser idealisada com representações correspondentes aos objectos materiaes que fizerão impressão sobre nós.

4138.— E' tal a variedade das obras de Deos, que não existem nem talvez possão existir duas entidades, cousas ou casos perfeitamente iguaes ou semelhantes.

4139 — Todos se accusão ou se queixão de pouco dinheiro, nenhum de pouco juizo.

4140.— Os que quizerem ser sabios em um anno leião com attenção as considerações sobre as obras de Deos no reino da natureza e da Providencia para todos os dias do anno, pelo Allemão Sturm. Esta obra acha-se traduzida nas linguas ingleza e franceza.

4141.— Se tudo está relacionado no Universo e feito com designio, proposito, destinação e applicação, nada é vago e contingente, mas necessario e fatal.

4142.— Sempre nos avaliamos mais caros do que os outros homens nos avalião.

4143.— Ha relações e verdades tão importantes na natureza, que a descoberta de uma dá occasião á de muitas outras correlativas.

4144.— As revelações mais importantes e genuinas são as que provêm do estudo da natureza, obra assombrosa e testemunho authentico da infinita sabedoria, poder e bondade de Deos.

4145.— A liberdade não consiste só no querer, mas tambem em podermos executar o que queremos.

4146.— Tudo o que é não podia deixar de ser : suppostos os antecedentes que determinárão a sua existencia, o contingente realisado torna-se necessario.

4147.— A séde dos nossos maiores males na velhice é ordinariamente o orgão, entranha ou parte do nosso corpo de que mais abusámos nas idades antecedentes.

4148.— No exercicio da vida, querendo gozar o mais e soffrer o menos possivel, os melhores calculistas são os homens bons e virtuosos ; os peiores os máos e viciosos.

4149.— Ha muita gente que morre embebida nos vicios e prazeres da vida, como as formigas e outros insectos na calda do assucar.

4150.— No exercicio da vida, os homens, assim como os outros viventes, procurão gozar e não soffrer, os fins são os mesmos, mas os meios de consegui-lo muito diversos.

4151.— Os vicios encurtão a vida, as virtudes a prolongão.

4152.— Queixamo-nos dos homens, mas não das circumstancias que os obrigão, e por frequentes vezes, a ser o que são.

4153.— O ideal do Universo existia em Deos antes da sua creação, como existe na immensa capacidade da mente divina tudo o que tem de realisar-se simultanea e successivamente no espaço e tempo por toda a eternidade.

4154.— O temor differe muito do medo : teme-se a justiça de Deos, creador e bemfeitor do genero humano; mas tem-se medo do que é máo, cruel, maligno, mal-intencionado e mal-fazente, como os homens imaginão e qualificão a Satanaz ou o diabo.

4155.— O bonito é geralmente diminutivo, o bello augmentativo.

4156.— O que não tem extensão não póde ter localidade, movimento, acção nem relações no espaço concreto e universal da natureza.

4157.— A philosophia do pantheismo resume tudo em Deos e deriva tudo de Deos : no primeiro caso, pelo idealismo; no segundo, pelo realismo.

4158.— O nosso corpo é o telegrapho da nossa alma; significa exteriormente o que ella sente, pensa e quer. São numerosos os modos desta significação; mas o principal é a palavra.

4159.— O officio de reinar tem perdido muito do seu antigo esplendor e vantagens : na Europa agitada, os diademas se convertem em corôas de espinhos, e os sceptros em varas de escorpiões.

4160.— O que não tem extensão não póde ter localidade no espaço. Onde pois existe ?

4161.— O somno da morte exclue os sonhos e pesadelos da vida.

4162.— A nação de espirito é talvez a maior das abstracções do entendimento humano.

4163.— Em toda a minha vida me tenho enganado com os homens, suppondo-os com mais juizo, sciencia e probidade do que elles tem realmente.

4164.— Na contemplação de sua infinita bondade e beneficencia consiste talvez a principal parte da felicidade plenissima de Deos, creador do Universo. Sem duvida a creação foi devida ao sentimento e desejo de fazer felizes creaturas a quem Deos conferio o ser e faculdades para gozarem, no decurso da vida individual, dos prazeres que elle predestinou, na sua infinita sabedoria, para as felicitar com a fruição das suas obras maravilhósas que occupão a immensidade do espaço.

4165.— A litteratura ingleza deve servir de antidoto á franceza : esta vicia, aquella moralisa os seus cultores.

4166.— Os pobres divinisão a sua pobreza para se consolarem de não serem ricos.

4167.— Soffre grande desfalque o cabedal do moço porque não sabe, do velho porque não póde.

4168.— Quem falla dispende ; quem ouve aprende.

4169.— A morte quebra em cada homem um typo de fórma especial, que não terá mais copia ou igual em toda a especie humana.

4170.— A velhice annula muitas relações dos homens entre si e com o mundo exterior ; a morte finalmente todas.

4171.— A virtude tem alguma cousa rude e agreste que a faz desagradavel sem o polimento e verniz que lhe dá a civilidade.

4172.— A eternidade se releva no tempo, a immensidade no espaço, e o infinito no limitado : Deos é a eternidade, a immensidade e o infinito.

4173.— Como a flôr dobrada é mais formosa do que a singela, assim a vida dobre dos amantes e amigos é mais feliz do que a simples e individual.

4174.— Homens ha que se consomem como os fogos de artificio, ardendo, luzindo e illuminando.

4175.— A beneficencia habitual e bem empregada é productiva de retribuições correspondentes no futuro.

4176.— A vaidade convive com o amor proprio e o acompanha frequentemente.

4177.— Em materias e opiniões politicas e religiosas, os velhos são mais intolerantes do que os moços.

4178.— Uma aureola de gloria cinge a cabeça do Sabio que illustrou com seus escriptos sua patria, sua nação e o genero humano, contribuindo para o seu melhoramento civil, moral, politico e religioso.

4179.— Ninguem sahe da companhia de um homem docto e sabio, que não tenha aprendido d'elle algumas verdades importantes.

4180.— A vaidade é um elemento muito importante da humana felicidade.

4181.— A imaginação será a mesma memoria, em quanto inventiva e creadora ?

4182.— A imaginação tem sido e é a mãe fecunda das entidades fabulosas boas e más, que infestão as crenças e religiões d'este mundo.

4183.— O engenho é tão raro, como vulgar o juizo.

4184.— A imaginação suppõe invenção, a memoria a exclue : esta porém lhe ministra os materiaes para o seu trabalho de creações novas.

4185.— Que capacidade immensa a da mente divina, comprehendendo o ideal de tudo o que existio, existe e ha de existir por toda a eternidade, no espaço infinito e no tempo illimitado da creação universal!

MEU EPITAPHIO.

Aqui jaz o corpo apenas
Do marquez de Maricá :
Quem quizer saber-lhe da alma,
Nos seus livros a achará.

FIM.

RIO DE JANEIRO. — TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT.

Graciosa indecencia

Disse alguem: a imaginação he curral onde por não ter portas todos os animaes entrão. —

"Se isto he verdade, na imaginação dos solitarios se verifica." (D. Fr.co Man.el de Mello —